



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
Programa de Pós-Graduação em História



**INGRID SOUZA LADEIRA DE SOUZA**

**“SALIMOS A LA LUCHA... SIN DIOS  
Y SIN JEFE”.**

**O PERIÓDICO *LA VOZ DE LA  
MUJER* COMO EXPERIÊNCIA  
FEMININA DO ANARQUISMO NA  
ARGENTINA. (1896-1897)**

**“Salimos a la lucha...sin Dios y sin jefe”. O periódico *La Voz de la Mujer* como experiência feminina do anarquismo na Argentina. (1896-1897).**

Ingrid Souza Ladeira de Souza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlo Maurizio Romani.

Co-Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Angela Maria Roberti Martins.

Rio de Janeiro

2019

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

S719	<p>Souza, Ingrid Souza Ladeira de "Salimos a la lucha...sin Dios y sin Jefe". O periódico La Voz de la Mujer como experiência feminina do Anarquismo na Argentina (1896-1897) / Ingrid Souza Ladeira de Souza. -- Rio de Janeiro, 2019. 180f</p> <p>Orientador: Carlo Maurizio Romani. Coorientadora: Angela Maria Roberti Martins. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.</p> <p>1. Mulheres. 2. Imprensa libertária. 3. Anarquismo. 4. Emancipação feminina. 5. Argentina. I. Maurizio Romani, Carlo , orient. II. Roberti Martins, Angela Maria, coorient. III. Título.</p>
------	---

FOLHA DE APROVAÇÃO

**“Salimos a la lucha...sin Dios y sin jefe”. O periódico *La Voz de la Mujer* como experiência feminina do anarquismo na Argentina. (1896-1897).**

Ingrid Souza Ladeira de Souza

Aprovado por:

---

Prof. Dr. Carlo Maurizio Romani (Orientador)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Maria Roberti Martins (Co-orientadora)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. José Damiro de Moraes. (Membro interno)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Verónica Secreto Ferreras. (Membro externo)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Gonçalo Rocha Gonçalves (Suplente interno)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Noberto Osvaldo Ferreras (Suplente externo)  
Universidade Federal Fluminense.

Rio de Janeiro

2019

### ***Dedicatória***

*Dedico este trabalho a todas as mulheres anarquistas que lutaram por esta causa nobre. E as todas mulheres que lutam todos os dias contra os padrões sociais.*

## AGRADECIMENTOS

A pesquisa é sempre um trabalho solitário, entretanto a/o pesquisadora/pesquisador não obtém conclusões satisfatórias sem ajuda de muitas pessoas. Os agradecimentos têm um poder mágico: o de tornar as pessoas mais felizes. A gratidão não é uma moeda de troca, mas sim uma gentileza, é a necessidade de agradecer por qualquer atitude que nos faz evoluir e ir mais longe.

Agradeço primeiramente a Deus; só com Ele todas as coisas são possíveis. Pelas forças e coragem para superar os obstáculos.

À minha mãe, Fátima Glória, por me dar estrutura financeira, apoio moral e sentimental para concluir este mestrado. Obrigada por me proporcionar todas as oportunidades.

À minha família por entender as minhas ausências e pelo apoio moral.

Ao meu orientador prof. Carlo Romani por ter aceitado a orientação, pela confiança na minha capacidade, pelo incentivo e por acreditar que este trabalho possa contribuir com a construção de uma nova história. Suas orientações foram fundamentais nessa trajetória. Muito obrigada, Mestre!

À minha co-orientadora prof<sup>a</sup> Angela Roberti. Agradeço por entender as minhas inúmeras limitações, pela paciência, pelo incentivo desde quando comecei na iniciação científica e pela sua contribuição acadêmica ao longo desses anos. Nossas conversas me inspiraram a continuar neste tema. Muito obrigada, Mestra!

Agradeço aos professores José Damiro e Verónica Secreto, por aceitarem participar da banca e pelas contribuições que enriqueceram este trabalho.

Aos amigos da Argentina. À professora Laura Fernandez Cordero pela amizade, pelas contribuições, pela disponibilidade e pelas boas conversas que tivemos. Ao Francisco de Paula Fernández Gómez pelo envio de alguns periódicos. Ao Claudio Navarro pelo envio dos periódicos e textos.

Aos companheiros do Uruguai. Ao professor Pascual Muñoz pela recepção simpática desde o nosso primeiro contato e pelo envio dos periódicos. À professora Inés Cuadro pela simpatia e envio dos artigos.

Aos companheiros do GEL. Giovanni Stiffoni, Isabella Daiub, Lucas Sousa. Obrigada pela paciência e alegria dos encontros. Agradeço especialmente ao Bruno Benevides pela ajuda no processo seletivo e na confecção de diversos textos.

As/aos amigas/amigos, do PPGH: Heliana Machado, Beatrice Rossotti, Ana Caroline Alencar, Daniel Borges, Diego Barbosa, Renato Lopes. Agradeço, principalmente, pela parceira no projeto da revista.

Aos funcionários do PPGH. Agradeço especialmente a Priscila Luvizotto pela paciência e gentileza que sempre me tratou.

Aos professores Anderson Machado e Pedro Caldas, agradeço pela gentileza e apoio.

À minha amiga Andréa Queiroz pelo incentivo, por dedicar seu tempo a mim e pelos conselhos sinceros.

A Marco Abreu pelo carinho, amor, paciência que dedica a mim. Sou grata por tudo que fez e faz por mim.

Ao professor Washington Dener (UERJ) pelo incentivo quando mencionei o processo seletivo. Seu incentivo me levou até aqui!

As companheiras e aos companheiros do anarquismo. Thiago Lemos, Eduardo Cunha, Eduardo Lamela, Henrique Sá, Fernanda Grigolin e Elena Schembri. Espero que possamos compartilhar muitas pesquisas.

As funcionárias e aos funcionários do AEL, por me atenderem de forma simpática e prestativa. À Alessandra Guerra pela pesquisa das fontes e por tratar minha pesquisa com tanta atenção e carinho.

Ao PPGH-UNIRIO por aceitarem essa pesquisa e pela indicação a bolsa. As professoras e professores agradeço pelas excelentes aulas.

Agradeço a Pepita Gherra, Emma Goldman, Louise Michel, Soledad Gustavo, María Muñoz e outras mulheres anarquistas. Sem suas lutas este trabalho jamais seria realizado, sem suas lutas nós jamais poderíamos escrever sobre mulheres. Mulheres de coragem, de fibra e principalmente de ação. Ensinarão-me que independente das adversidades é possível lutar por nossos ideais.

E, por fim, agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pela concessão da bolsa mestrado Nota 10 e pelo apoio financeiro que proporcionou a realização dessa pesquisa.

Muito Obrigada a todas e todos!

*Punho ao alto  
mulheres do mundo  
aos horizontes  
grávidos de luz  
por rotas ardentes  
os pés bem na terra  
a frente no céu azul.  
Afirmando  
promessas de vida  
desafiemos a tradição  
modelemos  
a argila ainda quente  
de um mundo  
que nasce da dor.  
Que o passado  
se afunde no nada!  
que nos importa o ontem!  
Queremos  
escrever de novo  
a palavra MULHER.  
Punho ao alto  
mulheres do mundo  
aos horizontes  
grávidos de luz  
por rotas ardentes  
adiante, adiante  
de cara à luz.*

Hino das *Mujeres Libres* - Lucía  
Sánchez Saornil (1937)



## **Resumo**

A dissertação consiste em uma análise do periódico *La Voz de la Mujer* que circulou em Buenos Aires entre os anos de 1896 e 1897, problematizando e contextualizando as ideias libertárias sobre a situação social da mulher na Argentina em fins do século XIX. Objetiva-se contribuir para uma leitura do anarquismo no que se refere às relações de gênero e História das Mulheres, além de discutir acerca da construção do conceito de emancipação a partir dos escritos das redatoras do periódico. Na realização do trabalho foram empregados basicamente métodos qualitativos, procurando dar destaque ao vocabulário presente na fonte, analisando os discursos históricos e as temáticas do anarquismo. Inscrita no campo da História Social à medida em que discute um grupo social com dimensões e traços particulares e sua proposta de mudança revolucionária, o trabalho mantém interconexão com o campo temático da História das Mulheres pela reflexão que empreende no que diz respeito à vivência das mulheres e o processo de luta libertária pela emancipação feminina. O estudo permite concluir que a propagação de ideias foi mais extensa, se considerarmos o alcance do periódico, além de poder afirmar que o jornal fazia o papel de defensor dos interesses femininos e representante da voz feminina. Nessa perspectiva, comprova-se que o periódico e suas articulistas possuíam um caráter antiestatal, anticlerical e antipatriarcal.

**Palavras-Chave:** Mulheres; Imprensa libertária; Anarquismo; Emancipação Feminina.

## **Abstract**

The dissertation consists of an analysis of the newspaper *La Voz de la Mujer* that circulated in Buenos Aires between the years of 1896 and 1897, problematizing and contextualizing libertarian ideas about the social situation of women in Argentina in the late nineteenth century. It aims to contribute to a reading of anarchism regarding gender relations and Women's History, as well as discussing the construction of the concept of emancipation from the writings of the journal's writers. In the accomplishment of the work were used basically qualitative methods, trying to highlight the vocabulary present in the source, analyzing the historical discourses and the themes of anarchism. Inscribed in the field of Social History as it discusses a social group with particular dimensions and traits and its proposal of revolutionary change, the work maintains interconnection with the thematic field of the History of the Women by the reflection that undertakes with respect to the experience of the women and the process of libertarian struggle for female emancipation. The study concludes that the propagation of ideas was more extensive if we consider the scope of the journal, besides being able to affirm that the newspaper played the role of defender of feminine interests and representative of the female voice. From this perspective, it is verified that the journal and its writers had an anti-statist, anti-clerical and antipatriarchal character.

**Keywords:** Women; Libertarian press; Anarchism; Female Emancipation.

## **Resumen**

La disertación consiste en un análisis del periódico La Voz de la Mujer que circuló en Buenos Aires entre los años 1896 y 1897, problematizando y contextualizando las ideas libertarias sobre la situación social de la mujer en Argentina a fines del siglo XIX. Se pretende contribuir a una lectura del anarquismo en lo que se refiere a las relaciones de género e historia de las mujeres, además de discutir acerca de la construcción del concepto de emancipación a partir de los escritos de las redactoras del periódico. En la realización del trabajo se emplearon básicamente métodos cualitativos, buscando destacar el vocabulario presente en la fuente, analizando los discursos históricos y las temáticas del anarquismo. Inscrita en el campo de la Historia Social a medida que discute un grupo social con dimensiones y rasgos particulares y su propuesta de cambio revolucionario, el trabajo mantiene interconexión con el campo temático de la historia de las mujeres por la reflexión que emprende en lo que se refiere a la vivencia de las mujeres y el proceso de lucha libertaria por la emancipación femenina. El estudio permite concluir que la propagación de ideas fue más extensa, si consideramos el alcance del periódico, además de poder afirmar que el periódico hacía el papel de defensor de los intereses femeninos y representante de la voz femenina. En esa perspectiva, se comprueba que el periódico y sus articulistas poseían un carácter antiestatal, anticlerical y antipatriarcal.

**Palabras clave:** Mujeres; Prensa libertaria; el anarquismo; Emancipación Femenina.

## Lista de Ilustrações

ILUSTRAÇÃO 1- Capa do periódico <i>Le Progrés Illustré</i> .....	46
ILUSTRAÇÃO 2- Periódico <i>La Voz de la Mujer</i> .....	56
ILUSTRAÇÃO 3- Periódico <i>La Voz de Ravachol</i> .....	75
ILUSTRAÇÃO 4- Periódico <i>Nuestra Tribuna</i> .....	169

Sumário	
Nuestros propósitos .....	13
<b>1. Diagnosticando o <i>La Voz de la Mujer</i>: um periódico de mulheres para mulheres</b>	20
1.1 <i>¡Viva la Libre iniciativa! Imprensa anarquista na Argentina</i> .....	20
1.2 <i>¡Adelante con La Voz de la Mujer! Um perfil do periódico</i> .....	25
1.2.1 <i>Compañeras y Compañeros ¡Salud! Periódicos, Companheiras, Companheiros e as redes construídas</i> .....	49
1.3 <i>¿La Eterna Plebe? La Voz de la Mujer como materialização de uma experiência</i> .....	51
<b>2. Obreros y Obreras: As temáticas gerais do anarquismo sob olhar feminino</b> .....	57
2.1 <i>¡Abajo los clericales del mundo entero! O anticlericalismo nas páginas do La Voz de la Mujer</i> .....	57
2.2 <i>¡Viva la Anarquía! Do discurso à violência: propaganda pelo fato sob olhar das mulheres</i> .....	72
2.3 <i>¡Abajo la guerra! Antimilitarismo e o La Voz de la Mujer</i> .....	84
2.4 <i>¡Mueran para siempre los vampiros de la sociedad! Capitalismo, exploração e a representação da figura do burguês</i> .....	98
<b>3. Firmes en la Brecha. Escritos de mulheres para mulheres</b> .....	104
3.1 <i>¡Viva el amor libre! ¡Viva la unión libre! Discursos sobre amor e sexualidade no periódico La Voz de la Mujer</i> .....	104
3.2 <i>¡Viva la emancipación de la mujer! Libertação e emancipação no La Voz de la Mujer</i> .....	117
3.3 <i>¡Abajo el tráfico de las mujeres! Anarquismo e o combate ao tráfico de mulheres</i> .....	122
3.4 <i>¡Abajo los falsos anarquistas! Anarquismo e a violência contra as mulheres</i> ...	131
3.5 <i>¡Queridas compañeras! As representações da figura feminina</i> .....	135
3.6 <i>¡Educación y amor! Instrução e formação para mulheres</i> .....	141
<b>4. ¡Hijas del pueblo! As mulheres Anarquistas na Argentina</b> .....	150
4.1 <i>¡Luchemos! A experiência de classe das redatoras do La Voz de la Mujer</i> .....	153
4.2 <i>¿Compañeras? Feminismo X Contrafeminismo X Anarcofeminismo</i> .....	157
4.3 <i>¡Adelante, compañeras! O legado das mulheres e do La Voz de la Mujer</i> .....	163
<i>A los lectores- Considerações finais</i> .....	170
<b>Referências</b> .....	174

## NUESTROS PROPÓSITOS

Nos fins de 2013 e início de 2014 comecei a ter os primeiros contatos com o anarquismo e conseqüentemente com a cultura anarquista presente no Brasil, estendendo-se, posteriormente, para a América Latina e a Europa. Esse primeiro contato se deu por meio de um projeto de Iniciação Científica, contemplado com bolsa pela FAPERJ, que versava sobre o tema da guerra e do antimilitarismo. A pesquisa em questão intitulava -se *Anarquismo e Guerra: o discurso contestatário e as representações verbais e visuais (1901-1920)*. Nesse projeto as imagens e poemas que constavam nos periódicos publicados nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo eram as fontes principais da investigação.

Durante o desenvolvimento da pesquisa e a aproximação da escolha do tema da monografia o interesse pelo anarquismo e sua cultura foi se tornando cada vez mais forte e a história das mulheres libertárias começou a ganhar destaque para mim, conquistando meu interesse. No decorrer do ano de 2015, as diversas notícias sobre os acontecimentos do anarquismo na Argentina chamaram-me a atenção para o movimento no país vizinho, e a partir daí, para a história das mulheres libertárias argentinas, interesse que me fez tomar conhecimento da existência do periódico *La Voz de la Mujer*.

A monografia nomeada *Ni Dios, Ni Patrón, Ni Marido. O periódico La Voz de la Mujer e a luta das mulheres libertárias na Argentina (1896-1897)* tinha um caráter de reconhecimento da fonte, da bibliografia e da história das mulheres. De lá para cá não só o título foi modificado, mas também o foco do trabalho.

Nesse sentido, nosso interesse pela temática tem correspondência direta com um campo que, nos últimos tempos, vem se expandido entre as pesquisadoras e pesquisadores. Trata-se da busca de testemunhos sobre mulheres, adensando o entrecruzamento da História com os estudos sobre a História das Mulheres. Inicialmente as fontes dessa pesquisa seriam analisadas através da categoria-gênero, voltando-se para analisar as relações dessas mulheres com outras mulheres e mesmo com os homens libertários. Ainda que o trabalho analise em algum momento as polêmicas que as redatoras do periódico *La Voz de la Mujer* travaram com outros homens anarquistas, a pesquisa não se prolonga em estudar essas relações entre os gêneros opostos (Homens X Mulheres).

Os conceitos e estudos propostos pela chamada *História das Mulheres* parecem ser mais apropriados ao trabalho, que se dedica a analisar a história e a luta das mulheres libertárias na Argentina através do periódico *La Voz de la Mujer*, centrando a análise nessa experiência

feminina no passado. Segundo Joan Scott, precursora dos estudos das mulheres e de gênero, a história das mulheres serve para modificar os padrões da história geral, a qual prioriza a história dita do homem em detrimento da história da mulher. Scott afirma:

a história das mulheres, sugerindo que ela faz uma modificação da história, investiga o modo como o significado daquele termo geral foi estabelecido. Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. (SCOTT, 1992:78).

Essa aproximação entre a História e os estudos femininos tem levado a uma produção crescente entre as historiadoras e historiadores que vêm ampliando e renovando o campo da pesquisa histórica, a partir de fontes insuficientemente exploradas que trazem uma nova roupagem às contribuições historiográficas sobre temas ou experiências passadas pouco investigadas.

Partindo do pressuposto de que a organização de movimentos ligados às questões femininas/das mulheres também fazem parte da história das sociedades, a proposta dessa pesquisa, em sua globalidade, inscreve-se no campo da história social porque, entre outros, procura dar conta de um determinado grupo social específico: as mulheres anarquistas na Argentina, suas relações com as mulheres e suas experiências dentro do movimento anarquista. No campo da história social, a pesquisa contempla os estudos sobre mulheres (História das Mulheres), uma vez que se propõe analisar a condição feminina e a luta das mulheres libertárias argentinas nos fins do século XIX e início do século XX, abrindo-se a possibilidade de recuperar a experiência coletiva de mulheres no passado em sua complexidade e contradições.

A pesquisa, portanto, toma o periódico *La Voz de la Mujer* como principal objeto de investigação e análise crítica. Tal periódico circulou na cidade de Buenos Aires na conjuntura do final do século XIX, mais especificamente entre os anos de 1896-1897, demarcando o recorte espaço-temporal da investigação. Além disso, a pesquisa volta-se para as mulheres libertárias, sua situação social no contexto espaço-temporal estudado e as lutas que empreendiam e as contribuições ao processo histórico.

Outros periódicos libertários como *La Protesta Humana*, *El Perseguido*, *El Oprimido*, *La Questione Sociale*, *Germinal*, *La Anarquia* serão utilizados para tentar desvendar a questão de quem eram as redatoras do *La Voz de la Mujer*; se elas escreveram em outros periódicos e sobre o que escreveram.

A proposta do periódico *La Voz de la Mujer* era dar voz às mulheres libertárias que se sentiam oprimidas tanto no espaço público, como no privado. As redatoras libertárias versavam

sobre a emancipação da mulher, o amor livre, a união livre e a sexualidade, a exploração sexual, o anticlericalismo, as condições de trabalho entre outros temas importantes para as mulheres anarquistas. A partir dessas propostas diversas, a pesquisa, dirige-se, inicialmente, para uma questão principal: *Em que sentido o periódico reveste-se de um caráter revolucionário?* Outras questões secundárias também guiam a investigação, como: *Quais eram as ideias que as redatoras do periódico La Voz de la Mujer defendiam? Quais os meios de emancipação da mulher libertária? Qual significado conceitual da emancipação para as mulheres libertárias? Qual a função social do periódico estudado? Que tipo de relação as mulheres libertárias estabeleceram com outras mulheres e com o movimento anarquista em si?* Pretende-se responder essas perguntas ao longo dos quatro capítulos da dissertação, contextualizando e problematizando os artigos que se encontram no periódico estudado.

Os estudos sobre anarquismo na Argentina tiveram o enfoque modificado a partir dos anos de 1990. Portanto, a historiografia do anarquismo na Argentina apresenta-se em duas perspectivas: a primeira, que conduzia seus trabalhos no caminho de estabelecer ligações entre o anarquismo e o movimento operário, focando mais no político; e a segunda, que tinha como preferência a valorização da cultura e o estabelecimento de uma relação mais próxima com a imprensa libertária e sua contribuição para a propaganda anarquista.

A diferencia de las historiografías circunscriptas a la vinculación del anarquismo con el movimiento obrero, en los años noventa comenzó un nuevo enfoque que, siguiendo los pasos de la historiografía del anarquismo español, se propuso recuperar el universo cultural del anarquismo. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2014:43).

O livro de Iaacov Oved, *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina* (1978), considerada a principal obra de referência dessa primeira fase da historiografia, tem como objetivo investigar a história do anarquismo argentino como um todo, buscando uma reflexão do anarquismo do ponto de vista da sua inserção nos sindicatos operários.

Os livros *Anarquismo Argentino* de Gonzalo Zaragoza (1996) e *Anarquismo: Cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910* de Juan Suriano (2001) são as duas principais referências representantes dessa nova fase da historiografia voltada para o universo cultural do Anarquismo argentino. Ambos os livros valorizam a relação entre a história e a política, tornando-se livros quase que obrigatórios quando se discute o movimento anarquista na Argentina. Considerando essas duas perspectivas, a pesquisa aqui apresentada insere-se nesse segundo momento da historiografia, valorizando o periódico como parte de um universo cultural anarquista e feminino.



Na década de 1980, a historiografia anarquista no que diz respeito às questões da História das Mulheres e estudos de gênero começou a estabelecer novas ideias sobre o tema anarquismo e mulheres. Iniciou-se um processo de valorização de fontes primárias pouco trabalhadas. No início dessa mudança encontra-se o trabalho de Maxine Molyneux (1986) intitulado *Ni Dios, Ni Patrón, Ni Marido. Feminismo anarquista en la Argentina del siglo XIX*, investigando o periódico *La Voz de la Mujer* e buscando fazer uma vasta exposição sobre o momento histórico no qual se inseria este jornal, além de traçar um panorama das principais ideias expressas em alguns dos artigos do periódico. Da mesma forma, levanta questões sobre a identidade das redatoras e suas relações com as anarquistas exploradas. Uma questão importante chama atenção nesse artigo de Molyneux: trata-se da afirmativa da autora de que as libertárias redatoras do periódico *La Voz de la Mujer* são feministas-anarquistas.

Seguindo a mesma linha de valorização das fontes quase que inexploradas, Dora Barrancos (1990) em seu livro *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina a principios de siglo* recorre a publicações libertárias que circulavam na Europa e na América do Sul. Para analisar a questão do feminino, Barrancos apoia-se em análises que fez dessas publicações, incluindo o periódico *La Voz de la Mujer*. Ao contrário de Molyneux, Barrancos analisou as libertárias redatoras do periódico aqui estudado como contrafeministas, considerando as críticas que as articulistas anarquistas faziam ao movimento feminista então liderado pelas socialistas e liberais.

A partir desse livro fundamental de Barrancos houve uma reformulação na visão da historiografia especializada no momento de produzir novas pesquisas no que diz respeito à História das Mulheres/estudos de gênero e suas relações com o anarquismo. Obras contemporâneas a Molyneux e Barrancos afirmam que as redatoras do periódico *La Voz de la Mujer* e outras libertárias tinham caráter contrafeminista, adotando ao conceito proposto por Dora Barrancos. Alguns desses trabalhos são: *Anarquismo, sexualidade y emancipación femenina, Argentina alrededor del 1900* de Mabel Belluci (1990), *Amor y sexualidade en las publicaciones anarquistas (1890-1930)* de Laura Fernández Cordero (2007), *El feminismo frente a la cuestión de la mujer en las primeras décadas del siglo XX* de Marcela Nari (2000) e *Entre la protección y la exclusion: Discurso maternal y proteccion de la mujer obrera argentina 1890-1934* de Mirta Lobato (2000).

Revisando a historiografia, e principalmente os trabalhos de Maxine Molyneux e Dora Barrancos, percebemos que não existe uma discussão entre os conceitos de feminismo, feminismo à libertária, anarcofeminismo, contrafeminismo, normalmente utilizado pelas

autoras. Desse modo, observa-se certa lacuna conceitual ao analisar o periódico *La Voz de la Mujer* e as ideias que as redatoras tinham. A dissertação pretende preencher esse espaço não só discutindo os conceitos, mas analisando as falas das articulistas e apontando qual o posicionamento daquelas mulheres. Essa análise compõe o quarto capítulo da dissertação.

O periódico *La Voz de la Mujer* foi estudado por diversos pesquisadores. No geral, os trabalhos versam sobre a questão das mulheres libertárias, buscando enfatizar temas como a sexualidade, o feminismo. O artigo de Alejandra Vassallo (2008) denominado “*Sin Dios y sin jefe*”. *Políticas de gênero en la revolución social a fines del siglo XIX* e o trabalho de Pablo Ansolabehere (2000) *La voz de la mujer anarquista*, parecem ser os trabalhos mais completos no que diz respeito a uma visão panorâmica do periódico. Entretanto, ambos os autores não se aprofundam na análise dos conteúdos expostos nos artigos, apresentando apenas os temas presentes no periódico.

As interpretações do periódico por parte desses e de outros trabalhos acabam por deixar de contemplar as suas ideias, apenas tratando o periódico como coadjuvante da história das mulheres libertárias na Argentina. A falta de análises mais profundas dessa fonte permitiu que as concepções equivocadas circulassem entre os pesquisadores, como é o caso da afirmação de que a libertária Virginia Bolten teria sido uma de suas redatoras. Entretanto, fazendo uma leitura atenta do periódico percebe-se que a mulher citada não assina nenhum artigo nos nove exemplares disponíveis para pesquisa. Nem tampouco seus pseudônimos aparecem no periódico. A afirmação da participação da libertária é feita por trabalhos que se desenvolveram nos anos 1980-1990 e ainda não teve uma revisão adequada.

Na realização deste trabalho estão sendo empregados basicamente os métodos qualitativos, cujo destaque versa sobre os métodos de interpretação de texto. A escolha da metodologia de interpretação de texto tem como base o artigo *História e Análise de Textos* dos historiadores Ciro F. Cardoso e Ronaldo Vainfas, no qual definem que um documento, seja ele qual for, é sempre carregado de discursos e que não pode ser visto como algo transparente.

Para se analisar os discursos históricos expostos nos documentos são necessários “buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos”. (CARDOSO; VAINFAS, 1997:378). Se faz indispensável relacionar o conteúdo presente nas fontes com o contexto histórico.

O método de abordagem dos campos semânticos é apresentado no texto de Cardoso e Vainfas como opção bastante adequada ao trabalho de pesquisa histórica. Os autores

apresentam como referências, para exemplificar e viabilizar a utilização do método o *Vocabulaire politique et social en France, de 1869 à 1872* de Jean Dubois, o qual oferece um modelo de categorias que permite ao pesquisador decifrar e organizar os discursos presentes nas fontes. Para este trabalho, o modelo foi um tanto adaptado, mas tendo base as “redes de relação” entre as palavras. Consideramos nas análises *relações de oposições* e as *relações de associações*, e, por fim, discursos em que o trabalhador se compare a diversas situações. (CARDOSO; VAINFAS, 1997:381).

Analisando o periódico *La Voz de la Mujer* percebi que esse veículo pode representar o início da luta pelo espaço da mulher na sociedade e no interior do movimento anarquista. A confecção de um jornal de mulheres para mulheres no final da década de 90 do século XIX parece ser o primeiro passo de um grupo de mulheres que unificaram suas experiências, mesmo que involuntariamente, e formaram, através disso, consciências de classe não determinadas.

Inicialmente pensei em voltar as atenções apenas para a experiência dessas mulheres, utilizando os conceitos de classe, experiência de classe e consciência de classe de E.P. Thompson expostos no prefácio do livro *A formação da classe operária inglesa*, mais especificamente no volume I- A árvore da liberdade. No entanto, no decorrer da análise da fonte entendemos que esse jornal também deveria ser analisado sob o olhar de uma experiência. O periódico pode ser visto como a materialização dessa experiência, conceito desenvolvido por Castoriadis no livro *A Experiência do movimento operário*.

Ao analisar o *La Voz de la Mujer* sob a ótica da experiência materializada percebemos que esse jornal é parte resultante de uma organização política que, por sua vez, é resultado de uma manifestação de vida história. Criar um veículo de comunicação destinado a um público específico relaciona-se com uma certa autonomia desenvolvida por essa classe. A apropriação desse conceito para análise do tema foi desenvolvida no último item do capítulo um.

No que diz respeito a experiência das redatoras pensamos que ao iniciar as lutas por seu espaço na sociedade e decidir expressar através de um jornal suas reivindicações, essas mulheres anarquistas estavam unidas pela classe e por relações de trabalho similares que resultaram na aquisição de experiências, que na verdade são experiências de classe. Segundo Thompson essas experiências são “determinadas, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram - ou entraram involuntariamente” (THOMPSON, 1987:10). Mais especificamente, são experiências que podem ser vividas e percebidas, segundo o próprio Thompson expressa no livro *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser* (1978).

Quatro são os capítulos que compõem a dissertação. O trabalho começa com o capítulo denominado *Diagnosticando o La Voz de la Mujer: um periódico de mulheres para mulheres*, que se volta para identificar as polêmicas em que as articulistas do jornal se envolveram, os grupos e periódicos com os quais se relacionavam, os destinatários desse jornal, suas principais características, enfim, sua essência.

O segundo capítulo intitulado, *Obreros y Obreras: As temáticas gerais do anarquismo sob olhar feminino*, tem como objetivo analisar os conteúdos escritos por mulheres, mas que contemplam as temáticas discutidas pela imprensa anarquista no geral. O anticlericalismo, antimilitarismo, as representações do burguês, a propaganda pelo fato são alguns dos temas presentes no capítulo.

O terceiro capítulo chama-se *Firme en la Brecha: Escritos de mulheres para mulheres* e nele se analisa os temas femininos escritos de mulheres para mulheres. As crônicas morais, artigos, textos e suas diversas linguagens são particularmente exploradas. Os textos escritos de mulheres para mulheres marcam o ponto alto do *La Voz de la Mujer*, já que o jornal é voltado para elas.

O quarto e último capítulo nomeado de *¡Hijas del pueblo! As mulheres anarquistas na Argentina*, se diferencia um pouco dos demais capítulos; metodologicamente ficou mais conciso. Contudo, alcançou o objetivo de fornecer possibilidade empíricas e teóricas para se pensar a história das mulheres anarquistas na Argentina. Apresenta como objetivo, também, contar um pouco sobre o legado do *La Voz de la Mujer* na imprensa, através do periódico *Nuestra Tribuna*.

Os capítulos que formam o estudo analítico do periódico *La Voz de la Mujer* conseguiram contemplar os textos apresentados no jornal, exceto os poemas. Entretanto, as temáticas dos poemas e a linguagem poética estão presentes em diversas crônicas apresentadas.

Esta dissertação não é a história do universo masculino, dos “grandes” feitos ou dos personagens ilustres. É uma outra história. Uma história que dá voz e vez àquelas que amaram a liberdade, mas, sobretudo, por ela lutaram: as mulheres anarquistas na Argentina. É a história do primeiro jornal anarquista de mulheres para mulheres: o *La Voz de la Mujer* e sua jornada revolucionária!

## 1. DIAGNOSTICANDO O *LA VOZ DE LA MUJER*: UM PERIÓDICO DE MULHERES PARA MULHERES.

“As minhas armas são os meus sonhos, é a minha vida subjetiva, é a minha consciência, a minha liberdade ética, é essa harmonia que canta dentro de mim, e toda a minha lealdade para comigo mesma; e não maculo a minha riqueza de vida, o meu tesouro interior, envolvendo-o na mesquinhez e na perversidade das leis dos homens ou misturando-o com dinheiro, essa coisa horrível que corrompe as consciências mais convencidas de sua fortaleza inexpugnável, e as escraviza, acorrentando-as à gehenna do industrialismo, as chocar-se umas contra as outras na engrenagem sórdida da exploração do homem pelo homem.”

**María Lacerda de Moura.**

O periódico *La Voz de la Mujer* circulou em Buenos Aires, entre os anos de 1896 e 1897; durante esses doze meses de circulação envolveu-se em diversas polêmicas e ações de luta, mas também construiu diversas redes com grupos libertários e periódicos do exterior. Para os anarquistas, a imprensa foi o principal meio de propaganda; viabilizando a participação de militantes e intelectuais e divulgando o projeto moral e social dos libertários.

### 1.1 *¡VIVA LA LIBRE INICIATIVA!* IMPRENSA ANARQUISTA NA ARGENTINA.

Os periódicos, as edições de caráter político-ideológico, a imprensa escrita em geral, são, desde a Revolução Francesa, uma forma de organização e luta política. A imprensa, mais especificamente os jornais operários, cumpriam a função de organizar e aglutinar as ideias dos grupos, com vistas a difundir suas ideologias quando os mesmos possuíam alguma. (DARNTON, 1990:70).

A difusão da chamada palavra escrita em forma de jornais, revistas ou folhetos ocupou um lugar de centralidade nas formas de propaganda política e ideológica no campo das lutas sociais, tornando-se um relevante dispositivo cultural. Na Argentina, os editores libertários escreveram diversas notas e artigos analisando a importância da imprensa libertária, de seus escritos sobre os militantes e trabalhadoras(es) em gerais.<sup>1</sup> (SURIANO, 2001:179).

Os conteúdos voltados para as trabalhadoras e trabalhadores expandiram a leitura de periódicos alternativos, considerando que esses jornais atingiam prioritariamente o público

---

<sup>1</sup> O periódico *La Voz de la Mujer* publicou dois artigos escritos por colaboradores, que objetivavam analisar a situação dos jornais anarquistas publicados em Buenos Aires nos fins do século XIX. Os artigos são: *Algo sobre periódicos anarquistas*, publicado em 20 de fevereiro de 1896 e *Contestación de dos Anarquistas* publicado em 15 de maio de 1896.

operário, grupo em que a maioria dos leitores não possuíam hábito de leitura frequente ou consumiam somente informações que pudessem ser encontradas nos jornais ditos burgueses. (SURIANO, 2001:179).

A formação dessa imprensa vinculava-se à organização da classe trabalhadora como um todo, mais especificamente a de militâncias anarquistas, correspondendo, também, a um nível consideravelmente satisfatório de consciência política no que diz respeito ao grupo social que defendiam. (JARDIM, 1996:30). Esses jornais anarquistas não tinham semelhança alguma com os periódicos veiculados pela imprensa burguesa, sua especificidade está relacionada com a mensagem que era transmitida, sem qualquer intenção de usá-la como uma mercadoria a ser consumida, sendo o seu conteúdo recheado de propostas ideológicas e informações relativas aos trabalhadores. A função do jornal operário era ser instrumento de uma classe com objetivos parecidos. (FERREIRA, 1998:6).

O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização, o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses comuns e participa da mesma forma de organização. [...] a imprensa operária não pode ser avaliada desvinculada do movimento operário; ambos estão inter-relacionados através das lutas da classe trabalhadora na construção de sua história. (FERREIRA, 1998:6).

Na Argentina, no fim do século XIX, o advento da alfabetização dava aos diversos grupos anarquistas circunstâncias para editoração de suas folhas de protesto e divulgação de suas ideias. O baixo preço da impressão e venda foram também, segundo Suriano, responsáveis pela proliferação de diversos escritos libertários. Os periódicos contavam com a liberdade de imprensa para que pudessem expressar suas ideias, consideradas, muitas vezes, perigosas por governos e pela elite local, mais especificamente na cidade de Buenos Aires. (SURIANO, 2001:182).

A diferença fundamental entre os dois tipos de imprensa argentina era que uma oferecia risco à estrutura do Estado e até mesmo do sistema econômico vigente, neste caso trata-se da imprensa anarquista. Seus escritos eram críticas direcionadas às instituições governamentais, às instituições religiosas e à sociedade burguesa como um todo. A imprensa burguesa, por outro lado, fazia o papel de porta-voz dessas instituições publicando artigos contra as atitudes vindas de outras classes.

[...] En efecto, con una retórica más o menos encendida, con un lenguaje generalmente duro y agresivo hacia las instituciones gobernantes como el Poder Ejecutivo, el Parlamento o la Justicia, la prensa anarquista pudo circular y expresarse con relativa libertad durante sus primeros años de existencia. [...] (SURIANO, 2001:182).

A Constituição argentina assegurava a todos a liberdade de imprensa, impedindo que os poderes limitassem qualquer tipo de manifestação de jornais anarquistas ou não. Os primeiros jornais argentinos possuíam como características comum a inclinação partidária, publicando constantes críticas a desafetos políticos. Já os periódicos anarquistas surgiram em uma época muito permissiva, sendo assim, o governo não podia impedir sua circulação e acabou tolerando seus escritos. (SURIANO, 2001:183).

*El Descamisado* foi o primeiro periódico anarquista de que se tem registro na Argentina; seu primeiro exemplar foi publicado por volta de 1879. A partir de 1890 e no decorrer dos fins do século XIX apareceram outros jornais de caráter libertário, seguindo as mais diferentes correntes do movimento. As primeiras publicações foram editadas em outras línguas e geralmente reproduziam jornais que existiam no continente europeu.

[...] Muchas de ellas se publicaban en idioma extranjero y reproducian publicaciones europeas como, por ejemplo, La Liberte, un semanário kropotkiano editado por Pierre Quiroule en 1893, que transcribí fielmente artículos publicados por la prensa libertaria francesa. [...] (SURIANO, 2001:186).

Publicado em Buenos Aires em torno de 1885, o periódico *La Question Sociale* reproduzia os conteúdos e possuía o mesmo nome do jornal publicado em Florença na Itália. Esse periódico, fundado por Errico Malatesta<sup>2</sup>, foi responsável por levantar as maiores polêmicas da época, incluindo divergências com outro periódico de caráter republicano denominado *L'Amico del Popolo*. A colônia italiana não recepcionou bem o jornal e Malatesta encerrou a publicação poucos meses depois do lançamento. (SURIANO, 2001:186).

No decorrer dos anos seguintes as publicações da imprensa alternativa começaram a ficar mais encorpadas e tendo uma continuidade maior, surgindo periódicos libertários de grande circulação. Em 1890, apareceu um dos principais periódicos anarquistas da Argentina, intitulado *El Perseguido* que tinha um caráter mais individualista, ou seja, era pouco permeável às formas de associação das trabalhadoras e dos trabalhadores. Foi publicado até 1896 e contou com 102 exemplares. Dentro dessa tendência individualista, *El Perseguido* foi o primeiro periódico regular.

---

<sup>2</sup> Errico Malatesta, à época já importante nome dentro do socialismo libertário italiano, havia emigrado para a Argentina com o objetivo de angariar fundos para uma futura ação revolucionária na Itália. Em 1886, Malatesta e outros quatro companheiros passaram seis meses na Patagônia em busca de ouro, mas não tiveram sucesso em sua empreitada. (FERRER, 2003:143-144). Sobre a viagem de Malatesta ver: FERRER, 2003; RICHARDS, 1977.

O crescimento do periódico *El Perseguido* impulsionou a expansão de outros jornais anarquistas, alguns surgiram com intuito de polemizar com o diário individualista, como *El Oprimido*, que circulou entre 1894 e 1897.<sup>3</sup>

A crescente penetração popular dessas publicações começou a preocupar o governo e as elites, que afirmavam que tais periódicos poderiam prejudicar o progresso social da República Argentina.

[...] Aunque el censista 1895 se mostrara por esa presencia: “En la República Argentina decía refiriéndose a la prensa-están representados todos los intereses sociales, y hasta, con una mancha en el sol de nuestros progresos ¡el socialismo y el anarquismo!”. Otros testimonios analizaban el fenómeno con menos aprehensión y sin demasiado temos pues aunque otorgaban cierta magnitud a la prensa libertaria, ésta representaba sólo una pequeña porción del universo de publicaciones editado en Buenos Aires. [...] (SURIANO, 2001:186).

A partir de 1897 até 1903 periódicos como *La Protesta Humana*<sup>4</sup>, *El Rebelde* (1898-1903) e *L’Avvenire* (1896-1904) tornaram-se as publicações mais regulares e se consolidaram como os principais meios de propaganda do anarquismo argentino. *L’Avvenire* e *La Protesta Humana* foram os principais opositores do periódico *El Rebelde*. As divergências de ideias colocaram esses jornais em lados opostos.

Outros periódicos também foram importantes para a propagação do projeto político e social anarquista, como a revista *Ciencia Social* (1897) e o *Almanaque Ilustrado de La Questione Sociale*<sup>5</sup>. A revista *Ciencia Social* se consolidou como principal publicação teórica do anarquismo em Buenos Aires. (SURIANO, 2001:187).

A imprensa anarquista cresceu em paralelo com o avanço dos conflitos sociais entre a burguesia e a classe trabalhadora. As publicações tinham gênero variado, regularidades e tiragem de acordo com a sua recepção, dependendo também da corrente anarquista que seguiam, alguns apareciam com objetivo de fazer críticas teóricas e doutrinárias a outras vertentes do anarquismo.

O caráter político dessa imprensa revela-se pelo público a que se dirige; esses novos leitores esperavam um periódico que conseguisse englobar todas as questões referentes ao mundo do trabalho. Essa imprensa tinha como principal característica a contestação e contribuiu para transformar a visão social das trabalhadoras e trabalhadores.

---

<sup>3</sup> Os periódicos libertários argentinos seguiam diferentes correntes do anarquismo. Sendo assim, alguns duelavam pela atenção das trabalhadoras e trabalhadores.

<sup>4</sup> Posteriormente (1904) passou a chamar-se somente *La Protesta*.

<sup>5</sup> O periódico homônimo ao de 1885 apareceu novamente em 1894, sob a direção de Fortunato Serantoni.



[...] este tema merece una aclaración pues la prensa libertaria no era específicamente obrera. Se dirigía sin duda a los trabajadores: se repartía en las asambleas y conferencias, en los ámbitos de trabajo, en los congresos gremiales, en los lugares de conflicto y además una buena parte de los suscriptores eran obreros. [...] (SURIANO, 2001:189).

A difusão dessas publicações deixava claro que essa imprensa anarquista não se dirigia a determinada categoria profissional, ou seja, dialogava com todas as categorias ligadas a classe operária. Embora as operárias e os operários fossem seu público, a imprensa libertária como um todo se caracteriza por ser multiclassista, tendo que enfrentar posteriormente a concorrência de periódicos sindicalistas e anarquistas mais classistas. (SURIANO, 2001:89). A exceção ao final do século XIX seria o *La Protesta Humana*, renomeado de *La Protesta* a partir de 1904, quando viria a ocupar o papel central na imprensa anarquista operária, tornando-se o porta-voz da FORA, a Federación Obrera Regional Argentina.

Os demais periódicos em geral concentravam-se em difundir as ideias de emancipação universal, contendo artigos teóricos e textos de doutrinação. Informavam ainda sobre os acontecimentos da classe trabalhadora de várias partes do mundo, reforçando a oposição ao Estado, o incentivo à liberdade individual, o anticlericalismo e reafirmando a crença no ser humano e no seu poder de transformar a sociedade.

As publicações libertárias se diferenciavam das publicações burguesas não só na ideologia, mas também na diagramação do periódico. Os jornais libertários não publicavam seções comuns da imprensa burguesa, como coluna policial, política, notícias internacionais, propagandas ou divulgações de notícias acerca do desaparecimento de pessoas.

Ocasionalmente, as publicações libertárias traziam informações de acontecimentos atuais nacionais e internacionais, porém, as redatoras e redatores transformavam essas notícias em exemplos para discutir questões próprias do anarquismo como o antimilitarismo e o patriotismo, por exemplo. Essas notícias apareciam acompanhada de textos doutrinários escritos pelas colaboradoras e pelos colaboradores da publicação; os escritos eram recheados de dramatização que pretendiam tocar a leitora e o leitor e fazê-los refletir sobre a sua própria situação e sociedade em que viviam.

[...] Ante la prensa comercial, los anarquistas ofertaban una prensa alternativa y, aunque buena parte de su discurso (la ciencia, la arte) era compartido por otras vertientes y no fueron en absoluto privativo del anarquismo, sus periódicos eran diferentes desde los mismos nombres de las publicaciones hasta el tipo de información suministrada. (SURIANO, 2001:194).

Os nomes dos periódicos expressavam sua essência e em seus cabeçalhos deixavam claro a vertente anarquista que seguiam, muitos também possuíam subtítulos com objetivo de reforçar seu caráter contestatório e sua identidade.

[...] su espíritu de lucha y de combate: *La Lucha Obrera, La Emancipación, La Reivindicazione Sociale, El Revolucionario, La Protesta, La Revolución Social, El Rebelde, La Revuelta, La Giustizia, El Despertar*; la reivindicación de los trabajadores y explotados como sujetos de la revolución: *El Obrero, El Perseguido, La Miseria, El Oprimido, Labor, La Voz del Esclavo, Lavoriamo*; su afán y convicción de cambio social: *Germinal, Los Tiempos Nuevos, La Questione Sociale, El Alba del siglo XX, Los Nuevos Caminos, La Nueva Era, La Nuova Civiltà, Fulgor, Rumbo Nuevo, Luz y Vida, La Antorcha y Aurora Social*; el antimilitarismo estaba presente en las publicaciones *El Cuartel y Luz al Soldado*; la minoritaria adhesión al terrorismo de *Caserio y La Voz de Ravachol* que entre ambos publicaron más tres números y la solitaria reivindicación feminista de *La Voz de la Mujer*; también aparecieron algunos números únicos en carácter de aniversarios de fiestas propias: *11 de noviembre, XX Settembre*. [...] (SURIANO, 2001:195).

Todas essas publicações eram puramente ideológicas, geralmente distribuídas nas fábricas, oficinas e lugares onde houvesse algum tipo de conflito social. Algumas desapareceram por conta da falta de recursos, outras pela crescente repressão policial e pelos conflitos internos do próprio movimento anarquista, encabeçados pelas diferentes correntes existentes.

## 1.2 ¡ADELANTE CON LA VOZ DE LA MUJER! UM PERFIL DO PERIÓDICO.

Existia na imprensa anarquista em circulação na cidade de Buenos Aires diferentes periódicos com propostas que iam desde a propaganda pelo fato até o antimilitarismo, passando pela emancipação universal e pela reivindicação dos direitos das trabalhadoras e trabalhadores. Alguns desses jornais discutiam em suas folhas a situação social da mulher na época, entretanto, isso não era uma prioridade.

Por volta de 1884, o periódico *La Lucha Obrera* publicou um panfleto dirigido às mulheres, de nome *La Mujer*. Pesquisadores do anarquismo argentino acreditam que esse folheto foi o primeiro de propaganda anarquista na Argentina que se dirigia à mulher e tratava de sua situação social. O panfleto foi listado, em 1927, pelo historiador Max Nettlau numa das primeiras obras de história geral sobre o anarquismo, o livro *Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914*. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2010:5).

No ano de 1895 a biblioteca do periódico *La Questione Sociale* lançou uma série de folhetos denominados *Propaganda Anarquista entre las Mujeres*, divididos em quatro e

escritos por duas mulheres e um homem, os textos comprometiam-se com questões dirigidas para as mulheres.

La serie de *La Questione Sociale* no hace más que sintetizar lo que circulaba en notas dispersas en los periódicos de las diversas corrientes del anarquismo, pero se destaca por la envergadura del proyecto y porque se encuentran huellas de su lectura durante las tres décadas siguientes. Estableció, con una evidente continuidad, ya que fueron reeditados por la editorial *La Protesta* como folleto único en 1920. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2010:6).

Os dois primeiros escritos foram redigidos por Anna Maria Mozzoni, que segundo Fernández Cordero, foi uma livre pensadora italiana totalmente comprometida com a causa das mulheres. Seus panfletos foram *A las muchachas que estudian* e *A las hijas del pueblo*. O terceiro folheto intitulado *A las proletarias* foi escrito por Soledad Gustavo, importante libertária espanhola. As mulheres que escreveram essas propagandas eram vistas como altamente expressivas e ativas no movimento internacional anarquista, publicando constantemente textos que servissem de apoio à reflexão de outras mulheres que se encontravam em situação política e social degradante.

O quarto publicado foi escrito por Giovanni Rossi, anarquista italiano e idealizador da Colônia de Cecília.<sup>6</sup> Seu folheto chamava-se *Un episodio de amor en la Colonia Socialista Cecília*.

A circulação do folheto *Propaganda Anarquista entre las Mujeres* tornou-se possível com a ajuda das colaborações voluntárias, através das listas de subscrições publicadas no próprio periódico *La Questione Sociale* e em outros veículos da imprensa anarquista. Todos os folhetos possuíam uma introdução que deixava claro o objetivo da publicação e a quem se dirigia:

Con el objeto de propagar las ideas emancipadoras entre nuestras compañeras de trabajo y de miseria, la Redacción de LA QUESTIONE SOCIALE se propone publicar una série de folletos especiales para la propaganda entre las mujeres, en los que se tratarán todas aquellas cuestiones que tienen relacion directa con la emancipacion económica, política y religiosa de la mujer. Dichos folletos se repartirán gratis y serán costeados por suscripcion voluntaria, cuyas listas se insertarán en LA QUESTIONE SOCIALE, dando esclarecimiento de los gastos de imprenta y de correo. Los que simpatizen con nuestra iniciativa pueden desde ahora abrir una suscripcion voluntaria remitiendo las cantidades á nuestra Administración ó á cualquier periódico anarquista. (*La Questione Sociale*, ago. 1896: não p.).

---

<sup>6</sup> Foi uma comuna experimental com base nos ideários libertadores do anarquismo. Fundada em 1890 no estado brasileiro do Paraná. Sobre a Colônia de Cecília ver: FELICI, 1994; 1998.

A publicação dos panfletos *La Mujer e Propaganda Anarquista entre las Mujeres* foram os primeiros impulsos para divulgação de outros textos que centram sua dimensão política e social inteiramente nas mulheres. Essas publicações chamaram a atenção da classe trabalhadora como um todo para o “problema da mulher”, aumentando a reflexão das próprias mulheres em torno das questões de opressão dos homens, da união imposta, da exploração sexual nas fábricas, da prostituição entre outros temas.

No dia 08 de janeiro de 1896, visando preencher essa lacuna de reivindicações femininas entrou em circulação o periódico *La Voz de la Mujer*. O periódico *El Oprimido* anunciava a criação do periódico com uma pequena nota datada do ano de 1895:

La voz de la Mujer

Con este titulo, un grupo de mujeres despreocupadas, desplegando la roja bandera de la Anarquía, se propone publicar un periódico de propaganda entre sus compañeras de trabajo y de miséria. Felicitamos á las valientes iniciadoras y al mismo tempo rogamos á nuestros compañeros que les preten sus ayuda. (*El Oprimido*, 1895:3).

O periódico *La Anarquia* de La Plata anunciava na seção *Varias* a criação de diversos jornais, incluindo o *La Voz de la Mujer* que seria lançado no próximo ano (1896). *La Anarquia* além de anunciar a criação do periódico, se posiciona a favor da iniciativa das articulistas.

Han salido á luz en Buenos Aires tres nuevos campeones, *L’Cyclone*, *L’Avenire* y *La Voz de Ravachol*. Próximamente saldrá otro nuevo, iniciado por un grupo de compañeras, y se titulará *La Voz de la Mujer*. **Aplaudimos la iniciativa de nuestros compañeros de hacer comprender á las de su sexo que es una necesidad el tomar parte en el movimiento anarquista y hacer conocer el atolladero en que se encuentra todavía la mujer. Que salga pronto es lo que deseamos.** (*La Anarquia*, 29 nov. 1895:4, grifo nosso).

O periódico *La Questione Sociale* anunciou, também, a chegada do primeiro número do *La Voz de la Mujer* ao cenário do movimento anarquista argentino. A pequena nota destaca que o jornal de mulheres para mulheres é composto por artigos em espanhol e italiano. A nota dizia:

*La Voz de la Mujer*, periódico comunista-anárquico, que se publica en Buenos Aires por suscripción voluntaria, redactado en español e italiano por un grupo de arrojadas compañeras. Direccion: Josefa Calvo, á cualquier periódico anárquico en curso de publicacion en Buenos Aires. (*La Questione Sociale*, 20 jan. 1896:23).

Foram editados nove exemplares, sendo o último exemplar (número nove) que se tem conhecimento, publicado em 01 de janeiro de 1897. Há evidências que indicam que o exemplar de número nove não foi o último a circular. Segundo Suriano (2001), foram publicados 10 exemplares, entretanto, o autor não indica a fonte da informação. (SURIANO, 2001:186).

Analisando o periódico *La Protesta Humana* encontramos na publicação de avisos dos dias 13 e 27 de junho de 1897 a divulgação da venda de folhetos por parte do grupo editor do *La Voz de la Mujer*, os anúncios diziam:

Aviso

El grupo *La Voz de la Mujer* tiene à disposición de los compañeros que los deseen los siguientes folletos, cuyo produto es destinado à favor de El Productor de La Coruña: Entre Campesinos 0,50, Consecuencias del Estado 0,5, Los sucesos de Jerez 0,10, Consideraciones sobre el hecho y muerte de Pallás 0,10, La Anarquía es el orden 0,20, El Primero de Mayo, traducido al español 0,20, Páginas de Historia Socialista 0,20. **Pedidos à A. Barcla, Casilla de Correo Número 1277.** (*La Protesta Humana*, 13 jun. 1897:4, grifo nosso).

No exemplar de número três, o periódico *La Protesta Humana* publica em 15 de julho de 1897 um aviso de nome *A las anarquistas y lectores de ambos sexos de “La Voz de la Mujer”* assinado pelas redatoras do *La Voz de la Mujer* e uma lista de subscrição. O aviso afirma:

Con hondo pesar avisamos á todos que *La Voz de la Mujer*, trás el largo silencio de cinco meses, desaparece por día de la arena periodística. Al comienzo de nuestra tare lo dijimos ya, que si indiferencia de los lectores ó nuestra falta de competencia nos obligaba á ello, nos retiraríamos, pero con la firme convicción de la justicia de nuestra causa. Nuestra incompetencia tal vez será la causa que nos obliga á retirarnos, mas, lo repetimos: persuadidas de la razón de la **noble causa que defendimos**, la emancipación de la mujer, sin ella nada será duradero y todo fictício. Al retirarnos sólo una frase-mezcla de impotencia y de rencor, brota de nuestros contraídos lábios: ¡Viva la emancipación de la mujer! ¡Mártir del dolor, mujer actual, hasta pronto!

La Redacción

Julio 1º/97. (*La Protesta Humana*, 15 jul. 1897:4, grifo nosso).

O aviso corrobora a tese de que o periódico terminou em 01 de janeiro, porém a lista de subscrição levanta a hipótese de que o jornal possa ter sido publicado novamente. As listas passadas pelo *La Protesta Humana* tiveram inúmeras colaborações, incluindo as regiões do interior da Argentina, de países como Espanha e Portugal e da própria capital Buenos Aires.

Em 01 de janeiro de 1897 a redação do *La Voz de la Mujer* publicou um aviso intitulado *A los lectores* explicando a todos os porquês do termino do jornal. O texto faz uma pequena retrospectiva do jornal durante seu primeiro ano, ressaltando as lutas, seus objetivos e enfatizando que a propaganda anarquista para as mulheres ainda é muito deficitária. Alegando falta de recursos financeiros, as redatoras decidiram encerrar a folha.<sup>7</sup>

Un año ha transcurrido desde que salió a luz el primer número de LA VOZ DE LA MUJER. Un año de luchas, de sacrificios, de crueles alternativas, de esperanzas y de

---

<sup>7</sup> Pesquisadoras e pesquisadores afirmam que o periódico pode ter sido editado novamente em 1900, na cidade de Rosário e em Montevideú/Uruguai. (Ver MOLYNEUX, 1997; VASSALLO, 2008).

caídas, solamente atenuadas en algo, por satisfacción de la lucha. Dos Redacciones han estado a cargo de esta hoja, poniendo las dos su corta inteligencia y sus energías todas al servicio de la causa que defienden: La Anarquía. En este año la vida de esta hoja ha sido precaria y raquítica, tanto así, que con pesar confesamos que si los compañeros no tratan (si les agrada nuestra propaganda) (1) de ayudarnos un poco más eficazmente, nuestros esfuerzos serán inútiles y tendremos que cesar de publicar LA VOZ DE LA MUJER (2) y con ella la del ÚNICO periódico de América y tal vez del mundo entero que hace propaganda de nuestros ideales por mujeres y especialmente para ellas. Lo repetimos compañeros y compañeras, entusiasmo y voluntad no nos faltan, pero nuestras fuerzas son pocas; por eso, si no podemos más, nos retiraremos hasta poder volver de nuevo a la brecha, y así siempre hasta que la hora del combate suene en el reloj de la conciencia humana, para correr a vencer o a morir por la Anarquía, porque por ella dará su inteligencia, su brazo y su postrer suspiro.

#### LA REDACCION DE LA VOZ DE LA MUJER

(1) A este respecto decimos: que dado el estado de ignorancia en que están sumidas las mujeres, nosotras entendemos que nuestra misión periodística es labrar la inteligencia, otro periódico o este mismo más tarde sembrará y cultivará el grano. Por esto nuestra propaganda es como es, cada periódico tiene su misión si quiere.

(2) O entregarla a otras compañeras con más aptitud y fuerzas. N. de la R. (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:3).

O cabeçalho do exemplar de 08 de janeiro de 1896 não informa o endereço da redação, identificando apenas a “Dirección J. Calvo, a cualquier periódico Anárquico en curso de publicación”. (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:1). Na seção *Notas* do mesmo exemplar um aviso esclarece que essa situação é temporária e que podem as leitoras e leitores que desejarem enviar colaborações em dinheiro ou textos, remetendo-os em nome de Josefa Calvo ou para outros periódicos anarquistas, principalmente *El Perseguido*:

Permanente

Compañeros: Para tanto lo referente á La Voz de la Mujer, dirigirse á nombre de *Josefa Calvo*, á cualquier periódico Anárquico en curso de publicación en Buenos Aires (R. A.), los cuales saben nuestra direccion y los que no la sepan pregunten á los compañeros del “*Perseguido*”. (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:4, grifo do autor).

A partir do exemplar de número dois até o último exemplar o endereço no cabeçalho passar a ser “A. BARCLA Casilla Correo 1277- Capital”. (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:1). Na seção *Notas* as redatoras confirmam a modificação do endereço e pedem que toda e qualquer colaboração, cartas e comentários sejam enviados somente para esse endereço e que as leitoras e os leitores desconsiderem o anterior.

A los compañeros

Nuestra dirección desde la fecha la hemos fijado de la siguiente manera: A. Barcla Casilla de Correo 1277.

Así, pues, para todo lo referente á La Voz de la Mujer dirigirse à la referida dirección y no a otra ninguna anterior. (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:4).

Os primeiros periódicos publicados tinha formato 26 cm x 36 cm, entretanto, os publicados a partir do número cinco até a última edição contava com formatos variados, sugerindo mudanças constantes das gráficas que imprimiam a publicação. (MOLYNEUX, 1997:24). Todos os números tinham seus conteúdos divididos em quatro páginas e com três colunas por página. (VASSALLO, 2008:75).

O projeto editor e administrativo ficou inicialmente por conta de Josefa M. R. Martinez, cuja confirmação da participação como redatora foi anunciada pelo periódico *El Perseguido* antes do lançamento oficial do *La Voz de la Mujer*. Uma pequena nota dizia:

Se nos comunica la aparición de un nuevo periódico anarquista que llevará por título “La Voz de la Mujer”. ¡Adelante, compañeras!  
Su dirección es: Josefa R. M. Martinez  
Calle Bolívar 674. (*El Perseguido*, 8 dez. 1896:3).<sup>8</sup>

O nome de Josefa Calvo também aparece como uma das redadoras do periódico, além de Pepita Gherra (Guerra) que produziu sistematicamente conteúdos para a publicação assumindo quase que toda autoria do jornal a partir do exemplar de número sete, sendo identificada por esta pesquisa como uma das redadoras.<sup>9</sup> No seu corpo de colaboradoras(es) aparecem uma série de nomes que, possivelmente, são pseudônimos. Algumas das colaboradoras(es) são Carmen Lareva, Milna Nohemi, Luisa Violeta, Esther Buscaglia, Soledad Gustavo, Maria Muñoz, Rosário de Acuña são algumas das colaboradoras.<sup>10</sup> Abreviaturas indicando letras iniciais de alguns nomes como J.C e M; também aparecem assinando artigos. “Nomes de luta” femininos como Una Striratrice (Uma Passadeira) também são relacionados como colaboradoras(es).

Entre todos os textos assinados por mulheres apenas um nome masculino surge, primeiro como Tulio El Burgués e depois como E. Heine. Trata-se dos pseudônimos do poeta alemão Enrique Heine (1797-1856)<sup>11</sup>, que teve seus textos e poemas publicados no jornal pelas redadoras por acharem suas ideias compatíveis com o projeto editorial do *La Voz de la Mujer*. Heine foi uma das personalidades mais contraditórias do século XIX, cujo corrente literária seguida era o romantismo. Engajado político, manteve aproximação com os movimentos

---

<sup>8</sup> O endereço do anúncio publicado no periódico *El Perseguido* aparece diferente de todos divulgados pelo *La Voz de la Mujer*.

<sup>9</sup> Pepita Gherra (Guerra) produziu um total de doze artigos. Josefa M. R. Martinez produziu quatro artigos.

<sup>10</sup> Não temos os dados biográficos dessas mulheres, portanto, não podemos precisar se os nomes tratam-se ou não de pseudônimos. Ficando apenas no campo das hipóteses. Soledad Gustavo e Rosário de Acuña são as únicas colaboradoras com biografias.

<sup>11</sup> Heinrich Heine. Mais sobre a vida e obra do poeta ver CARPEAUX, 1960.

socialistas, conservando amizade com Karl Marx, aprimorando as suas ideias através de uma literatura engajada e contestadora. Foi crítico da religião, da sociedade alemã e da exploração do trabalho. (ANSOLABEHERE, 2000:115; VALLIAS, 2011:149).

Entre as articulistas femininas destacam-se duas: Rosário de Acuña e Soledad Gustavo. Rosário de Acuña (1850-1923) foi uma escritora espanhola, livre pensadora, crítica e defensora da igualdade da mulher frente ao homem. Defendia também a educação e a laicidade do Estado e de suas instituições. Suas ideias se aproximavam do anarquismo. Publicou semanalmente em periódicos de Madri, incluindo *La Mesa Revuelta*.<sup>12</sup>

Soledad Gustavo (1865-1939), pseudônimo da libertária espanhola Teresa Mañé, foi uma das pioneiras da emancipação feminina na Espanha, ministrou diversas conferências sobre o anarquismo e as mulheres, além de ser autora de diversas obras de análise através da perspectiva anarquista. No campo da imprensa libertária fundou e editou *La Revista Blanca* juntamente com seu marido Juan Montseny, que ficou conhecido com o pseudônimo de Federico Urales. Seus textos foram publicados em diversos periódicos anarquistas argentinos. (MUÑOZ, 2013:214). A presença dessas duas espanholas aponta a popularidade do periódico, inclusive entre as mulheres que não são totalmente adeptas dos ideais anarquistas.

A conhecida libertária Virginia Bolten foi apontada pela historiografia como sendo umas das redatoras do *La Voz de la Mujer*. Entretanto, diferente do que a historiografia que se refere ao periódico afirma, Bolten não faz parte do quadro de redatoras e colaboradoras. Molyneux (1997) assegura em seu artigo *Ni Dios, Ni Patrón, Ni Marido. Feminismo anarquista en la Argentina del siglo XIX* que a “Louise Michel” de Rosário, como era conhecido Bolten, foi uma das redatoras, porém, evidências indicam que a participação de Virginia não pode ser confirmada. Outro autor, Néstor Auza, também faz a mesma afirmação, contudo, citando que possivelmente Virginia Bolten foi redatora de outra versão do periódico publicada na cidade de Rosário.<sup>13</sup> (VASSALLO, 2008:75; FERNÁNDEZ CORDERO, 2010:16).

Sobre a falta de indício da participação de Virginia Bolten<sup>14</sup> no *La Voz de la Mujer* de Buenos Aires, Fernández Cordero (2017) argumenta:

---

<sup>12</sup>Sobre Rosário de Acuña ver Biblioteca Miguel Cervantes: [http://www.cervantesvirtual.com/rosario\\_de\\_acuna/autora\\_biografia/](http://www.cervantesvirtual.com/rosario_de_acuna/autora_biografia/) e Biblioteca Nacional de Espanha/Escritores en la BNE: <http://escritores.bne.es/web/authors/rosario-acuna-villanueva-1850-1923> acessados em: 01 de fevereiro de 2018 às 22h45min

<sup>13</sup> Provavelmente publicado em 1899. Os exemplares não foram encontrados.

<sup>14</sup> Sobre a atuação e importância de Virginia Bolten para o anarquismo argentino ver: MARTINS; SOUZA, 2018; PRIETO; FERNÁNDEZ CORDERO; MUÑOZ, 2014.



[...] películas, notas y artículos científicos vinculan sin duda a Virginia Bolten con este periódico, aunque no hay certeza de que haya participado en el emprendimiento en Buenos Aires. No sólo faltan indicios para probar que estuviera en esa ciudad, sino que por entonces nacía en Santa Fe su primera hija, a quien llamó María Milagra y bautizó en la fe católica. Los nombres de sus siguientes hijos ya daban señales de un compromiso cierto con el ideal libertario: Urano Líber y Acracia. Por supuesto, este dato no ensombrece la indiscutida proyección de Bolten y su notable potencial para inspirar futuros activismos. No caben dudas de que Bolten y el grupo Las Proletarias eran responsables de publicar la versión rosarina de *La Voz de la Mujer*. Sus iniciales rubrican el aviso de aparición del periódico en agosto de 1899 (El Rebelde, n°20, 1899) [...] además en una nota de enero de 1900 menciona una reunión en la que el periódico *La Voz de la Mujer* fue representado por Bolten. [...] (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:82-83).

As libertárias foram influenciadas pelos pensamentos de Piotr Kropotkin, em sua ficha técnica o periódico se autointitula comunista-anárquico. Essa corrente foi sistematizada por Kropotkin em sua obra, destacando-se, o livro *A Conquista do Pão*. O libertário italiano Errico Malatesta também foi um teórico e propagador importante da corrente. O anarquista russo influenciou muitos jovens revolucionários no fim do século XIX e início do século XX, principalmente nos países latino-americanos.

Kropotkin afirmava:

Toda sociedade que tiver rompido com a propriedade privada é obrigada, no nosso entender, a organizar-se em comunismo anarquista. A anarquia conduz ao comunismo, assim como o comunismo leva à anarquia, sendo ambos a expressão da tendência das sociedades modernas para a procura da igualdade. (KROPOTKIN, 2011:31).

A corrente do comunismo-anárquico defende a ideia de que o processo histórico é algo evolucionista e, portanto, a mudança é impulsionada pelo desenvolvimento da sociedade por meio de suas formas produtivas e pelo progresso da educação.

Kropotkin defendia arduamente a ajuda mútua, sustentando o comunismo-anárquico, caracterizando-se pela solidariedade e pelo livre entendimento das pessoas, sem a necessidade de uma instituição. (MORAES, 2013:10). Anarquismo e comunismo são um complemento necessário, ambos pregam uma sociedade livre e igualitária. Segundo Kropotkin, o anarquismo pode ser visto como o comunismo sem governo, um comunismo livre, pregando sempre a liberdade econômica, política e a justiça social. O comunismo que não é anarquista tende a se tornar autoritário, pregando a organização econômica como meio para evitar o controle do poder por uma minoria.

O russo era um crítico do regime que o capital impunha ao trabalho e ao pensamento crítico e científico, demonstrando que a alienação social tinha como objetivo final a obtenção de lucros às custas do trabalho da sociedade.

Por ser antiestadista, o comunismo-anarquista rejeita a legislação criada pelas autoridades estatais, pois acredita se tratar de um instrumento de opressão do Estado sobre a sociedade, limitando a liberdade em favor ao estabelecimento dos interesses da burguesia.

[...] a severidade da pena não diminui a quantidade dos crimes. Enforque e esquarteje os criminosos se quiser, e o número de crimes permanecerá igual. Elimine a pena de morte e não terá um crime a mais, eles diminuirão até. As estatísticas provam. Mas se a colheita for boa, o pão barato e fizer bom tempo, o número de crimes cairá imediatamente. [...] (WOODCOCK Apud KROPOTKIN, 1981:104).

As libertárias fundadoras do *La Voz de la Mujer* aplicavam as práticas políticas do comunismo-anárquico na hora de escrever suas crônicas, selecionar os artigos a serem publicados e estabelecer suas formas de atuação. A ação direta e a propaganda pela palavra estão entre as principais formas de atuação dessa corrente do anarquismo.

A forma de atuação mais praticada pelas mulheres do periódico é a propaganda pela palavra, a qual Kropotkin estimulava, considerando o uso da palavra como agente formador de uma nova sociedade. Essas militantes ajudaram a difundir um método pedagógico, através do periódico, que não se limitava apenas a instruir a militância, mas buscava alcançar mulheres e homens não adeptos do anarquismo. O projeto político e social do comunismo-anárquico pode ser observado nos artigos de formação publicados no *La Voz de la Mujer*, onde o pensamento crítico e científico era priorizado.<sup>15</sup>

A tiragem do periódico variava entre 1.000 e 2.000 exemplares, sendo que os quatro primeiros números tiveram uma tiragem de 1.000 exemplares. A publicação de número cinco não apresenta em sua prestação de contas quantos exemplares foram impressos. Os periódicos de número sete e oito publicaram cerca de 2.000 exemplares e o último número publicou 1.500 exemplares.<sup>16</sup> Para um periódico anarquista e feminino sua tiragem pode ser considerada extremamente significativa. Sabe-se muito pouco sobre sua forma de distribuição, porém, o jornal era enviado para grupos libertários parceiros para ser distribuído, para militantes que enviaram cartas solicitando remessas e distribuídos pelas próprias redatoras em portas de oficinas, fábricas. (*La Voz de la Mujer*, 18 out. 1896:4; MOLYNEUX, 1997:17).

---

<sup>15</sup> Sobre os artigos de instrução e formação para mulheres ver Capítulo 3, item 3.6.

<sup>16</sup> A pesquisa não pode mensurar quantos exemplares da publicação de número seis foram impressos. O periódico de número seis encontra-se desaparecido.

O periódico teve periodicidade irregular, alternando muito entre os números. Os números um e dois foram publicados no mês de janeiro, o número três foi publicado em fevereiro e o número quatro em março, ou seja, esses quatro primeiros números seguiram uma linha de publicação sem que houvesse um hiato. A publicação retornou em maio (número cinco), após um hiato, surgiu a publicação do número seis<sup>17</sup>, voltando a sair somente em outubro (número sete). Os números finais foram publicados no mês de novembro (número oito) e janeiro/1897 (número nove). Esses hiatos já eram esperados, o próprio periódico anunciava em sua ficha técnica, localizada abaixo do título do periódico, “Aparece cuando puede”. (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:1).

As formas de financiamento da folha funcionavam por meio de subscrição voluntária das companheiras e companheiros simpatizantes com as ideias do periódico. Logo no cabeçalho o jornal informava a leitora e ao leitor sobre esse modelo de financiamento “por suscripción voluntaria”. (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:1). As doações voluntárias são comuns nas publicações operárias e anarquistas.

Os valores giravam em torno de 0.05 pesos até no máximo 2.45, sendo coletadas por meio de listas que eram distribuídas a companheiras e companheiros que ajudavam na divulgação do jornal. Na seção *Notas* do número um mandava-se um recado as companheiras e companheiros que estavam com as listas em mãos:

**Lista 6 y 7**

A los compañeros á quienes les hemos dado las listas 6 y 7 para **La Voz de la Mujer**, les pedimos nos envíen lo recolectado a la brevedad posible: o nos avisen para mandarlos buscar. (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:4, grifo do autor).

Grupos e periódicos também faziam coletas de doações e enviavam para o *La Voz de la Mujer*. Em geral, cerca de cinco grupos participavam da coleta e até três periódicos. Os financiamentos vinham de diferentes regiões da Argentina e do mundo, grupos de países como Espanha, Uruguai, França, Brasil também enviavam doações. Seguindo uma característica da imprensa libertária, nenhuma página do periódico tinha anúncios publicitários. Os doadores eram identificados por “nomes de guerra”, como classificou Molyneux, destacando também a dificuldade em manter uma subscrição regular:

Los donantes eran generalmente identificados por nombres falsos, que evocaban noms de guerres (como “Firme en la Brecha”, “Menos Pedir, Más Tomar”, “Un Tirombas”) [...] Debido a la irregularidad con la que aparecían estos diários, y a la precariedad de

---

<sup>17</sup> A pesquisa não pode determinar a data correta da publicação.

su existencia, la institución de una suscripción regular no era efectiva. (MOLYNEUX, 1997:17).

O lançamento do periódico *La Voz de la Mujer* realizava o desejo das redatoras de representar a voz feminina, mostrando para outras mulheres que elas não estavam sozinhas e que através do jornal teriam uma voz de resistência contra o que as redatoras consideravam uma vida degradante e explorada.

No exemplar do dia 08 de janeiro de 1896, as redatoras publicaram um editorial intitulado *Nuestros propósitos. Compañeros y Compañeras ¡Salud!* declarando os motivos da criação do periódico e da decisão de reivindicar sua posição na sociedade.

Y bien; hastiadas ya de tanto y tanto llanto y miseria; hastiadas del eterno y desconsolador cuadro que nos ofrecen nuestros desgraciados hijos, los tiernos pedazos de nuestro corazón, hastiadas de pedir y suplicar, de ser el juguete, el objeto de los placeres de nuestros infames explotadores o de viles esposos, hemos decidido levantar nuestra voz en el concierto social y exigir, exigir decimos, nuestra parte de placeres en el banquete de la vida. (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:1).

O fragmento expõe as mazelas sociais que as mulheres passavam no final do século XIX. Lançar esse periódico ultrapassa uma simples problematização da questão da mulher, tendo uma enorme necessidade de sua voz ser ouvida, de ter uma representação exclusivamente feminina. A busca pelos prazeres no “banquete de la vida”, significa a reafirmação dos direitos à vida, sem relação com os direitos garantidos pelo Estado.

O editorial afirma que as mulheres confiaram e depositaram sua esperança em seres superiores, em uma divindade, porém, as redatoras argumentam que esses seres ou esse ser está fora de uma realidade conhecida. Argumentam que já tentaram todas as possibilidades de alcançar uma vida longe da exploração.

Fue entonces que compadecimos a nuestras caídas y desgraciadas compañeras. Entonces quisimos romper con todas las preocupaciones y absurdas trabas, con esta cadena impía cuyos eslabones son más gruesos que nuestros cuerpos. Comprendimos que teníamos un enemigo poderoso en la sociedad actual y fue entonces también que mirando a nuestro alrededor, vimos muchos de nuestros compañeros luchando contra la tal sociedad; y como comprendimos que ése era también nuestro-enemigo, **decidimos ir con ellos en contra del común enemigo, mas como queríamos depender de nadie, alzamos nosotras también un girón del rojo estandarte; salimos a la lucha...sin Dios y sin Jefe.** He aquí, queridas compañeras, el porqué de nuestro periódico, no nuestro sino de todos, y he aquí, también, porqué nos declaramos COMUNISTAS ANÁRQUICAS proclamando el derecho a la vida, o sea igualdad y libertad. (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:1, grifo nosso).

Finalizaram o editorial argumentando que analisaram toda a situação social, política e econômica das mulheres e perceberam que deveriam se libertar dessas amarras dos corpos e da moral. Compreendendo a dimensão do inimigo comum das mulheres e homens, decidiram compartilhar essa luta, investir no periódico como instrumento de propaganda e um meio de promover a emancipação feminina. A fundação do periódico marca o início dessa emancipação, onde proclamam que não queriam depender de nenhuma ajuda de outros grupos que lutavam pela causa anárquica. Encontraram na vertente do comunismo-anárquico ideias compatíveis com sua emancipação.

A recepção do periódico por parte dos companheiros (homens) foi negativa, as redatoras receberam duras críticas sobre a fundação da folha. Os homens afirmavam que a iniciativa foi totalmente desnecessária, argumentando que a propaganda promovida por eles em jornais libertários já seria suficiente para abordar a situação das mulheres na sociedade. Segundo Molyneux “dado que no parece haber signos de esta oposición en el resto de la prensa anarquista del período, es probable que estas críticas hayan sido expresados oralmente”. (MOLYNEUX, 1997:21). Provavelmente essas críticas foram pronunciadas em conferências.

Diante de tamanha hostilidade por parte de alguns homens anarquistas, as redatoras atacaram suas atitudes pouco libertárias em um novo editorial publicado no exemplar do dia 31 de janeiro de 1896. As redatoras nomearam o editorial de *¡Apareció Aquello! (A los escarabajos de la idea)* em referência ao aparecimento do periódico e como uma resposta aos que elas chamaram de “escarabajos”.

Cuando nosotras (**despreciables e ignorantes mujeres**) tomamos la iniciativa de publicar “La Voz de la Mujer”, y alo sospechábamos ¡oh modernos cangrejos! que vosotros recibiríais con vuestra macanística y acostumbrada filosofía nuestra iniciativa porque habéis de saber que nosotras las torpes mujeres **también tenemos iniciativa y ésta es producto del pensamiento; ¿sabéis?, también pensamos.** Apareció el primer número de la “La Voz de la Mujer”, y claro ¡allí fue Troya!, “nosotras no somos dignas de tanto, ¡cá! no señor”, “¿emanciparse la mujer?”, “¿para qué?” “¿qué emancipación femenina ni que ocho rábanos?” “¡la nuestra”, “venga la nuestra primero!””, y luego, cuando nosotros ‘los hombres’ estemos emancipados y seamos libres, allá veremos”. [...] (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:1, grifo nosso).

As redatoras afirmam que imaginavam que haveria um retorno negativo perante as ideias expostas no primeiro número. Os “escarabajos” são os anarquistas, acusados de corroer as ideias das redatoras. A aparição do jornal causou espanto e até mesmo revolta entre os

homens, que consideraram a publicação como um verdadeiro “cavalo de troia”<sup>18</sup> dentro do movimento anarquista, fazendo alusão ao conflito e a divisão interna entre homens libertários e mulheres libertárias.

Os homens acreditavam que a emancipação deles emanciparia automaticamente as mulheres, essa argumentação não foi bem recebida pela redação do periódico que rebateu afirmando entender que apenas as mulheres podiam emancipar-se. O linguajar usado no texto revela o descontentamento e fúria dessas redatoras que classificam esses homens como falsos anarquistas. Iniciativa e pensamento eram considerados atributos puramente masculinos.

Ao que parece a polêmica não cessou no exemplar de número dois, tendo outro capítulo no número seguinte do jornal (número três- 20 de fevereiro de 1896). O editorial *Firme en la Brecha (A nuestros enemigos)* deixa claro no título que se refere aos que criticaram o lançamento do jornal e as ideias defendidas pelas mulheres. “A nuestros enemigos” reforça a polêmica e demonstra, mais uma vez, o sentimento de revolta dessas mulheres que foram atacadas por buscar sua própria emancipação.

Como lo habíamos sospechado resultó. Tales fueron nuestras palabras cuando hemos notado la general polvareda levantada con motivo de nuestro editorial del N.2. Atacadas indirectamente, aunque sin razón, cuando el N.1 vio la luz pública, decidimos no dejar pasar dichos ataques sin responderlos como era debido. En efecto, así lo hicimos, pero con tan mala suerte que debido a una confusión (por falta de ampliación) en la redacción del escrito, se ha descolgado sobre La Voz de la Mujer una verdadera tempestad. [...] (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:1).

Dando continuidade à polêmica do segundo editorial, as libertárias acabaram se envolvendo em outro mal-entendido. Inicialmente afirmam que estavam esperando novas contestações e uma avalanche de críticas desses homens, argumentam que foram atacadas sem razão e que o editorial publicado no exemplar de número três é um direito de resposta escrita e publicada por elas.

Nesse editorial as libertárias dão nomes aos seus acusadores; Juan, Pedro são alguns dos homens que emitiram suas opiniões sobre a fundação do jornal e a posição das mulheres libertárias. Anarquistas, que segundo as articulistas, não compreendem a verdadeira essência do anarquismo.

---

<sup>18</sup> Um dos principais símbolos da conhecida guerra de Tróia, usado como estratégia pelos gregos para derrotar os troianos. De acordo com a história narrada na obra “Ilíada” de Homero, o Cavalo de Troia era feito de madeira e totalmente oco por dentro.

O segundo mal-entendido em que as redatoras se envolveram tem relação com a questão da generalização. Alguns companheiros se revoltaram por acharem que as libertárias se referiam a todos os homens anarquistas, o que foi negado pelas redatoras.

[...] ni tampoco nos dirigimos a todos los anarquistas en general, sino a algunos individuos que titulándose revolucionarios han tratado de desvirtuar el objeto de esta modesta hoja y que no teniendo sin duda energía suficiente para atacarnos de frente, nos zahirieron por la espalda. [...] (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:1).

O editorial de número dois dirigia-se apenas aos críticos, e reafirmaram que independente dos críticos, desses “falsos anarquistas”, o jornal permanece com seus ideais emancipadores e reforçam que as opiniões desses homens não são tão importantes para elas.

Ainda no exemplar de número três as redatoras publicaram uma resposta mais direta aos homens que se sentiram ofendidos, que segundo as libertárias, não souberam interpretar o que elas realmente queriam dizer com aquele escrito. A resposta intitulada *A los compañeros-Aclaración del editorial del núm.2* tem em sua composição uma carta de um colaborador de nome Juan Arroyo, de Chivilcoy, na qual defende as libertárias, elogia a ousadia delas na criação do periódico e diz conhecer anarquistas que são contra os princípios defendidos pela folha.

Recibí el N° 2 del periódico, felicitándome por haber encontrado compañeras que tan directamente atacan a esos miserables cangrejos que se llaman anarquistas con la boca, pero nunca con sus hechos. Yo, por mi parte, lo he llevado al seno de algunos hogares donde ocurre lo que vosotras atacáis. Adelante compañeras. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2).

A resposta das redatoras é finalizada chamando Arroyo de verdadeiro anarquistas e bom companheiro. Na tentativa de embasar suas posições e reafirmar que muitos anarquistas estão ao lado delas, a redação publicou uma carta de um companheiro de nome Polvorín, com o título *Compañeras de La Voz de la Mujer* parabenizando as libertárias pela iniciativa em prol das mulheres e em prol de todo o anarquismo.

O movimento anarquista e seus militantes sempre tiveram uma relação ambígua no que se refere às questões femininas. Seus principais teóricos tinham ideias muito antagônicas com relação à posição que a mulher deveria ocupar na sociedade. Bakunin possuía ideias flexíveis no que diz respeito às mulheres, assim como Malatesta. Kropotkin defendia a militância feminina, mas fazia críticas ao movimento feminista liberal que reivindicava o sufrágio.

Proudhon criticou o movimento das mulheres que buscava qualquer tipo de melhora social, política e econômica, ressaltando muitas vezes a inferioridade da mulher.<sup>19</sup>

La doctrina anarquista misma era algo ambivalente acerca del feminismo, y el debate teórico acerca del tema era notablemente escaso. Aunque Bakunin había incluido en el programa de su Alianza Internacional por la Democracia Social el fin explícito de abolir la desigualdad sexual junto a la desigualdad de clases, los antecedentes anarquistas relativos a los derechos de las mujeres eran desparejos. Los proudhonistas franceses se habían opuesto a las exigencias de las feministas de igual pago e igual trabajo, y pensaban que el lugar natural de las mujeres estaba en el seno de la familia. El principal inspirador del anarquismo-comunismo de las décadas de 1880 y 1890, Kropotkin, alentaba el activismo femenino dentro del movimiento pero desaprobaba el feminismo.<sup>20</sup> (MOLYNEUX, 1997:22).

Analisando o todo do projeto editorial percebe-se que a organização e distribuição dos conteúdos formaram um padrão do número um até o número quatro.<sup>21</sup> O primeiro texto que aparece na publicação é um editorial que trata de assuntos específicos e revelam a opinião da redação. Analisar esses editoriais é fundamental para entender o perfil do jornal e o que pensam suas redatoras de uma forma direta, nos editoriais não existe a necessidade da imparcialidade.<sup>22</sup>

O editorial é uma notícia qualificada, porque fere e representa o foro íntimo do veículo. É uma notícia engajada, porque geralmente se envolve em busca de definição e escolha. É uma notícia exclusiva, porque emite uma opinião própria. É uma notícia de profundidade, porque não se limita à superfície dos fatos e incorporam autoridade, consciência e hierarquia ao seu conteúdo. (BAHIA, 2009:103).

Após o editorial a folha apresenta um poema; cerca de sete poemas foram escritos por mulheres e um escrito por um homem (Enrique Heine).<sup>23</sup> Os exemplares apresentavam também uma crônica moral dirigida àqueles que as redatoras consideram os opressores da sociedade: Estado, Igreja e Capital. (MOLYNEUX, 1997:25). Nestes números existem três seções fixas: a primeira era a seção *Notas* com comentários gerais, avisos para companheiras e companheiros; a segunda era a de *Correspondencia*<sup>24</sup>, onde apareciam as cartas recebidas e enviadas e notificações de recebimento, e a terceira seção destinava-se as listas de subscrição, cujo conteúdo era voltado exclusivamente para o financiamento do jornal e prestação de contas.

---

<sup>19</sup> Sobre os pensadores do anarquismo e a emancipação das mulheres ver MARTINS, 2000.

<sup>20</sup> Molyneux se refere ao feminismo liberal.

<sup>21</sup> O exemplar de número dois não possui seção de *Correspondencia*.

<sup>22</sup> Os editoriais eram assinados por “La Redacción” ou apenas “Redacción”.

<sup>23</sup> Os poemas abordavam assuntos referentes as questões femininas e ao projeto anárquico; esses temas eram abordados em uma linguagem poética e simples.

<sup>24</sup> No primeiro exemplar aparece como *Correspondencia Administrativa*, a partir do terceiro número somente como *Correspondencia*.



A partir do número cinco até o número nove os padrões estabelecidos foram modificados por conta da mudança no grupo editor. O editorial do exemplar de número cinco avisa da mudança de grupo editor, mas reafirma o compromisso do periódico com a luta das mulheres, com a propaganda libertária e com todos que contribuíram de alguma forma para o periódico. O novo grupo promete aumentar a tiragem do jornal e ampliar os conteúdos.

Al hacernos cargo de la Redacción y Administración del periódico, no ignoramos las responsabilidades que pesan sobre nosotras. No obstante seguiremos la huella de la antigua Redacción, es decir lucharemos sin descanso contra la actual sociedad burguesa; combatiremos sin tregua todos los prejuicios y preocupaciones que en la niñez nos inculcaron hombres estúpidos, mujeres fanáticas y otros miserables que ponen su pluma a disposición de la canalla, por un puñado de degradante oro que depositan en sus manos. [...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai.1896:1).

A mudança do grupo editor levanta hipótese de uma modificação da estratégia de propaganda do periódico. Diante de uma crise financeira que o grupo anterior passava e conseqüentemente a perda de público, o novo grupo precisou estabelecer meios que ampliassem o público leitor. As polêmicas também podem ser apontadas como as responsáveis por essa modificação, partindo para temas que agregassem e não dividissem os leitores, como os temas femininos.

Mesmo com a mudança os nomes das libertárias que compõem esse novo grupo editor não são apresentados. O editorial destina-se a companheiras e companheiros, sendo essa a primeira mudança visível no periódico: a suavização das relações e a luta constante pela igualdade e emancipação das mulheres, ainda que afirmassem continuar na luta. (VASSALLO, 2008:77-78).

[...] cinco meses después, el segundo comité editorial suavizaba visiblemente este análisis sexual de la opresión, caracterizando las luchas de las mujeres como “[la defensa] de su libertad, su derecho a la vida, seguras de que al pelear por [la libertad y la emancipación], las mujeres luchan por sus compañeros y sus hijos”[...] (VASSALLO, 2008:78).

O exemplar de 15 de maio de 1896 (número cinco) apresenta, após o editorial, as crônicas morais; o poema foi publicado no meio do periódico. O novo grupo editor modificou o nome da seção *Notas para Un poco de tudo* e as seção de *Suscripción* foi diagramada antes da seção *Correspondencia*<sup>25</sup>. A partir do número sete o poema volta a ser depois do editorial seguido das crônicas morais. O que chama atenção neste exemplar é a modificação, mais uma

---

<sup>25</sup> Na seção *Correspondencia* do exemplar de número cinco as redatoras avisam as famosas mulheres do anarquismo internacional que enviaram cartas, entre elas Emma Goldman e Louise Michel.

vez, do nome da seção *Notas*, de *Un poco de tudo* passou para *Mesa Revuelta*.<sup>26</sup> A seção *Correspondencia* não foi publicada neste exemplar.

*Mesa Revuelta* se diferencia das seções *Notas* e *Un poco de tudo*, ao invés de apresentar comentários e avisos, discutia em pequenos textos acontecimentos das Américas e da Europa, replicando notícias de outros periódicos. (MOLYNEUX, 1997:25). Ao contrário do prometido no editorial de número cinco o jornal não teve seu conteúdo ampliado, pelo contrário, o exemplar de número sete foi um dos mais exíguos já publicados.

Os exemplares de número oito e nove não apresentam a seção *Correspondencia* e somente o exemplar de 14 de novembro de 1896 (número oito) apresenta um poema; em ambos os números a seção *Suscripción* finaliza a publicação.

O novo grupo editor provocou uma alteração no conteúdo; os textos passaram a ser mais políticos com poucos artigos que realmente estivessem voltados exclusivamente para as mulheres. Outra mudança chama atenção, Pepita Gherra (Guerra) assina quase todos os artigos a partir do exemplar de número sete, incluindo os editoriais que antes eram assinados pela redação. (VASSALLO, 2008:76-78).

[...] a partir del número siete hasta el final se torna dominante un nombre, el de Pepita Guerra. De los doce artículos firmados siete le pertenecen, al mismo tiempo que se observa una abrupta merma de artículos que plantearan cuestiones de género, lo que marca un notable contraste con los cinco primeros números analizados. [...] (VASSALLO, 2008:76-78).<sup>27</sup>

O periódico *La Anarquía* elogia as publicações de número sete e oito do jornal, enfatizando o conteúdo e o empenho das redatoras em manter o *La Voz de la Mujer* ativo e combatente. A publicação demonstra preocupação com o futuro do periódico, ressaltando que sentem que não há interesse dos anarquistas em ajudar na manutenção do *La Voz de la Mujer*.

[...] *La Voz de la Mujer* números 7 y 8, con excelente material. Luchador enérgico por la libertad de la mujer, lleva su lucha hasta dentro de los hogares. **Es de sentir que no haya un poco más de ayuda en pró de dicho periódico, pues su obra es muy necesaria.** (*La Anarquía*, 04 dez. 1896:4, grifo nosso).<sup>28</sup>

Nenhum exemplar do periódico possui ilustrações, fotos, caricaturas ou charges. A prioridade era apresentar o conteúdo em formato de artigos que geralmente usavam de um

---

<sup>26</sup> Homônimo do periódico espanhol *La Mesa Revuelta*.

<sup>27</sup> A autora analisa o periódico a partir da categoria gênero. Uma análise mais profunda da posição do periódico nos campos conceituais ver capítulo 4.

<sup>28</sup> A nota foi publicada na seção *Notas Varias*.

padrão pedagógico para atrair a leitora e o leitor. Os artigos apresentavam crônicas e fábulas sobre um determinado problema, por exemplo, o casamento forçado, e no decorrer do artigo apresentavam ou um exemplar ou os pontos negativos e finalizavam o texto com a solução do problema. A maioria das soluções estavam ligadas com a implementação dos princípios anárquicos.

Os perfis das leitoras e leitores podem ser traçados a partir dos pseudônimos apresentados na subscrição do periódico, assim como através das cartas enviadas. As destinatárias do jornal já temos conhecimento de quem são: as mulheres anarquistas ou não. Contudo, o jornal não pretende alcançar à mulher burguesa.

As leitoras (os leitores) se identificam como “Un anarquista”, “Otra compañera”, “Una jugada”, “Su compañera”, “Amor libre”, “Magdalena”, “Pepita 3”, “Una joven que pensaba que los anarquistas eran otra cosa”, “María Villa”, “Josefa la costurera”, “Pepita la modista”, “Juana la gallega”, “Una mujer”. (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:4; 01 jan. 1897:4). Os pseudônimos são de leitoras (leitores) que o periódico pretendia atingir, revelam sua classe, profissão, se eram estrangeiras ou não e, às vezes, a cidade na qual pertenciam.

[...] estos datos, podemos delinear el perfil de las potenciales lectoras de *La Voz de la Mujer*: inmigrantes- fundamentalmente, españolas e italianas-; obreras del sector confección (“fabriqueras” o trabajadoras a domicilio), personal de servicio doméstico, y amas de casa que, cuando el salario del marido no alcanzaba, tomaban trabajo en sus casas o fuera de ellas por um mísero salario. (FEIJOÓ; NARI, 1992:278).

Percebe-se também que essas leitoras(es) doadores(es) tinham consciência da necessidade coletiva de discutir alternativas para a questão da mulher. Possuíam também capacidade de leitura e acesso a textos escritos, e outros usufruíam a prática da leitura coletiva em voz alta. (VASSALLO, 2008:76-80).

Con respecto a la capacidad real de leer, la mitad de las mujeres residentes en Buenos Aires eran alfabetas (51,5%). Por otro lado, es posible que hayan existido otros medios de acceso a los textos escritos para las personas que no sabían leer: el hábito de “lectura en voz alta”, por ejemplo, en el hogar o en ciertas agrupaciones. (FEIJOÓ; NARI, 1992:279).

O diálogo entre a redação do periódico e a leitora (leitor) fica por conta de como as temáticas eram apresentadas e distribuídas pelo jornal. Os textos geralmente possuíam um tom intimista como tentativa de se aproximar da mulher, estabelecendo muitas vezes estereótipos para facilitar o entendimento do conteúdo.

A fim de se aproximar das leitoras e leitores, as redatoras também publicavam breves textos rememorando significantes acontecimentos para o movimento anarquista internacional, onde os sacrifícios pela causa anárquica tocam a leitora (leitor) e a estimulam na luta por sua emancipação. No exemplar do dia 27 de março de 1896, a redação publicou um pequeno texto comentando as comemorações que ocorreram no dia 18 de março de 1871 relembrando a experiência da Comuna de Paris. Intitulado *1871\*18 de Marzo \*1896*, o pequeno texto dizia:

Para conmemorar esta fecha, que recuerda una gran epopeya en los anales de la historia del proletariado, los compañeros resolvieron celebrar una reunión en el local de la sociedad “San Martín”, Rodríguez Peña 334. En efecto, el 18 del corriente tuvo lugar la anunciada conmemoración de la Comune de París. (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:3).

A Comuna de Paris pode ser vista como a primeira tentativa de criação e consolidação de um governo socialista. O plano de fundo da implementação desse novo governo se deu pela rendição da França na guerra contra a Prússia, o acordo foi assinado pelo presidente francês Adolphe Thiers. O exército prussiano cercou a capital francesa, o que gerou grande revolta e preocupação na população parisiense. (SAMIS, 2013:61-62).

[...] a assinatura do armistício, por outra parte, em consequência das imposições dos prussianos, deu lugar a uma onda de protestos em Paris. A França, além de ter perdido a Alsácia, a Lorena e ter sido obrigada a pagar uma pesada indenização de guerra, via-se obrigada a tolerar a ocupação, a partir de 3 de março, da capital francesa pelas tropas de Bismarck. O que para população da cidade constituía-se em um ato evidente de traição por parte do governo. Assim, os franceses, particularmente os de Paris, foram da indignação à rebelião. Dos detalhes do armistício, se enfileirando em uma hierarquia escalonada, nenhum foi mais importante para deflagrar a revolta que a iminência da ocupação da cidade pelos inimigos prussianos. No julgamento da população, nada se comparava a isso. [...] (SAMIS, 2013:62).

Depois de instituída criaram-se comissões de guerra, segurança geral, ensino, subsistência, justiça, trabalho e trocas, relações exteriores e serviços públicos. Nos seus setenta e dois dias de vigência as medidas de governo foram separadas em três blocos buscando o bem comum de todos.

[...] a comuna, pelo exposto, era governada de fato por uma estrutura federativa, através da qual os delegados dos 20 distritos formavam a comissão executiva e os demais trabalhos. Era, por força de seu desenho e concepção, um órgão simultaneamente executivo e legislativo. Rompia coma divisão clássica tripartite dos poderes, apresentava-os descentralizados, embora funcionassem dentro da mesma esfera. [...] (SAMIS, 2013:80).

Na época do surgimento da Comuna de Paris, as mulheres já estavam engajadas nas lutas revolucionárias; as participações em atos públicos se tornaram constantes e as

organizações nos locais de trabalho chamaram atenção pela forte oposição aos valores burgueses. (ANDRADE, 2013:35).

[...] em 18 de março de 1871, as mulheres foram as primeiras a dar o alarme de que as tropas do governo tentavam retirar as armas das colinas de Montmartre e desarmar Paris. Postaram-se diante das tropas e impediram que as armas fossem retiradas, chamando o proletariado e a Guarda Nacional para defender a cidade. [...] (D'ATRI, 2011:281).

As mulheres que participaram da Comuna destacam-se pela valentia com que enfrentaram as tropas francesas e prussianas; participaram da construção de barricadas, de reuniões de sindicatos e clubes políticos exigindo direitos iguais. Algumas mulheres criaram organizações que defendessem os interesses femininos, como: Comitê das Mulheres de Monitoramento, o Clube da Revolução Social e a União das Mulheres para a Defesa de Paris. (D'ATRI, 2011:282).

[...] e também foi na Comuna que, pela primeira vez, cerca de três mil mulheres trabalharam nas fábricas de armas e munições, construíram barricadas e recolheram as armas dos mortos para continuar lutando e formaram um batalhão feminino da Guarda Nacional, composto por 120 mulheres que lutaram nas barricadas de Paris durante a última semana de resistência da Comuna. [...] (D'ATRI, 2011:282).

Louise Michel foi a principal representante das mulheres que participaram da Comuna de Paris; integrou o Clube da Revolução e se comprometeu com a luta proletária. Segundo Michel, a Comuna não se resumia somente em uma resistência, mas em um meio para construção de uma sociedade igualitária. (ANDRADRE, 2013:39). No livro *A Comuna*, Louise Michel (1971) discorre sobre a presença de mulheres no exército da Comuna.

[...] os exércitos da Comuna também contaram com mulheres que se ocupavam dos serviços das cantinas e das ambulâncias; soldados também, elas merecem ficar ao lado deles. Só algumas são recordadas: Lachaise, a cantineira do 66º, Victorine Rouchy, dos turcos da Comuna, a cantineira das crianças perdidas, as que faziam serviços nas ambulâncias da Comuna: Mariani, Danguet, Fernandez, Malvina Poulain, Cartier. As mulheres das comissões de vigilância: Poirier, Excoffons, Blin. As da Corderie e das escolas: Lemel, Dimitrieff, Leloup. As que organizavam o ensino, aguardando a luta de Paris onde foram heroicas: as senhoras André Léo, Jaclar, Périer, Reclus, Sapia. Todas podem contar com o exército da Comuna, e também elas foram legiões. [...] (MICHEL, 1971:13-14).

O texto publicado no *La Voz de la Mujer* destaca a quantidade de pessoas que foram à comemoração e os discursos proferidos mesmo que de improviso, demonstrando a importância de rememorar esse acontecimento. As redatoras realçam o discurso de uma jovem que se

entusiasmou com a ocasião, incentivando também a todas as mulheres buscarem participar dessas atividades, lutando diretamente por sua liberdade.

[...] una joven compañera subió sobre el banco que servía de tribuna y con un elegante y sencillo análisis demostró a los trabajadores que era necesaria una pronta transformación, aconsejando también a las mujeres que se rebelen contra el yugo matrimonial y contra la burguesía, que no ha creído ver en la mujer más que una máquina de placer, a la que se la hace mover en muchas ocasiones con un ressorte llamado ORO. [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:3).

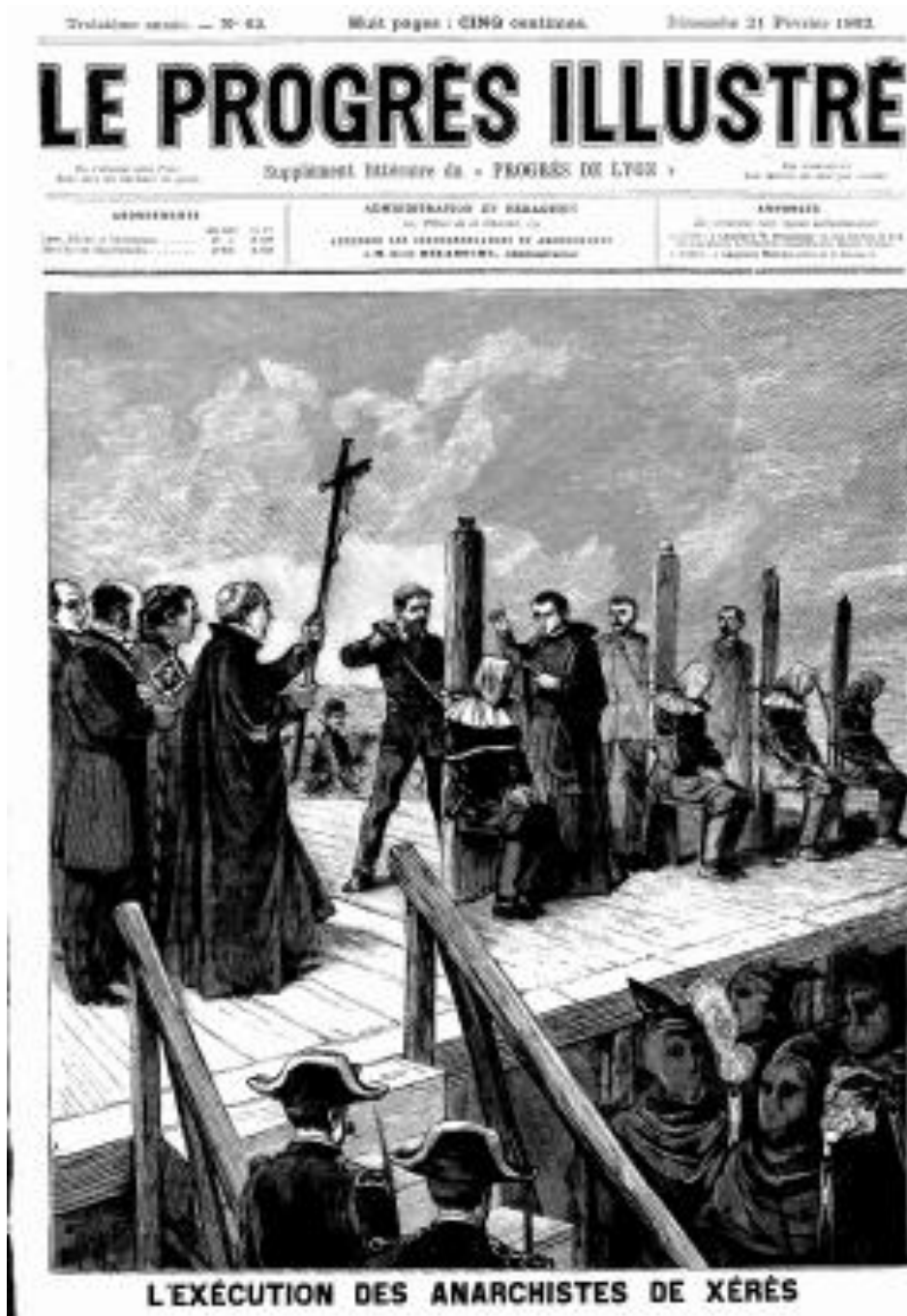
Posteriormente, o grupo editor publicou no exemplar de 14 de novembro de 1896 (número oito) outro artigo de nome *11 de noviembre de 1887*, lembrando os mártires anarquistas mortos nos Estados Unidos, mais especificamente em Chicago, e em Jerez na Espanha. Ambos os casos no mesmo mês e em circunstâncias parecidas. O texto questiona que nações ditas evoluídas cometem atos de barbárie contra homens e mulheres que defendem seus ideais e ideias.

As primeiras décadas dos anos de 1890 na Espanha ficaram conhecidas por uma onda repentina de insurreições, atentados a bomba e assassinatos de autoridades e anarquistas. A cidade de Jerez consagrou-se como a “capital” da insurreição anarquista na Espanha, camponeses adeptos das ideias anarquistas invadiram a cidade e executaram comerciantes burgueses. A insurreição foi combatida com efetividade pelas autoridades da Guarda Civil local, os policiais mataram os líderes da rebelião e prenderam outros. (WOODCOCK, 2014:115; LITVAK, 1988:60). Os anarquistas acusaram o judiciário de condenar os homens errados:

[...] a natureza da justiça espanhola desse período é demonstrada pelo fato de que entre os sentenciados encontrava-se um homem que, no momento do levante, cumpria pena em Cádiz por outro crime político. [...] (WOODCOCK, 2014:115).

A atitude de condenar sem provas mostrava as ligações do judiciário com os valores burgueses. O judiciário era visto pelas libertárias e libertários como um dos braços do Capital, que em suas decisões defendiam os interesses dos poderosos e aplicavam as leis contra as proletárias e proletários. Os juízes eram descritos no *La Voz de la Mujer* como homens nefastos e de atitudes abomináveis.

ILUSTRAÇÃO 1- L'EXÉCUTION DES ANARCHISTES DE XÉRÈS (JEREZ). CAPA DO PERIÓDICO FRANCÊS *LE PROGRÈS ILLUSTRÉ*, ANO III, Nº 62, LYON, 21 DE FEVEREIRO DE 1892.



FONTE: Bibliothèque Numérique de Lyon/Bibliothèque Municipale (Lyon).

As reivindicações pelas oito horas de trabalho deram início a várias greves gerais nas Américas e na Europa. Nos Estados Unidos, na cidade de Chicago, as greves prologam-se a 2 e 3 de maio, reivindicando oito horas diárias de trabalho. Ataques da polícia acarretaram na morte de quatro manifestantes. Em 4 de maio, realizou-se uma manifestação de protesto em Haymarket, onde uma bomba é lançada no meio de policiais. Sem provas e malgrado sua inocência, cinco anarquistas (August Spies, George Engel, Albert Parsons, Adolph Fisher e Louis Lingg) são condenados à morte; um morre na prisão e quatro são executados em 11 de novembro de 1887. Os processos foram confusos e os acusadores limitaram-se a apresentar as crenças dos anarquistas, os quatro homens enforcados haviam sido vítimas de um assassinato judicial. (WOODCOCK, 2014:251-252).

[...] o reconhecimento da injustiça sofrida pelos anarquistas de Chicago, que os transformou em mártires clássicos do movimento trabalhista, tende a obscurecer um ponto importante... ninguém chegou a descobrir o autor do atentado de Haymarket. Poderia ter sido um agente provocador, assim como também poderia ter sido um anarquista desconhecido. [...] (WOODCOCK, 2014:252).

As articulistas do *La Voz de la Mujer* concordam que tanto o caso espanhol quanto o caso estadunidense foram frutos do ódio da burguesia e dos membros do judiciário ao movimento anarquista. Esse ódio da burguesia justifica o desejo de vingança contínua dos seguidores do anarquismo.

[...] el crimen jurídico llevado a cabo en Chicago el día 11 DE NOVIEMBRE DE 1887 por la sanguinaria burguesía norteamericana, de acuerdo con las teorías de la de todos los demás países, no se borrará jamás de nuestra mente. Ni se borrará tampoco el de la burguesía española, que no queriendo ser menos cruel, la siguió después levantando por segunda vez el patíbulo en Jerez. Monarquía española, República (modelo) americana: diferentes nombres e idénticos procedimientos. Y esto es todo. [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:2).

A arte anarquista encontrou nesses acontecimentos uma maneira de associar heroísmo e sacrifício, elevando essas figuras a heróis históricos do movimento anarquista. Criou-se uma verdadeira galeria de “santos libertários” mortos em prol dos valores revolucionários e buscando a implementação da sociedade anárquica. (LITVAK, 1981:167-168).

As linguagens utilizadas nos textos tinham um tom dramático, características da literatura anarquista. Os diálogos anarquistas em grande medida exploram a confrontação entre os membros da sociedade e utilizam um vocabulário de confronto entre os opostos, como proletários e burgueses ou mulheres e homens, definindo nesses vocabulários classe e sexo. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2010:10).



El diálogo es uno de los géneros predilectos de la literatura anarquista (recordar, por ejemplo, los diálogos de E. Malatesta, como el titulado En el café). Cercano a la escritura dramática, muchas veces esta filiación queda explicitada por los mismos autores. Por otro lado el diálogo es un género que históricamente ha sido utilizado para exponer una idea a través de la confrontación. Desde Platón en adelante pueden citarse ejemplos de diálogos que cumplen esta función didáctica, poniendo en escena precisamente la representación de lacto de aprendizaje entre el maestro y el discípulo, es decir, la confrontación aparente de dos personajes que discuten, y en donde uno cumple el papel del ingenuo contradictor que le permite al interlocutor esclarecido exponer sus ideas demoliendo, de paso, cada una de las posibles objeciones que pueden formularse. El final de la escena no sólo concluye con la exposición completa de la idea, sino también con su triunfo: el esclarecido convence al contradictor. (ANSOLABEHERE, 2000:116).

A binariedade do discurso anarquista apontava para existência de uma polarização e uma distância entre a classe explorada e a classe exploradora, onde ficavam claro as forças contrárias dos dois mundos, suas formas distintas de viver e de seus estereótipos próprios, construindo um texto engajado em mostrar como identificar os membros da classe burguesa.

[...] como ocurría con la literatura teatral, la binaridad del discurso mostraba constantemente un mundo polarizado, de contrastes sociales con das formas absolutamente diferentes de viver, en donde los opuestos estereotipados no se tocaban y parecían transitar mundos distintos. Los burgueses, un concepto muy vago y genérico en el discurso libertario que incluía centralmente a patrones, sacerdotes y militares, siempre estaban sobrecargados de los mismos caracteres negativos, y se privilegiaba el juicio moral y la condena absoluta al análisis razonado y teórico o la búsqueda de los matices locales. (SURIANO, 2001:193-194).

Os textos eram reforçados por elementos alegóricos imaginários, onde as libertárias utilizavam para ilustrar de alguma forma a imaginação da leitora e do leitor, tentando causar um impacto emocional na leitora e no leitor.

[...] el carácter binario del discurso: los tipos burgueses (sacerdotes, militares, patrones) aparecían robustos y bien alimentados, lujosamente vestidos, con rostros libidinosos. La gran mayoría de estos artículos finalizaban con afirmaciones de carácter retórico, que buscaban incrementar el impacto emocional a través de encendidos llamamientos a los trabajadores a incorporarse a la causa revolucionaria. (SURIANO, 2001:194-195).

As temáticas gerais do periódico podem ser divididas em dois momentos: as temáticas próprias do socialismo-libertário e as temáticas exclusivas das mulheres. Algumas das temáticas do socialismo-libertário são: o anticlericalismo, a exploração do capital, o antimilitarismo, a propaganda pelo fato. Já as temáticas exclusivas das mulheres compreendem a emancipação feminina, a sexualidade, o amor livre, a livre união, a maternidade consciente, o tráfico de mulheres, entre outros temas.

### 1.2.1 *Compañeras y compañeros ¡salud!* Periódicos, Companheiras, Companheiros e as Redes construídas.

Durante os doze meses em que circulou, o periódico *La Voz de la Mujer* manteve relações com diversos grupos libertários e com companheiras e companheiros da Argentina e do exterior. Na seção de correspondências ou de notas publicou-se todos os periódicos recebidos.

Entre os anos de 1890-1900 foram publicados em torno de trinta e nove periódicos, a maioria e os principais estavam em Buenos Aires e se espalhando para áreas com concentração de trabalhadores e trabalhadoras industriais ou rurais, como Rosário, Chivilcoy, La Plata, Lujá. (VASSALLO, 2008:66-78).

Dos periódicos publicados em Buenos Aires o *La Voz de la Mujer* manteve contato com doze, incluindo as publicações *El Perseguido*, *La Questione Sociale*, *El Oprimido*, *L'Avvenire*. Os jornais do interior da Argentina também mantinham contato com o periódico feminino, periódicos como *La Anarquia*, *La Libre Iniciativa*, *La Verdad*. (OVE, 1978:450).

Periódicos da França (*Les Temps Nouveaux*, *La Débâcle Sociale*, *L'ami des Ouvriers*), do Uruguai (*Derecho a la Vida*), da Espanha (*La Voz del Rebelde-Zaragoza*, *La Idea Libre-Madri*) e dos Estados Unidos (*El Esclavo- Pampa/Flórida*, *El Despertar- Nova York*) também mantinham uma rede de intercâmbio com o *La Voz de la Mujer*. Enviaram jornais e textos para publicação, além de colaborarem financeiramente para manutenção da folha.

Essas redes construídas entre os anarquistas de outros continentes tinham como finalidade expandir e desenvolver as ideias, fazendo com que os textos pudessem circular em diversas línguas. No *La Voz de la Mujer* ao final do exemplar de número três publicou-se um aviso para recolhimento de dinheiro objetivando a publicação e tradução do texto *La Sociedad Futura* de Jean Grave. O aviso tem como ênfase a facilitação da difusão desse material, que seria traduzido por um grupo de Madri.<sup>29</sup>

Atualmente diversos historiadores têm trabalhado essas redes de intercâmbio anarquista dentro da perspectiva transnacional, acreditando que através do que chamam de História Global possam ter melhor dimensão do movimento anarquista da localidade estudada, no caso deste trabalho a cidade de Buenos Aires.<sup>30</sup> Segundo Cunha (2017), existem três tipos de rede: uma

<sup>29</sup> O mesmo aviso também aparece nos periódicos *El Oprimido* e *La Anarquia*.

<sup>30</sup> Sobre transnacionalismo/História Global ver BANTMAN; BERRY, 2010; GODOY, 2013.

rede que editora esses folhetos, jornais, livros; uma rede que distribui esses materiais e uma rede que acolhe os militantes exilados. (CUNHA, 2017:12-16).

As redes vão além de contatos entre publicações, as cartas enviadas por companheiras e companheiros de outros lugares também fazem parte desse projeto de propaganda, no caso do *La Voz de la Mujer* um projeto de propaganda feminina. Na seção Correspondencia do exemplar de 15 de maio de 1896 aparece um aviso destinado a quatro mulheres de expressão internacional no que se refere a questão da mulher, questionando sobre os recebimentos de correspondências.

Esse envio de cartas entre as redatoras do periódico e outras mulheres do anarquismo internacional serve para que possamos entender essa rede de intercâmbio entre as libertárias de todo mundo e o periódico *La Voz de la Mujer*. O objetivo era estreitar as ações de militância em favor da propaganda para mulheres e divulgar as ações do jornal. O aviso dizia: “Soledad Gustavo, Louise Michel, Emma Goldman, Rosário de Acuña: os hemos escritos, ¿habéis recibidos las cartas?”. (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:4).

Outras cartas também foram enviadas e recebidas de cidades e bairros no exterior, como por exemplo Brooklin em Nova York, onde as libertárias mantinham contato com o grupo *El Ideal*. De Barcelona, cidade onde a revista *Ciencia Social* era publicada, e da qual o *La Voz de la Mujer* recebia com constância exemplares do semanário. O periódico também circulou na cidade do Rio de Janeiro, através da militante de nome María Villa, cuja carta foi publicada no exemplar do dia 18 de outubro de 1896 (número sete). Acompanhando a carta, as redatoras escreveram um pequeno texto de boas-vindas para a militante; boas-vindas ao movimento anarquista como um todo e ao *La Voz de la Mujer*.<sup>31</sup>

He aqui la carta:

Señoras redactoras de LA VOZ DE LA MUJER

Señoras mías: He leído varios números de vuestro periódico, y sintiéndome sumamente conmovida por vuestra decisión y arrojo, y orgullosa a la vez, con mi manera de pensar pues ya veo que no soy sola, deseo me manden el periódico a la dirección abajo indicada, y contar desde ya con lo poco que mi humilde y aún jóven persona puede seros útil.

Nada sé, concretamente, de los ideales redentores que propagais en vuestra franca publicació; pero dueña yo, de una imaginación por demas pensante y ansiosa de analizar las causas que producen los malos efectos de que esta infectado el mundo, entreveo en vuestros escritos, los mismos pensamientos que embargan mi desorientada mente y los cuales siempre han quedado por solucionar, hasta que después de leer vuestro periódico, he podido conseguir en parte, lo que tantos ratos de sueño me ha quitado y embargado mi mente en los ratos de soledad.

Dispensadme, queridas señoras, por lo tosco e inconveniente de mi estilo, pero no puede por menos que demostraros mi eterna simpatía. Que no se olviden mandar el periódico a Carmen Diaz, para entrega a María Villa, Rua do Livramento núm.110. En Río de Janeiro.

---

<sup>31</sup> O texto assinado pelas redatoras chamava-se ¡Bienvenida!

Adjunto y remito un peso para ayudar al periódico y se despide de Uds., deseándoles larga vida para bien de la humanidad su S.S.  
María Villa.  
Rio de Janeiro, setiembre-96. (*La Voz de la Mujer*, 18 out. 1896:2).

A escolha de publicar essas cartas foi o meio encontrado pelas redatoras para revelar as leitoras e leitores sobre a recepção do jornal em outros países, estreitando as relações com as apoiadoras e apoiadores locais e divulgando a grande circulação e propaganda que o *La Voz de la Mujer* estava tendo.

Ainda na construção de uma rede de propaganda e de ideias, as redatoras mantiveram contatos com uma sociedade alemã de mulheres, chamada *Deutscher Frauen Verein*, cujo debate gira em torno do tráfico de mulheres. Não obstante as críticas que empreenderam a posição da sociedade alemã, essas libertárias buscam estreitar os laços objetivando construir uma solução comum para esse grave problema que acomete as mulheres latino-americanas e europeias.

Essas redes com outros periódicos não se limitavam apenas a imprensa anarquista, com frequência as redatoras publicavam notícias que saíram em jornais da imprensa burguesa e até mesmo da imprensa socialista. Os artigos de periódicos como *La Nación*, *La Prensa* e *La Vanguardia* eram replicadas e posteriormente comentadas, mantendo assim um diálogo crítico com outras folhas não-anarquistas. Mesmo que essa relação não seja uma rede colaborativa, possuía aspectos de uma rede de ideias que foram desconstruídas no intuito de orientar as leitoras e leitores do *La Voz de la Mujer*.

Essas redes construídas serviam como resistência contra a adversidade da repressão, ainda que não tivessem atingido o *La Voz de la Mujer* em seu início, atingiram os militantes que compunham esses grupos ideológicos. O Estado, através do seu braço armado, a polícia, reprimia os eventos e reuniões de discussões de temas políticos e estratégias de lutas desses grupos de luta e resistência.

### 1.3 ¿LA ETERNA PLEBE? LA VOZ DE LA MUJER COMO MATERIALIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA.

Na tentativa de diferenciar sua luta de emancipação dos demais veículos de comunicação que surgiram na Argentina, o *La Voz de la Mujer* inaugurou um novo momento na história do anarquismo argentino, já que até seu aparecimento uma luta feminina ainda não tinha significância evidente no movimento operário como um todo.

As mulheres que integravam o grupo editor do periódico *La Voz de la Mujer* pertenciam, naquele momento, à classe operária e dentro dela ao movimento anarquista. A execução de um projeto como o jornal, fruto de interesses coletivos femininos, as coloca em um novo espaço e permite que formem um novo movimento, um movimento que articula seus próprios interesses baseados em uma autonomia própria.

Como membros do proletariado essas mulheres tiveram sua autonomia “provada” no instante que decidiram realizar um projeto jornalístico baseado em reivindicações passadas e presentes. Essa autonomia gerou-se a partir de uma consciência própria adquirida dentro do próprio proletariado. Sobre essa questão Castoriadis nos diz:

Ouso dizer que falo disso com conhecimento de causa; pois, ao mesmo tempo em que a crítica da burocracia e de degenerescência da revolução russa me levou à ideia da autonomia do proletariado e às suas consequências diretas- ou sejam de que não há “consciência” do proletariado fora do próprio proletariado, de que a classe operária não pode exercer seu poder através de uma “delegação”, qualquer que seja sua forma, de que (se ela não pode se dirigir a sociedade) ninguém poderá fazê-lo em seu lugar. (CASTORIADIS, 1985:15).

Os textos de Castoriadis que compõem o livro *A Experiência do movimento operário* são na verdade artigos que já foram publicados anteriormente nas páginas da revista francesa *Socialisme ou Barbarie*. No livro, o autor discute sobre as formas de luta e organização política dos militantes. Sua compreensão no que diz respeito ao conteúdo do socialismo se difere das teorias marxistas e suas interpretações.

Em seu entendimento, o real conteúdo do socialismo não reside na conceituação de um modelo de administração econômica pensado a priori, mas emerge como resultado de uma construção popular através do acúmulo de experiências históricas vindas do aprendizado cotidiano dos trabalhadores. (ROMANI, 2013:10).

O periódico *La Voz de la Mujer* é resultado dessas experiências históricas adquiridas no dia a dia, fazendo parte de uma organização política que é fruto de uma manifestação da vida histórica. A criação desse veículo de comunicação seria o resultado do fazer de um determinado grupo da classe operária, o que caracteriza a autonomia dessa mesma classe. E redigir esse jornal seria a atividade que esse grupo realiza ao longo de sua existência, mesmo que seja um grupo que apareceu momentaneamente.

Esse fazer não está relacionado com uma movimentação espontânea ou passiva por parte dos integrantes de uma classe, mas sim com uma reação concreta, tentando resistir a

determinado momento. No caso da fundação de um jornal não tem a necessidade de localizar essa resistência, já que a mesma se encontra explícita e inserida no processo histórico.

As mulheres do *La Voz de la Mujer* não adquiriram de imediato uma consciência de classe, mas analisando suas condições de trabalho e de vida se viram enquanto grupo oprimido e explorado por diversas camadas sociais, inclusive dentro do próprio movimento operário. Sua capacidade não está em permanecer com uma classe explorada, mas como executoras de um projeto revolucionário possível, no caso do jornal, um projeto de Revolução Social através da bandeira anárquica.

Tomando Castoriadis como referência, é possível afirmar que sua consciência foi adquirida dentro da vivência nos locais onde essas mulheres foram oprimidas. Nesse aspecto Castoriadis se aproxima de E. P. Thompson, para quem consciência de classe é:

a forma como as experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. (THOMPSON, 1987:10).

Voltando a pensar o *La Voz de la Mujer* como uma experiência materializada, podemos considerar que essa é uma atitude do fazer proletário ao longo da história. A luta das mulheres em erguer um jornal, em redigir textos e fazer a constante manutenção de uma rede pode ser vista como uma forma de organização desse fazer.

Castoriadis enxerga a luta dos operários como algo mais implícito e ao mesmo tempo informal que se assemelha justamente à luta aqui discutida, a das mulheres. Sobre essa luta afirma:

[...] conseguiram modificar substancialmente sua situação efetiva na família, na sociedade e em relação à qual organizações e manifestações explícitas representam apenas a pequena parte descoberta de um iceberg. (CASTORIADIS, 1985:64-65).

Castoriadis argumenta que o proletariado é determinado no processo histórico pelo seu fazer, pela sua atividade concreta, mas também pela concretude de suas relações nas quais se envolve ao longo do processo de luta. Através dessa atividade própria, segundo Castoriadis, ele cria um projeto social revolucionário.

[...] desde então e durante muito tempo, esses diferentes aspectos- luta cotidiana, implícita na produção, lutas econômicas ou políticas explícitas, projeto revolucionário- não podem mais ser separados, nem “objetiva” nem subjetivamente, a não ser num sentido derivado e secundário; o que impede também de traçar uma

linha de demarcação absoluta entre o “imediato” e o “histórico”. (CASTORIADIS, 1985:60-70).

Para Castoriadis, esse fazer transforma as relações do proletariado com o sistema social em que está inserido e automaticamente instituído, sendo essa camada parte importante na evolução de todo o sistema. Sobre essa evolução, o autor afirma:

[...] sobretudo uma nova ligação de uma camada social com a sociedade e a história enquanto tais, na medida em que a atividade dessa camada faz surgir a perspectiva explícita de uma transformação radical da instituição da sociedade e do curso da história. (CASTORIADIS, 1985:70-71).

Castoriadis afirma que o projeto revolucionário é muito extenso e não pode ser executado por único grupo específico, mas sim por uma coletividade formada por todos os membros do proletariado. No caso do periódico *La Voz de la Mujer* a coletividade a ser formada é a das mulheres, mesmo que essa coletividade contenha homens o projeto revolucionário só pode ser executado, na visão das redatoras do jornal, por mulheres que já tenham previamente passado por todo o processo de construção desse coletivo.

O próprio jornal se faz como coletivo e ao mesmo tempo materialização desse projeto revolucionário a ser executado de maneira a construir uma nova identidade esse grupo de mulheres já muito instruídas através do seu fazer.

Essas experiências coletivas passadas resultam nas lutas futuras e cotidianas constituídas através de uma organização que é feita através das necessidades que vão surgindo com o decorrer das mudanças nas lutas sociais.

No caso particular do periódico *La Voz de la Mujer* a organização política das mulheres refletiu na organização de outras mulheres que tinham acesso ao jornal, as experiências coletivas passadas do periódico transformaram em experiências presentes, que podem ser materializadas através de outras lutas. A luta de um coletivo feminino, como o *La Voz de la Mujer* não tinha uma direção ou uma liderança específica, acabava se confundido com a luta política dos anarquistas.

A vivência do coletivo fundador do veículo em fábricas e/ou oficinas despertou para a necessidade de criar outro braço político para a luta feminina, mantendo ainda a essência de uma organização que agrega a todas as necessidades do proletariado, como no caso do próprio movimento anarquista. Algumas mulheres libertárias, como Emma Goldman, acreditavam que o movimento era muito amplo e por isso aglutinava todas as lutas que terminassem na emancipação do ser humano.

O *La Voz de la Mujer* pode ser definido como materialização de uma experiência previamente vivenciada por um coletivo com objetivos únicos, investindo na conscientização através da educação e da pedagogia de seus textos. As experiências individuais dessas mulheres podem ser definidas de outras formas, dependendo de como essa experiência reflete em seus escritos.

Se analisarmos superficialmente essa experiência materializada através do *La Voz de la Mujer* chegaremos à conclusão de que existe uma articulação entre a experiência e a cultura desse determinado grupo social. Ainda que o grupo seja formado por mulheres libertárias e redatoras de um veículo jornalístico, elas se articulam com a cultura do próprio anarquismo que dispõe de meios para viabilizar a construção de uma luta ainda que seja para um grupo específico, como as mulheres.

Percebe-se, também, uma articulação entre a cultura burguesa e a cultura expressada no periódico, na qual uma necessita da outra para erguer os fundamentos da sua luta. A cultura burguesa, por sua vez, é vista como a fonte da exploração e de todo mal que atinge os proletários, nessa cultura se articulam pela necessidade de explorar tendo como resultado o acúmulo de riquezas. A cultura expressada no periódico, também é a cultura da luta, pois desde jovens aprendem que são explorados e sentem a necessidade de alcançar, por meio da luta, a liberdade pretendida.

No caso específico das mulheres existe, ainda, uma articulação entre experiências masculinas e femininas, daí a necessidade de concretizar um jornal feminino como forma de luta e organização política. Mais que uma experiência materializada, o *La Voz de la Mujer* é uma experiência feminina que fez laboratório em outras publicações passadas, mas que não tinha a essência do coletivo feminino.

Castoriadis questionou com veemência o imediatismo com o qual os trabalhadores sempre lutaram, quis dizer que esse imediatismo gerava uma falta de sequência dos fatos na história do movimento operário. Argumentava que os trabalhadores tinham a necessidade de superar o imediatismo das suas reivindicações e concentrar-se em preocupações gerais da própria organização, citando o exemplo das lutas por uma causa imediata. No caso do *La Voz de la Mujer* suas criadoras tiveram a preocupação de estabelecer um espaço no qual pudessem recuperar as lutas históricas femininas e do próprio anarquismo, livrando-se do imediatismo e transformando tais lutas em uma permanência até a Revolução Social que tanto almejavam.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Sobre o legado dessas lutas e do periódico *La Voz de la Mujer* ver capítulo quatro.





FONTE: Americalee, CeDInCI.

¡ADELANTE, COMPAÑERAS!

## 2. *OBREROS Y OBRERAS: AS TEMÁTICAS GERAIS DO ANARQUISMO SOB OLHAR FEMININO.*

“O anarquismo, portanto, realmente representa a libertação da mente humana do domínio da religião; a liberação do corpo humano do domínio da propriedade; a liberação das correntes e restrições do governo. O anarquismo representa uma ordem social baseada na livre associação de indivíduos.”

**Emma Goldman.**

As temáticas gerais eram geralmente discutidas por todas as correntes do anarquismo. Essas discussões muitas vezes tinham pontos de vista diferentes, porém, procuravam refletir as experiências de seus autores.

Alguns desses temas surgiram nas experiências dos participantes da Comuna de Paris, que determinaram algumas diretrizes a serem seguidas. Os temas são voltados para os anarquistas, para todos os tipos de leitoras e leitores, que são tocadas e tocados pelo modo familiar e intimista com que as redatoras desenvolviam os argumentos.

Essas ideias parecem sempre atuais; a luta anticlerical, o antimilitarismo, o internacionalismo, a propaganda pelo fato dentre outros tinham propósito central de fomentar a consciência das militantes e dos militantes, demarcando as forças sociais em conflito e, portanto, identificando os verdadeiros opressores.

### 2.1 *¡ABAJO LOS CLERICALES DEL MUNDO ENTERO! O ANTICLERICALISMO NAS PÁGINAS DO LA VOZ DE LA MUJER.*

De origem francesa, o termo *anticlerical* surgiu pela primeira vez por volta de 1850, sendo apropriado por grupos extremamente heterogêneos. A própria palavra esteve associada a diversos sentidos como blasfematório, marxista, revolucionário, pornográfico, jurídico, comunista, popular, terrorista, estatal, literário, maçônico, ideológico, anarquista. Antes de se estabelecer na América como um todo, já era uma palavra utilizada por grupos de extrema-direita e de esquerda na Europa. O anticlericalismo seria a ruptura desses grupos heterogêneos com toda estrutura eclesiástica e simbólica que poderiam representar a Igreja. (VALLADARES, 2000:9; SANTOS, 2014:49).

No decorrer das décadas dos séculos XVIII e XIX, os beatos, padres e madres tiveram uma mudança em sua identidade religiosa, que se concretizou pela estagnação de uma figura idealizada de sujeito, inclusive no campo literário. Segundo Cristian Santos (2014), a

introdução da racionalidade como forma para o progresso dos povos, ou até mesmo a defesa do conhecimento racional como modo para vencer preconceitos e ideologias políticas tradicionais, reduziu a atuação da religião provocando aversão à instituição clerical. (SANTOS, 2014:49).

Se analisarmos os percursos que o anticlericalismo fez ao longo da história, podemos afirmar que o seu discurso sempre foi muito ácido e radical, enfatizando a falta de benefícios da estrutura eclesial para a sociedade e para o indivíduo. No início do século XVIII, o discurso anticlerical começa a ter uma definição mais específica, fazendo críticas aos prestígios e às influências da Igreja na esfera da vida pública, principalmente na relação entre Igreja e poder estatal, pois os membros do clero, como representantes da instituição Igreja, indicavam pessoas para as fileiras do Estado, reafirmando seu plano político de poder. (SANTOS, 2014:50).

A relação entre Igreja e Estado, já no início do século XVIII e ao longo do século XIX, começa a ser tornar insustentável. Novos projetos políticos começam a surgir sem contemplar as ideias do clero e estabelecem uma separação entre os dois poderes. Assim, a Igreja vai deixando de interferir nas escolhas e indicações para cargos de poder do Estado.

Após o surgimento e consolidação do anticlericalismo no seio de determinados grupos sociais e políticos, as decisões da Igreja eram vistas como algo negativo e as atitudes de padres, bispos, cardeais e até mesmo do Papa passam a ser vistas como antigas, arrogantes e incapazes de abranger um discurso mais racionalista. Até mesmo o Papa “com seu séquito, bulas e solenidades, é encarado como a encarnação de um passado triste e insepulto.” (SANTOS, 2014:51).

[...] o discurso anticlerical vai se delineando: por um lado, um anticlericalismo nascido de dentro, disposto a restabelecer o estado primitivo das coisas, cortando na própria carne todo o que se distanciasse da proposta evangélica. Esse movimento brotaria de uma aspiração reformista e seus agentes estão ideologicamente comprometidos com o discurso cristão. Trata-se, portanto, de um anticlericalismo nascido na Igreja e dirigido a ela. Por outro lado, há uma profusão de movimentos engendrados a partir de uma concepção restritiva à Igreja, contemplada como entidade hegemônica e anacrônica. Tudo o que provém de seu seio é recebido com suspeição. As decisões emanadas de Roma parecem arrogantes e antiquadas, incapazes de acompanhar o espírito modernista que vai se firmando. [...] (SANTOS, 2014:51).

Caro Baroja em sua obra *Introducción a una Historia Contemporânea del Anticlericalismo Español* (1980) identifica três momentos do anticlericalismo na história do Ocidente. Entre os três momentos, o segundo contempla a ideia da negatividade que vinha sendo atribuída, por parte da sociedade, aos membros da Igreja; ao comportamento de padres, bispos que se desviavam da conduta religiosa adotada por eles mesmo no ato de entrar na escola seminarista. Essa negatividade foi redirecionada à instituição Igreja, sendo os desvios de

conduta um reflexo da infidelidade de seus membros a Deus, fazendo da instituição responsável por essas atitudes. (BAROJA, 1980:102).

As mais variadas manifestações anticlericais no decorrer da História tenderam a provocar movimentos de mudanças, construindo novos sentidos e rompendo com uma importante instituição da sociedade.

[...] diversas e distintas manifestações anticlericais [...] constituíram-se em fenômenos deflagradores de mudanças, trazendo em seu bojo uma intencionalidade marcante de construir novos significados, o que, evidentemente, pressupunha romper, em maior ou menor grau, com a concepção discursiva de instituições e pessoas formadores de opinião. [...] (SANTOS, 2014:53).

A partir de determinado momento as mais diferentes correntes de pensamento encontram-se em dois campos opostos: clericais e anticlericais. Cada uma das duas frentes propagará diversos motivos para comprovar a sua verdade e reafirmar suas ideias no plano religioso ou social, “ambas as malhas axiológicas são tecidas a partir da oposição de atributos, desafiados num discurso antético: luz e trevas, liberdade e escravidão, modernidade e tradição.” (SANTOS, 2014:58).

As acusações de que os anticlericalistas eram ateus foram encarados como uma estratégia de desconfigurar o discurso do opositor. Mas, ser anticlerical não significava ser ateu, embora o ateísmo fosse uma possibilidade do anticlericalismo.

[...] declarar alguém ateu é negar validade as suas proposições, é fazê-lo inimigo da sociedade que, mesmo em crises profundas, ainda se reconhece como cristã. O grande desafio dos modernistas é opor-se ao pensamento clerical da época sem se apresentarem como inimigos da fé. [...] (SANTOS, 2014:60).

Em alguns grupos, as representações do movimento anticlerical são configuradas a partir da ressignificação de elementos que são parte do clericalismo. As primeiras manifestações do anticlericalismo por grupos de esquerda, por exemplo, se deram no plano estético. Imagens, caricaturas colocaram um olhar de deboche sobre os membros do clero, a fim de ridicularizar e expressar seu repúdio acerca da instituição e seus componentes.

O anticlericalismo, em suas diversas facetas, foi também muito forte dentro do movimento anarquista, tanto na Europa como na América, destacando-se os exemplos de Argentina e Brasil.<sup>33</sup> O anticlericalismo libertário constitui-se em um movimento político

---

<sup>33</sup> No Brasil destacamos o periódico *A Lanterna*. Em sua primeira fase foi fundado por livres pensadores, e depois um grupo anarquista assumiu a edição. Sua fundação foi no ano de 1901, na cidade de São Paulo sendo um

militante, reunindo uma gama de manifestações contra a instituição Igreja e seus membros. Tais manifestações incluíam críticas ácidas explícitas e diretas, por meio de artigos em periódicos, poemas, contos, caricaturas, charges e desenhos temáticos nos quais padres eram representados por homens obesos e depravados e madres como mulheres imorais e pervertidas.

O movimento anticlerical que esteve presente no periódico *La Voz de la Mujer* se resumia em uma luta constante contra os padres, a Igreja, a agregação da Igreja com o capital, a falta de liberdade individual de todas as mulheres e homens, a hipocrisia dos representantes religiosos. A própria ideia de Deus, para os anarquistas, implicava a anulação da liberdade humana já que instituía um sistema de relações hierarquizadas entre Criador e criatura. (BAKUNIN, 1988:40-41). O próprio lema do jornal inclui *Ni Dios*, negando assim Deus e a sua instituição representante na terra, a Igreja.

O primeiro texto sobre o tema aparece no terceiro exemplar do *La Voz de la Mujer*, embora muitos artigos tragam a questão da dominação clerical como um dos braços do sistema capitalista, conseqüentemente da opressão humana. Publicado no dia 20 de fevereiro de 1896 o artigo *Histórico (Colaboración): En el confesionario. El padre confesor y una niña de 15 años* descreve, em princípio, um diálogo entre uma menina e um padre. Inicialmente a conversa acontece no confessionário, onde o padre assedia a menina sexualmente. Em seu segundo momento, o artigo faz uma reflexão sobre o papel da religião na vida das famílias e das mulheres/meninas, enumerando os pontos negativos.

No início do diálogo com o clérigo, a jovem de 15 anos afirma que sua mãe está enferma; razão pela qual tem faltado às missas: “— Padre, mi madre estava enferma, sin ninguno que la cuidase, y yo no podía abandonarla”. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2). Se para uma menina religiosa isso parecia ser um “pecado” comum, para o clérigo não o foi. Utilizando-se de seu poder de superior respondeu à menina: “— Pero desgraciada, no sabéis que primero es el alma y después el cuerpo, pero continuad.” (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2).

Esse diálogo doutrinal estava permeado pelo medo da jovem em relação a uma possível punição divina, já que o padre demonstrava sentimentos de ódio e rancor pela adolescente. O recurso de uma linguagem popular<sup>34</sup>, aliada com a ironia, tinha como objetivo atrair o público receptor na crítica às instituições que davam base à ordem estabelecida. (MARTINS; SOUZA, 2015:3088).

---

instrumento de combate anticlerical. Existiram, também no Brasil, várias Ligas Anticlericais. Essas Ligas não eram necessariamente anarquistas.

<sup>34</sup> Uma linguagem simples, acessível e de fácil compreensão.

Na sequência da narrativa confessional, o padre pressiona a menina a dizer quais outros pecados ela estava guardando. A jovem, então, entra em um assunto pouco convencional para uma confissão e que envolve uma situação íntima, demonstrando na conversa que a adolescente se sentiu constrangida ao confessar que se masturbava. Nesta parte do diálogo doutrinal, a confissão torna-se na verdade um interrogatório “inquisitorial”, com a pressão do clérigo sobre a jovem constrangida.

[...]— Padre, además hace algunas noches que al acostarme...  
— Yo veo que os falta el coraje, pero para ser más fácil la confesión os interrogaré.  
—¿Cuándo os desnudáis no tocáis con vuestros dedos ciertas partes del cuerpo?  
— Sí padre (Se pone colorada).  
— ¿Y encontráis placer en hacer eso?  
— Y decidme, ¿en qué parte del cuerpo tocáis con vuestros dedos?  
— ¡Padre!...  
— Hija mía, me lo tenéis que contar todo si no os doy la absolución. ¿Os tocáis acaso en el cuello?  
— No, padre, más abajo.  
— ¿En el seno tal vez?  
— Más abajo padre.  
— ¿En el vientre será?  
— Un poco más abajo padre (Se pone roja de vergüenza)  
— ¿Os tocáis por desgracia la...?  
Sí, padre. (La niña se pone a llorar). [...] (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2).

A cena passada entre a menina e o clérigo é colocada sob a forma de diálogo doutrinal a fim de mexer com as ideias das leitoras e leitores, propondo que se coloquem no lugar da adolescente assediada.

O clérigo questiona a menina sobre quantas vez a prática foi realizada, aproveitando para convidá-la a se dirigir até sua cela.<sup>35</sup> O constrangimento do diálogo se estende quando a jovem de 15 anos afirma que não se recorda quantas vez praticou o exercício da masturbação, deixando claro que era uma prática recorrente. Seguindo o interrogatório, o vigário questiona como uma adolescente tem conhecimento dessas práticas sexuais e a resposta irrita o padre:

[...] — Sí, padre; no os acordáis cuando yo tenía 10 años vine aquí a confersar-me, y vos me habéis preguntado si yo no me ponía los dedos en... esa parte que vos sabéis, y yo os conteste que no sabía hacer eso, y además me habéis dicho que todas las niñas hacían eso, yo que era muy bonito. Entonces a la noche quise probar, y sintiendo placer lo seguí haciendo. [...] (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2).

A reação do vigário é de revolta, ofendendo a menina de 15 anos com palavras depreciativas, como “Desgraciada”. As preocupações do padre começam a aparecer no diálogo

---

<sup>35</sup> Aposentos do sacerdote. Local pequeno e rústico.

quando a menina é questionada sobre as práticas sexuais com outras meninas e outros meninos, recebendo o clérigo uma resposta negativa da menina: “No padre”. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2).

O diálogo transforma-se, então, em um verdadeiro interrogatório sobre as experiências sexuais da adolescente. Os questionamentos giram em torno das vivências sexuais dessa jovem com um homem, as perguntas aguçam a curiosidade da adolescente que questiona ao padre o que tem os homens; “— ¿Padre, qué es eso que vos llamáis...que tienen los hombres?” (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2). Com a resposta negativa da jovem, o padre diz que os homens têm algo que pode satisfazer a felicidade de qualquer pessoa, despertando mais uma vez a curiosidade da jovem, que aceita a proposta do padre para ir até seus aposentos.

[...] — ¿Padre, qué es eso que vos llamáis...que tienen los hombres?  
— Hija mía, es una cosa con la cual se puede hacer la felicidad de **cualquier persona**.  
— ¿Cómo se hace eso padre?  
— Venid conmigo os enseñaré. (Ya no puesto más)  
— Os sigo padre. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2, grifo nosso).

Nada constrangido, o sacerdote segue se insinuando para menina, prometendo mostrar a ela a felicidade que os homens dão a todas as pessoas. Em um diálogo sobre os atributos sexuais de um homem, dizer que a “felicidade do homem” pode favorecer todas as pessoas, remete a ideia de que mulheres e homens podem ter uma experiência sexual com o sexo masculino. Nesse sentido, evidência que a homossexualidade também é cogitada pelas libertárias.

Ambos estão na cela, onde o assédio sexual<sup>36</sup> continua, agora com o padre completamente nu diante da jovem de 15 anos, atacando-a com ferocidade. A jovem foge, escapando de um estupro.

[...] El padre confesor con los ojos encendidos y fuera de la órbita se desnuda, la niña se avergüenza al verlo como la madre lo echó al mundo; el padre confesor con la baba en la boca se abalanza sobre ella, la niña por instinto de conservación abre la puerta y huye, y nunca jamás se presentó al confesionario ni tampoco va a la iglesia porque se ha convencido de que as una farsa que representan esos infames. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2).

---

<sup>36</sup> Por assédio sexual, entendemos como: [...] todas as condutas de natureza sexual, quer sejam de expressão física, verbal ou não verbal, propostas ou impostas a pessoas contra a sua vontade, principalmente em seu local de trabalho, e que acarretam um ataque à sua dignidade. A maior parte desses comportamentos é dirigida contra as mulheres e constitui uma expressão de poder dos homens sobre elas. (ALEMANY, 2009:26).

A confissão se encerra como a fuga alucinada da jovem de 15 anos. O diálogo, mesmo que doutrinal com o intuito de servir de exemplo para as leitoras e leitores, é a descrição de uma confissão, a qual, para os libertários, era um dos meios disponibilizados pela Igreja para exercer seu poder sobre as pessoas, dominando as consciências, além conter uma questão sexual envolvida. (MARTINS, 2006:330). O periódico *A Lanterna* publicou o que seria a definição de confissão para os anarquistas.

A confissão.

A confissão é a base da Igreja romana moderna, é a arma de combate com que o papa com seu exército negro de abutres, domina a mulher, domina o lar, domina a sociedade, domina a nação, domina o mundo. [...] A confissão é inimiga da liberdade social pela tutela que estabelece sobre os membros por parte do clero católico. Ela chega a conhecer os mais secretos pensamentos que o cérebro humano pode gerar, ainda que a esse pensamento se oponha o natural pudor, sentimento inato em qualquer indivíduo da espécie humana. Ela despe a alma humana, roupagem toda, peça por peça e a expõe, inteiramente nua, aos olhos de um indivíduo, em geral mais perverso do que os miseráveis que se fazem traficantes de carne humana... Ela nulifica a personalidade do pai, o direito do marido, o respeito do filho, colocando acima do pátrio poder, acima do direito marital, acima do afeto do filho, a vontade absoluta, ilegal, imoral e desonesta de um **miserável libertino!** Ela tira dos braços maternos, em cujo amor puro e consolador se abrigada, a **donzela, inocente e casta**, atira-a covardemente à depravação e ao vício em nome de Deus e do papa! (*A Lanterna*, 15 out. 1910:2, grifo nosso).<sup>37</sup>

No início do século XIX, o clero aconselhou aos seus fiéis que praticassem constantemente o ato da confissão. O intuito era fazer o fiel se confessar, revelando seus pecados ao confessor com vistas à absolvição pelas faltas cometidas, de modo a alcançar o perdão divino por meio da penitência. O medo da morte e sobretudo o receio de não entrar no paraíso, fazia com que os fiéis buscassem as Igrejas para se confessar quase todas as semanas. E ao confessar seus “erros”, recebiam a penitência aplicada pelo sacerdote, na intenção de redimir seus pecados e conquistar o perdão divino. Ao mesmo tempo, pressupunha-se que os confitentes não cometessem novos “erros”. (VALLADARES, 2000:72).

O ato da confissão começou a ser renegado pelos anticlericalistas e até mesmo por fiéis menos radicais, que acusavam os vigários de se intrometerem na vida privada das pessoas. No ato da confissão, o indivíduo, principalmente a mulher, revelava seus sentimentos, ideias, fatos, permitindo que o clérigo se imiscuísse na intimidade dos lares, das famílias, dos casais, bem como reforçasse o poder religioso que protegia a Igreja.

Além disso, a confissão acabava sendo uma oportunidade para concretização de atos libidinosos dos padres com as mulheres, como no caso da menina de 15 anos, e até mesmo com

---

<sup>37</sup> A ortografia foi atualizada segundo os padrões atuais da Língua Portuguesa.



homens, rapazes e meninos. Na confissão, os padres também espionavam as pessoas, muitas vezes denunciando às autoridades atos que consideravam impróprios. A questão da confissão foi uma bandeira muito usada pelos anticlericalistas para respaldar suas campanhas e ideias. (VALLADARES, 2000:71-72).

Michel Foucault em sua trilogia *História da Sexualidade*, mais especificamente no volume 1- *a vontade de saber*, apontou que o conceito de confissão modificou-se ao longo dos séculos, estando entre os séculos XIX e XX relacionado com uma questão de status e de identidade, passando a ser entendido agora como reconhecimento de alguém, de si mesmo e de suas próprias ações. (FOUCAULT, 1988:58). O ato da confissão foi uma das técnicas desenvolvidas para se produzir a verdade, a verdade do próprio indivíduo consigo mesmo sendo confiada a outro, como o próprio diálogo em que as condutas mais secretas são reveladas ao confessor como um ato de confiança entre as partes.

[...] posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso da verdade que era capaz de (ou obrigada a) ter sobre si mesmo. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder. Em todo caso, além dos rituais probatórios, das cauções dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade. Desde então no tornamos uma sociedade singularmente confessada. [...] (FOUCAULT, 1988:58-59).

Foucault também aponta que o ato da confissão é uma relação de poder entre o confessor e confitente, argumentando também que a confissão é um “ritual de discurso” que visa tirar do confessado a mais pura expressão da verdade e do sexo, na medida em que a verdade e o sexo estão ligados pelo segredo individual. No diálogo apresentado, o confessor tenta tirar da confitente a verdade sobre as suas habilidades sexuais, previamente aprendidas com o próprio confessor, unindo assim as práticas sexuais e a verdade caracterizados como os segredos mais íntimos e individuais.

[...] é na confissão que se ligam a verdade e o sexo, pela expressão obrigatória e exaustiva de um segredo individual. Mas, aqui é a verdade que serve de suporte ao sexo e às suas manifestações. [...] a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, uma consequência extremas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. [...] (FOUCAULT, 1988:61).

Se analisarmos esse diálogo doutrinal, que compreende a primeira parte do artigo, notamos que a relação do confessor e da confitente é baseada não só na verdade, mas na obrigação de detalhar toda ação que está sendo confessada, no caso do diálogo entre o padre e a jovem de 15 anos o detalhamento de toda a prática da masturbação. Foucault aponta que a confissão sobre as atividades sexuais até relacionada à descrição detalhada do fato confessado, onde a mente recria todo ambiente, os pensamentos e as imagens do momento exato que o ato foi feito.

[...] não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato– e como; mas de reconstruir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém. Pela primeira vez, sem dúvida, uma sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confidência dos prazeres individuais. (FOUCAULT, 1988:63).

Após o diálogo a autora de nome Luisa Violeta, apresenta um texto crítico à instituição Igreja Católica, seus membros e à sociedade como um todo. No texto, a autora faz um alerta para que outras meninas não sejam vítimas de assédio moral, sexual ou até mesmo estupro.

O início do texto faz um apelo às famílias, cujos filhos frequentam igrejas ou podem a vir a frequentar. Os argumentos para convencer a leitora/leitor a não enviar seus filhos para se confessar são baseados nas experiências da própria Luisa Violeta, que revela ao fim do diálogo que a jovem da história, a menina de 15 anos, trata-se dela mesma. A informação é dada através de uma nota de rodapé:

(1) Queréis una prueba de que es histórico el hecho que acabo de relatar: Pues bien, el padre confesor vivía en la iglesia de la Piedad y la niña era yo. Luisa Violeta. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2).

Basear-se em experiências anteriores próprias aproxima a autora da leitora e do leitor, tornando não só a história mais robusta, mas criando uma intimidade entre locutor e o interlocutor. A criação da intimidade está relacionada com a confiança nas histórias/notícias publicadas no periódico *La Voz de la Mujer*.

Os padres são descritos como homens depravados e infames, cujo objetivo era o de levar as crianças e jovens até os confessionários e corrompê-las sexualmente. A descrição possibilita a leitora e ao leitor a criar uma imagem negativa de todos os clérigos e da própria instituição Igreja Católica. Após a introdução de um clamor às mães e pais, a autora aponta que casos de

assédio sexual, bem como de estupros são comuns, e que o abuso sofrido por ela não foi o único. Luisa Violeta descreve o caso de meninas estupradas em uma Igreja em La Plata.

[...] podría narrar muchísimos hechos para demostrar lo que digo, pero creo que vosotros y alo sabéis, solamente me limitarsé a contar un heco que ha pasado recentemente en La Plata. Una família mandaba a sus dos hijas, niñas de cortísima edad, a la iglesia de San Ponciano, y el **bandido de sotana** un día las tomó y las llevó a una celda y allí las violó. La niñas se encontraban en un estado grave y se desesperaba de salvarlas, los padres dieron aviso á la policia; no sé si el cura ha sido arrestado. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2, grifo nosso).

Diante dos casos de abusos que aconteceram e acontecem, a autora faz uma reflexão sobre o papel da própria Igreja e da sociedade no combate aos assédios e sobre a tomada de posição por parte dessas instituições. Ao mesmo tempo que reflete e questiona sobre o assunto, Violeta responde às próprias questões levantadas argumentando que o Estado, a sociedade, o judiciário e a Igreja parecem não se importar com a situação vivenciada por muitas jovens.

[...] ¿Qué dice de estol a Voz de la Iglesia? ¿qué dice el clero? ¿qué dice la sociedad burguesa? Pues nada, como si nada hubiera pasado. Padres de família, alerta contra esos mercadores de carne humana. ¿No veis que el confesionario es le cebo que ponen para atraer a las incautas y sacrificarlas en aras de sus apetitos carnales? Ellos las deshonran y como si no fuera suficiente, le añaden el desprecio y el insulto, ellos que con el cinismo que los caracteriza nos hablan de Dios, de perdón y de tantas otras farsas que ellos han inventado para cometer impunemente sus fechorías. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:2-3).

Luisa Violeta argumenta que a confissão é usada como armadilha para atrair as meninas para perto abusadores”. A figura do padre é vista como a de um homem cínico, que prega falsamente a palavra de Deus, tentando encobrir a verdadeira face. A autora argumenta, também, que as mães e os pais precisam perceber os sinais dados pelos próprios clérigos, argumentando que os padres têm ideias e “instintos negros”. Os “instintos negros” são comparados às vestimentas dos padres, a batina, cuja cor é petra.

Padres de família ¿no veis que sus instintos son más negros que el traje que visten? ¿no veis la máscara de la hipocresía que llevan? no os fiéis nunca de esos bandidos, ladrones y asesinos protegidos por sus Hermanos la *Autoridad y el Gobierno*. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:3, grifo do autor).

O alerta da autora não se dirige apenas às mães e aos pais, mas também às jovens e como elas devem tomar cuidado para não se deixarem manipular pelos clérigos, demonstrando como funcionam seus poderes de persuasão. O texto não muda de destinatário neste momento, segue

dialogando prioritariamente com a mulheres, com as adolescentes e com as meninas. Os pais são destinatários secundários, ainda que tão importantes quanto.

Violeta alerta para que as meninas não caiam na lãbia desses homens que usam palavras doces e inspiram confiança. A fim de sacramentar a aproximação com as leitoras e os leitores, a autora se dá como exemplo, afirmando que existem muitos outros casos graves de assédio por parte de membros da Igreja. Argumenta que os dois exemplos dados deixam bem claro o quão perigoso são os vigários.

[...] Y vosotras niñas si no quereis ser víctimas de esos asquerosos reptiles, no tratéis nunca con la gente que huele a sotana y evitad la ocasión, no yendo jamás a la iglesia. Con que, así, niñas queridas, alerta, porque os demuestran confianza y cariño, y es para que depositéis la vuestra en ellos y poder así engañaros y haceros víctimas más facilmente. Yo también he sido niña, y podría contaros algunas escenas más del confesionario y de la iglesia de que han sido víctimas mis compañeras de infancia, pero creo que tendréis suficiente con lo que acabo de relatar. [...] (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:3).

O artigo é concluído com instruções sobre como se emancipar; a emancipação implicaria na desvinculação de qualquer autoridade, e neste caso principalmente a autoridade eclesiástica. Luisa Violeta prega que o estudo das questões sociais que dizem respeito às proletárias e aos proletários são fundamentais, ao tomar ciência de sua própria situação entenderiam que somente através da Anarquia se poderia chegar à emancipação da humanidade e à libertação das consciências e dos corpos. A futura sociedade Anárquica seria espaço de triunfo da justiça, do progresso e do amor, onde iria vigorar uma Nova Era na humanidade.

Querida niñas, estudiad bien la cuestión social y os convenceréis que la Anarquía es la única idea verdadera de la emancipación proletaria, en donde desaparecerán todas las injusticias sociales y en donde empezará una nueva era de paz, armonía, libertad, progreso y amor. Cuando os habréis convencido de esta verdad, lucharemos todas unidas para provocar la gran Revolución social, la cual barrerá clero, gobierno, autoridad, capitalismo, códigos, leyes, magistratura y toda esa falange de atorrantes que nada producen y de que todo disfrutan sobre nuestros sudores. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:3, grifo do autor).

Luisa Violeta finaliza o texto convocando todas as mulheres e meninas a lutarem unidas. As mulheres são chamadas de “queridas” deixando mais uma vez explícita importância de se aproximar da leitora e do leitor. As palavras de ordem e luta são “Niña queridas, gritad conmigo: ¡Viva la Revolución social! ¡Viva la Anarquía!” (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:3).

Para os anarquistas, o motivo de tantos casos de abuso e violência sexual estaria no celibato, um princípio contrário à natureza humana; fator que impulsiona tais atitudes criminosas. Os padres, ao serem ordenados, adotavam uma vida de celibatário, uma vida de

renúncia; renúncia principalmente do casamento e da vida sexual. Entretanto, mesmo impedidos pelo sistema clerical, padres e freiras mantinham relações sexuais.

O segundo artigo que discute o anticlericalismo no periódico encontra-se no quinto exemplar datado de 15 de maio de 1896. A autoria desse segundo texto intitulado *La inmunda cloaca clerical* também é de Luisa Violeta. Inicialmente o texto respondia àqueles que, segundo Violeta, duvidaram de seu relato, argumentando que padres possuem boa reputação.

Analisando o texto podemos perceber que está dividido em três eixos; o primeiro é a resposta da autora aos críticos da primeira publicação no exemplar de número três, no segundo eixo Luisa interage com as leitoras e leitores, argumentando sobre a cultura que permite que os abusos e violências aconteçam e o terceiro eixo refere-se a uma crítica da autora a um periódico anticlericalista, que embora denunciasse os crimes dos clérigos, não trazia uma solução efetiva para a transgressão clerical.

Na primeira parte do artigo, Violeta publica uma carta destinada às redatoras e leitoras/leitores do *La Voz de la Mujer* afirmando que após a publicação de seu relato e de suas críticas recebeu muitas cartas de pessoas argumentando que os padres têm morais ilibadas e que o único objetivo daquele texto era prejudicar a reputação dos membros da Igreja Católica.

Compañeras do LA VOZ DE LA MUJER, Salud:

Al narrar el atentado (1) de que estuve a punto de ser víctima decía, entre otras cosas, que podía narrar muchos casos análogos de los cuales han sido víctimas algunas de mis compañeras de infancia.

Ahora bien, muchos al ler el relato de la Confesión habrán creído que es una farsa inventada por mí para danar la *buen reputación de esos no menos Buenos señores*. [...]

(1) Titulado Hecho Histórico, núm.3 de “*La Voz de la Mujer*”. (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:2, grifo do autor).

Para comprovar seus relatos e argumentos a autora afirma que já publicou no periódico anticlericalista *Giordano Bruno*<sup>38</sup> diversas notas, nas quais denunciava as violências que meninas sofriam durante as confissões. Na mesma carta/comunicado que envia às redatoras e as leitoras/leitores do *La Voz de la Mujer*, Luisa Violeta reedita a nota que, segundo ela, foi publicada recentemente no periódico anticlerical.

[...] Pero, para que vean que no son farsas, y sí cosas reales que a diario acontecen, transcribiré una pequena nota publicada no hace mucho tiempo por el diario “*Giordano Bruno*”, que publicaba en esta capital. “Francisco Ponza, violador de Catalina Toninetti en la Colonia Trébol, continúa impune. ¿No habrá algún lector que sepa dónde anda? Del cura Rassore de La Plata, violador de dos niñas, no se sabe nada

<sup>38</sup> Periódico *Giordano Bruno ciencia y racionalismo: semanario anticlerical*. Circulou entre 1893 e 1895 em Buenos Aires. Foi dirigido por Manuel Saénz Cortéz.

y su asunto sigue encarpetao. Los fetos de Puente Alsina...bien de salud. Las dignas madres...tan tranquilas en su casa. El presbítero Iglesias, violador de una niña de diez años en la Colonia San Justo, continúa diciendo misa en el Covento de San Francisco, en Santa Fe (sic). El jefe en el Rosario ordenó los 200 azotes al soldado Netto y el capitán que hirió a Felipe Guzmán continúan sin novedad en su importante salud. Esas monjas Catalinas prosiguen el sistema de las palizas con sus pobres dementes, y a pesar de nuestras denuncias nada se ha hecho para evitar que siga realizándose este método de curación.” [...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:2).

A nota transcrita apresenta vários relatos sobre abusos sexuais por parte de diversos padres de paróquias diferentes; os relatos têm em comum a questão da impunidade, já discutida no texto publicado anteriormente. Padres permanecem impunes com anuência da própria Igreja e da sociedade burguesa, incentivando uma cultura de abusos de jovens meninas. Além da atuação “perversa” dos padres, o texto de Violeta no periódico *Giordano Bruno* relata casos de madres que praticavam abortos e de conventos que estabeleceram sistema de espancamentos de jovens com problemas psicológicos. Diversas denúncias, segundo Luisa, foram oferecidas, mas nada foi feito para impedir os “métodos de cura” praticados pelas madres.

Luisa Violeta interroga suas leitoras e leitores sobre o pensamento delas/deles a respeito dos relatos feitos, questionando-as sobre a confiabilidade das notas. Analisando as afirmações feitas no segundo eixo do texto percebemos que membros da Igreja se defendem acusando e desacreditando todos os que denunciam ou que escrevem contra a instituição. O argumento da Igreja seria que se trata de caluniadores. Esses argumentos refletem quase que uma posição oficial da instituição. Sobre isso Luisa afirmou:

[...] Y bien, ¿qué os parece todo esto, compañeras? ¿son falsas por ventura estas cosas? No, porque de lo contrario los señores clericales ya habrían puesto el grito en el cielo, diciendo que los que tal cosa escriben son unos calumniadores, asesinos, apóstatas, y otras tantas lindezas escritas em estilo puramente clerical; ya hubieran gestionado y puesto en movimiento todo el personal de la *inmunda cloaca* para pedir ante las autoridades el castigo de los culpables. (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1895:2).

Nota-se que a instituição Igreja é chamada por Luisa Violeta de “imunda cloaca”, evidenciando o desprezo e o ódio da autora pela instituição e seus membros. Analisando a palavra cloaca na colocação que a autora empregou, observa-se que da instituição Igreja espera-se sair as piores ideias, as piores doutrinas, que forja os “perversos” homens (padres) e as “perversas” mulheres (madres) que julgam, violentam e oprimem as mulheres.

A autora discorre, também, sobre a cultura do silêncio promovida pela Igreja e que permanece até os dias atuais. As vítimas ficam em silêncio e temem falar sobre as acusações feitas, chegando até a negar as mesmas. Luisa Violeta argumenta que essa cultura do silêncio imposta pela instituição é uma posição oficial articulada pelos Papas desde São Pedro. O tom

usado no discurso pode parecer exagerado, porém, as palavras dramáticas são um caminho para que as leitoras e leitores formem uma opinião sobre essa cultura, sobre as denúncias. A autora argumenta que formar essa opinião é necessária para a ampliação da questão e para perceberem que existem razões reais para odiar a Igreja e seus membros.

[...] pero no ellos callan y bien sabrán el porqué, ellos no dicen una palabra sobre los hechos denunciados, ni tan siquiera Iso desmienten. ¿Sab éis compañeros que desde el tiempo de San Pedro hasta hoy que ocupa la silla papal León XIII, siempre estuvieron metiendo las manos en el fango? Farmaos una idea ¡oh, mujeres! de todos estos crímenes y muchos más que quedan ignorados, y decidme después si no hay razón para odiarlos. (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:2).

O jornal *Giordano Bruno* sendo da vertente do anticlericalismo publicou em diversos números algumas iniciativas que pretendiam punir os atos dos clérigos. Mesmo publicando no periódico Luisa Violeta fez diversas críticas ao método que o jornal usava para de fato combater a Igreja e suas atitudes autoritárias. Violeta questiona inicialmente os efeitos desses pedidos, argumentando que essas solicitações não podem ser atendidas pois os membros da Igreja contam com a anuência de superiores para prosseguir com as práticas libidinosas.

Usando uma analogia a autora tenta explicar que não se pode atacar somente os padres, madres, ou seja, não se pode individualizar os ataques, mas deve-se atacar toda a instituição. A comparação usada é matar uma formiga que acaba com uma planta e não eliminar o formigueiro por inteiro.

[...] pues bien, lo mismo sucede con esta cáfila de infames y cobardes; mientras castigemos los efectos y dejemos subsistentes las causas, siempre violarán niñas de diez años de edad, es decir que mientras no destruyamos el *hormiguero* (léase, iglesias, conventos, etc) será inútil pretender acabar con esas *hormigas* dañinas (curas, frailes, etcétera).[...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:2, grifo do autor).

Antes de retornar as críticas ao periódico *Giordano Bruno*, Luisa Violeta lista uma série de práticas usadas pela Igreja para punir seus desafetos ao longo de vários séculos. Desafetos como *Giordano Bruno*, *Geronimo de Praga* foram queimados por ordens de Papas, além do famoso *Galileu Galilei* que foi punido com anos de reclusão. No raciocínio da autora a Igreja utilizou armas para destruir e brutalizar durante décadas, então o único meio de eliminar seus erros e acabar com a instituição e conseqüentemente seus membros, seria usar as mesmas armas para destruí-los e assim libertar a sociedade da dominação de mentes e corpos que a Igreja exerce.

[...] pues bien, ¿sabéis cómo lograremos destruirlos? Os lo voy a decir: ellos emplearon la hipocresía, el fuego, el puñal y el veneno para apoderarse de los bienes de los unos, sacar a otros de en medio porque les estorbaban; por el fuego, el puñal y el veneno consiguieron embrutecer y aniquilar la Humanidad y sino recordad a Gerónimo de Praga y a Giordano Bruno quemados por orden de la santa madre iglesia, a Galileo preso en inmundas prisiones por la mis ma orden, a Ganganelli (papa), envenenado por orden de los cordenales, porque no estaba conforme con sus latrocinios; la matanza de los hugonotes, la noche de San Bartolomé, en Francia, etc., etc.; pues, las armas de que se han valido para aniquilar y embrutecer la Humanidad, empleémoslas nosotros para detruirlos a ellos y para libertar al género humano del ominoso yugo que lo tiene sujeto.[...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:2).

Retornando às críticas ao periódico *Giordano Bruno* a autora contesta a forma como o semanário conduz as questões das denúncias de violência sexual praticadas por clérigos. Os redatores do jornal, segundo Luisa, não compreendem que precisam destruir a raiz do problema e não só seus galhos (padres, madres).

Luisa Violeta compara as ideias anticlericais dos libertários com as do periódico *Giordano Bruno*, esclarecendo que são visões antagônicas do mesmo tema. Os anarquistas, segundo Violeta, têm um tom mais radical e as ideias anticlericalistas expostas no semanário *Giordano Bruno* demonstram certa convivência com a instituição Igreja, ou seja, atacam apenas seus membros que são o efeito e não a causa como um todo.

Os redatores do jornal e seu diretor Manuel Sáenz Cortés não são revolucionários, preferem um embate mais brando, apenas por meio da publicação de denúncias e crônicas. O tipo de anticlericalismo que o periódico aproxima-se do liberalismo.

[...] Los individuos que escriben el diario antes mencionado creo que deben comprender que no se destruyen las causas castigando simplemente los efectos. Ellos comprenden que nada se consigue y si no lo manifiestan públicamente, es porque sería darnos razón a nosotros y no les conviene dar aliento a nuestras avanzadas ideas; es porque saben que para destruir causas y efectos, nuestra divisa es: ¡No más explotación! ¡no más fanatismo! ¡no más gobernantes ni gobernados, ni ricos ni pobres! A ellos no les conviene nada de esto porque les gusta mejor pasar la vida de paseo y en escribir muchos artículos que no tienen más objeto que embrutecer a los incautos que los crean. Pero por desgracia ya se os conoce bien ¡canallas mistificadores! ya no encontraréis terreno propicio para sembrar vuestras falsas ideas. Ya hemos visto lo que es la *democracia* de la cual mucho hemos esperado y nada conseguimos; ya sabemos por experiencia propia que donde hay autoridad no puede haber libertad y por lo tanto toda clase de gobierno significa opresión, tiranía. [...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:5, grifo do autor).

O periódico *Giordano Bruno* defende a separação dos dois poderes principais da sociedade: Igreja e Estado. Violeta argumenta que essa separação não traria nenhum resultado benéfico para a sociedade, sendo apenas um paliativo e até mesmo um empecilho para o alcance da Revolução Social, já que os anarquistas acreditam na revolução completa e definitiva eliminando as autoridades que representam o mal maior da sociedade.



[...] En cuanto a la decantada separación de la Iglesia y del Estado, no es más que vana palabrería, pues ya sabéis que el gobierno y el capital precisan: un fraile que con la cruz embrutezca a las masas, un juez que castigue y un militar que asesine cuando noten síntomas de agitación en el pueblo; es también un dique que pretendéis oponer a las masas populares justamente resentidas contra los asesinos de la Humanidad, son paliativos que queréis aplicar para detener el majestuoso avance de ese gran oleaje que designamos con el nombre de Revolución Social. Pero lo repetimos, os conocemos demasiado para que podáis engañarnos de nuevo, y trataremos de presentaros ante el pueblo, tal como sois, *esto es ambiciosos que queréis agarrar la sortén por el mango y deseos de vivir en el dulce for niente*. No habláis de separación de la Iglesia y del Estado, de moral administrativa, etc., perfectamente, pero nosotros conscientes de lo que somos y de lo que deseamos, os decimos: no la separación de esas calamidades, que representan la una el embrutecimiento y la prostitución y el otro la tiranía, sino la abolición. [...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:2, grifo do autor).

A conclusão do texto se parece muito com a conclusão do primeiro artigo de Luisa Violeta. A autora argumenta que só por meio da Revolução Social é possível construir uma sociedade sem pátria, sem religião, sem burguesia, sem capitalismo, sem juízes, enfim sem os males da sociedade. A Revolução Social implementará a igualdade entre os povos, as ideias serão pautadas no comunismo-anárquico. As mulheres são incentivadas à luta permanente contra a Igreja, os clérigos e as madres, principalmente no período em que a Revolução ainda não acontece. A autora finaliza o artigo com palavras de ordem e luta: “¡Viva la Anarquía! ¡Viva la emancipación social! ¡Abajo los clericales del mundo entero!” (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:2).

Nota-se que as redatoras do *La Voz de la Mujer* estão totalmente de acordo com o que está publicado nos dois artigos, onde fica claro a exploração da mulher pela Igreja. O objetivo das libertárias ao expor casos de assédio e abuso sexual seria demonstrar em sua essência o caráter duvidoso e perverso dos membros da Igreja, ajudando a desmoralizar os padres com as denúncias e enfraquecendo o poder da Igreja como uma instituição que pretende guiar as consciências, interferindo nos lares e reprimindo os comportamentos e os desejos femininos.

## 2.2 ¡VIVA LA ANARQUÍA! DO DISCURSO À VIOLÊNCIA: PROPAGANDA PELO FATO SOB OLHAR DAS MULHERES.

Polêmica entre os libertários, a propaganda pelo fato, alcançou status após ser objeto de discussões sobre a possibilidade de ações mais efetivas no Congresso de Londres (1881), no qual os anarquistas que defendiam a ideia encontraram respaldo em suas conclusões. O Congresso de Londres aconteceu de modo clandestino nas dependências de uma taverna em

Charrington Street, onde compareceram em torno de 45 delegados, representando cerca de 50 mil pessoas. Durante todo o Congresso os governos europeus se mostraram preocupados a ponto de pensarem em barrar o encontro. (WOODCOCK, 2014:27).

Diversas teorias que estava em ascensão naquele momento foram discutidas durante o Congresso, deixando evidente a proliferação de correntes heterogêneas. A propaganda pelo fato, ou pelo feito e as formas de praticar a violência em prol da Revolução foram discutidas exaustivamente. Os participantes do Congresso chegaram à conclusão de que a violência seria algo inevitável, mas ainda não se tinha uma ideia concreta de como seria essa nova vertente anarquista. O radicalismo dessa violência ainda não estava bem delimitado e gerou diversos debates.

[...] a diversidade de atitudes, que caracterizou os anarquistas no último século XIX, já era evidente no Congresso de Londres. Alguns pensavam em função da atividade conspiratória; outro, como Kropotkin, defendiam que um movimento revolucionário devia sempre resultar de uma vasta onda ascendente do meio do povo. A ideia da propaganda pela ação e os diversos aspectos da violência revolucionária receberam copiosa discussão. Parece ter havido acordo quanto à inevitabilidade geral da violência (para a corrente pacifista que ainda não entrara no movimento anarquista), mas suas formas mais radicais provocaram considerável debate. [...] (WOODCOCK, 2014:28-29).

Os defensores da propaganda pelo fato têm como “missão” a prática de atentados contra tudo que representa o autoritarismo e a classe burguesa. O objetivo geral de seus autores seria a chamada *reapropriação* individual, o que significa a recuperação de propriedades privadas, que na opinião das libertárias e libertários, desde a célebre frase de Proudhon, seriam fruto de um roubo. O meio encontrado para se desapropriar e atingir as autoridades seria o terrorismo, considerado como um meio radical para atingir a sociedade opressora.

[...] o terrorismo é um meio muito mais radical de abater os dirigentes de uma sociedade considerada “corrupta”; é, portanto, a autêntica “propaganda pelo fato” recomendada pelo Congresso da Internacional realizada em Londres, em 1881. Os jornais anarquistas divulgam então múltiplas receitas permitindo fabricar explosivos. Em julho de 1883, um grande jornal lionês, La Lutte, escreve: Sob este título, “produtos antiburgueses”, colocamos sob os olhos de nossos amigos as matérias inflamáveis e explosivas mais conhecidas, as mais fáceis de manipular e preparar, em resumo, as mais úteis...É preciso que, para a próxima luta; cada um seja um pouco químico. [...] (HISTÓRIA DO ANARQUISMO, 2008:71).

Inicialmente os atentados aconteciam sem uma conexão e eram praticados por uma pessoa específica. Posteriormente passou a ser organizado por grupos que adotaram a ideia da propaganda pelo fato como estratégia de luta. Entre os anos de 80 e 90 do século XIX, a corrente ficou robusta e se transfere da teoria para a prática real, elevando o modo de se praticar violência justificada pelo alcance da revolução.

[...] a corrente da Propaganda pelo Fato toma corpo, e passa de simples idealização literária à corporificação da realidade trágica. O resultado concreto é o aumento assustador do número de atentados contra os representantes da burguesia e da nobreza, em todo continente europeu, e até nos Estados Unidos. Nestes anos surgem manifestações orais e escritas, que nos levam a avaliar determinados aspectos dessa corrente. Uma delas revela-se quando seus adeptos querem fazer crer que ela represente posição distinta da anarquia. Se a suposição, em parte, é verdadeira, de outro lado percebem-se nela resquícios acráticos e determinadas veredas defendidas pelos grupos anarquistas nesse fim do século. [...] (CARONE, 1994:40-41).

Os atentados começaram a ser praticados a partir de 1881 até o ano de 1892; a maioria tratava-se de ações individuais e de pouca repercussão na imprensa e sociedade. As ações violentas seguiam determinado padrão de 1882 a 1894, quando ao fim desse último ano surgiu a figura de Ravachol<sup>39</sup>, que revolucionou a prática dos atentados. Ravachol participou de assaltos e explosões durante alguns anos até ser preso e executado, após sua morte as explosões se intensificaram. (HISTÓRIA DO ANARQUISMO, 2008:75).

O argumento principal das práticas dos atentados baseava-se na “defesa da violência individual”<sup>40</sup>, argumentando que as greves e lutas por melhores condições de vida e trabalho não eram eficazes e sem efeitos práticos, afirmando que somente a “greve insurrecional” e as ações individuais estão mais próximas da abolição das autoridades. (CARONE, 1994:41).

A perseguição aos praticantes desses atos e a própria desaprovação de diversos grupos anarquistas fizeram com que os atos de violência cessassem na Europa, principalmente na França. O aumento dos socialistas entre os trabalhadores, ganhando muitos votos nas eleições europeias de 1894 e as novas formas de luta encontradas pelos libertários também foram responsáveis pelo apaziguamento das ações.

A propaganda pelo fato na Argentina teve destaque na imprensa através dos periódicos individualistas encabeçados pelo *El Perseguido*, mas expressos, também, por meio de jornais alinhados com essa estratégia do anarquismo, como *Caserio* e *La Voz de Ravachol*. O título desses jornais era, respectivamente, uma homenagem ao insurrecionalista italiano Sante Caserio e ao famoso praticante da ação como meio de combate Ravachol. Ambos os periódicos não tiveram mais do que três números. A corrente da propaganda pelo fato não teve muita adesão entre os grupos na Argentina, existia “um acentuado desejo dos anarquistas pro se dissociar da prática violenta.” (ALBORNOZ, 2013:116).

---

<sup>39</sup> Mais sobre a vida e obra de Ravachol ver MAITRON, 1981.

<sup>40</sup> Algumas ações eram praticadas por grupos.



O *La Voz de la Mujer* aproxima-se dessa estratégia de ação de dois modos; primeiro através das redes criadas entre os grupos libertários, as redatoras do jornal feminino mantinham boas relações tanto com os jornais individualistas quanto com os efetivamente alinhados com a prática da propaganda pelo fato. Segundo, por conta da presença dos escritos de Pepita Gherra (Guerra) no *La Voz de la Mujer*; a libertária possuía posições anti-organizacionistas, embora o periódico se autoproclamasse Comunista Anárquico. Diversos artigos assinados por Pepita Gherra defendiam abertamente as greves e as práticas das ações violentas<sup>41</sup> como meio de luta.

Segundo Vassallo (2008) cerca de 15% de todo conteúdo do periódico *La Voz de la Mujer*, entre artigos, crônicas, editoriais, notícias aproximavam-se com a estratégia da propaganda pelo fato, analisando que esse caminho era o ideal para a conquista e consolidação da Revolução Social. (VASSALLO, 2008:72).

Os primeiros textos que mencionam o apoio às ações violentas foram publicados nos exemplares dos dias 31 de janeiro de 1896 e 18 de outubro de 1896, número três e sete respectivamente; ambos os textos são assinados por Pepita Gherra (Guerra). No exemplar do dia 01 de janeiro de 1897 (número nove) publicou-se o primeiro texto que analisa e defende inteiramente a estratégia da propaganda pelo fato e seus efeitos quando aplicados em resposta às ações governamentais. Tratar-se do editorial do exemplar.

O editorial intitulado *¡Ante el cadalso...!* usa como exemplo uma situação ocorrida na Espanha para demonstrar como as atitudes do governo impactam os militantes na hora de tomar decisões de praticar os atos. O texto também defende que os adeptos do anarquismo professem ódio contra todos os exploradores da sociedade.

A introdução do editorial discorre sobre a situação política entre Espanha e Cuba. Em um editorial publicado anteriormente as libertárias já haviam exposto sua opinião sobre os acontecimentos no processo de independência de Cuba, aproveitando para marcar sua posição antimilitarista.<sup>42</sup> Diante dessa posição, as libertárias argumentam no editorial do exemplar de número nove que várias propagandas foram feitas a respeito do antimilitarismo e as consequências da guerra na vida de mulheres e homens.

¡Sí, ante el cadalso, en que los eunucos de las fieras encumbradas van a servirles con su legendaria mansedumbre la sangrenta ración de carne humana, venimos a alzar nuestra voz de protesta, nosotros los malditos de la vida, nosotros los proscritos del

---

<sup>41</sup> Nesse contexto histórico, seguindo a tradição italiana desde Malatesta, ser anti-organizacionista significava basicamente ser contrário à participação de anarquistas nos sindicatos em posições dirigistas, o que não implicava em contradição com a perspectiva de organização social após a “Revolução” de modo comunista anárquico, ou seja, socialista sem Estado.

<sup>42</sup> Ver item 2.3 do presente capítulo.

placer, nosotros los rebeldes sempiternos! La sanguinaria burguesía de España ha querido demostrar al mundo entero lo que valen para ellos las libertades de los pueblos, y he aquí cómo lo há hecho. Historiemos: somos enemigos de las guerras, porque comprendemos que la única víctima de ellas es el pueblo. ¡Siempre el pueblo! Por eso cuando en España se anunció que iba a ser enviada a Cuba una remesa de (50.000) cincuenta mil obreros (usando la libertad de pensamiento) nos preparábamos por medio de periódicos, de reuniones y folletos, a hacer propaganda entre el pueblo para que éste se negara a ir a Cuba a morir como los perros. [...] (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:1).

As redatoras do *La Voz de la Mujer* se autoproclamam inimigas das guerras e compreendem que as verdadeiras vítimas estão na classe trabalhadora. Estima-se que 50 mil soldados seriam enviados para defender o Reino de Espanha em Cuba, a ação direta por meio da propaganda impressa e a organização de grupos de discussão foram os meios encontrados para tentar conscientizar os soldados-trabalhadores a abdicarem da luta pela pátria.

Os manifestos lançados em periódicos, os folhetos e as reuniões foram de encontro às ideias pregadas pelo governo espanhol, que impôs todo tipo de repressão aos libertários. Argumentando que se as formas de propaganda fossem minimamente livres, os soldados teriam adquirido algum tipo de consciência e recusariam a comparecer às chamadas para compor o pelotão destinado a lutar no front em Cuba. Seguindo as ideias antimilitaristas, as redatoras afirmam que os trabalhadores só são lembrados quando a pátria necessita de soldados para defender seus interesses.

Em uma campanha difamatória contra os anarquistas de toda Espanha e conhecendo a existência de correntes violentas dentro do movimento anarquista, o governo espanhol, segundo as redatoras, realizou um atentado a bomba em uma rua de Barcelona no exato momento que acontecia um evento religioso. O atentado ocorreu em 07 de junho de 1896 e a bomba foi atirada do alto de uma janela sob a procissão de *Corpus Christi*. (WOODCOCK, 2014:116).

[...] comprendió el gobierno que si nos dejaba libres para hacer tal propaganda, ningún soldado iría, dado lo cansado que estaba el pueblo, que empieza a comprender al fin que sólo tiene patria cuando se trata de morir por ella; y entonces el gobierno buscó el medio de impedir nuestro deseo. No atreviéndose a prendernos sin ningún pretexto, por el mal efecto que el conocimiento de la verdad haría al pueblo, imagino un medio por el cual apareciera obrando con razón y con derecho, y he aquí cuál fue ese medio: Con uno de sus esbirros secretos mandó arrojar una bomba en la calle Cambios Nuevos (en Barcelona), en el momento en que pasaba una procesión religiosa y el resultado fue perfecto. El pobre pueblo cree, porque ellos se cuidan de hacérselo creer así, que los anarquistas tienen por único ideal la explosión, el incendio y el deguello; así que no le costó trabajo creer que los anarquistas eran los que habían hecho aquello. [...] (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:1).

A autoria do atentado não foi descoberta, levantando dúvidas entre os opositores do governo espanhol. A bomba foi atirada no meio da multidão, onde encontravam-se mulheres,

idosos e crianças e não na frente da procissão, onde todos os oficiais e clérigos estavam concentrados. Esses últimos, inimigos dos anarquistas. Segundo as redatoras do *La Voz de la Mujer*, o objetivo do governo era o de convencer a população de que os ideais e ideias anarquistas causavam problemas, sendo assim o movimento anarquista ficaria enfraquecido e as propagandas contra a guerra ficariam desacreditadas. (WOODCOCK, 2014:116).

[...] nunca descobriram o perpetrador desse ato, mas um fato chamou a atenção: a bomba não foi atirada na ponta da procissão, onde se achavam todos os oficiais detestados pelos anarquistas, mas no fim dela, matando somente trabalhadores e mulheres. Tanto os republicanos como os anarquistas acusaram os clericais pelo atentado, porém o general Weyler, o novo capitão-geral de Barcelona (que mais tarde se tornaria famigerado por sua crueldade em Cuba), usou-o como uma desculpa para a prisão em massa dos oponentes do regime e da Igreja- anarquistas, republicanos, socialistas, livres-pensadores e separatistas catalães.[...] (WOODCOCK, 2014:116-117).

O atentado que resultou em 12 mortos e 35 feridos repercutiu nos principais jornais de Barcelona e espalhou-se por toda Espanha. Em Madrid o periódico *La Unión Católica* que trazia notícias sobre religião, política e literatura estampou na primeira página o artigo *Otro atentado anarquista*, no qual noticiava o ato ocorrido em Barcelona e trazia detalhes de como a ação sucedeu, os nomes dos mortos e os anarquistas presos.

[...] día de espanto y luto fué el de ayer para Barcelona, víctima otra vez de un bárbaro é incalificable atentado de los anarquistas, sedientos de sangre y destrucción, sin otra mira que el crimen y la barbarie. Pueblo tranquilo y pacífico, que, dejando sus tareas habituales, se consagraba á la celebración de la fiesta de infraoctava del Corpus, se ve acometido por el terror y espanto que produjo la explosión de una bomba de dinamite, bañando en sangre las calles de la fabril capital, llenando la vida pública de cadáveres y heridos de personas indefensas. Hechos de la naturaleza del realizado ayer en Barcelona no encuentran calificativos que cuadren bien á su naturaleza. Sangre, desolación y muerte, apoderándose en un momento de un pueblo religioso y trabajador: esa es la síntesis de lo sucedido ayer en la capital del principado catalán. [...] (*La Unión Católica*, 08 jan. 1896:1).

O periódico religioso também publicou um segundo artigo no mesmo exemplar (08 de junho de 1896) sobre a propaganda pelo fato. O artigo *La propaganda del hecho* explica ao leitor que a explosão ocorrida em Barcelona não se trata de um fato isolado, mas sim de um movimento de caráter coletivo e social com objetivos de destruir a moral e a ética da sociedade.

La explosión de la *bomba anarquista* en Barcelona durante la procesión de la octava del Corpus, y como glorificación y recuerdo de Pallás, no es un fenómeno aislado y meramente individual, de la índole de aquellos en que basta con dibujar la figura del delito y determinar la personalidad del delincuente. La explosión de la bomba de Barcelona es de un carácter colectivo y social, y significa en la piedra de toque de la historia la condenación suprema de los procedimientos y sistemas de gobernar en el

Estado, que, apoyándose en un liberalismo abstracto, en las utopías de un *derecho natural* emancipado de la ley de Dios, de la Etica y de las tradiciones de los pueblos, y en una filosofía declamatoria basada en el progreso indefinido, han sancionado y teorizado el método de que la propaganda de las ideas de *absolutamente libre é inocente*, y de que las leyes sólo se escriben y dictan para castigar los *hechos punibles*. [...] el anarquismo es la consecuencia lógica y el hecho físico químico, por horrible que sea, que actúa el espíritu revolucionario, es la falsa filosofía que estala causando víctimas. Hay, pues, que prevenirse. Hay que evitar que se pueda desde una cátedra oficial enseñar el ateísmo y el materialismo. Hay que traducir en leyes los proyectos de mejora social. Hay que convencerse de que la escuela que se basa en la frase: “la libertad es como la lanza de Aquiles, que cura las heridas que hacen”, es la que ha producido esa escuela de acción en que la dinamita y el puñal intervienen los *mártires* y *los santos* del calendario anarquista. En vez de perder el tiempo en discusiones y cuestiones personales, bien harán nuestros políticos y legisladores en meditar y resolver con urgencia acerca de estos hechos y problemas. El anarquismo no ha muerto. Ya se ve que si alguna vez duerme, á seguida se despierta y nos avisa. (*La Unión Católica*, 08 jan. 1896:1, grifo do autor).

Os anarquistas foram perseguidos pelas autoridades governamentais e pela burguesia; 400 pessoas recolhidas em celas e calabouços da prisão de Montjuich, fora de Barcelona. Entre esses homens e mulheres, encontrava-se a anarquista Teresa Claramunt. Os integrantes da Brigada Social, criada para conter os avanços do anarquismo, sujeitaram os prisioneiros a torturas que levaram a morte de muitos antes do julgamento.

Aproximadamente 80 presos foram julgados por tribunais militares, sob alegação do Estado de que os tribunais civis não eram confiáveis. Os processos correram em segredo de justiça para que a imprensa e outros grupos libertários não descobrissem a farsa do atentado. As redatoras do *La Voz de la Mujer* argumentam que enquanto todos estavam envolvidos nos processos dos anarquistas, os soldados espanhóis embarcavam para lutar em Cuba. As notícias de prisioneiros torturados ecoaram por toda parte do mundo, gerando uma onda de protesto e comoção internacional. (WOODCOCK, 2014:117).

A sentença dada condenou 28 anarquistas à morte e outros sentenciados para prisão e forçados a trabalhar em regime perpétuo. No total apenas 5 foram executados, sem provas da participação desses no atentado de Barcelona. (WOODCOCK, 2014:117). As anarquistas afirmam que a população de toda Espanha começou a desconfiar da situação e se comoveu em torno do que ficou conhecido como massacre dos anarquistas.

Em resposta aos ataques proferidos, os anarquistas que restaram praticaram um outro atentado como uma forma de resposta, a exploração atingiu um bairro central de Barcelona. O objetivo era igualar as forças dos anarquistas e do governo. O Estado condenou à morte mais oito libertários e prendeu em regime perpétuo outros militantes. Sobre essa situação as libertárias dizem:



[...] siviéndoles la bomba de pretexto, se prendió en montón a los que se pudo, y los que no fueron presos, huyeron. Se los sometió a tribunales militares porque no tenían confianza en los civiles e hicieron que los debates del proceso fueran secretos, porque temían que el pueblo sospechara el pasteleo. Entre tanto salió la expedición de los soldados. Del proceso salieron condenados veintiocho anarquistas a muerte, y los demás hasta llegar a ciento, se los condeno al presidio y a trabajos forzados a perpetuo. ¡Y ahí tienen los obreros satisfecho al gobierno! Resultó sin embargo que el pueblo de Barcelona y el de España entero se encontraba disgustado con aquella masacre de anarquistas, y entonces se apeló al consabido medio: se arrojó otra bomba en uno de los barrios más céntricos y, es claro, renació la indignación del pueblo y juzgó que aquella masacre era justa y volvió todo a la calma; y para mostrar que era magnánimo el gobierno, en vez de veintiocho se conformo con massacarar a ocho, condenando a los demás a presidio perpetuo. Ésta es la historia de los hechos. [...] (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:1).

O intuito das redatoras do *La Voz de la Mujer* em apresentar essas situações está relacionado com a possibilidade de mostrar para a sociedade que os libertários são reprimidos e odiados pelos governos por tentar destruir sua autoridade e exploração, aniquilar o poder do Estado de manipular, vingar e sacrificar toda classe trabalhadora. As anarquistas argumentam que os atos praticados pelos libertários espanhóis e de todo mundo são menos perigosos do que as teorias que o anarquismo prega. Argumentam que os anarquistas são odiados por suas ideias de futuro e de ação:

[...] pero aun suponiendo que fuera obra de los anarquistas la bomba arrojada en Cambios Nuevos ¿creen por ventura los obreros que se precisa para arrojlarla ochenta y siete de nuestros compañeros? Huelga la contestación. Lo que hay es que se teme a nuestras ideas y es a ellas a quien se quiere destruir. No se nos odia por nuestros hechos, sino por nuestras teorías. [...] (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:1).

Diante dos atos violentos praticadas por anarquistas do mundo todo as autoridades policiais começaram a unir forças em busca de protocolos que determinassem a atuação frente a essa nova forma de luta política. A ideia dessas forças governamentais seria construir todo um aparato policial e um discurso jurídico sobre o ser anarquista e o movimento em si. (MARTINS, 2014:3).

As forças governamentais de diversos países não chegaram a um acordo sobre a melhor maneira de “combater” os militantes anarquistas, a queda de braço entre as autoridades envolveu não só as polícias e o judiciário, acabando por estender a diversas áreas como a psiquiatria, a antropologia criminal, de modo a tornar científica a identificação dos anarquistas. (MARTINS, 2014:4; BENEVIDES, 2016:39).

Em razão do uso das chamadas *ações diretas* como estratégia de luta, o anarquismo passou a ser compreendido e estudado como um mal social que deveria ser decifrado e controlado. Inúmeros textos sobre o movimento libertário, inclusive de base

“científica”, elaboraram uma série de críticas com o propósito de demonstrar sua impropriedade, aberrações e seus erros. [...] (BENEVIDES, 2016:39, grifo do autor).<sup>43</sup>

Durante esses processos de criminalização do movimento anarquista e do indivíduo militante surgiu a figura do médico italiano Cesare Lombroso<sup>44</sup>, que lançou em 1894 seu livro mais famoso *Gli Anarchici* (Os Anarquistas). Lombroso queria provar através da medicina que os anarquistas eram criminosos por excelência e que suas características morais e físicas eram de fácil reconhecimento das autoridades policiais.

[...] nos textos lombrosianos, os anarquistas aparecem pela primeira vez a partir do livro *O Home Delinquente*, mas, em 1894, o médico italiano publicou um trabalho específico dedicado ao tema, o qual foi intitulado *Gli Anarchici*. Para Lombroso, os anarquistas, via de regra, eram “loucos ou criminosos”, uma vez que a defesa pelas ações revolucionárias propostas pelos libertários não passariam de rebeliões, sendo típicas ações patológicas de indivíduos doentes. Tratar-se-iam as rebeliões, portanto, de um delito político, que aconteceria quando houvesse um esforço brusco e violento em prol de progresso. Lombroso, muito em razão de seu posicionamento político de tendência mais socialista reformista, defendia que o autêntico processo revolucionário de uma sociedade deveria se dar de forma lenta e preparada, o que diferenciaria a revolução da rebelião, sendo esta o exercício da loucura (do ponto de vista moral). [...] (BENEVIDES, 2016:40).

Atacando as posições de repressão das autoridades espanholas e de todo mundo, as redatoras argumentam no texto que os atentados praticados sempre foram assumidos pelos militantes anarquistas, e servem como uma resposta às autoridades e suas atitudes de exploração e depreciação frente ao movimento anarquista. Segundo essas/esses anarquistas, a Propaganda pelo Fato serve para reafirmar suas ideias e enviar um recado a sociedade burguesa: os militantes não cederiam às pressões.

[...] jamás hemos negado la paternidad de nuestros hechos, ni tampoco queremos negar que estamos conformes con las bombas y con otros procedimientos, porque comprendemos que la rebelión de hechos es la que puede como en todos tiempos en la lucha [...] [una y] mil veces, odiamos a muerte a los tiranos y para combatirlos [todos los medios] no parecen buenos y más desde que vemos los que con nosotros usan ellos. Ni libertad de pensar ni de escribir, ni de hablar ni de reunirse, de nada en fin, ninguna nos quieren conceder; bien hayan pues las explosiones para hacer comprender a los tiranos y a sus sostenedores que no estamos dispuestos a cejar en nuestro empeño. [...] (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:1).

---

<sup>43</sup> Neste trabalho entendemos que ação direta não está relacionada necessariamente com as práticas violentas, mas também com a propaganda através da imprensa e da realização de conferências. Optamos por nos referir aos atos de violência como fruto da Propaganda pelo Fato.

<sup>44</sup> A figura de Lombroso aparece no *La Voz de la Mujer* algumas vezes; o periódico não publicou um artigo específico, porém, fez menções e comentários sobre o médico italiano na seção *Notas/Un poco de tudo*. Os comentários eram de caráter crítico às posições do italiano.

O artigo discorre também sobre as consequências desses atentados, dialogando com os que afirmam que essas práticas matam mais inocentes do que atingem as autoridades. Os socialistas são vistos como “inimigos” segundo as redatoras; o ódio aos socialistas e aos burgueses reflete-se no ódio que os anarquistas alimentam contra esses dois grupos. Esse ódio alimenta a intenção de publicar cada vez mais, de editar folhetos, periódicos. Essas publicações quando são descobertas pelas autoridades, tornam-se uma ameaça à liberdade de seus redatores que se arriscam para defender a liberdade de mulheres e homens que os julgam.

[...] y a aquellos que nos acusan de que también matamos inocentes con nuestras explosiones, contestamos: lo sentimos; no es sin dolor que procedemos así, ma la ley de Darwin se impone, **somos los malditos**; desde el último polizonte hasta el obrero estúpido, todos son contra nosotros; desde el más tonto socialista hasta el más encumbrado burgués, todos nos odian, ¿qué hemos de hacer pues, sino odiar? Y no obstante no odiamos, bien claro lo dicen los periódicos, folletos, etc., que a costa de miles sacrificios estamos editando continuamente y con peligro de nuestra libertad y hasta de nuestra vida, pues esos mismo obreros a quienes dedicamos nuestros esfuerzos son los primeros que nos traicionan cuando pueden, dada su estúpida ceguera. No obstante nosotros no por eso los odiamos, los compadecemos y si alguno cae bajo los golpes de nuestra cólera vingadora, lo repetimos, somos los primeros en sentirlo, mas no por eso vamos a sacrificar por ellos nuestra vida. [...] (*La Voz de la Mujer*, 01 de jan. 1897:1, grifo nosso).

A expressão “somos los malditos” denota consciência de como são classificados entre as autoridades governamentais e a sociedade burguesa. Essa ideia do anarquista como um ser “maldito” e até mesmo “indesejável” está relacionada com a construção de uma identidade, de uma imagem e de uma figura que tende a ser realmente “perigosa” por conta de suas teorias e opção de futuro frente as opções oferecidas pelo Estado à classe trabalhadora. Sobre essa concepção, Martins (2014) afirma:

[...] a concepção, portanto, do anarquista “maldito”, “indesejável”, “perigoso”, “antissocial”, sempre visto como mentor e promotor de ações contra a ordem social e política, acabou por se afirmar não só entre as elites dirigentes no país, mas no interior da própria sociedade, tornando o militante sempre suspeito pelas autoridades policiais e temido por parte da população, mobilizando todos no sentido da construção de uma ideologia antianarquista. [...] (MARTINS, 2014:5).

As/os anarquistas justificam suas ações afirmando que elas servem como base para punir aqueles que se sentem acima da lei e acima de outras mulheres e homens. Figuras como juízes que condenam e o fazem erroneamente, o general que mata indiscriminadamente nos campos de batalha e o Estado que comanda o general. Voltam a argumentar que as libertárias, libertários e todo movimento anarquista são julgados, odiados e condenados por suas ideias e não por suas ações violentas.

[...] por otra parte, los burgueses no vengan, al matarnos, la vida de esos que caen, porque si así fuera ¿quién matará al juez que basándose en su creencia y en su código condena a muerte a un semejante? Nosotros también nos basamos en nuestras creencias. ¿Quién juzgará al general que sacrifica miles de hombres en un día en un campo de batalla? ¿Y al gobierno que manda a esos generales? ¡Es fuerza que esto concluya y ha de concluir, nosotros lo queremos y será! Conste, no obstante, que a nosotras los anarquistas se nos odia más por nuestras ideas que por nuestros hechos. [...] (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:1).

Para as libertárias a anarquia é uma lei natural do progresso humano. Encontrou na ciência moderna, na filosofia ocidental espaço para desenvolver suas ideias e teorias mais sólidas.<sup>45</sup> Fazendo alusão ao assassinato de militantes por parte da burguesia, as/os anarquistas desafiam essas autoridades a matar mais libertárias e libertários. Usando palavras poéticas, as/os anarquistas proclamam contra seus algozes, pois os burgueses impuseram a lei do mais forte e a sociedade aceitou; perante essa situação os anarquistas lutaram contra esse rolo compressor que explora e oprime trabalhadoras e trabalhadores.

[...] ¡Hijos del dolor y la miseria, la miseria y el dolor han de emujarnos! ¡Queréis sofocar nuestras ideas! ¡Inútil pretender el que os afana! La anarquía por ley natural surgió al mundo y por ley natural sigue en su curso. En la moderna ciencia, en la filosofía, halló su cuna y la ciencia y el progreso son su ayuda y la miseria, el “ya estava escrito” que la ayuda. ¡Derramad nuestra sangre cuando podáis, mas cuidado no os ahoguéis en ella! Nuestra idea es el raudal tranquilo, que serpenteando por el bosque enmarañado de la vida atraviesa vales y colinas para ir a, cual arroyuelo plateado, a fecundar la yerma pradera. ¡Oponedle obstáculos y valas y en torrente assolador se trueca! Habéis chapuceado el límpido raudal de nuestra secular paciencia y hoy os disgusta el ver que revuelto se deliza. Nuestra vieja estupidez mofasteis, insultando a vuestro antojo la doliente queja de nuestro duelo y de nuestra miseria: ¡buscado habéis con torpe y brutal mano el blanco cendal de nuestros inocentes sentimientos, nos hicisteis sufrir lo indecible, nuestro corazón habéis obscurecido entregándonos al turbulento mar de la miseria, donde inciertos vagábamos sin hoy y sin mañana, sin pan y sin amor, sin nada!... No hablasteis de la ley del fuerte y hoy que la aceptamos os espantáis ¡cobardes!... (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:1).

Ao longo do texto percebemos o tom de ameaça contra a burguesia, os tiranos, os padres, juízes e todos os exploradores das trabalhadoras e trabalhadores, argumentando que o progresso e a justiça não tardam a chegar, pois formaram homens que anseiam pela justiça social, pelo bem do próximo, pelo internacionalismo, pela liberdade e pela igualdade.

[...] hoy que la muchedumbre de los hambrientados en la negra tiniebla se prepara, azuzando sus odios vingadores, a lanzar contra vosotros las bélicas falanges de sus innumerables legiones, os espantáis ¡oh viles! ¡Humanicidas cobardes que esgrimiendo de un código infernal la ley tirana, obscureceis con los vapores de la sangre proletaria los limpios arreboles del mañana! ¡Mas no importa, proseguid como queráis; no está lejano el día en que surgiendo del fondo del abismo de miserias en que le habéis sumido, desborden con horrendo paroxismo las legiones de esclavos de

---

<sup>45</sup> Ver KROPOTKIN, 2005.

la tierra y semejando a fantasmas del infierno, abortos de impiedad, ebrios de odio, revolvendo en las órbitas hundidas sanguínea la pupila de abrasante mirada, ardeno en sed de sangre y de matanza, hambrientos, traspasarán las lindes del cadalso, y cual si fueran rugientes aquilones que la espantosa tempestad traía con su crujiente látigo hostigara, agitando allá en lo alto los desgarrados girones de su rojo estandarte de pelea, recorrendo como avalancha formidable la faz inmensa del planeta Tierra, arrasarán los templos y de jueces, de frailes y canallas y de todos los infames que hoy la prueblan! Entonces, éstos que hoy son vuestro baluarte, sangrienta fuerza de vuestra fuerza ¡oh burguesía! pagarán con creces esta deuda. La pagaréis ¡oh policías, frailes y jueces! ¡La pagaréis en la ocasión primera! ¿No oís de todos los hagares del trabajador que en la miseria vive, alzarse la protesta de la próxima tormenta precursora? Pues bien: ese sordo clamor del oprimido, más terrible en su aparente calma os anuncia ¡vampiros insaciables! que se acerca la hora de justicia. Entonces ¡ay! de vosotros, cuál serán vanos vuestros códigos, vuestros verdugos y jueces vanos. Y... después por las amplias vías del progreso vivirán cual anhelamos los hombres, sin fronteras, como hermanos, sin tener baldón mugriento de reyes y sin tener más leyes que el amor y la equidad. [...] (*La Voz de la Mujer*, 01 jan. 1897:1).

Ao fim do artigo a frase “Esto es lo que teníam que decir **Los anarquistas**” (grifo do autor) aparece como o remetende desse texto que pode servir de incentivo a individualistas, antiorganizacionistas e qualquer outra mulher ou homem anarquista, ou corrente que pretende praticar atos de violência contra o sistema. Para as redatoras e os anarquistas praticantes desses atos tais ações não se configuram como uma violência; a violência maior está relacionada as atitudes dos exploradores (Estado, Capital, Igreja).

O texto escrito em primeira pessoa dirige-se a toda a sociedade, principalmente àqueles que sentem revolta ao ver condenadas mulheres e homens que lutaram em prol de uma sociedade transformada pelo projeto anárquico.

### 2.3 *¡ABAJO LA GUERRA! ANTIMILITARISMO E O LA VOZ DE LA MUJER.*

O antimilitarismo sempre foi um tema frequente no movimento anarquista que entendia o ato de guerrear como um mal imposto pelo Estado e pelo Capital. A sociedade que tem o sistema capitalista com base econômica e social não pode eliminar por si só a guerra, as batalhas inevitáveis. Por meio de conferências, congressos, panfletos e periódicos, anarquistas de todo mundo gritavam conta a guerra e contra o militarismo. (MARTINS; SOUZA, 2017:25).

Apontavam em suas críticas que as guerras eram necessárias somente para a “expansão do Capital das nações envolvidas, interessando, sobremaneira, ao fortalecimento econômico da burguesia e à projeção dos Estados europeus” e de outros países como os Estados Unidos. (MARTINS; SOUZA, 2017:25).

Para os anarquistas, o militarismo se desenvolve dentro das classes sociais, principalmente na classe burguesa, e o serviço militar obrigatório instalado em alguns países

européus era impulsionado pelos grandes industriais e pela falta de perspectiva de vida dos trabalhadores em geral. Os países industrializados equiparam e modificaram administrativamente as instituições militares e elaboraram uma nova estrutura hierárquica favorecendo o apoio popular ao militarismo.

[...] a partir do século XIX, as instituições militares de países industrializados tornaram-se organizações integradas como uma elaborada estrutura hierárquica quando a concepção do estado-maior se torna uma necessidade administrativa. Há uma alteração no fundamento da autoridade e da disciplina, uma mudança de dominação autoritária no sentido de manipulação, persuasão, explicação e especialização, apesar da organização militar continuar rigidamente estratificada pelas condições de comando na guerra. A mudança lenta e contínua, o caráter técnico da guerra moderna, exigindo soldados altamente qualificados, faz com que, em qualquer equipe militar complexa, um importante elemento de poder passe a residir em cada membro que deve prestar sua contribuição técnica. [...] (CUBERO, 2002:2).

A ideia da ideologia militar relaciona-se com a formação de uma defesa incondicional de pátria, de culto ao nacionalismo e de todos os símbolos que estão ligados aos sentimentos da classe burguesa (dominante). Na visão libertária a ideia de nacionalismo gera um conflito entre os opressores e oprimidos, mas principalmente entre os próprios oprimidos que muitas vezes são obrigados a ir para a guerra e acabam por se tornar opressores de sua classe.

[...] toda uma ideologia contribui para a formação psicológica do profissional militar: a ideia da pátria, o culto e as cerimônias com a bandeira, os hinos, honras aos oficiais superiores, honras funerárias, as insígnias, etc. São elementos de um ritual que conforma a submissão e a lealdade ao poder constituído, seja qual for e a própria hierarquia. O subordinado se humilha ante ao seu superior e humilha ao seu inferior, do chefe supremo até o recruta sobre quem cai o peso de deformação que o sistema faz da condição humana. O recruta não tem a quem humilhar. [...] (CUBERO, 2002:4).

As resoluções do Congresso de Bruxelas (1868) estabeleceram que as greves gerais de trabalhadores deveriam atrapalhar o máximo possível o início de qualquer guerra. Outros congressos realizados recomendaram que as greves funcionassem como uma arma contra a guerra, além de sugerir que os militantes de todos os países promovessem uma marcha geral contra a guerra. (CUBERO, 2002:11).

Os anarquistas acreditavam que através das críticas publicadas em periódicos poderiam mudar a consciência de soldados, trabalhadoras e trabalhadores com relação a guerra, incentivando os libertários a não se alistarem nas fileiras do Exército. A luta antimilitarista está relacionada com a luta maior a favor da Revolução Social que elevaria a humanidade a um futuro no qual as consciências não pudessem ser mais manipuladas.

Os/as anarquistas argentinos(as) promoveram uma campanha contra as guerras do mundo no final do século XIX e início do século XX. Essa campanha incluiu a criação de dois periódicos antimilitarista intitulados *El Cuartel* e *Luz al Soldado*. Jean Grave e Domela Nieuwenhuis publicaram artigos e crônicas sobre a atuação violenta do general espanhol Weyler na guerra de independência de Cuba; esses escritos refletiam também sobre a crueldade dos oficiais. O periódico *El Perseguido* publicou em maio de 1895 um artigo denominado *El militarismo profesional*. (ZARAGOZA, 1996:392).

O *La voz de la Mujer* também se mostrou contra a guerra mencionado a questão do militarismo em diversos textos, porém, foi no editorial do exemplar de número quatro que essa posição ficou mais evidente.

O editorial intitulado *Actualidad- Cuadros Lúgubres* foi assinado pelas redatoras do *La Voz de la Mujer*, refletindo uma posição oficial do periódico. O texto tem como objetivo principal comentar os fatos que então ocorriam em diversas partes do mundo, como Europa, Turquia, Cuba, África. Apresentam a posição do periódico diante desses conflitos, evidenciando as posições anti-imperialistas e internacionalistas do *La Voz de la Mujer*.

No primeiro momento, as redatoras deixam claro que as notícias comentadas foram recebidas por cartas. O primeiro lugar comentado é a Europa, afirmam que uma onda sangrenta varre o “velho continente” deixando no caminho famílias destruídas pela miséria e pela morte que assola todas as nações do continente.

O espaço de trabalho é representando pelas fábricas e pelos campos que se encontram vazios. As fábricas não produzem e os campos inférteis dificultam o plantio e a colheita. Os movimentos fabris e as grandes indústrias estão completamente paralisados, deixando uma lacuna de desemprego nas cidades.

Tristes, bien tristes son las noticias que día a día nos comunica el telégrafo. ¡Parece que un vértigo de sangre se haya apoderado de la vieja Europa! ¡Lucha, destrucción, hambre y ruina! He aquí el punto que de lejos se observa en los acontecimientos que todos los días leemos. Madres sin hijos, hijos sin padre, Hermanas que lloran sus Hermanos, parientes que lloran la muerte a la inutilidad de los suyos, la miseria enseñoreándose por doquier. Las fábricas sin obreiros, los campos sin personal suficiente para ele sembradío y la cosecha; el movimiento fabril e industrial paralizado, millares de hombres, mujeres y niños que a voz en grito exclaman ¡Pan y trabajo! (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1).

Tentando chamar atenção para os fatos que estavam ocorrendo em todas as partes do Globo as redatoras voltam suas atenções para os acontecimentos em Cuba. O texto que foi publicado na edição de 27 março de 1896 coincidia com a guerra de independência cubana,

mais conhecida como Guerra de 95. Esse foi o nome pelo qual se conhece a última das três guerras pela independência de Cuba contra o domínio espanhol, sendo as duas anteriores a Guerra dos Dez Anos (1868-1878) e a chamada Guerra *Chiquita* ou Guerra Pequena, que ocorreu entre 1879 e 1880. Após três meses, o conflito agravou-se evoluindo para Guerra Hispano-Americana.

A guerra de independência cubana significou o fim da política do império colonial espanhol na América, acentuando a crise pela qual a Espanha passava. O conflito reconfigurou uma nova fase na política externa estadunidense, sendo mais agressiva e voltada para consolidação dos países no mundo político internacional. O conflito também modificou a relação entre os países latinos com os Estados Unidos e com a Espanha. (SIANI, 2012:32).

O conflito teve início com o Grito de Baire em 24 de fevereiro de 1895 e terminou em 1898, com a rendição das tropas realistas ante a armada estadunidense. Estima-se que mais de 300 mil pessoas morreram nesse conflito.<sup>46</sup> A historiografia analisa essa terceira fase da guerra de independência por três planos, como aponta Saiani:

[...] entre os anos de 1895 e 1897 a guerra de independência de Cuba pode ser analisada em três planos simultâneos, que conectados entre si formam um só conjunto de relações. Na ação militar, trava-se o combate entre o exército independentista e as tropas espanholas. Simultaneamente, nos Estados Unidos, no exílio, trava-se uma batalha não declarada pelo comando do PRC (Partido Revolucionário Cubano), o que por sua vez significava poder decisório sobre a orientação política da guerra e definiria quem seriam, em última instância, os interlocutores com a Espanha e o governo norte-americano. Finalmente, outro ponto, é a batalha diplomática entre a Espanha e os Estados Unidos, como um terceiro envolvido, com seus interesses específicos sobre Cuba. [...] (SAIANI, 2012:34).

No primeiro trecho da análise sobre a situação de Cuba as redatoras convidam as leitoras para que acompanhem os acontecimentos do conflito. O primeiro foco é na situação da área rural de Cuba, com as libertárias argumentando que antes esses campos eram locais muito férteis com plantações de cana, tabaco, sendo depois devastados por incêndios supostamente provocados por outros latifundiários. As libertárias passam para sua leitora a descrição de um rastro de destruição com muitas mortes e enfatizando que os sobreviventes precisaram se abrigar em outros lugares, tentando fugir da miséria e das batalhas.

[...] Tended vuestra vista por todas partes ¿qué veis? Veréis allá en Cuba que los ingenios en que poco há crecía la caña, el tabaco y otras plantas, se hallan hechos ruinas; los campos yacen multitud de cadáveres; veréis aterrada la gente huir de los campos, en confuso tropel, escapando de las balas y de la miseria, multitud de cuerpos

---

<sup>46</sup> Mais sobre a guerra de independência cubana ver CAPELATO, 2003; FRAGINALS, 2005.



que caen pesadamente debido a las ambiciones de los unos y de los otros. [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1).

A descrição dramática da situação do conflito serve para tocar a leitora e sensibilizar diante de uma situação de guerra que atinge a todos, mesmo sendo distante da realidade. As redatoras descrevem a desastrosa situação de uma Cuba em guerra, comentando sobre os “jovens” soldados espanhóis enviados a lutar em prol da Espanha e pelos interesses da pátria em manter a colônia cubana, além de honrar a bandeira do seu lugar de origem. A movimentação em prol da independência de Cuba foi chamada pelas libertárias de “Revolução”.

A atitude dos soldados espanhóis também é motivo de análise por parte das redatoras, que comentam as atrocidades cometidas por esses homens. Nos campos de Cuba matam e lutam pelos seus superiores que estão em seus gabinetes sem se envolver fisicamente no conflito, comandando intelectualmente as operações. Os soldados são chamados pelas libertárias de carrascos. O Estado lucra com a guerra explorando os povos com altas taxas de impostos, essas taxas servem também para manutenção do próprio conflito.

[...] veréis también aquella juventud española (?) que, obligada por la fuerza, parte para los campos de Cuba a defender en nombre de la *integridad de la patria y del honor de la bandera*, los intereses de sus verdugos que se ven amenazados por la Revolución. Y mientras ellos en los campos de Cuba, bajo aquel mortífero clima, luchan desesperadamente, sus verdugos siempre ávidos de dinero y deseñosos siempre de verter sangre obrera, recargan con impuestos al ya oprimido pueblo, para obtener el dinero necesario para sostener esa guerra fraticida. [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1, grifo do autor).

A frase “veréis también aquella juventud española” tem ao lado um ponto de interrogação. Analisando-se essa expressão, dentro do contexto de ideias libertárias, denota que as redatoras não acreditam que esses soldados podem fazer parte de uma juventude, mesmo que sejam obrigados a lutar pelo Estado espanhol. As expressões que denotam símbolos de patriotismo também estão em destaque significando a repulsa dessas libertárias ao nacionalismo e a própria noção de pátria.

Objetivando impactar as leitoras, as redatoras destacam a miséria das famílias cubanas com a guerra de independência. Os filhos com fome são descritos como crianças que imploram por comida aos seus pais, os maridos são cooptados por generais para lutarem nos campos de batalhas, lutarem em prol de uma guerra que não os favorece, que não favorece a classe trabalhadora.

[...] veréis también la miseria implacable, terrible, amenazadora, invadir los tugurios del pobre proletario; los hijos desnudos y con el rostro demarcado pidiendo con lastimera y angelical voz ¡pan! ¡mamá dame pan, que tengo mucha hambre! desgarrando de esta manera el corazón de las madres que ya lloran a sus esposos, hermanos o parientes, que hombres infames y de negros sentimientos, en nombre de una ley inicua, arrancan de sus hogares para que vayan a destrozarse en los campos de batalla. ¡Qué cuadros tan conmovedores! [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1).

A análise das redatoras sobre o conflito cubano visava comover as leitoras e os leitores, usando dos elementos característicos do movimento anarquista para conscientizar as mulheres e os homens a respeito das guerras e sobre como os combatentes do front são manipulados pelo Estado e pela burguesia para servir os interesses que não representam os da classe trabalhadora.

O texto privilegia a crítica ao militarismo espanhol, reafirmando as posições contra o colonialismo e o imperialismo das redatoras do *La Voz de la Mujer*. Entretanto, as articulistas não fazem crítica ao militarismo cubano apontando para um a crítica apenas para as nações europeias.

Saindo da América Latina, as libertárias decidem desembarcar no momento crítico que viviam as nações no Oriente. A frase “Y si tendéis la vista hacia Oriente ¿qué veis?” (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1) chama atenção das leitoras que ainda não conheciam a situação política e social a fundo e que poderiam tirar do texto uma opinião concreta.

As redatoras referem-se em sua análise aos conflitos que aconteceram entre o Império Otomano (Turquia)<sup>47</sup> e a Armênia, apontando para uma luta religiosa entre muçulmanos e cristãos. O conflito ficou conhecido como *Massacres Hamidianos*, também identificado como massacres dos armênios, ocorrido de 1884 a 1896. Os massacres hamidianos foram apenas uma prova do que o Império Otomano (Turquia) poderia fazer com as minorias, os armênios. (SUMMA, 2007:17).

O massacre aconteceu no governo de Abdul-Hamid (1876-1909), que protagonizou outros tantos massacres ao longo dos anos. No ano de 1895 chegou ao seu ápice com a morte de 300 mil armênios; os massacres não tinham um motivo específico, mas se justificavam as mortes como sendo um reforço da integridade territorial do Império Otomano. Segundo Summa (2007) não existiu nenhuma ação violenta justificável e específica por parte da Armênia:

[...] o governo atacava a população armênia sem motivo. Em todos esses casos ocorridos em 1895, com exceção de um, não houve uma ação violenta por parte dos armênios, que pudesse justificar uma represália do Império Otomano. A comunidade armênia não foi quem incitou a violência. [...] (SUMMA, 2007:17).

---

<sup>47</sup> Sobre a História do Império Otomano ver SHAW, 1977.

Embora as libertárias enfoquem na questão religiosa, a historiografia seguiu um viés político para tentar desvendar o real motivo dos sucessivos ataques à comunidade da Armênia. A política interna com ameaça de uma possível revolução por parte da Armênia e a provável interferência russa são fatores apontados por pesquisadores para a tomada de decisão de Abdul Hamid em realizar um massacre.<sup>48</sup>

[...] as causas dos massacres eram claras: Abdul-Hamid sabia que uma eventual tentativa de revolução por parte dos armênios do Império Otomano poderia significar a intervenção dos russos, que tinham interesses nos territórios ocupados pelos armênios. Por isso, Hamid resolveu que ia acabar com a questão armênia, massacrando não só insurgentes como civis. [...] (SUMMA, 2007:17-18).

As redatoras descrevem o ambiente do massacre como um espaço devastado pelos ataques, na qual idosas, mulheres, adolescentes e meninos são violentadas pelas forças turcas. As populações das pequenas cidades encontram-se famintas, sofrendo com diversas doenças pelas ações violentas de Abdul Hamid.

[...] ciudades enteras destruidas; sus habitantes pasados a deguello; ancianos, jóvenes y niñas, violadas ora por la soldadesca, ora por la enemiga muchedumbre o inmoladas ferozmente en aras de sus rivalidades; el hambre y las enfermedades originadas por esa hecatombe, sientan sus reales en toda la region de la Armenia. [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1).

A estimativa que as redatoras apresentam gira em torno de 20 mil ou mais mortes, não conseguindo precisar o número exato de óbitos. Os corpos de mulheres e crianças espalham dor e sangue pelas terras turcas. Indignadas com a quantidade de atrocidades cometidas, criticam as razões desse conflito, alegando que o real motivo está relacionado com a imposição de uma religião sobre a outra. A crise política, social e econômica que atravessava o Império Otomano (Turquia) no último terço do século XIX foi o terreno fértil que incentivou o confronto entre as minorias muçulmanas e cristãs, especialmente contra a comunidade armênia.

[...] Más de 20.000 personas entre hombres, mujeres y niños han caído regando con su sangre los fértiles campos de la Turquía. Todo ¿por qué? Porque unos llaman a esa divinidad todapoderosa, Dios, los otros le llaman Alá; porque los unos le rinden culto de una manera y los otros de otra; porque los unos creen que su religión es la mejor y los otros creen que es la de ellos. Y mientras tanto ambos bandos se despedazan mutuamente, esas falsas divinidades no dan señales de vida. [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1).

---

<sup>48</sup> Sobre os massacres e suas consequências ver ALMEIDA, 2013.

O conflito acabou se tornando uma queda de braço sem solução aparente, já que parte da população reivindica a favor de Alá e outros de Deus, rezavam de formas diferentes, cada qual acreditando que sua religião seria a melhor. Os conflitos afastaram e dividiram os grupos, que acabaram por não formar uma comunidade integrante.

Na análise das redatoras do *La Voz de la Mujer* as divindades não se manifestam a favor ou contra o conflito, a crítica das libertárias quanto à posição do divino relaciona-se com o caráter irreligioso do periódico e do anarquismo. As posições antirreligiosas das redatoras ficam evidentes neste trecho sobre o massacre quando acentuam que as disputas entre grupos religiosos configuram o motivo principal que levou à matança de armênios.

[...] si los hombres hubiesen comprendido que esas religiones no sivern más que para sumir más y más en la ignorância a los pueblos, no se destrozarian entre sí de esa manera salvaje, en esa inhumana lucha que ellos tratan de alentar para que los pueblos no abran sus ojos y luchen, sí, ¡pero que reconquistar sus derechos que por la fuerza le han sido quitados! [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1).

A falta de entendimento da humanidade é apontada como um dos motivos pelo tamanho apreço de mulheres e homens pela religião. Para as libertárias, a religião serve para alienar socialmente os seres que não enxergam que a verdadeira luta deve ser pelos seus direitos<sup>49</sup>, pela sua liberdade, pela sua emancipação. As redatoras resumem a situação de todo território turco como um ambiente de “miseria, destrucción y ruina” generalizadas. (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1).

O intuito do trecho não era só conscientizar a leitora e o leitor, mas denunciar as atrocidades ocorridas no Oriente. As notícias sobre os acontecimentos mundo afora demoravam ou não chegavam nas trabalhadoras e trabalhadores das fábricas e oficinas, por isso as redatoras decidiram dedicar esse editorial do *La Voz de la Mujer* a divulgar e fazer uma reflexão sobre os diversos países em continentes diferentes que enfrentavam situações de conflito armado.

O último continente comentado pelas libertárias é o africano, onde fazem um comparativo entre os problemas enfrentados pelos países da África e pelas nações europeias. As regiões da África em 1896, mais especificamente a Abissínia<sup>50</sup>, estão sofrendo com a constante incursão de colonizadores<sup>51</sup> que estão dispostos a conquistar territórios através da aplicação de forças militares. No caso da Abissínia trata-se de “colonizadores” italianos.

---

<sup>49</sup> Direitos à vida, à liberdade, à igualdade.

<sup>50</sup> Atual região da Etiópia.

<sup>51</sup> A palavra “colonizadores” aparece no texto do periódico em itálico. Sinalizando que as redatoras também não estão de acordo com as práticas imperialistas de alguns países. Analisando as atitudes desses “colonizadores”

As libertárias argumentam que nações europeias, no caso mais específico a Itália, usam o pretexto de desenvolver partes científicas e artísticas da África para se apossar de seus territórios. Os italianos levaram para a região da Abissínia apenas conflitos, morte de soldados e devastação às aldeias e povos locais. Os campos um dia férteis, viraram enormes campos de batalhas, incentivados pelo patriotismo crescente entre a população italiana, aumentando o número de homens candidatos a lutarem sob o sol da África em defesa das ambições e interesses do Estado italiano.

Ved el África que está sufriendo las mismas consecuencias que la vieja Europa. Los *civilizadores* italianos bajo pretexto de desarrollar las ciencias y las artes, devastan los campos, incendian las aldeas, y la sangre los infelices soldados italianos, hijos del pueblo, y abisinios, riega los fértiles campos de la Abisina; aquellos campos que antes estaban cubiertos de doradas mieses, donde los bueyes los atravesaban trabajándolos, se ven hoy, debido a la infame conducta de un Crispi, que no sabiendo cómo sostenerse en el poder alienta el patriotismo del pueblo italiano para que vaya a morir bajo los ardientes rayos del sol africano en defensa de mezquinas ambiciones. [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1, grifo do autor).

As mortes de soldados aumentavam dia após dia, os números subiam a cada batalha. As articulistas citam como exemplo a batalha de Dogali que ocorreu em 1887 quando as forças com aproximadamente 500 homens italianos, expedidos de Massawa para aliviar Sahati, foram derrotados pelas forças de *ras* Alula. (MEREDITH, 2017:301). Sahati era um posto avançado entre Massawa e a cidade de Asmara.

[...] quando um contingente italiano ocupou Sahati, um posto avançado a meio caminho entre Massawa e a cidade serrana de Asmara, o general do imperador João, Ras Alula, partiu para o ataque, afirmando que aquilo era território da Abissínia. Na batalha de Dogali, em janeiro de 1887, as forças de Ras Alula aniquilaram uma coluna de 550 italianos expedidos de Massawa para aliviar Sahati. Chocados com o desastre, os italianos resolveram fortalecer sua pequena colônia com estradas, pontes, fortalezas e uma ferrovia de 25 quilômetros entre Massawa e Sahati. Uma força expedicionária de 20 mil homens foi enviada para ocupar a área. [...] (MEREDITH, 2017:301-302).

Essas batalhas deixaram milhões de mortos. Segundo as libertárias do *La Voz de la Mujer*, a população cansada da atual situação de guerra decidiu que iria se opôr aos conflitos, contra os soldados enviados, contra os que falam e acusam os proletários e contra o verdadeiro responsável por todos esses conflitos que se deixou envolver pela ânsia de poder e vingança.

A exploração de 27 milhões, sem contar os burgueses, que são obrigadas e obrigados a pagar altos impostos financiando a guerra gera revolta nas populações das comunidades

---

concluimos que na verdade trata-se de homens truculentos e intolerantes que tentam agregar territórios aos seus através de sua força militar.

italianas, que clamam pelo fim da guerra exigindo a imposição de limites às autoridades que promoveram o derramamento de sangue em terras africanas.

[...] 1.500 soldados de una vez, 10.000 de otra, sin contar los de Dogali y Sahati, yacen sepultados en aquellos campos y cuando el pueblo cansado de desangrarse de tan cruel manera, organiza manifestaciones protestando contra esa inicua guerra, mandan los soldados, los hijos del pueblo, que carguen contra los proletarios, y un infame que se titula grande, un Umberto que vive de la sangre del pueblo, un miserable cretino que nos sirve más que para autorizar impuestos onerosos, robos escandalosos, pega una solemne bofetada a 27 millones (no contamos la burguesía) de seres que a voz en grito piden el cese de esa cruenta guerra, diciendo en un arranque de orgullo sin limites. **QUE PREFERIRÍA ABDICAR LA CORONA ANTES DE ABANDONAR LA CAMPAÑA DE ÁFRICA.** [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1, grifo nosso).

A frase “Que preferiría abdicar la corona antes de abandonar la campaña de África”, em destaque no periódico, relaciona-se com o fato de os imperadores lutarem pela manutenção do próprio poder e não pelo bem comum das comunidades. A questão da nação italiana pode nos levar a fazer uma reflexão sobre todo processo de colonização da África e o poder imperialista dos que se dizem conquistadores. O colonialismo foi um movimento pela exploração dos territórios africanos e da imposição da cultura ocidental frente às culturas tradicionais dos mais diversos povos africanos.

As libertárias finalizam o editorial com a expressão “¡Qué infamia!” (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1) demonstrando descontentamento e revolta, aguçando a leitora e o leitor a se opôr frente às ações violentas de conquista que se espalhavam pela África, em especial no último quartel do século XIX.

A primeira parte do editorial centrou-se em dar exemplos sobre conflitos que estavam acontecendo ou aconteceram no século XIX, objetivando informar as leitoras e leitores. A segunda parte do texto é direcionada às leitoras e tem um caráter mais doutrinário de despertar as consciências sobre os males que a guerra provoca na sociedade.

Direcionada às mulheres, essa segunda parte afirma que as mães e as famílias não conseguem entender os verdadeiros horrores que um conflito armado provoca. Mulheres e homens são trabalhadores escravizados, não recebem a instrução necessária para entender sobre as articulações políticas, econômicas e os males sociais desses conflitos regionais e internacionais.

As mulheres são tratadas como prostitutas e estando no convívio de religiosos não têm consciência que estão sendo manipuladas por clérigos que se aproveitam de sua boa vontade para interferir nas suas vidas, arrancando por meio da confissão os segredos que quiserem.

[...] vosotras madres de familia no podeis comprender todo lo horroroso que es una guerra; no podéis, no, comprenderlo porque siempre habéis sido esclavas y no se os ha permitido instruiros, no se os ha dejado otra libertad que la de ir a embruteceros y prostituiros dentro de esos verdaderos focos de corrupción llamados malamente santuarios de devoción; es por eso **queridas compañeras** que estáis sirviendo, aunque ciegamente, de instrumentos a esa infame canalla de sotana que se aprovecha de vuestra ignorancia para arrancaros uno a uno los secretos que tenéis en lo más recóndito de vuestro pecho.[...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1, grifo nosso)

Profundas são as dores dessas “queridas compañeras” ao gerar e criar seus filhos e sem poder acompanhar a juventude e a fase adulta de suas crias. Os filhos homens eram convocados pelo governo para se alistarem obrigatoriamente no serviço militar, onde não tinha nenhum vínculo familiar. As redatoras argumentam que o militarismo doutrina as mentes e transforma os jovens homens em opressores de sua própria classe.

O serviço militar obrigatório geralmente servia como um meio de renovar as fileiras das Forças Armadas. Em alguns países o ingresso era por meio de sorteio e os ingressantes, em sua grande maioria, eram trabalhadores urbanos e rurais. Os proletários eram enviados no lugar dos filhos dos burgueses. (MARTINS; SOUZA, 2015:3091).

Esses novos soldados são usados para manutenção dos poderes daqueles que exploram a proletária e o proletário, matam em nome do Estado seus próprios amigos, pais e familiares. Somente respondem as ordens dos burgueses e generais que não participam das etapas de enfrentamento das batalhas.

[...] vosotras que sufrís los Dolores de engendro y del parto; vosotras que durante la lactancia y la dentición pasáis largas horas de insomnio y de desvelos; vosotras que ayudáis a vuestros compañeros a criar los hijos, no tenéis la inefable dicha de poderos acompañar del fruto de vuestras entrañas, porque una raza implacable apoderándose de lo que a todos nos pertenece, ha dictado leyes que nos privan de lo necesario a la vida, que nos arrancan a los hijos de nuestro lado cuando pueden sernos útiles, llevándolos al servicio militar, donde no reconoce más padre ni más madres ni otros parientes, que la infame ordenanza que los obliga a matar a sus padres, hermanos y amigos, si esto es necesario para conservar los privilegios que sus verdugos ven amenazados por el **populacho**. ¡Cuántos hay que en revueltas populares mataron a aquellas que tanto amaban y con quienes iban a unirse dentro de poco tiempo! [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1, grifo nosso).

As articulistas argumentam que os filhos homens têm somente duas opções: ou se alistam nas fileiras do Exército ou são usados pelos burgueses como escravos. Afirmam que as nações de origem articulam para participar de guerras que favorecem financeiramente esses governos e esse filho, que virou soldado, terá que defender a bandeira da pátria e os elementos nacionalistas.

As mulheres do *La Voz de la Mujer* descrevem as faces devastadas dos homens e de suas mães que se encontram entristecidas pelo fato de seu filho contribuir com as guerras, os pais encaram a destruição de suas famílias. A guerra, segundo o texto, se caracteriza pelo mal que aterroriza as famílias.

[...] cuando no los llevan al servicio, es porque ellos tratan de emigrar antes que vestir la librea del esclavo. Si por casualidad acontece algún conflicto que provoque una guerra, entonces el pobre proletario, el hijo del pueblo marcha a defender el honor de la bandera. Allá va, con el semblante pálido, descolorido, parece la muerte andando; se ríe, se... sí para que los suyos no se entristezcan; las madres quedan llorando en sus míseros hogares, los padres inclinan la cabeza pensando tal vez en la desgracia que cae sobre su familia por la marcha de un hijo adorado que piense quizá no volver a ver más; allá en la funesta campaña en medio de azares y fatigas, el pobre soldado estará pensando en los que por él estarán llorando y en medio de los sinsabores que allí pasa, enviará quizá antes de entrar en combate, un cariñoso recuerdo o derramará amargas lágrimas de despedida.[...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1).

A guerra é representada no texto como a destruição total, as batalhas deixam corpos esquartejados por todos os lados, sangue e destruição nas cidades e muitas mulheres, crianças, homens e soldados feridos, mutilados, mortos. Os governantes, generais chamados de “verdadeiros donos da guerra” não entram nas batalhas e instruem de seus gabinetes os soldados na linha de frente, sem se importar com o destino dos soldados.

As articulistas argumentam que em uma Era que deveria existir uma civilização livre e evoluída, mulheres e homens presenciam imagens horripilantes da destruição e passam por privações de alimentos tendo como causadores os burgueses que somente visam benefícios próprios e o crescimento da pobreza e do sofrimento.

[...] ¡Ah! ¡Qué horrible cuadro representa la guerra! piernas por aquí, brazos por allá, cuerpos sin cabeza, los cráneos destrozados, los ayes de los heridos, los ecos quejumbrosos de los moribundos... la sangre regando en abundancia los campos de batalla; y mientras tanto los infames gobernantes sentados en muelles butacas, dentro de espléndidas habitaciones, reciben con indiferencia los partes de la guerra. ¡Hasta extraño parece que en nuestra era de adelantos y de civilización, hayamos de presenciar esos horribles cuadros de destrucción y de misérias! [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:1-2).

As libertárias finalizam o editorial incentivando as mulheres a estudarem sobre a questão sociais e sobre o anarquismo, para que pudessem estar cientes do projeto anárquico. Desse modo, quando os Estados quisessem implementar os quadros de guerra e terror não seria mais possível. Nessa nova sociedade, a igualdade e a liberdade prevaleceram, mulheres e homens serem livres e o militarismo derrotado.



[...] ¡Compañeras! Estudiemos sin descanso, y una vez conocedoras del Comunismo Anárquico, luchemos fuertemente para conseguir implantarlo, pues él acabará para siempre con estos “Cuadros Lúgubres”, haciéndonos iguales, o sea libre. (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:2).

Analisando todo o editorial foi possível perceber a luta dessas mulheres para dar repercussão aos fatos que estavam ocorrendo em Cuba, na Turquia, na África, na Europa, gritando a favor da liberdade que precisa ser conquistada por mulheres e homens. As libertárias tiveram a preocupação de apontar os princípios maléficos da exaltação a símbolos patrióticos.

A questão do patriotismo como uma ameaça foi discutida anteriormente por outras mulheres anarquistas, como Emma Goldman. No texto *Patriotism: A Menace to Liberty* (1910)<sup>52</sup> a famosa anarquista discute o que é patriotismo nos Estados Unidos e como ele atinge toda a vida da população, as esferas sociais e econômicas. Goldman utiliza exemplos da economia de diversos países para provar os altos custos do patriotismo para uma nação. Para conceituar o patriotismo, Emma utiliza as ideias de antipatriotas famosos como Liev Tolstói e Gustave Hervé.

Inicialmente questiona o que é o patriotismo e quais são seus benefícios; e utilizando-se dos conceitos de outros antipatriotas, Goldman mostra que o patriotismo é derivado da presunção, arrogância e egoísmo dos governantes e dirigentes das instituições militares.

[...] Indeed, conceit, arrogance, and egotism are the essentials of patriotism. Let me illustrate. Patriotism assumes that our globe is divided into little spots, each one surrounded by an iron gate. Those who have had the fortune of being born on some particular spot, consider themselves better, nobler, grander, more intelligent than the living beings inhabiting any other spot. It is, therefore, the duty of everyone living on that chosen spot to fight, kill, and die in the attempt to impose his superiority upon all the others. [...] (GOLDMAN, 1910:55).

O patriotismo e a essência da guerra se mostram lucrativos para o Estado que explora, uma instituição que eleva os lucros dos burgueses que são produtores de suprimentos militares. Porém, a nação arca com problemas econômicos gerados pelo aumento das despesas com as principais forças. Sobre esses gastos Emma Goldman afirmou:

[...] That patriotism is rather a costly institution, no one will doubt after considering the following statistics. The progressive increase of the expenditures for the leading armies and navies of the world during the last quarter of a century is a fact of such gravity as to startle every thoughtful student of economic problems. It may be briefly indicated by dividing the time from 1881 to 1905 into five-year periods, and noting the disbursements of several great nations for army and navy purposes during the first

---

<sup>52</sup> Emma Goldman escreveu suas teorias sobre o antimilitarismo a partir de 1890. No ano de 1910 os escritos foram compilados no livro *Anarchism and Other Essays*.

and last of those periods. From the first to the last of the periods noted the expenditures of Great Britain increased from \$2,101,848,936 to \$4,143,226,885, those of France from \$3,324,500,000 to \$3,455,109,900, those of Germany from \$725,000,200 to \$2,700,375,600, those of the United States from \$1,275,500,750 to \$2,650,900,450, those of Russia from \$1,900,975,500 to \$5,250,445,100, those of Italy from \$1,600,975,750 to \$1,755,500,100, and those of Japan from \$182,900,500 to \$700,925,475.[...] (GOLDMAN, 1910:56).

Emma Goldman e as libertárias do *La Voz de la Mujer* compartilham do mesmo pensamento sobre o poder de manipulação das instituições que promovem o patriotismo e consequentemente o militarismo com intenção de convencer os trabalhadores homens a se alistar nas forças armadas. Emma reforça que:

[...]the awful waste that patriotism necessitates ought to be sufficient to cure the man of even average intelligence from this disease. Yet patriotism demands still more. The people are urged to be patriotic and for that luxury they pay, not only by supporting their “defenders,” but even by sacrificing their own children. Patriotism requires allegiance to the flag, which means obedience and readiness to kill father, mother, brother, sister. [...] (GOLDMAN, 1910:57).

As consequências perversas desse patriotismo é o militarismo combatido pelas campanhas antimilitaristas encabeçadas pelos libertários e abraçada pelas redatoras do *La Voz de la Mujer*. Posicionam-se contra o serviço militar obrigatório imposto em muitas nações, além disso criticam o Estado que se militariza para conquistar novos territórios, impondo sua cultura e seu sistema capitalista. Hanna Arendt no livro *Origens do Totalitarismo* (2012) pontua que a “expansão como objetivo permanente e supremo da política é a ideia central do imperialismo”. A filósofa também esclarece que a expansão econômica aprofunda a classe burguesa dentro do processo político, usando o método de ampliar a produção, emancipando-se politicamente através do processo imperialista. (ARENDDT, 2012:168).

Para as libertárias a guerra era fruto do Capital que servia para escravizar as famílias e explorar os homens que eram obrigados a serem soldados. A militarização esbarra nos princípios de evolução do anarquismo e da Nova Era, trazendo consequências irrevogáveis para a sociedade porque matava milhares de mulheres, homens, crianças e idosos e todos aqueles que estivessem no caminho do Capital. As palavras de orgem dessa campanha eram “Abajo la guerra!”.

#### 2.4 ¡MUERAN PARA SIEMPRE LOS VAMPIROS DE LA SOCIEDAD! CAPITALISMO, EXPLORAÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO BURGUÊS.

Associado ao Estado, o capitalismo, a exploração da trabalhadora e do trabalhador e o padrão-burguês eram, para os anarquistas em geral, a raiz de todos os males. As atitudes dos burgueses tinham grande impacto no âmbito da produção da fábrica e na exploração da mão de obra, indo contra tudo que o anarquismo prega.

Nas páginas do periódico *La Voz de la Mujer*, a representação do capitalismo, a exploração da mão de obra e o burguês apareciam de diversas maneiras, demonstrando determinada revolta das articulistas para tratar desses assuntos correlacionados. A ideia de representar esses temas caros ao anarquismo ilustra a noção de denunciar o poder do sistema e dos que com ele eram identificados. (CAMARGO, 2013:72).

Essas representações não são construções sociais neutras advêm dos discursos defendidos pelo anarquismo e pelas redatoras do jornal, que enxergam no burguês o principal problema da exploração da mão de obra operária. São representações do mundo social que formam esses discursos, além disso essas representações são forjadas por grupos de interesse. (CHARTIER, 1988:17). Representar esses temas e essa figura (burguês) pode ser visto como uma forma de resistência desse jornal.

No periódico *La Voz de la Mujer* a figura do burguês é sempre atrelada ao masculino, demonstrando que seria difícil imaginar que o padrão fosse representado por uma mulher. (GAWRYSZEWSKI, 2009:30). Ao longo dos exemplares, diversos artigos procuram mexer com o imaginário da leitora (leitor) tentando estabelecer um padrão para essa figura. Os simbolismos atribuídos a figura do burguês permeavam todo o movimento anarquista, sendo expressos tanto pela linguagem verbal quanto pela visual.

O artigo de Josefa M. R. Martinez intitulado *¡Obreros!* procura representar o papel que a trabalhadora e o trabalhador têm na sociedade. Para além disso, destaca que a trabalhadora e o trabalhador são os aos olhos da burguesia. Procura demonstrar que a consciência da posição inferior da proletária e do proletário não está totalmente formada nos oprimidos e que não percebe como são subjugados pelos burgueses.

Em um certo fragmento do texto Josefa Martinez chama atenção para a figura da burguesia, do burguês; como enxerga essa burguesia e como suas práticas culturais e morais refletem no cotidiano do trabalhador. Palavras como “hiena”, “câncer”, “réptil venenoso”,

“perversos”, “infames” são empregadas para designar essa classe que explora e aliena as trabalhadoras e os trabalhadores. Para Josefa, o cérebro dos homens burgueses pode ser descrito como “pervertido” e sanguinário”.

¡Id a ser el hazme reír de esa fiera insaciable, de esa hiena jamás satisfecha, de ese roedor câncer, de ese ponzoñoso reptil a quien, por decirlo todo, se llama “Burguesía”, palabra que quizá no comprendéis, porque en sí encierra todo lo inicuo, todo la infame, todo lo más asquerosamente repugnante que concebir pueda el pervertido y sanguinário cerebro de um ¡hombre! (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:1).

A autora insiste em fazer perceber que a trabalhadora e o trabalhador precisam se dar conta do papel triste que desempenham perante a classe dos burgueses. Ao compartilhar práticas morais e culturais como reuniões, romarias e festas onde os “pobres” não têm entrada, esses homens e mulheres são considerados pelos burgueses como desajeitados, com corpos machucados e mãos calosas devido ao trabalho exaustivo e lucrativo prestado aos patrões.

Id, pero al menos, daos cuenta del triste, si, my triste papel que allí desempeñais. Mirad ¿veis, allí en aquellas que se llaman Romerías, aquello que tiene tantos escudos y colores? pues aquél es el “palco oficial”, ¿sabéis? pues allí no tenéis entrada, allí no permiten que entréis, pues vuestras torpes maneras, vuestras manos calosas (que a ellos sustentan), no pueden, ni deben (dicen), estrechar la fina y enguantada diestra de tanto y tanto... Burgués (puff), de tanta y tanta noble y emperifollada...Burguesita: sabéis, se os desprecia y causáis asco, y ¿entendeis? ¡asco! (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:1).

O texto usa expressões como “burguesinhos”, mais uma representação de como os burgueses são chamados/classificados/vistos; um termo pejorativo do ponto de vista da autora Josefa Martinez. A utilização de termos pejorativos objetiva revidar o desprezo que os burgueses têm pelas operárias e pelos operários, chamando atenção da leitora/leitor que essa classe precisa ser tratada como inimigos do movimento anarquista.

Josefa Martínez tenta mostrar alguns meios eficazes de combater e reagir a opressão do patrão-burguês. A expropriação é vista como uma reação positiva a exploração dos burgueses. A lógica seguida é de que os capitalistas roubaram do povo suas terras e todos os meios de produção necessário para uma comunidade autogerida. (MALATESTA, 2008:144). Nas palavras de Martinez: “¡Ah! ¡tenéis hambre! ¡por la cara de un Burgués!... ¡expropiad, matad todo eso, es bueno y natural, pero jamás debemos renunciar a ser hombres, para ser micos ó fantoches!” (*La Voz de la Mujer*, 8 jan. 1896:1).

Expropriação tem como significado básico retirar (de alguém) a propriedade ou posse por conveniência ou necessidade pública. Os anarquistas tinham a expropriação em mente como

um meio de abolir a propriedade privada e entregar às trabalhadoras e trabalhadores as terras, as fábricas para o trabalho comunitário.

[...] queremos abolir a propriedade privada individual e a autoridade, isto é, expropriar os proprietários da terra e do capital, derrubar o governo, e colocar à disposição de todos a riqueza social, a fim de que todos possam viver a seu modo, sem outros limites senão aqueles impostos pelas necessidades, livre e voluntariamente reconhecidas e aceitas. [...] (MALATESTA, 2008:87).

Os burgueses são representados como “reis gordos, babões” debochando dos trabalhadores que enfrentam situações degradantes em suas vidas pessoais, tendo uma família para alimentar, sendo oprimido pela sociedade. Os trabalhadores e trabalhadoras são representados como “infelizes”. (MARTINS, 2006:265).

[...] ¿No habéis oído decir cual se aprieta con las finas manos la exuberante panza, el reyezuelo, presa de convulsiva risa, y babeante el “real” lábio, mirar con el rostro compungido del infeliz bufón, a quien acaba de aplicar un “real” latigazo? Pues así, de tal modo, y con tales nobles pesares, se ríen de ese infeliz, es decir de nosotros. [...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:2).

No geral, os burgueses eram representados por homens obesos chamados de bandidos do capital que exploravam homens e mulheres em busca de riquezas e poder. A representação da obesidade desses burgueses reforça a luta de classes e o conflito social entre capital e trabalho.

Josefa Martínez finaliza o artigo fazendo uma chamada às trabalhadoras e trabalhadores, contra todas as festividades burguesas que não pertencem aos proletários, contra os burgueses que exploram, humilham os proletários e proletárias. A autora proclama que as trabalhadoras e os trabalhadores retornem a prática da propaganda pelo fato, pois neste dia os burgueses temerão a ação do movimento anarquista.

[...] ¡Vámonos obreros, vámonos, y jamás volvamos a tales fiestas o escárnios mejor dicho, en las cuales se nos desprecia y humilla hasta tanto de llamarnos sus hermanos; vámanos, pues para ellos somos la “plebe” que viene al espectáculo de las banderas, de las músicas, y de las... porquerías! ¡Vámanos, y que cuando volvamos seamos preparados, con la dinamita en la mano para ponerla en acción, y entonces veremos huir a toda esa cobarde canalla, cual huyen al fulgurar el nuevo día, los espectros, que la pesadilla de un horrible sueño forjó durante la noche!... [...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:2).

O burguês aparece no artigo *Luchemos...* de Pepita Gherra (Guerra) publicado no exemplar de número dois (31 de janeiro de 1896); neste artigo a autora procura estimular as

anarquistas e os anarquistas que ainda não estão na linha de frente da luta ou que acham a luta “pesada” demais. Segundo Pepita, deve-se lutar pelo filho que chora de fome implorando pelo pão, por toda mulher e homem que sofre com a “mão de ferro” do patrão-burguês. A luta não deve ser vista como vingança das proletárias e proletários, pois o burguês é um criminoso. A “satisfação” das lutadoras e lutadores quando o inimigo é parcialmente derrotado pela morte, o prazer da morte do inimigo eleva a vontade de luta.

[...] ¡Luchemos! sí, exclamamos con rencor fiero cuando oímos el grito monótono (a fuerza de oírlo) ¡pan! ¡mamá, pan! ¡Luchemos! exclamamos cuando vemos caer empapado en sangre y el cuerpo acribillado de heridas a uno de nuestros compañeros, ¡luchemos! sí, ¡que hay un crimen más que vengar! ¡Luchemos! repetimos satisfechas cuando vemos rodar ensangrentado el cuerpo de uno de nuestros enemigos. [...] (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:2).

Malatesta no texto *Capitalistas e Ladrões* descreve o patrão-burguês é descrito como um capitalista ladrão que deve seu sucesso a “desgraça” da trabalhadora e do trabalhador. Esses ladrões são legitimados pelo Estado e pela Igreja, formando a tríade que oprime homens e mulheres do proletariado.

[...] os proprietários, os capitalistas, roubaram do povo, pela fraude ou pela violência, a terra e todos os meios de produção, e como consequência deste roubo inicial podem subtrair dos trabalhadores, a cada dia, o produto de seu trabalho. Mas esses ladrões afortunados tornaram-se fortes, fizeram leis para legitimar sua situação, e organizaram todo um sistema de repressão para se defender, tanto das reivindicações dos trabalhadores quanto daqueles que querem substituí-los, agindo como eles próprios agiram. [...] (MALATESTA, 2008:144).

Os burgueses são vistos como os principais inimigos a serem combatidos, inimigos do “bem-estar” social dos povos. Criam mecanismos de oprimir e vigiar o povo como um todo, erguendo prisões e torturando os explorados. A perseguição dos inimigos, segundo Pepita Gherra, é a força propulsora que lança os militantes anarquistas em direção a consecução de seus objetivos. Suas instituições opressoras, suas armas, suas prisões, seus mecanismos de punição são vistos como encorajadores de mulheres e homens. Pepita Gherra diz:

“¿Qué nos importa morir, si en nuestros pechos vive la seguridad del triunfo? ¿qué importa caer? ¡Ah, burgueses, enemigos del bienestar del pueblo, construid cárceles, alzado guillotinas, fusilad y agarrotad! ¿Qué importa? ¿no saben que de lo más hondo de vuestros calabozos, de lo más alto de vuestras horcas, de lo ensangrentado de vuestras guillotinas, y de los negros y humeantes fusiles sale la fuerza que nos alienta? Caeremos tal vez, pero el día de la formidable revancha veréis, si alguno de vosotros queda, bajar con raudo giro espesa nube de polo que con imponderable gozo vendrá a empaparse en vuestra sangre. ¡Serán nuestros átomos los de vuestra víctimas!” (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:2).

O texto *Dios, Ley y Comercio* de Milna Nohemí aborda a relação das autoridades e dos trabalhadores(as). A tríade opressora aparece representada pelos patrões-burgueses (Capital), pelas autoridades eclesiásticas (Igreja) e pelas autoridades governamentais (Estado). O artigo retoma a discussão sobre a característica latrante do patrão-burguês, esclarecendo que esse representante da burguesia obtém lucros por conta do esforço da operária e do operário.

Segundo Milna Nohemí, para conter o “roubo” dos trabalhadores (as) revoltados (as), o burguês se volta para aquele que tem maior força de opressão, aquele que possui o “braço armado”, o Estado. O Estado reconhece, segundo Nohemí, que os trabalhadores e trabalhadoras são explorados (as), porém, visando obter vantagens junto a classe burguesa escolhe proteger e defender os interesses do patrão-burguês.

[...] Veamos, cualquier patrón nos robará el producto de nuestro trabajo, en su mayor parte: si producimos ocho nos dará dos. Bien, como pudiera ser que algún hambriento quisiera apoderarse y se apoderase de aquella parte que el patrón robó al obrero, hubo necesidad de pedir favor al gobierno, que es el defensor de los ladrones, y éste le dijo: "Bueno, yo te prestaré auxilio, yo impediré que tus infelices víctimas traten de sacarte lo que tú, por medio del engaño y valiéndote, y aprovechándote de su ignorancia, le has robado, yo cuidaré y defenderé el producto de tus rapiñas, pero con la condición de que tú me has de dar una parte de lo que robas.[...]. (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:3).

A aliança entre Estado e burguesia atende às exigências do sistema capitalista; o Estado em contrapartida exige o pagamento de impostos para garantir a continuidade dos “serviços” como apoio armado contra greves e legislações que favoráveis aos patrões-burgueses. Segundo Milna, os burgueses entendem que os pagamentos de impostos geram mais danos do que a expropriação praticada pelo movimento operário.

[...] Y efectivamente, se estableció vigilancia por todas partes y esta vigilancia costaba al burgués, o sea al ladrón, un peso, de los seis que había robado. Apercibido el burgués de que el fruto de sus robos había menguado, dijo al gobierno: "Pero hombre, así de este modo tú sin más trabajo que haberlo pensado, vienes a disfrutar de una parte de mis ganancias y por lo tanto éstas disminuyen en una parte muy considerable, lo cual no me conviene de ninguna manera."- "Tonto, le respondió éste, si tú antes le pagabas dos por lo que te producía a ti ocho, ahora págale uno y asunto concluido. [...] (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:3).

A linguagem empregada nos artigos apresentados tem um caráter mais informal com a intenção de uma aproximação maior entre as autoras e as leitoras (leitores), utiliza-se, também, de palavras poéticas e de incentivo. A força da trabalhadora e do trabalhador é exaltada como

meio que mantém a luta viva no interior do movimento anarquista; a luta contra todo um sistema opressor representado pela figura do burguês.

O patrão-burguês (Capital), o Estado e a Igreja são vistos como os representantes da exploração do sistema capitalista e oprimem as mulheres e homens, impondo práticas morais e culturais aos explorados. Identifica-se nos textos que o levante do operariado é fundamental para derrotar essas três instituições e seus mecanismos de coerção.

O discurso do burguês também precisa ser combatido, as representações de figuras obesas e perversas servem como modo de “assustar” mulheres e homens e criar meios de desmascarar os atos repressivos desses homens.

*¡VIVA LA ANARQUÍA!*



### 3. *FIRMES EN LA BRECHA. ESCRITOS DE MULHERES PARA MULHERES.*

“Cuidado com as mulheres quando se sentem enjoadas de tudo que as rodeia e se revoltam contra o velho mundo. Esse dia nascerá o novo mundo.”

**Louise Michel**

A sensibilidade feminina tornou o diálogo entre as articulistas e as leitoras algo mais intimista, facilitando a adesão das mulheres às ideias e conseqüentemente à causa libertária. Os textos revelam sentimentos e alguns fatos pessoais. Essas estratégias eram utilizadas propositalmente para tentar maior aproximação visando promover uma identificação com mulheres, quebrando distanciamentos e conquistando as leitoras que não tinham conhecimento da Anarquia.

Esses artigos eram lidos em voz alta perto de fábricas e oficinas. Pensando nisso as libertárias utilizavam uma linguagem poética e metafórica; e mesmo que não fossem linguagens simples aproximavam e tocavam os sentimentos das leitoras e dos leitores.<sup>53</sup> As temáticas de mulheres para mulheres são o ponto alto do periódico *La Voz de la Mujer*, são esses textos que descrevem na essência a vida das mulheres anarquistas e das mulheres em geral no final do século XIX.

#### 3.1 *¡VIVA EL AMOR LIBRE! ¡VIVA LA UNIÓN LIBRE! DISCURSOS SOBRE AMOR E SEXUALIDADE NO PERIÓDICO LA VOZ DE LA MUJER.*

As questões que envolvem o amor e a sexualidade são debatidas pelo movimento anarquista internacional e se fazendo presente em muitos periódicos. Entretanto, até o surgimento do *La Voz de la Mujer* ainda não tinham sido escritos textos de mulheres para mulheres sobre o amor livre, a união livre e a sexualidade. Outras mulheres como Emma Goldman e Soledad Gustavo escreveram sobre essas questões pretendendo alcançar homens e mulheres. A especificidade do conteúdo dos temas presentes na folha destaca-se por estarem em um veículo projetado para discutir esses assuntos tendo como público alvo a mulher.

Durante o século XIX as mulheres e homens ligados ao movimento anarquista começaram a debater sobre temas relacionados ao amor, à moral, ao matrimônio e a sexualidade. Esses temas eram entendidos como parte fundamental da vida do ser humano e

---

<sup>53</sup> Os tipos de linguagens variavam de acordo com os temas propostos. Alguns textos possuíam diálogos doutrinários, outros relatos pessoais e outros uma linguagem mais poética e metafórica. A variação de linguagem está mais presente nos textos que discutem temáticas exclusivamente femininas.

possuíam grande influência sobre a liberdade individual de cada um. A intenção do debate era esclarecer a todos os militantes que o corpo de mulheres e homens não era objeto que poderia ser usado de qualquer forma. (RIBAS, 2012:3).

Ao defender o amor livre, as libertárias e libertários criticavam, automaticamente, o modelo de amor, união e sexualidade da burguesia. Segundo libertárias e libertários o amor livre consistia, essencialmente, em não comercializar as relações afetivas e sexuais entre mulheres e homens. A defesa da liberdade de amar encontrava conceitos e formas diferentes dentro do movimento anarquista apontando para uma certa diversidade de opiniões e teorias sobre o assunto.

[...] o tema “amor livre” não era questão pacífica entre os anarquistas [...] e muitos eram os posicionamentos apresentados, nas mais diferentes concepções e entendimentos, sinalizando não apenas para uma diversidade de concepções a partir das quais, apenas torna-se possível afirmar que havia uma intencionalidade destes discursos – sejam eles a favor ou contra a ideia de amor livre – visando à formação de sujeitos que poderiam dar forma a revolução social almejada pela ideologia anárquica. [...] (RIBAS, 2012:4).

A propaganda pelo amor livre na Argentina começou anteriormente ao surgimento do *La Voz de la Mujer*; o periódico *La Questione Sociale* já publicava artigos em que proclamava o amor livre como um dos meios de libertação e emancipação de toda humanidade e de grande importância para a luta feminina.<sup>54</sup> As/os militantes argentinas (os) acreditavam que para alcançar a Revolução Social deveriam começar pelas pequenas mudanças no cotidiano.

O matrimônio, a vida sexual e o amor burguês com suas condutas pré-determinadas a partir de um processo de “imposição do modelo imaginário de família” (RAGO, 2014:86), foram os motivos que impulsionaram as libertárias e os libertários a discutirem e traçarem um plano próprio para relações afetivas e sexuais. Esse plano próprio deveria basear-se no ideário anarquista e fazer parte dessa cultura libertária revolucionária, acarretando ações afirmativas e positivas para o futuro.

O *La Voz de la Mujer* afirmando em primeiro plano e mantendo seu status de veículo comunicador voltado para assuntos femininos e escritos de mulheres para mulheres, discutiu em muitos textos as questões envolvendo a vida amorosa, conjugal e sexual das mulheres. Dentre todos os textos dois ganham destaque por concentrar o debate não somente no amor livre, na união livre (ou livre união) e na sexualidade, mas por incluir questões referentes ao adultério e à maternidade.

---

<sup>54</sup> Sobre a propaganda anarquista entre as mulheres ver Capítulo 1.

Carmen Lareva publicou na edição de número um (08 de janeiro de 1896) o primeiro texto que debate as questões do amor livre e assuntos correlacionados. O artigo *El Amor Libre ¿Por qué lo queremos?* discute a busca do amor livre pelas libertárias, traçando um panorama do casamento na sociedade burguesa do século XIX e destacando como as mulheres são vítimas de uniões estagnadas que levam a relações sexuais promíscuas, adultérios e vidas infelizes para mulheres e homens.

Pepita Gherra (Guerra) também publica no exemplar de número dois (31 de janeiro de 1896) o artigo *¿Amemos? no ¡Luchemos!* ampliando as discussões sobre o amor livre. No texto, a autora discute o fator amor e como esse fator é relacionado a sociedade do século XIX e a posição da mulher diante do que Pepita classifica como desmandos sociais dos homens anarquistas e burgueses e das próprias mulheres, principalmente burguesas. Segundo a autora, amar pode significar uma vida de anulação e infelicidades para algumas mulheres.

No início do texto *El Amor Libre ¿Por qué lo queremos?* Lareva faz uma crítica aos que ainda não compreenderam as intenções dos anarquistas em sua real essência. Para mulheres e homens que ainda não aderiram a causa, o anarquismo vive certo conflito com as práticas da sociedade convencional, mais especificamente com o que chamaremos de família tradicional burguesa.

[...] creen los ignorantes y dicen los mal intencionados que la idea Anárquica está en pugna con todo lo bueno, lo bello, con el arte, las ciencias, y sobre todo, con el hogar. En efecto, muy repetidas veces hemos tenido ocasión de oír de los labios de algunas obreras lo siguiente: “¡Oh, bueno está vuestra idea Anárquica! ¡vosotras queréis que todas las mujeres de esposas, hijas, madres y hermanas, nos convirtamos en mancebas, juguetes viles de las desenfrenadas pasiones del hombre!” [...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:3).

As próprias mulheres criticam as libertárias por seu projeto político social-anárquico, reconhecendo que as ideias são pertinentes, mas sem entenderem o verdadeiro objetivo do projeto. Acreditavam que caso fossem adeptas desse modelo de vida e sociedade acabarão virando “joguetes ou brinquedos amorosos” dos homens.

A autora argumenta que as mulheres ao longo da história sempre sofreram com a submissão ao homem, sendo as maiores vítimas da sociedade, encontrando-se, portanto, em uma condição infeliz e excludente.

Nota-se que uma questão importante como o assédio sexual já estava presente nos textos do século XIX. As mulheres sofriam com olhares, palavras e atitudes abusivas dos homens, os quais Carmen Lareva chama de “sexo fuerte”. Analisando a colocação de Lareva sobre os homens serem um “sexo fuerte” percebemos que a própria autora acaba por colocar a mulher

em uma situação de inferioridade, diferente do que argumenta no texto e do que alguns artigos do periódico tentam desconstruir. Devemos considerar o espaço e o tempo que o texto de Lareva foi escrito, levando em conta que a autora estava limitada com os pensamentos daquela sociedade mesmo sendo uma libertária.

Esse “sexo fuerte” refere-se a todos os homens, opressores e oprimidos, sinalizando que independente da classe social as mulheres são subjugadas pelo fato de serem mulheres. A lógica da dominação masculina não está relacionada com uma questão de classe, mas com uma cultura. O objetivo desses padrões culturais impostos seria imergir a mulher em um limbo de más condições na vida pública e privada.

Para as libertárias e libertários o casamento burguês tinha aspecto muito comercial, sendo pautado muitas vezes na transação entre o pai da jovem mulher e o futuro marido escolhido para o enlace. Sob o código civil burguês, o matrimônio favorecia apenas ao homem, considerado o “dono” da esposa e de seus bens:

[...] a mulher deve obediência ao marido e é obrigada a habitar com ele e a segui-lo para onde quer que vá. (Código Civil). Sem autorização do marido ou sem o seu concurso, não pode a mulher demandar em juízo, bem como dar, alienar, hipotecar ou adquirir, coisas estas que o marido pode fazer. (Código Civil). Só o pai exerce autoridade sobre o filho. (Código Civil). [...] (ALBERT, 1980:9).

No casamento burguês a mulher é totalmente submissa ao homem, sendo esse enlace um real contrato de negócios entre as famílias. O matrimônio é imposto pelas famílias deixando as mulheres com uma falsa sensação de liberdade, pois são obrigadas a vivenciar uma realidade sem amor e puramente comercial, como a regida no Código Civil. (ALBERT, 1980:17; FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:116).

[...] o casamento monogâmico [...] produz “anomalias sexuais”, porque nele os dois sexos estão em absoluta desigualdade de direitos; é impossível o amor entre pessoas que se oprimem, que têm medo de se perderem, que vivem uma relação de dependência e de posse. [...] (RAGO, 2014:144).

Carmen Lareva argumenta em seu texto que o matrimônio sem amor fracassa, sendo essa relação imposição social entre mulheres e homens, o que acaba virando um “fardo sério e assustador” para ambos os envolvidos. Seguindo as “leis naturais” do casamento, o próximo passo seria gerar filhos sem amor, complicando ainda mais a relação entre os casais.

[...] si realizamos lo que algunas creen su dicha, esto es el matrimonio, entonces nuestra condición es peor, mil veces peor. La falta de trabajo en el “marido”, lo escaso

de la remuneración, las enfermedades, etc., hacen que lo que en otra circunstancia sería el colmo de la dicha, sea en nuestra condición una grave y temible carga, para los “esposos”. En efecto nada tan bello, tan poético, tierno, agradable y simpático como un niño, un hijo ¡he ahí el colmo de la felicidad del matrimonio!; pero ¡ay del pobre! ay del hogar en donde se cierne la miseria y en donde hay un pequeño ser que necesite nuestros cuidados, nuestras caricias y atenciones ¡ay de aquel hogar! no tardará en producirse en él mil riñas y disgustos sin cuento.[...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:3).

Amor e casamento não são sinônimos, mas a sociedade quer impor que esses laços devam permanecer como uma dupla. O matrimônio e o amor não têm relações íntimas semelhantes, estão em diferentes lados da moeda das relações afetivas e o amor, geralmente, não é resultado do casamento. Emma Goldman em seu texto *Marriage and Love* (1910) corrobora para a ideia de que essas noções da sociedade de casamento e amor estão equivocadas:

[...]the popular notion about marriage and love is that they are synonymous, that they spring from the same motives, and cover the same human needs. Like 88 most popular notions this also rests not on actual facts, but on superstition. Marriage and love have nothing in common; they are as far apart as the poles; are, in fact, antagonistic to each other. No doubt some marriages have been the result of love. Not, however, because love could assert itself only in marriage; much rather is it because few people can completely outgrow a convention. There are to-day large numbers of men and women to whom marriage is naught but a farce, but who submit to it for the sake of public opinion. At any rate, while it is true that some marriages are based on love, and while it is equally true that in some cases love continues in married life, I maintain that it does so regardless of marriage, and not because of it. [...] marriage is primarily an economic arrangement, an insurance pact. It differs from the ordinary life insurance agreement only in that it is more binding, more exacting. Its returns are insignificantly small compared with the investments. In taking out an insurance policy one pays for it in dollars and cents, always at liberty to discontinue payments. If, however, woman's premium is a husband, she pays for it with her name, her privacy, her self-respect, her very life, “until death doth part.” Moreover, the marriage insurance condemns her to life-long dependency, to parasitism, to complete uselessness, individual as well as social. Man, too, pays his toll, but as his sphere is wider, marriage does not limit him as much as woman. He feels his chains more in an economic sense. (GOLDMAN, 1910:96).

Retornando à questão dos filhos, Lareva descreve que os filhos deveriam ser o “auge da felicidade” em um casamento, porém, as solicitações minuciosas e incessantes de uma criança acabam gerando ainda mais impasses entre os casais que vivem uma união formada pela obrigação social do matrimônio. Para Carmen Lareva, evitar um filho seria a maneira de impedir ainda mais desconfortos conjugais; filhos prejudicam principalmente as mulheres, que poderiam ficar impedidas de trabalhar e ajudar o companheiro nas altas despesas domésticas.

[...] aquel nuevo ser necesita mil cuidados que impiden a la joven madre de ayudar a su compañero a soportar los gastos del hogar, que por otra parte aumentan

considerablemente en tanto que las entradas disminuyen, de ahí que lo que debiera ser anhelo y dicha del hogar, sea considerado como una carga, un estorbo y un motivo de disgustos y miserias que con todo cuidado conviene evitar, con el onanismo conyugal, los fraudes y aberraciones en el coito, con todo su séquito de asquerosas enfermedades, de ahí las mil y mil asquerosas y repugnantes prácticas que convierten el tálamo nupcial en pilón de asquerosas obscenidades, de ahí el hastío, el aburrimiento, las enfermedades y la tan decantada “falta” contra el “honor”. ¡El adultério! [...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:3).

Carmen apresenta uma solução para a situação dos filhos, essa solução seria a prática do “onanismo conjugal”.<sup>55</sup> O onanismo seria a interrupção do coito antes da ejaculação, evitando assim a gravidez. Sobre as relações sexuais, Lareva classifica que muitas delas são “fraudes e aberrações” geradoras de doenças, de práticas negativas e degradantes que transformam o sexo em um ato de imoralidade. Essas circunstâncias (doenças sexuais, “aberrações” sexuais, tédio e desacordo) acabam levando ao desgaste do matrimônio e culminam na desonra que seria a traição conjugal, o adultério.<sup>56</sup>

Com relação aos métodos anticonceptivos e a sexualidade da mulher, a jornalista Mabel Belluci em seu texto *Anarquismo, sexualidad y emancipación femenina. Argentina alrededor del 900* expõe que a abstinência momentânea é o método contraceptivo mais eficaz nas relações em que existe uma obrigação social. A medicina do século XIX debateu insistentemente argumentando que o onanismo ou coito interrompido poderia acarretar transtornos físicos e psicológicos para mulheres e homens. Em sua essência o autocontrole sexual era considerado o mais adequado para evitar filhos indesejados.

Las prácticas sexuales naturales dentro del matrimonio más difundidas en el siglo pasado y principios del actual son la abstinencia momentánea, la separación definitiva de los cuerpos o castidad forzosa – en tanto no haya voluntad de procreación –, la negatividad de la mujer y el coitus interruptus. Sin embargo, este último procedimiento anticonceptivo, pese a ser el más habitual, fue puesto en discusión por la medicina de la época por los trastornos físicos y psíquicos que producía. En realidad, el autocontrol sexual es considerado el método adecuado, no solamente por los resultados que se obtienen sino también porque parte del precepto de que la razón priva sobre el instinto. En el horizonte mental de la época, la recurrencia de las prácticas sexuales de los cónyuges se considera “extraña”, ya que es inabituado que una mujer mantenga encuentros sexuales regulares y se entregue libremente por decisión propia. Por otra parte, el desenfreno del placer podría alterar su capacidad de instinto maternal. (BELLUCI, 1990:153-154).

---

<sup>55</sup> Onanismo é uma palavra que deriva de Onan, um personagem bíblico. Filho de Judá, Onan sofreu com a morte de seu irmão mais velho e teve de contrair matrimônio com a sua viúva, uma mulher chamada Tamar, segundo a lei dos judeus. As normas da época indicavam que se Onan tivesse um descendente com Tamar, não seria considerado seu filho, mas atribuído ao seu irmão. Isto, por sua vez, implicaria um deslocamento de Onan na sucessão hereditária na sua família. Para evitar esta situação, Onan praticava o coito interrompido com Tamar, evitando ejacular dentro dela para que a mulher não engravidasse.

<sup>56</sup> As palavras “falta (contra el)” e “honor” aparecem no texto original entre aspas. Podem significar que as libertárias não acreditam que a infelicidade, a traição conjugal seja uma verdadeira desonra ou uma marcha moral, nem para a/o infiel e nem para o cônjuge.

A autora argumenta que a abolição das principais causas seria o fim dos lares infelizes e o princípio de alegrias no matrimônio. Mulheres se manifestam argumentando com seus maridos sobre as dificuldades de criar um filho, expondo os obstáculos financeiros e emocionais de se gerar e parir uma criança. Dialogando com suas leitoras, Carmen questiona se isso é amor, supondo uma resposta negativa, lamenta que as mulheres ainda tenham que passar por situações de imposições como essa, desde a imposição do casamento até a obrigação de sexo e a geração de filhos.

[...] suprimida la causa muere el efecto, suprimida la miseria, desaparecen tales asquerosidades, y el hogar, lejos de ser lo que hoy es, sería un paraíso de goces y delicias. ¡Cuántas confidencias hemos recibido de nuestras amigas, víctimas expiatorias de tales actos! — ¿Y qué? nos respondía el compañero cuando en cara le echábamos tales actos: ¿No saben ustedes cuántos gastos ocasiona un hijo? Partera, médico, medicamentos, dieta, cuidados, y luego la lactancia; ¿cómo haría yo que hoy que trabajamos los dos, apenas nos es dado vivir, cómo haría entonces, cuando los gastos aumentasen y las entradas disminuyesen? ¡Déjenme de chicos, al diablo con ellos! ¿Qué tal? queridas compañeras ¿es esto amor, hogar, cariño? ¡Asco da el pensar que por tal tenga que pasar una mujer; y no obstante es tan cierto!...[...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:3).

O amor livre e a união livre precisam ser proclamados para dar autonomia afetiva às mulheres e homens na hora de suas escolhas, sem que precisem decidir com base nas convenções sociais impostas por uma sociedade sem moral e ética. Carmen Lareva argumenta que a união livre garantirá filhos desejados que serão naturalmente felizes e livres. A união livre também implica a liberdade dos companheiros um com o outro, a escolha de ficar juntos ou não é a verdadeira essência do amor livre.

[...] ahora bien, nosotras al proclamar el amor libre, la libre unión de los sexos, creemos firmemente que con ello desaparecen todas estas repugnancias. Unidos libremente y no teniendo nada que temer, pues tendríamos asegurado el sustento para los seres que, fruto de amor, produjera la unión de aquellos que en alas de sus amores fundían dos seres en uno, naturalmente que serían felices y libres los dos; compañeros de sus acciones respectivas, no tendrían que temer nada el uno del otro. Se nos ha dicho que si el amor, la unión, etc., fueran libres, como deseamos, el hombre cambiaría continuamente de mujer y la mujer de compañero, que no teniendo nada que temer de la sociedad ni de la ley, no serían fieles el uno al otro, mientras que hoy, ya sea porque la ley castiga a la adúltera o adúltero, o bien por temor a la crítica social, los esposos se soportan mutuamente sus faltas y rarezas. [...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:3).

Maria Lacerda de Moura, no livro *Han Ryner e o amor plural* (1928), defende que o amor em sua essência é livre, que a sociedade burguesa precisa permitir que o amor seja livre e que mulheres e homens devem encontrar o amor e a liberdade de amar por si mesmos.

Deixem o amor livre, absolutamente livre. Homens e mulheres encontrarão, nas leis biológicas e nas necessidades afetivas e espirituais, o seu caminho, a sua verdade e a sua vida... A solução só pode ser individual.  
Cada qual ama como pode.... (MOURA, 1928:132).

A adoção do amor livre e conseqüentemente da união livre relaciona-se, também, com a ideia de que mulheres e homens poderiam se casar novamente diversas vezes sem se preocupar com a sociedade burguesa e suas leis. No século XIX, como o próprio texto de Lareva deixa evidente, existiam leis de repressão para homens adúlteros e mulheres adúlteras. Segundo Emma Goldman, o adultério era o motivo da maior parte dos divórcios no século XIX:

[...]that marriage is a failure none but the very stupid will deny. One has but to glance over the statistics of divorce to realize how bitter a failure marriage really is. Nor will the stereotyped Philistine argument that the laxity of divorce laws and the growing looseness of woman account for the fact that: first, every twelfth marriage ends in divorce; second, that since 1870 divorces have increased from 28 to 73 for every hundred thousand population; third, that adultery, since 1867, as ground for divorce, has increased 270.8 per cent.; fourth, that desertion increased 369.8 per cent.[...]  
(GOLDMAN, 1910:2).<sup>57</sup>

A satisfação pessoal e a liberdade de escolha são os principais propulsores para que as libertárias defendessem o amor livre. Para as libertárias articulistas do *La Voz de la Mujer* e para Carmen Lareva, a felicidade, honestidade e a paz valem mais do que a satisfação apenas com o prazer “carnal”. Lareva afirma que a sociedade do século XIX é puramente baseada no Capital, onde as pessoas podem adquirir por meio do dinheiro tudo o que julgam necessitar, tornando a convivência entre os seres humanos algo egoísta.

Os anarquistas, vistos como um “problema” para a sociedade, sujeitos ao trabalho pesado desde a infância são defensores de uma educação libertadora e racionalista, diferente da educação que os filhos dos burgueses recebem. A educação opressora é apontada por Lareva como culpada pela falta de conhecimento sobre o amor livre. O processo monopolizador da burguesia seria o verdadeiro responsável pela falta de conhecimento das trabalhadoras e trabalhadores com relação às artes e às culturas.

[...] por otra parte, nosotros, “la escoria” como nos llaman, de la sociedad, vivendo como vivendo como vivimos desde nuestra temprana edad, sujetas al trabajo que en la forma que hoy se practica, no sólo es degradante y martirizador, sino que es embrutecedor también, naturalmente que no poseemos esa educación que los

---

<sup>57</sup> Embora Emma Goldman estuda o amor livre e união livre nos Estados Unidos, o divórcio na Argentina seguia os mesmos padrões. Em ambos os casos, as partes deveriam comprovar o adultério e não poderiam se casar novamente.



burgueses en su afán de monopolizarlo todo, monopolizaron también, y por consiguiente no conocemos esos mil goces que a cual más elevado proporciona ésta: tales son la pintura, la música, la poesía, la escultura, etc., etc., y siendo esto así, es indudable que somos en todos los actos de nuestra misarable vida, mucho más materialistas que debiéramos serlo y que seríamos estando educados no como hoy se educa la burguesía, sino mucho mejor aún. El arte eleva el sentimiento, y no poseyendo éste, ni siquiera en su mínima expresión, claro está que no podemos elevarnos hasta él. [...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:3).

As cerimônias de enlace matrimonial são vistas como um ato de legitimação da sociedade burguesa com aquela união. Para as mulheres anarquistas esse ato cerimonial está relacionado com o poder de monopólio e controle da burguesia, agem como “aves de rapina” olhando para um grande negócio. Na Argentina do século XIX, o Estado legaliza, legitima-o; a Igreja tem o papel de sacramentar o casamento, santificando-o aos olhos de Deus e da sociedade. Para a Igreja Católica, o matrimônio tem relação com a finalidade procriativa, servindo, também, para circunscrever o exercício da sexualidade, equilibrando a “desordem” provocada pelo chamado pecado original.

Na perspectiva libertária esse “negócio” não existe, aceitando a união livre sem qualquer contestação por não ter um rito cerimonial, demonstrando não serem alinhados com a “política e tradição” da burguesia.

[...] la ley, la sociedad, en su afán de gobernarlo todo, nos obliga a que concurramos a rendirle ciego homenaje en tal acto. Nosotras no necesitamos tales bendiciones ni ceremonias, y eso es tal como si tomáramos dos perros que anduvieran a brincos en la calle y les dijéramos al mismo tiempo que los uníamos uno al otro: “sede felices yo os lo permito”, tal caso harían como si dijésemos lo contrario. En buena hora que los burgueses que deben a su muerte legar el producto de sus robos a sus hijos, en buena hora que ellos vayan a tal o cual parte, pues de no hacer tal, la ley no reconocería a sus hijos herederos. Eso es cuestión de negocio, y eso para ellos está ante todo. Pero en una sociedad donde no habrá tales “negocios”, no es preciso tal pavadá. El casamiento, como se dice hoy, o más bien la ceremonia de la bendición, no significa más que la conformidad de la sociedad para tal acto, así, pues, si otra sociedad aceptara como costumbre la libre unión de los sexos claro es que ella quedaba conforme con tal práctica y asunto concluido. Muchas y muchos no dejarían de unirse libremente si no temiesen la crítica de los demás y sólo esto os detiene; dejemos pues hacer y hagamos lo que con nuestro gusto este y querramos hacer sin perjudicar a nadie. [...] (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:3-4).

Finalizando suas argumentações, a autora afirma que o castigo (a lei que pune o adultério) como poder punidor das atitudes (infidelidade) não vale a pena ser combatido pelas defensoras do amor livre. As “falhas” podem ocorrer sem precisar do domínio de nenhuma autoridade, as libertárias creem que quem é fiel ao seu parceiro/parceira por mera formalidade e medo das leis já está tendo uma atitude infiel. Para essas mulheres que são casadas por

obrigação valeria muito mais a separação (divórcio) do casal do que a continuidade de um relacionamento fracassado, intoxicado por brigas e mágoas entre os companheiros.

Divórcio é o assunto do próximo artigo de Carmen Lareva, como ela mesma promete ao final do texto *El Amor Libre ¿Por qué lo queremos?*. A tentativa de escrever sobre o divórcio fracassou, pois, as redatoras informam a Lareva, através de um comunicado, publicado na seção *Notas* do exemplar datado de 31 de janeiro de 1896 (número dois), que o texto não será divulgado, pois a redação perdeu o original. O comunicado dizia:

#### **El Divorcio**

A la compañera Lareva le avisamos que hemos perdido el original de “El Divorcio”, y por tal causa no podemos publicarlo. (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:4).<sup>58</sup>

Defendendo o amor livre e a união livre, as libertárias defendiam que o divórcio era a melhor maneira de trazer felicidade a família e “ao contrário do que se afirma, não virá trazer a discórdia no interior da família”. Para elas o “divórcio é uma necessidade fundamental numa sociedade que não sabe amar, que não tem tempo para isto, que consome as energias dos indivíduos explorando-os até os limites de suas forças.” (RAGO, 2014:142).

Complementando as ideias de Carmen Lareva, o texto *¿Amemos? no ¡Luchemos!* de Pepita Gherra (Guerra) tem um tom mais político. O texto estende-se por três partes distintas: na primeira apresenta uma opinião a favor do amor defendendo que as mulheres amem e se abram para esse amor; a segunda parte expõe a opinião de que o amor escraviza a mulher e a leva por caminhos tortuosos; a terceira e última parte do texto, volta-se para a anarquia como um meio de libertação social e do amor livre como forma ideal de uma mulher amar.

Pepita Gherra (Guerra) descreve uma jovem reprimida pelo desejo de amar, acreditando que o desejo de amar é uma vergonha. Amar não é um erro, não é um crime, é algo glorioso e necessário; amar é viver. O amor é descrito como algo essencial na vida de uma mulher; amar é mágico e o importante era amar e ser amada. Pepita afirma:

¿Qué tienes, tierna e inocente niña? ¿Por qué el rubor cubre tus mejillas? ¿Por qué estás agitada y vergonzosa? ¿Qué tienes? ¿Qué sufres? ¡Ah! no lo digas, no, no lo digas, ya he comprendido cuál es tu situación, cuál el pesar que te aqueja. Ya sé por qué a veces tus ojos son un raudal de lágrimas en vez de ser un foco de radiante luz. Ya sé también por qué tus mejillas se cubren de pronto de un vivo carmín. Sí, niña. ¡tú amas! ¿Y por eso te avergüenzas y te muestras tan apesadumbrada? ¡Ah! ¿Te han dicho que es una “falta” decirle al objeto de tu amor que le amas? ¿Qué tú crees que es cierto que debas fingir, ser hipócrita? ¿Crees que tu amor te deshona? ¿Crees que

---

<sup>58</sup> No ano de 1888, a lei 2393 dita que o casamento e o divórcio na Argentina seriam governados pelo Estado. Porém, a lei não permitia um novo casamento aos divorciados, mas, em todos os casos, para obter a permissão de divórcio, o casal deveria ter cometido algumas violações prescritas no código, como a infelicidade.

no tienes derecho a sentir amor hasta que te lo confiesen a ti? No lo creas niña, no, te han engañado, se burlaron cruelmente de tu cándida inocencia. Sí, te han engañado, porque tu amor lejos de ser un crimen, es todo lo contrario. **¡Amar es vivir! ¡Amar es la ley de la existencia!** ¡Ama, pues, niña, ama con toda la fuerza de tu juvenil y tierno corazón! ¡Ama! ¡Ama! sí, y con tu amor embelece y llena de encanto, de dicha, de felicidad y de magia la existencia del dichoso objeto de tu amor. Ama, y con tu amor endulza tu existencia, y todo cuanto te rodea. Ama y sé amada. **¡Amar y ser amada, es ser feliz!** ¿Por qué vacilas, pues? ¿Qué te detiene? Ama, niña, que la existencia te sonrío. Fija tu mirada en la mirada de aquel que sin saberlo te magnetiza; rodéale el cuello con tus ebúrneos y redondos brazos, aprisionalo en ellos y al compás cadencioso del ondular de tu virginal seno que promete un mar de mágicos deleites, murmura quedo, my quedo, a su oído: *¡Yo te amo!*... díselo y verás como cae a tus pies, loco, loco y enajenado de amor y placer! (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:2, grifo nosso).

O texto nos revela que a mulher não pode manifestar seu amor; trata-se da ideia do recato. Uma mulher não deve revelar seus sentimentos, deve-se auto reprimir. Isso se da porque a mulher está inserida na moral burguesa, em que o amor é visto como desonra.

Distinguindo da primeira visão romântica, a autora apresenta um amor “proibido”, uma mulher que ama e não pode revelar esse amor por conta das convenções sociais que a aprisionam, e o amor acaba sendo um tormento. Os argumentos propostos para que esse amor não seja revelado estão relacionados com a sexualidade, a associação entre afeto e o ato sexual.

A masturbação feminina pode ser utilizada como meio eficaz de satisfazer a vontade da mulher que ama frente aos prazeres do ato sexual com seu amado. Pepita argumenta que uma mulher pode fazer tudo na vida exceto amar, a não ser que essa mulher seja amada por outros. As mulheres são vistas como seres que não podem e não devem sentir prazer, sentir amor, a menos que um homem sinta amor e desejo por elas.

A ação de amar é masculina, a iniciativa; Pepita propõe que a mulher tome a iniciativa; que ação seja puramente feminina, isso significa a construção de novas subjetividades baseadas no projeto libertário de transformação social, moral e sexual. (MARTINS; SOUZA, 2018:18).

O texto aconselha as mulheres a revelarem seus sentimentos, a revelação pode causar sofrimentos, insultos da sociedade que verão o seu amor e seu desejo como degeneração social. A ignorância da sociedade no que diz respeito ao amor livre, fará com que seus membros não acreditem nesse que é o maior dos sentimentos humanos.

[...] busca en la masturbación un lenitivo a tus voluptuosas ansias. Hazlo todo, todo, menos amar hasta que te amen, ¿sabes? porque nosotras no somos seres que pueden y deban sentir hasta que nos lo permitan, del mismo modo que el cigarrillo no pide que lo fumen y espera a que su poseedor quiera “usarlo”. No se lo digas, por favor, niña, no se lo digas, que si se lo dices y acepta las primicias de tu cuerpo, gentil y esbelto cual la gallarda palmera del “oasis” del desierto, qué harás luego cuando la estupidez de tus padres y parientes te insulte y escarnezca, porque creerán que tu amor los llena de ignominia, despreciada e insultada por esta sociedad; mofada por tu ex

compañeras, que en su ignorancia creerán también una falta el más grande y noble de los sentimientos: ¡el Amor! [...] (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:2, grifo do autor).

Pepita Gherra (Guerra) afirma que a anarquia é o passaporte para emancipação plena da mulher e a prática do amor livre. A autora argumenta que a mulher que possuir um “espírito forte”, revolucionário e um “coração sereno” deve se unir à causa político-social que se anuncia com a luz de um novo dia. Embora distante, a luz que dará um novo rumo à sociedade que se aproxima rapidamente; essa luz é a anarquia, que segundo Pepita, pretende libertar a humanidade de todos os tiranos.

O texto recomenda que diante dos padrões do casamento burguês as mulheres que não desejarem virar uma prostituta ou uma escrava, decidam não se casar. Pepita Gherra (Guerra) e Carmen Lareva concordam quando ambas afirmam que as mulheres são objetos sociais e sexuais dos homens, onde o marido seria o maior opressor da própria.

Diferentemente do texto de Carmen Lareva, o artigo de Pepita Gherra (Guerra) narra uma experiência própria, na qual afirma que não se casará nos moldes da sociedade burguesa, que não pretende ser “resto” de nenhum homem e que seu trabalho não oferece condições para o sustento de um filho.

[...] **yo no digo que en la presente sociedad pueda una mujer tener el grado de libertad que anhelamos, pero sí que en nuestra futura y próxima sociedad**, donde nada faltará a nadie, donde nadie padecerá hambre ni miseria, allí sí que querremos el amor libre completamente. **Es decir que la unión termine cuando termine el amor**, y que si yo porque la gana me da, no quiero estar sujeta a ningún hombre, no se me desprecie, **porque cumpliendo y satisfaciendo la ley natural y un deseo** propio tenga un amante y críe dos, cuatro o los hijos que quiera. En la sociedad presente no lo hago, porque como yo no quiero ser la fregona de ningún hombre y no siendo suficiente mi salario para mantenerme a mí, menos a mis hijos, pues yo creo que si los tuviera, me vería obligada por huir de ser la hembra de uno o ser la de diez más. Por otra parte, no creáis que la crítica me importe, yo no soy de aquellas que tienen la desvergüenza de querer tener vergüenza. Es por eso que yo no pienso jamás enlazarme con nadie, ni tampoco (si llega el caso), ahogar en mis entrañas para conservar la negra honrilla al fruto de mi amor o momentánea unión; quede eso para “la distinguida” niña fulanita que va (en tiempo de invierno) a reponer su apreciable salud a la estancia de tal o cual, y que [a] los pocos meses ¡oh prodígio! vuelve sana y desembarazada de la pícara enfermedad que la aquejaba. [...] (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:3, grifo nosso).

A autora termina criticando aqueles que não apoiam a iniciativa do amor livre e da livre união, afirmando que essas críticas merecem seus desprezos e proclama as mulheres anarquistas ou não que sejam livres e donas de seu próprio destino, lutando sempre por sua liberdade de amar.

[...] Es por esto, queridas compañeras, que yo digo y pienso que a los falsos anarquistas que critican la iniciativa vuestra de proclamar el amor libre, quisiera tenerlos a mi lado para cuando, desgarradas las entrañas, estuviera próximo mi poster aliento, para escupirles al rostro, envuelta en una baba sanguinolenta, esta frase: ¡MARICAS! [...] (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:3).

Analisando ambos os textos podemos notar que as ideias sobre amor livre, a união livre e a sexualidade da mulher tinham uma certa homogeneidade, seguindo um padrão de narrativa que diferencia a ordem da fala, mas comentam os mesmos pontos, considerados primordiais para entendimento da leitora. Os textos dialogam com as mulheres.

Embora o artigo de Pepita apresente um tom mais crítico e pessoal, se comparado às palavras “queridas companheiras”, usadas por Carmen Lareva, que podem revelar uma tentativa de aproximação mais consistente com as leitoras, o que deve ser notado aqui é o sentido intimista do texto de Gherra, que é de foro íntimo, comentando suas próprias decisões em relação ao assunto, deixando transparecer um ambiente familiar.

Seguindo essa linha, Pepita Gherra expõe sua própria relação amorosa no editorial do exemplar de número sete (18 de outubro de 1896) de nome *Siluetas*, onde promete traçar um perfil de determinado membro da sociedade com padres, juízes, militantes e outros. O primeiro perfil escolhido é do anarquista; onde ela descreve suas características, sua forma de vida, sua atenção na sociedade, suas posições políticas e seu convívio com companheiras e companheiros.

Ao fim do texto *Siluetas* Pepita revela que o anarquista do texto é o homem que ela escolheu para si e com quem selou sua relação por meio do amor, sem passar pelas cerimônias sociais.

[...] tal es, mis queridos amigos, el compañero que sin necesidad de terceros, he elegido, sin otra ceremonia que el mutuo consentimiento, sellado por un ósculo de cariñoso y puro afecto, que él ha impreso con amorosa e infinita ternura en mi marchita y pálida frente. [...] (*La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896:2).

Pepita conclui questionando mulheres e homens sobre o tipo de relação que exerce com esse homem, uma união livre longe dos padrões sociais que a sociedade burguesa impõe. E questiona se merece ser julgada por amar e ser amada pelo anarquista, o amor que um sente pelo outro pauta-se na simpatia e na atração.

[...] decidme ahora, obreras y obreros todos, ¿creéis que yo sea una mala mujer por unirme así, sin curas ni jueces, con un hombre como el que acabo de describiros? ¿Creéis que merezco que arrojéis lodo mi frente porque confiada y cariñosa todo lo arrastro por el cariño y felicidad del que amo y me ama? ¿Cuál es la cosa mejor de la

existencia? Amar, ¿verdad? Y ¿qué es mejor, amar por deber, por obligación o por simpatía y atracción? (*La Voz de la Mujer*, 18 out. 1896:2).

Analisando como as ideias sobre o amor livre e a sexualidade são descritas no periódico *La Voz de la Mujer*, podemos afirmar a existência de uma certa cautela no que diz respeito às questões tratadas. Para essas libertárias a liberdade de escolha não poderia ser confundida com libertinagem. Devemos considerar que essas mulheres viveram no final do século XIX e mesmo apresentando disposição para discutir tais temas e visão de vanguarda, alguns discursos acabavam por estar pautados nessa relação com o tempo.

### 3.2 ¡VIVA LA EMANCIPACIÓN DE LA MUJER! LIBERTAÇÃO E EMANCIPAÇÃO NO LA VOZ DE LA MUJER.

Tema recorrente entre as discussões femininas foi o da emancipação da mulher ou emancipação feminina, o qual ganhou destaque no periódico *La Voz de la Mujer*. A ideia da emancipação permeia todos os artigos do periódico, caracterizando como uma das suas funções sociais; o caminho da emancipação estaria no constante estudo desse veículo da imprensa destinado a apoiar as mulheres na luta pela sua libertação moral, econômica, sexual, social e religiosa.

Alguns libertários pensavam que as mulheres deveriam se emancipar sim, porém, através do homem, ou seja, seguindo os caminhos indicados por eles. Esses caminhos fariam com que a mulher tomasse em suas mãos os rumos da sua própria militância, prevalecendo, porém, o princípio ativo da dominação masculina. No campo das relações de dominação, entendemos que:

Toda relação de dominação, entre dois grupos ou duas classes de indivíduos, impõe limites, sujeição e servidão àquele (a) que se submete. Ela introduz uma dissimetria estrutural que é, simultaneamente, o efeito e o alicerce da dominação: um se apresenta como representante da totalidade e o único depositário de valores e normas sociais impostas como universais porque os do outro são explicitamente designados como particulares. Em nome da particularidade do outro, o grupo dominante exerce sobre ele um controle constante, reivindica num estatuto que retira todo o seu poder contratual. [...] a dissimetria constituinte da relação de dominação aparece não somente nas práticas sociais, mas também no campo da consciência e até nas estratégias de identidade. O uso frequente, conquanto abusivo, do termo “relação de poder” no lugar de “relação de dominação” faz desta uma relação de força suscetível de ser invertida em certas circunstâncias e permite subestimar os efeitos irredutíveis que lhe são inerentes. (APFELBAUM, 2009:76).

Nessa perspectiva, entretanto, não poderia ser dito que a militância seria única e exclusivamente da mulher pela mulher, pois ela sempre estaria à sombra do homem; ele seria o principal agente revolucionário e ela teria um papel secundário. Então, essa emancipação se daria por meios restritos, pois o homem indicaria o caminho limitando, na prática, a proposta da emancipação; proposta essa que era, sem dúvidas, a principal bandeira de luta das mulheres libertárias de todo mundo.

No anarquismo mundial, no final do século XIX e início do XX, encontravam-se em notoriedade as ideias de Emma Goldman no que diz respeito à emancipação e outros assuntos femininos. Seu texto mais famoso sobre emancipação feminina chama-se *The Tragedy of Woman's Emancipation*, publicado originalmente em 1906. No Brasil, os ideários emancipadores aumentaram a visibilidade feminina dentro do anarquismo local no fim do século XIX e início do século XX, enriquecendo a experiência feminina no anarquismo. (MARTINS, 2013:39).

Em abril de 1900, o periódico anarquista brasileiro *O Protesto*<sup>59</sup>, iniciou a publicação de uma série de artigos inflamados da ativista Branca Nery dirigido às mulheres no sentido de mobilizar suas energias para romper com o servilismo e conquistar o “direito à vida, à liberdade”, conforme se pode verificar por suas palavras.

Às mulheres.

Acorda, Proletária!

A voz inflamada e sonora da eterna escrava, ressoa por toda a parte!

Atravessando a espessa nuvem da degeneração e miséria em que vegeta a proletária, vem chegando até nós, o seu eco plangente de rebeldia!

Sim, já que a maioria dos homens são tão covardes e indiferentes pela sua e nossa emancipação; cumpre-nos a nós, ó proletárias! dar-lhes o exemplo de civismo. Os jornais estrangeiros cada dia nos anunciam o aparecimento de um novo grupo feminino, de mais um livro, de mais um jornal, de mais um discurso proferido por mulheres em prol da sua emancipação. Em Paris aparece “L’action feminine”; em Rosário de Santa Fé “La Voz de la Mujer”, jornais estes dirigidos, escritos, publicados e distribuídos exclusivamente por mulheres. Em toda parte, onde o progresso e civilização mais se tem acentuado, a mulher tem feito ouvir a sua voz. Porque, pois, aqui no Brasil, onde a mulher, pobre ou rica, está arrastada ao último grão de aviltamento social e moral, não havemos também de nos fazer ouvir?

Tentaremos um esforço! (Continua)

Rio, 15 de fevereiro de 1900.

Branca Nery. (*O protesto*, abr. 1900:2).<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> *O Protesto* foi um dos primeiros jornais anarquistas publicados no Rio de Janeiro entre 1899 e 1900.

<sup>60</sup> O periódico *La Voz de la Mujer* citado no texto foi dirigido, provavelmente, por Virginia Bolten. Seus exemplares não foram encontrados. Optamos por atualizar a grafia dos textos segundo os padrões atuais da Língua Portuguesa.

Dirigido às mulheres proletárias, o artigo não só criticava a atitude “covarde e indiferente” dos homens pela emancipação de toda humanidade, com traduzia a disposição das jovens militantes anarquistas no sentido de tomar em suas próprias mãos a conclusão do processo de libertação da mulher para que ela deixasse de ser “... uma mercadoria” e pudesse ter direito à vida e à liberdade.

Às mulheres  
(CONCLUSÃO)

Minhas irmãs; apelo para as jovens que, como eu, sentem ainda bater-lhes no coração aquele sentimento delicado e sublime, da crença, da fantasia, do bem— o amor. Para vós cujos pensamentos são inocentes, generosos, repletos de bondade. Das velhas; das nossas boas mães, não há que exigir nem esperar, senão o seu amor e o seu carinho: cansadas de sofrer, desiludidas em mil desastres, atrofiadas pelos desumanos preconceitos de todas as religiões, só nos mandam opor à justiça e à infâmia, ao sofrimento e à dor, a resignação de mártir para alcançarmos a graça de.. D. Juan!...

Camaradas: reunamos os nossos esforços para partir o jugo que nos prende. Emancipemo-nos da tutela do homem para podermos amar e ser amadas, afim de não sermos uma simples mercadoria, um instrumento de ambições e caprichos de mercenários agiotas para quem o dinheiro é tudo. Nós temos direito à vida— à liberdade!

Numa série de artigos procurarei desenvolver, o mais sucinto possível, o papel asqueroso que estamos condenadas a representar. Isto eu resumirei nas três? seguintes: “Objeto de luxo”, “Máquina de carne” e “Besta sensual”, nos quês vejo o corolário de injustiças de que somos vítimas. BRANCA NERY. (*O Protesto*, mai. 1900:3).

Ao fim do artigo, Branca Nery indicou que as mulheres eram condenadas a um papel de inferioridade na sociedade, sendo vistas como objetos puramente sexuais dos homens de todas as classes. A emancipação feminina livraria a mulher das injustiças sociais de que são vítimas.

Na Argentina, a luta das mulheres recebeu grande apoio dos militantes libertários, sendo propagada pela imprensa anarquista artigos em apoio à emancipação e a condução da emancipação feminina para além do movimento anarquista.

Entre todos os artigos que compõem o *La Voz de la Mujer*, e que em sua essência pregam a emancipação da mulher/feminina, o texto *La más grande de las conquistas*, escrito por Soledad Gustavo (Teresa Mañé) fala explicitamente sobre a emancipação da mulher como a maior conquista da humanidade.

Concentrando-se no tema da emancipação feminina/da mulher, o artigo inicia expondo a situação dos homens em sua tarefa de constante luta conta a opressão tirânica. A libertária espanhola apresenta as tentativas de progresso do homem<sup>61</sup> (ser humano/humanidade) no decorrer da história da civilização. O progresso da civilização possibilitou o forjamento da ideia de direitos e liberdades.

---

<sup>61</sup> Quando cita a palavra “homem” Soledad Gustavo quer dizer, na verdade, ser humano/humanidade.



A humanidade acabou por se convencer de que as formas de tiranias eram de alguma maneira necessárias para a civilização. A tirania seria obra dos que a sofrem e dos que a impõe. O sacrifício maior viria daqueles que lutavam pela dignidade e liberdade que mulheres e homens tanto desejavam conquistar.

[...] la civilización en medio de los progresos que ha verificado, ha fabricado, conquista tras conquista, la idea del derecho, de la libertad. Convencidos los hombres de que la tiranía tanto es obra de los que la sufren como de los que la imponen, los vemos moverse, agitarse, luchar contra la esclavitud de las leyes y del salario, del fanatismo y la ciencia, de las costumbres y las necesidades y más podría contenerse el curso de los más grandes ríos, que no el curso de esta fuerte poderosa que dominan los sentimientos de dignidad y libertad que el hombre aspira a conquistar. [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:3).

Os movimentos revolucionários ao longo do tempo e ao redor do mundo pretenderam destronar todos os tiranos possíveis, por meio de ações mais efetivas não encontram outros meios de alcançar o objetivo final. Essa nova estratégia de luta daria a humanidade e seus movimentos uma outra oportunidade de enxergar o que seria essencial para a sua completa libertação, o que Soledad Gustavo chama de “a mais gloriosa das conquistas dos homens”: sua emancipação. Ressalta, porém, que ainda falta a emancipação da mulher.

Soledad Gustavo argumenta que a condição intelectual da mulher pode prejudicá-la no processo de emancipação, por ser a mulher o “ser mais escravizado da humanidade”, permanecendo, assim, na mais pura escuridão e desconhecendo não só os seus direitos como ser humano, mas os direitos de outrem. A autora questiona o porquê de estarem nessa situação já que seus pais, maridos, filhos são os combatentes dos tiranos, ou seja, porque os homens se emancipam e as mulheres não?

[...] ¿Por qué, porqué – preguntará alguien – siendo un ser quizás “el más esclavo de todos”, se mantiene en la ignorancia de sus derechos y de los derechos de los demás, vive en la indiferencia, olvida que ella es hija, esposa y madre de los que mueren combatiendo a los tiranos? [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:3).

Segundo Soledad, a mulher na sociedade não tem uma importância notória; não tendo sua intelectualidade reconhecida. Essa situação é uma consequência da maneira com que os homens fundam as suas culturas. O forjamento de algumas culturas impede os homens de ter um progresso total.

Sem uma mulher emancipada e livre não poderá existir progresso humano ou avanço nos direitos individuais de mulheres e homens. A emancipação deve ser transformadora no sentido de dar a mulher o seu lugar como parte da humanidade e não só da sociedade. Deve

alcançar todos os sentimentos da mulher fazendo dela um ser humano completo que consegue atingir sua intelectualidade, moralidade e senso de humanidade por completo. Goldman nos diz que:

[...] emancipation should make it possible for woman to be human in the truest sense. Everything within her that craves assertion and activity should reach its fullest expression; all artificial barriers should be broken, and the road towards greater freedom cleared of submission and slavery. [...] (GOLDMAN, 1910:91).

Soledad Gustavo defende que o homem não deve deixar a mulher à margem da sociedade, deve envolvê-la nas relações sociais e nas lutas, sugerindo que o homem deve ser responsável pela emancipação das mulheres, que apenas através do trabalho do homem deve-se alcançar a liberdade da mulher, para então conquistarem a emancipação feminina e assim derrotar os tiranos que lutou por anos.

[...] ¿qué es lo que debiera hacer el hombre que trabaja, se agita, lucha, para alcanzar su emancipación? Conquistar ante todo a la mujer, que vive completamente separada de él, llamarla en todas sus relaciones de sociedad para que no viva en la ignorancia y en el parasitismo, sustraerla de la perniciosa campaña del jesuitismo, que se vale del poder que tiene ella sobre el hombre para domeñar a la sociedad, adormecer las generaciones y entorpecer la marcha del progreso y hacerla prácticamente igual y... entonces, en el seno de la confianza y la despreocupación, suavizados los rigores del período militante del marl obrar del hombre, rotas las cadenas de la servidumbre política, hermanados todos por el atributivo de derechos que emanan de una organización libre y perfecta, arreglada a las necesidades humanas, el hombre al alcanzar la libertad de la mujer, habría conquistado su emancipación, habría puesto freno a la tiránica brutalidad del déspota y habría, pues, derrocado toda las esclavitudes. [...] (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:3).

O tipo de emancipação feminina/da mulher defendida por Soledad Gustavo se daria através do homem, porém, a palavra “homem” pode ser entendida como humanidade. Através da luta da humanidade se alcançaria a emancipação da mulher. O texto permite que existam duas margens para interpretação; a adotada por essa pesquisa que a emancipação da mulher implicaria, também, a emancipação do homem, portanto, da humanidade.

Essa ideia de Soledad Gustavo vai ao encontro do que o próprio periódico prega; o texto foi publicado por demonstrar que apenas por meio da emancipação feminina/da mulher se alcançaria o progresso geral da humanidade e quando as mulheres estivessem emancipadas o homem não teria necessidade de retornar a sua luta contra a tirania e a escravidão.

Emma Goldman defende em seu texto *The Tragedy of Woman's Emancipation* que a emancipação precisa vir primeiramente de dentro da mulher e posteriormente externamente. A libertária russa crítica, no texto, os processos que culminaram em uma emancipação parcial e

tornaram a mulher um ser artificial, que acabou isolada, sem conseguir, ainda, alcançar a felicidade em sua plenitude.

[...] merely external emancipation has made of the modern woman an artificial being, who reminds one of the products of French arboriculture with its arabesque trees and shrubs, pyramids, wheels, and wreaths; anything, except the forms which would be reached by the expression of her own inner qualities. Such artificially grown plants of the female sex are to be found in large numbers, especially in the so-called intellectual sphere of our life. [...] (GOLDMAN, 1910:91).

A emancipação feminina era, antes de tudo, uma questão moral, de liberdade, liberdade do homem, liberdade da sociedade opressora e, acima de tudo, a construção de uma nova mulher; o desabrochar da mulher como revolucionária, como detentora do seu próprio destino, consciente da sua função na sociedade libertária. A emancipação da mulher não se resumia à igualdade entre os sexos, mas à libertação de mulheres e homens dos poderes políticos (Estado) e econômico (Capital) responsáveis pela sua escravização material e moral.

O sentido de emancipação no *La Voz de la Mujer* pretendia abranger todas as mulheres que se sentiam oprimidas de alguma forma; emancipar-se significava viver segundo aos seus próprios desejos, fazer suas próprias escolhas, seguir suas próprias vontades. A mulher não precisava ser adepta do anarquismo para ter o desejo da emancipação, mas tinha que possuir o anseio de se tornar uma nova mulher, segura das suas convicções, fossem elas quais fossem.

As palavras de ordem, que exigiam da mulher uma posição na sociedade, eram ditas por todas as articulistas do periódico. Essas palavras de ordem possuíam um caráter político porque pretendiam fazer o rompimento com uma forma primeira de poder; o poder do homem sobre a mulher. (SCOTT, 1994:91). A emancipação romperia com esses poderes tradicionais.

### 3.3 *¡ABAJO EL TRÁFICO DE LA MUJERES!* ANARQUISMO E O COMBATE AO TRÁFICO DE MULHERES.

Assunto pouco comentado entre as libertárias e os libertários, o tráfico de mulheres e a prostituição se constituíram em tabu entre os grupos políticos existentes no final do século XIX e início do século XX. Poucas evidências dão conta desse tema tão importante para as mulheres; as redações dos periódicos anarquistas eram formadas em sua grande maioria por homens que mesmo apoiando causas femininas, pouco discutiam sobre o tráfico de mulheres e a situação das prostitutas na América.

Durante o século XIX e início do século XX a prostituição era vista pela medicina como um vício que poderia corromper a moral das mulheres “direitas”. (RAGO, 2014:115). As prostitutas foram aglomeradas em lugares especiais para que não atrapalhassem a convivência e nem a mobilidade das famílias; estes locais eram os bordéis que precisavam ser registrados na polícia para que fossem acompanhados de perto pela administração pública. (RAGO, 2014:124).

Por prostituição, entendemos:

a troca de serviços sexuais por uma compensação financeira ou material pode ser caracterizada como prostituição, mas também pode estar presente em relações como namoros ou casamentos. A existência de um *continuum* nos intercâmbios econômicos e sexuais entre mulheres e homens é um traço recorrente da organização social em distintas culturas e ao longo da história. [...] Esse tipo de transação é legalmente definido como prostituição, e geralmente como crime de prostituição, quando mulheres, travestis ou homossexuais solicitam aos homens de forma explícita, verbal ou não, dinheiro como contrapartida por serviços sexuais específicos, efetuados em espaços públicos, privados ou comerciais. [...] A prostituição é uma instituição que serve à regulação das relações sociais de sexo. [...] (PHETERSON, 2009:203-204, grifo do autor).

As poucas discussões libertárias que se debruçam sobre o tema da prostituição argumentam que as mulheres prostitutas são vistas como objetos sexuais que servem para obtenção de lucro para os burgueses e para as autoridades. A prostituição é denunciada pelos anarquistas como mais uma parte da relação de exploração entre as classes, já que a maioria das prostitutas eram proletárias. Margareth Rago aponta que, segundo os libertários, o problema da prostituição é puramente econômico:

[...] a prostituição é denunciada no discurso anarquista em relação à dominação de classe: o burguês é um sedutor que explora operárias inocentes; a fábrica é um antro da perdição e a miséria financeira leva as mulheres pobres a venderem o próprio corpo para garantirem o sustento da família. [...] a prostituta trabalha, se cansa, é usada e explorada tanto quanto à operária. Por isso ela não deve ser desprezada nem marginalizada, dizem os libertários, já que é mais uma vítima da exploração do capital. [...] (RAGO, 2014: 145-146).

O tráfico de mulheres foi discutido por Emma Goldman no ensaio *The Traffic in Women* (1910), no qual a libertária russa considera que o tráfico de mulheres foi usado como uma cortina de fumaça para encobrir outros problemas sociais que ocorriam nos Estados Unidos no final do XIX e início do XX. Para Emma, as autoridades e a sociedade estadunidenses não estavam dispostas a enfrentar a questão do tráfico de mulheres vindas da Europa para serem

prostitutas na América, em cidades como Nova York, Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro. (RAGO, 2011:263).

Todo texto de Goldman foca na questão estadunidense argumentando que as autoridades e a sociedade da cidade de Nova York “descobriram” de uma hora para outra o “tráfico de mulheres brancas”.

[...] Our reformers have suddenly made a great discovery – the white slave traffic. The papers are full of these “unheard-of conditions”, and lawmakers are already planning a new set of laws to check the horror. It is significant that whenever the public mind is to be diverted from a great social wrong, a crusade is inaugurated against indecency, gambling, saloons, etc. And what is the result of such crusades? Gambling is increasing, saloons are doing a lively business through back entrances, prostitution is at its height, and the system of pimps and cadets is but aggravated. [...] (GOLDMAN, 1910:76).

Mais uma vez na vanguarda, o periódico *La Voz de la Mujer* discute o tema considerado tabu: tráfico de mulheres. O editorial *Resúrjam...* escrito por Pepita Gherra (Guerra) debate a situação da mulher como uma escrava sexual em todas as partes do Globo, principalmente nas cidades de Buenos Aires e Montevideú. O texto faz uma análise de um manifesto publicado por uma associação de mulheres na Alemanha de nome *Deutscher Frauen Verein*, o manifesto *La esclavitud en Buenos Aires y Montevideo*.<sup>62</sup>

Pepita Gherra (Guerra) afirma que ela e suas companheiras de redação ficaram satisfeitas em saber que outra associação de mulheres no mundo tinha consciência sobre a escravidão moral e sexual que as mulheres viviam. Pepita apresenta para a leitora/leitor informações importantes sobre o tráfico de mulheres; a primeira destaca de que pelo menos 150 mulheres tinham sido escravizadas por anos sem qualquer repressão por parte das autoridades civis e militares. Baseando-se nesse manifesto, essas mulheres foram “torturadas” e tiveram suas vidas barbarizadas até beirarem a inutilidade.

[...] hemos sido agradablemente sorprendidas por la lectura de un manifiesto titulado “La esclavitud en Buenos Aires y Montevideo” y sobre el cual no podemos menos de hacer algunas reflexiones. Hay en el aludido manifiesto párrafos tan expresivos como éstos: “Donde no pudo alcanzar ninguna autoridad para reprimir la esclavitud de mujeres, muy bien lo pueden unas 150 infelices, que por muchos años vivieron esclavizadas, que fueron explotadas en el modo más bárbaro y echadas a la calle como se echan las cosas inservibles.” [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:1).<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Essa pesquisa não teve acesso ao manifesto original, centrando sua análise nos fragmentos apresentados pelo *La Voz de la Mujer*.

<sup>63</sup> As aspas referem-se ao manifesto citado por Pepita Gherra.

Pepita analisa dois parágrafos do manifesto; o segundo parágrafo chama atenção quando comenta o número de possíveis mulheres que assinam o manifesto: em torno de 150, a mesma quantidade de mulheres que tina sido escravizadas. Esse número parece ter sido alcançado propositalmente para que cada mulher que assinou representasse uma mulher que foi traficada e escravizada.<sup>64</sup>

O manifesto afirma que essas mulheres irão se unir contra os seus opressores e acusá-los diante da sociedade para que fossem odiados e crucificados por todos, levando entendimento às pessoas e consequentemente abolindo o tráfico e escravidão de mulheres.

[...] “son 150 ex esclavas que hoy se coaligan para desenmascarar a sus verdugos; para acusarlos ante el Supremo Tribunal de la conciencia pública; para hacerlos aborrecer y maldecir de toda persona que comprenda ser una ignominia sin igual, dejar que se esclavicen tantas criaturas humanas a la fin de un siglo como el actual.” [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:1).

Em sua análise sobre o manifesto Pepita questiona o real objetivo desse manifesto, argumentando que não é necessário governos para por fim à situação das escravas sexuais. Na concepção de Pepita, as autoridades civis, os governos, não estão preocupados em específico com essa situação das mulheres. Alega que a única maneira lógica e legítima de as autoridades intervirem seria se a exploração se tornasse um trabalho autônomo das mulheres, já que, assim, haveria a possibilidade de cobrança de taxas e impostos sobre a atividade. O Estado transformaria o trabalho em “empresas” para que ele próprio pudesse lucrar com a exploração.

[...]¿Qué tal? ¿qué decís de esto los que os asustáis cuando os decimos que no hace falta gobierno alguno? Es una bella y sencilla lección. Las autoridades y el gobierno nada pudieron ni se preocuparían de hacer aunque pudieran. Pero lo que ellos no pudieron hacer lo hace la “libre iniciativa” de 150 mujeres, que pudieran ser menos o más según la obra que se propusieran llevar a cabo. Ya veréis como ahora el gobierno intervendrá ¿sabéis para qué? pues muy sencillo: para cobrar un derecho por poner un lereiro o chapa con el nombre de la sociedad. Es decir, para entorpecer y poner cortapisas a la acción de la asociación. [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:1).

Inicialmente o argumento de Pepita diante da sua análise do manifesto vai ao encontro das ideias de Emma Goldman que também argumentava sobre a atividade lucrativa que a escravidão sexual e o tráfico de mulheres significavam para Estados e burgueses.

O tráfico de mulheres para as cidades de Buenos Aires e Montevideú foi o principal foco do manifesto, entretanto, as associadas e apoiadoras do documento parecem desconhecer

---

<sup>64</sup> As mulheres alemãs que assinaram eram todas ex-escravas sexuais.

que a escravidão das mulheres acontecia em outros lugares do mundo, na América, Europa e Ásia.

[...] vamos por partes. Dice el manifiesto: “La esclavitud de Buenos Aires y Montevideo”. Decimos nosotras: ¿Creen las asociadas y defensoras de esas infelices que solamente aquí y en Montevideo existe esa y otras esclavitudes? ¡Oh, no, no creáis eso, compañeras! Desde allá del ancho Tíber, al turbulento Plata, de allá de las gigantes cumbres del legendario Cáucaso hasta las colosales cimas del Andes aterrador; del uno al otro Polo, por la ancha faz del mundo, dueño y señora de la raza infeliz obrera reina la esclavitud. ¡Esclavitud más negra, más infamante y dura, horrenda esclavitud que nos tortura, que nos desgarrar el cuerpo, que nos oprime el alma, la esclavitud degradante del salario! [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:1).

Emma Goldman argumenta que parece ser “absurdo” que as mulheres traficadas da Europa sejam um grande problema social da América.

[...] in view of the above facts it is rather absurd to point to Europe as the swamp whence come all the social diseases of America. Just as absurd is it to proclaim the myth that the Jews furnish the largest contingent of willing prey. I am sure that no one will accuse me of nationalistic tendencies. I am glad to say that i have developed out of them, as out of many other prejudices. (GOLDMAN, 1910:81).

Entretanto, assim como as apoiadoras do manifesto acreditam que o tráfico de mulheres se limita a apenas duas cidades da América, Goldman crê que as mulheres europeias são vítimas de preconceito e não compõem a gama de mulheres traficadas. Ambas as afirmativas estão equivocadas, a própria historiografia nos anos 70 e 80 do século XX avaliou que existia um fluxo intenso de mulheres que saíam de países europeus para cidades da América do Sul e do Norte, como as já citadas Nova York, Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo e Montevideú.

Para Rago,

[...] desde que o tema do tráfico sexual voltou à baila entre as décadas de 1970 e 1980, estudos históricos respeitados avaliam que houve um intenso trânsito de mulheres oriundas de regiões empobrecidas da Rússia, Polônia, Romênia e Ucrânia, ou mesmo da França, Espanha e Portugal, destinadas ao mercado sexual nas capitais do Novo Mundo, entre Nova York, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo. [...] (RAGO, 2011:264).

Segundo Cristiana Schettini (2006),

Os estudos que tratam da prostituição a partir da segunda metade do século XIX costumam associar os grandes movimentos de imigração de trabalhadores europeus para várias partes do mundo com a circulação de histórias sensacionais sobre um misterioso tráfico de mulheres europeias. Nas versões mais correntes dessas histórias,

as mulheres viajaram enganadas por ardilosos homens organizados em verdadeiras associações criminosas, terminando obrigadas a se prostituir em terras distantes e desconhecidas. Uma tal circulação de histórias e pessoas em escala mundial faz da prostituição um tema pertinente para uma reflexão de como critérios de raça e gênero operaram na articulação de ideologias de dominação social e de identidade nacional nesse período. Por meio das histórias de mulheres, europeias enganadas e vitimizadas, diferentes grupos, em variados pontos do planeta, expressaram temores sobre mudanças e instabilidades sociais em suas comunidades e países. Ao mesmo tempo, governos nacionais se associavam na tentativa de tornar internacional o combate a um delito que assumia proposições intercontinentais. (SCHETTINI, 2006:105).

Seguindo o padrão de seus textos, Pepita Gherra (Guerra) apresenta um relato pessoal para tentar exemplificar e fazer as leitoras/leitores entenderem melhor a situação da mulher que cai na prostituição. A autora descreve uma noite de luta, de lágrimas, de insônia e que são os reais prazeres dos poderosos.

O relato de Pepita foca na situação financeira dramática pela qual vinha passando, seus pais impossibilitados de trabalhar e seus irmãos famintos. Pepita se diz uma jovem magra e bonita. A autora apresenta um diálogo entre ela e seus irmãos que imploram por pão, o diálogo não é concluído, pois Pepita argumenta estar com vergonha de contar mais, alegando que o melhor era deixar isso secretamente guardado em sua alma e seus sentimentos que ainda despertam dores e lágrimas.

Muitas mulheres traficadas eram persuadidas pelos chamados cáftens a aceitar trabalhos em outros países do mundo com a promessa de melhores condições de vida. Esses deslocamentos migratórios em busca de melhores condições de vida relacionam-se com a exploração pela exploração, mulheres são enganadas e ao chegarem nas cidades são destinadas à exploração sexual e tratadas como objetos de prazer.

[...] a análise dos locais de origem indicados por cáftens e prostitutas nos processos de expulsão, indica com clareza a inter-relação existente entre a imigração e o êxodo rural que assolava a Europa, bem como a lógica do tráfico de mulheres inseridas em tal contexto. Enquanto as prostitutas, em maioria esmagadora [...] indicavam as aldeias europeias como locais de origem, os cáftens provinham das principais cidades da época, com destaque para as cidades de Paris, Londres, Barcelona, Nápoles, **Varsóvia, Viena** e Odessa. [...] (MENEZES, 1992:32, grifo nosso).

Centrando um pouco a questão do tráfico na cidade de Montevideu, discutia-se, no texto, o papel das autoridades policiais que nada faziam para impedir a entrada de mulheres nos portos, nem fechavam as casas de prostituição em que as mulheres eram comercializadas. As escritoras do manifesto argumentam que já enviaram uma solicitação para as autoridades uruguaias, porém, nada foi feito para que o tráfico fosse impedido.



[...] “Una vez que las *mujeres importadas* llegan a desembarcar en Montevideo y pasar en los Depósitos, es sumamente difícil saber de cuál parte llegarán a Buenos Aires, porque para realizar esto, los sitios y los modos son muchos y diferentes. Ciérrase a los *esclavizadores* el puerto de Montevideo, como aquí se les cerró la Dársena y entonces si quieren importar mujeres en la América del Sur no les quedará otro modo que servirse de *globos aerostáticos*.” [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:1, grifo do autor).

O porto de Buenos Aires era conhecido por ser a porta de entrada das mulheres europeias traficadas para as Américas, o porto argentino fazia constantes intercâmbios com o porto do Rio de Janeiro, principalmente no início do século XX. Do Rio de Janeiro as europeias eram distribuídas pelos caftens para outras cidades do Brasil. (SCHETTINI, 2009:105). Segundo Menezes,

[...] Buenos Aires, terceiro centro universal, em importância, do tráfico de mulheres – Paris e Odessa seriam os primeiros – era o mercado distribuidor para todo o continente sul-americano. De lá provinham várias mulheres que se destinavam aos bordéis do Rio de Janeiro. Algumas, lá haviam se prostituído, por opção ou por falta de opções. Outras, lá foram obrigadas ao meretrício. Outras, ainda, lá se amasiaram ou casaram, com objetivo de mudança de vida, o que, raramente, se concretizou. [...] (MENEZES, 1992:35).

Pepita complementa a argumentação sobre a posição das autoridades policiais, afirmando que a polícia de Buenos Aires não tem um papel muito diferente da polícia uruguaia. As autoridades policiais utilizam desses meios para lucrar com os lugares que recebem essas mulheres, os bordéis e as casas de prostituição. As mulheres são produtos comercializados, então precisam ser taxadas como tal.

As casas de prostituição são os verdadeiros motivos do comércio dessas mulheres; para as autoridades de Buenos Aires ou de Montevideu o tráfico de mulheres servia apenas para o lucro. Reprimir esta prática traria prejuízo para os policiais.

[...] ¡llamáis noble al proceder de la policía de Buenos Aires! Si supierais que ella sabía hace mucho lo que pasaba... Si supierais que ella compartía con los infames “caftens” la ruin ganancia del comercio de esa carne humana! ¿Olvidáis acaso las libretas y otros cobros impuestos que mi pluma se resiste a escribir? ¡Malhaya lar aza ruin de comerciantes de nuestra carne, Hermanas... En cuanto a la policía de Montevideo, ¿qué le importa a ella? ¿Le daríais vosotros la ganancia que de esas infelices sacan? La de aquí (no os asombréis) prosseguirá sacándola. ¡Cerrar el puerto de Montevideo y las Dársenas de Buenos Aires!... *Cerrad* la miseria, compañeras, y habránse cerrado de doquier las playas. Pero entretanto, ¡ay de la raza infeliz de obreras! ¡ay de las pobres proletarias! (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:1, grifo do autor).

Mesmo divulgando e analisando o manifesto escrito pela associação alemã, Pepita Gherra (Guerra) e as redatoras do *La Voz de la Mujer* criticam as associadas afirmando que

embora lutem por uma causa nobre, ainda não possuem conhecimento necessário para entender que existem muitas outras espécies de escravidão. Porém, o movimento contra escravização das mulheres ainda, assim, é uma luta; e a luta é vida.

Em sua análise Pepira Gherra (Guerra) destaca um parágrafo do manifesto, no qual as associadas afirmam estarem totalmente engajadas na luta pela libertação das mulheres escravizadas sexualmente. Se proclamam como lutadoras prontas para combater por essas mulheres e juntamente com a religião ajudarem a solucionar o tráfico de mulheres.

[...]¿Y decís que lucháis en nombre de la Religión ultrajada? Craso error, queridas, en nombre de vuestros corazones generosos sí, pero jamás en el de esa religión que en tanto que vosotras estáis dispuestas a vender vuestras ropas para salvar de la esclavitud, de la prostitución a vuestras compañeras, ella guarda por doquier y en todas partes encerradas, deslumbrantes y espléndidas riquezas, tesoros de valor incalculable, y su jefe, el *santo padre trece*, ¡once mil habitaciones tiene para sólo su regalo en el palácio en Roma! ¡En nombre de una religión que os dice, no os acariciéis, oh jóvenes que amáis, sin antes casaros, ni os casaré si no pagáis! ¡*En nombre de una religión que desprecia a la mujer caída, y que en Roma, la ciudad de sus afanes, comerciaba también con vuestros cuerpos, pues cuatrocientos prostíbulos oficiales, de los cuales el religioso padre santo sacaba un beneficio líquido de trescientas mil libras anuales!!* [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:1, grifos do autor).

O lado anticlericalista do periódico acentua essa crítica de Pepita, estendendo-a a Igreja Católica. Para Pepita Gherra, a Igreja, enquanto instituição, e seus membros, são vistos como exploradores das proletárias e proletários. A Igreja despreza e condena a mulher que precisa de ajuda, e afirma que em Roma, sede administrativa e espiritual da Igreja Católica, existem mulheres que vendem seus corpos em diversos bordéis, dos quais os lucros auferidos vão para os bolsos de membros da instituição; específica até o lucro obtido pelos padres.

O fim da análise do manifesto é composto pela crítica e pelo aprendizado; as redatoras acreditam que a formação dessa associação e redação do manifesto contribuíram para o aumento das discussões sobre o tema. Para demonstrar estima pelo escrito, a redação envia uma carta a associação.

A carta destina à sociedade *Deutscher Frauen Verein* foi assinada por Pepita Gherra (Guerra) e demonstra os sentimentos do *La Voz de la Mujer* pelo manifesto. Segundo a carta, as redatoras tiveram acesso ao Boletim nº 1 impreso pela Associação, e afirmaram que a iniciativa de lançar um manifesto contra a escravidão e o tráfico de mulheres foi uma surpresa, mas que as mulheres libertárias já tinham extenso conhecimento do assunto.

A carta possui diversos pontos importantes; em um deles Pepita aponta que cada uma luta e se manifesta de acordo com seus pontos de vista e suas necessidades. O ponto de vista do *La Voz de la Mujer* é o anarquismo que luta contra todos os tipos de escravidão existentes e

contra todos os meios de opressão contra a mulher. Pepita finaliza a carta desejando emancipação e carinho para todas as mulheres da sociedade alemã.

Integralmente a carta diz:

Buenos Aires, noviembre 1896.

A la Sociedad *Deutscher Frauen Verein*

¡Salud y libertad!

**Queridas Hermanas:**

Hemos sido agradablemente sorprendidas por vuestro Boletín N° 1, es decir sorprendidas por la iniciativa que habéis tomado, porque en cuanto a la esclavitud ya sabíamos que existía. Como quiera que nosotras también luchamos por la libertad, no sólo de nuestras defendidas, sino de toda la clase obrera, no sólo en defensa de las que como carne de matadero son traídas a estas playas por una clase de explotadores, sino en defensa de nosotras mismas y de todos los esclavos y en lucha contra toda clase de opresores, hemos recibido con simpatía vuestra idea. El fin que os proponéis es noble, a no dudarlo, mas cada cual según sus necesidades; nosotras miramos más lejos, no nos concretamos a combatir a una **sola clase de esclavitud; estamos contra todas**. Consideramos que los efectos tienen sus causas y que es a estas últimas a quien hay que atacar cuando los efectos son malos. **¿Cuál es la causa de que nuestras infelices protegidas lleguen a estas playas para ser sumidas en el horrendo recinto del prostíbulo?** ¿Por qué abandonarán sus hogares, sus padres, sus amigos, sus Hermanas y su amor acaso? Por la miseria, sin duda, pues si tuvieran lo suficiente para vivir en su país natal es indudable que no lo abandonarían para venir a estas apartadas regiones en demanda de pan ¡Triste pitanza! **Luego, pues, la miseria es causa de su desgracia**. Veamos ahora cuál es la causa de la miseria, no de ellas sólo, sino de todos los obreros del mundo entero. ¿Queréis que se lo preguntemos a los que poseyendo miles de millones tienen a bien traficar con el hambre, el trabajo y la sangre del obrero? Tened en cuenta, hermanas, que los agobiantes impuestos y la despiadada sed de oro de los acaparadores de la tierra y los comerciantes en general, tanto el que por vivir él cómodamente os aumenta el precio de la casa u os vende más caro el pan, mermando de tal modo los productos y el salario del trabajador, que obliga a éstos a permitir que sus jóvenes y hermosas hijas abandonen sus paternos lares y vayan al prostíbulo. Luego tenemos **causa de la prostitución: la miseria; causa de la miseria, la explotación**, y esto no sólo sucede en la secular Europa, en todas partes pasa. Aquí en la culta Buenos Aires, como la llamáis vosotras, sucumben miles de jóvenes, unas en el taller, otras en su hogar, por exceso de trabajo y falta de alimento, y otras en los prostíbulos, y en los hospitales miles. Y esto sucede con proletarias nacidas en la misma culta Buenos Aires, porque habéis de saber que para el obrero no hay más patria ni más gloria ni más nada que el taller, el prostíbulo o la cárcel. **Cuando una persona está obligada a vender sus fuerzas o su cuerpo a un patrón, no es libre en modo alguno, no ser libre es ser esclavo; por librarnos de toda clase de esclavitud lucharemos**. Vosotras lo hacéis sólo por una. Mas no importa, os aplaudimos.

Eso decía la carta y que os desea emancipación y cariño dice.

Pepita Gherra. (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:1-2, grifo nosso).

A análise do manifesto feita por Pepita Gherra (Guerra) tem um tom fortemente crítico e ao mesmo tempo intimista e solidário, seguindo o padrão de relatos pessoais da autora. A palavra “tráfico” de mulheres não aparece nenhuma vez, entretanto, as descrições das atividades e da chegada das mulheres levam a leitora entender sobre o tema. O texto é totalmente destinado à mulher, pois, ela é a maior vítima da escravidão sexual.

Ainda no campo da sexualidade, o texto serve como um posicionamento sobre a prostituição e os efeitos negativos nas vidas das mulheres. O foco nas mulheres estrangeiras torna o texto mais amplo e de alcance significativo fora das fronteiras da Argentina, sendo esse escrito um dos poucos que falam abertamente sobre a temática.

A sociedade *Deutscher Frauen Verein* não tem uma origem muito clara dificultando a identificação de suas associadas, porém, essa sociedade torna-se importante para esta pesquisa, por ser a única instituição com a qual as redatoras do *La Voz de la Mujer* dialogam e por ser uma instituição feminina se manifestando sobre um tema de grande interesse das mulheres. O conhecimento da sociedade sobre o tráfico para as Américas se dá porque a maioria das mulheres traficadas provinha do leste europeu.

### 3.4 ¡ABAJOS LOS FALSOS ANARQUISTAS! ANARQUISMO E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.

O movimento anarquista, as militantes e os militantes são defensores do amor livre e da livre união, pregando que a liberdade e o respeito entre mulheres e homens devem ser os princípios que guiam uma relação afetiva. Entretanto, mulheres e homens são influenciados pelas atitudes da sociedade de sua própria época, tratando as questões sobre amor livre e sexualidade com cautela. O caso de Anita Lagouardette e Francisco Denambride expõe os conflitos entre os casais anarquistas que, teoricamente, deveriam se relacionar e viver de modo mais livre e racional.

Francisco Denambride era um carpinteiro de origem italiana e colaborador do periódico *El Perseguido*, sua presença no movimento anarquista e nas greves do final do século XIX e início do século XX foram constantes. Denambride se relacionou com uma companheira de nome Maria, com quem teve uma filha chamada Anarquía. O periódico *El Perseguido* noticia em 23 de agosto de 1895 que a menina morreu:

Con infinito sentimiento anunciamos á los compañeros, la muerte de la niña ANARQUÍA, hija de nuestros camaradas María y Francisco Denambride. Fué enterrada civilmente, siendo acompañada á su última morada sin pompa fúnebre, pero con el pensamiento de todos los que tuvieron ocasión de apreciar su precoz inteligencia y el afecto que sentía hácia sus padres. (*El Perseguido*, 23 ago. 1895:4).

Francisco Denambride e Maria se separam e ele passa a ter um relacionamento com Anita Lagouardette. Sobre Anita Lagouardette não se tem muita informação, apenas que seu nome de batismo era Elisa ou Eliza e imigrante francesa e possível colaboradora do periódico

*La Voz de la Mujer*. (FERRER, 2017:33; ZARAGOZA, 1996:441). Anita e Francisco eram membros do grupo *Amor Libre*.

Na imprensa anarquista artigos acusavam Denambride de ser um traidor da causa anarquista, um espião da polícia. Algumas dessas acusações partiram do próprio grupo *Amor Libre*, nas listas de subscrição do periódico *El Perseguido* apareciam mensagem acusando Denambride de atuar em favor das instituições de repressão contra os anarquistas.

Anita Lagourdette respalda as acusações que fez seu grupo *Amor Libre* colaborar para a tese de que Francisco estava espionando os anarquistas. O periódico *La Revolución Social* fez uma defesa acalorada do anarquista. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:170).

La redacción de *La Revolución Social* declara y sostiene contra la calumnina de “policia” lanzada en la lista de suscripción de un periódico anarquista, contra el compañero Denambride, que este jamás ha pertenecido ni pertenece al miserable oficio de policía. Dejando aparte las cuestiones personales que pueda tener este individuo con otros; conste esta declaración a todos aquellos individuos que sobre este punto no estuvieren al corriente. (*La Revolución Social*, 1896: não p.).

Denambride recorre a imprensa para se defender do que chama de “falsas acusações”, escrevendo textos contra aqueles que são apontados como os verdadeiros culpados pelos boatos. O manifesto *La verdad no puede perjudicar* acusa os integrantes do grupo *Amor Libre* de serem covardes, mentirosos e colaboradores socialistas. (ZARAGOZA, 1996:442; FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:171).<sup>65</sup>

Em 11 de maio de 1896, Francisco Denambride dispara cinco vezes contra Anita Lagourdette; pouco se sabe sobre o “incidente”. O caso não foi levado a polícia, pois os anarquistas não acreditavam na legitimidade da instituição e na força do Estado. As primeiras versões sobre o ocorrido dão conta de que Anita se dirigiu até a casa onde moravam para colocar um ponto final na relação afetiva dos dois; outras versões dizem que Francisco se revoltou contra Anita por conta das “calúnias” publicadas na imprensa anarquista. Se tem notícia, também, que Anita mantinha um caso com Orsini Bertani, um anarquista italiano de 27 anos. (FERRER, 2017:33).

No dia 15 de maio de 1896 o periódico *La Voz de la Mujer* publicou na seção *Un poco de tudo* uma nota respondendo ao manifesto *Un anarquista imparcial- A La Voz de la Mujer*. de Denambride, que fazia acusações às redatoras do periódico feminino. As articulistas argumentaram que o jornal não está sendo conduzido pelo grupo *Amor Libre* e que a carta de

---

<sup>65</sup> Francisco Denambride também escreve o manifesto *Un anarquista imparcial- A La Voz de la Mujer*.

Anita Lagourdette não foi rejeitada. Por conta de calúnias espalhadas pelo carpinteiro, a redação do *La Voz de la Mujer* decidiu se pronunciar:

En un manifiesto publicado por F. Denambride se hacen cargos contra la Redacción de LA VOZ DE LA MUJER que no creemos prudente dejar pasar en silencio. Ni el periódico está en manos del Grupito Amor Libre, **ni menos ha sido rechazada la carta de la compañera Lagourdette, aun cuando haya individuos que pretenden asegurar lo contrario. Hacemos esta declaración por lo que pudiera suceder y no por renovar cuestiones personales, pues estas nos dan asco tratarlas.** (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:3, grifo nosso).

Na mesma edição que a nota foi publicada, a redação expõe o caso de violência protagonizada por Lagourdette e Denambride. O breve texto informa sobre uma briga entre o casal e comenta os fatos, tentando dar um panorama sobre Denambride e suas atitudes hostis.

As articulistas afirmam que a edição do *La Voz de la Mujer* estava quase finalizada quando foi sabido que uma “companheira” anarquista procurou seu ex-companheiro para recolher seus pertences que estavam na posse de Denambride. Especula-se que o relacionamento teve fim porque o amor acabou.

Estando nuestro periódico en máquina, tuvimos conocimiento que la compañera Anita Lagouardette presentóse, acompañada de otros compañeros, en casa de F. Denambride (su esposo) para pedirle que le entregase sus ropas, pues habiendo terminado su afinidad con él, se retiraba. (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:4).

Anita Lagourdette chegou a casa de Francisco acompanhada por outros anarquistas, o carpinteiro solicitou aos outros anarquistas que saíssem e disparou contra a mulher com um revólver, que segundo as redatoras do *La Voz de la Mujer*, além de feri-la levemente, rompeu com a sua liberdade individual.

Pues bien, el pretendido anárquico Denambride solicitó de los acompañantes se retirasen pues tenía que hablar particularmente con ella; dichos compañeros se retiraron a la puerta de calle, enseguida cinco detonaciones de revólver venían a demostrarnos cómo respeta dicho señor la libertad individual. Por fortuna, de los cinco disparos sólo dos pudieron hacer algo aunque poca cosa, pues las heridas son leves. (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:4).

As redatoras questionam outros homens que defenderam Denambride em outro jornal, justificam que o anarquista de origem italiana não foi um verdadeiro defensor das ideias libertárias, agindo como um burguês que rompe com a liberdade individual da companheira. Segundo as articulistas, esses homens não podem ser chamados de anarquistas e considerados como um pelos outros, mas sim como um burguês.

¿Qué contestan aquel o aquellos individuos que constituyéndose en jueces se han proporcionado en un periódico (1) una patente de honor y de anarquía? El proceder de ese individuo no es de anarquista, es de un verdadero burgués disfrazado, pero burgués despótico y tirano. Si hombres de esta especie pueden llamarse anarquistas y considerarse como tales ¿por qué no consideran también como tales a los burgueses y a los inconscientes que obran de idéntico modo? ¡Qué vergüenza! (1) No atacamos al periódico sino a los autores del suelto... (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:4).

As mulheres do *La Voz de la Mujer* se auto proclamam como defensoras do comunismo-anárquico, defendem a liberdade individual e irrestrita da mulher, classificando o ato ocorrido como uma covardia, sendo a violência problema que aflige todas as mulheres e não só problemas pessoais dos casais.

[...] *La Voz de la Mujer* como defensora de los ideales del Comunismo-Anárquico y, por lo tanto, de la libertad de la mujer, no tiene por menos de estigmatizar el cobarde atentado del día 11 contra la libertad y la vida de una compañera. Éstas, pues, no son cuestiones personales sino causas que perjudican la idea. [...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:4, grifo autor).

O artigo do *La Voz de la Mujer* é uma resposta imediata aos que defenderam o ato do marido. As anarquistas usam o exemplo ocorrido para defender suas próprias ideias, além disso exemplificam o tipo de homem que não é um anarquista. A violência contra Anita vai contra todos os princípios anarquistas e contra tudo que o jornal feminino acredita.

O periódico *La Fuerza de la Razón* de Chivilcoy publica em 23 de julho de 1896 uma nota intitulada *Cuestiones personales* expressando sua repudia ao ato de extrema violência, argumentando que o caso de Anita e Francisco está relacionado com sementes de moralidades burguesas ainda presente nos homens, mesmo que sejam homens anarquistas.

Yo no lloro por los platos rotos, porque se harán mas, yo no lloro por las cisuras de las afinidades porqué esto no es culpa de la Anarquía sino de las pérfidas escorias del burguesismo que nos queda. Lo que yo estigmatizo energicamente, y que deploro con indeficible amargura, es la falta de convicción, la falta de lógica en los tipos que bajo el pretexto de no hacer personalidad dejan íntegros los gérmenes de las monstruosidades burguesas. (*La Fuerza de la Razón*, 23 jul. 1896: não p.).

O rastro da moralidade burguesa e as atitudes anti-libertárias são vistos como os motivos principais do ato cometido por Denambride. O comportamento violento é próprio de uma sociedade que ainda não se emancipou e de homens que não possuem compromisso com a liberdade individual das companheiras. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:173).

[...] por ende, antes que un resabio de burguesía, el problema sería la persistencia de un tipo de comportamiento (violento) hacia las mujeres que podía encarnar en cualquier hombre. Lograr que un varón abandone sus costumbres burguesas no garantizaría el alumbramiento de un anarquista. En cambio, se tornaba necesario un trabajo de construcción personal y colectiva que lograra delimitar el contorno del hombre ideal para el anarquismo. [...] (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:173).

Para as redatoras do *La Voz de la Mujer* e os anarquistas viver o amor livre e a união livre é muito mais do que escolher quem amar; necessita-se aceitar que a relação afetiva é passível de acabar e ambos os lados precisam estar conscientes de que a liberdade está acima de qualquer coisa. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:173).

O caso de violência explícita o que o *La Voz de la Mujer* insiste em distinguir: o homem anarquista e o homem burguês, as práticas anarquistas e as práticas burguesas. As questões pessoais dos casais e dos homens não ficam só no plano privado, são relações públicas que refletem no movimento anarquista. O homem, segundo as articulistas da folha feminina, precisa ser anarquista no público e, acima disso, no privado.

### 3.5 ¡QUERIDAS COMPAÑERAS! AS REPRESENTAÇÕES DA FIGURA FEMININA.

Em diversos periódicos anarquistas a figura feminina aparece representada de formas múltiplas, explicitando diferentes faces da mulher. (MARTINS, 2009:120). A figura da mulher geralmente é representada/descrita por artigos ou imagens que são escritos/desenhados por homens. No *La Voz de la Mujer* não existem representações gráficas da figura feminina, entretanto, os artigos trazem representações verbais. A representação feminina no jornal “de mulheres para mulheres” levanta alguns questionamentos que pretendemos responder neste subitem; Quais as representações que as mulheres deram das próprias “companheiras”? Qual perfil essas representações verbais revelam?

Em geral a mulher “era descrita em termos extremos e dicotômicos: mãe e prostituta, santa ou satânica” (GROSSMAN, 1998:74). A construção das representações femininas pode estar relacionada com a construção de uma alegoria ou um sonho plantado pelas próprias mulheres, como no caso do *La Voz de la Mujer*, ou pelos homens com ideias políticas iguais.

O *La Voz de la Mujer* como veículo feminino e agregador de ideias femininas pode ser visto como a representação da voz feminina, ao mesmo tempo o jornal é a materialização dessa representação. Por ser escrito por mulheres para mulheres a folha publicava diversos textos



contendo representações de figuras femininas e de situações sociais que as mulheres se encontravam.

De modo geral, as mulheres são vistas pelas articulistas do *La Voz de la Mujer* como exploradas, oprimidas pelos homens (maridos, pais, filhos) e a escrava das escravas. O artigo *¡Asombros!* de Pepita Gherra publicado no número três do jornal (20 de fevereiro de 1896) descreve as mulheres anarquistas como um raio de esperança para as cidades, para o povo, para os homens e para outras mulheres, que inspira milhares por onde passa com seu brilho e sua intensa presença. Musa de pintores, de escritores, de músicos, de eternas criações, inspira o levante de novos revolucionários.

Del caos gigante levantándose entre inmenso y brumosos cendales fulguran como antorchas, esplendentes, las inmortales sombras de los llevando tras sí las descumpuestas muchedumbres vivieron. Las cerúleas ondas en cuyas cabrillean los pálidos rayos de la argentada y melancólica antorcha del espacio, que rasga con sus millones de rayos las lóbregas tinieblas nocturnales, ruedan y ruedan y ruedan sin cesar arrullando en sus profundos senos misteriosos, las innúmeras poblaciones que en ellos se nutren al cadencioso compás del susurrar rítmico y armónico de las nereidas, tritones, náyades y algas que su mansión tienen en alcázares de millones de estalactitas construidos, cuyas cúpulas jámas imaginadas componen perlas, nácares y millones de millones de burbujas!; Siempre inmutable, siempre asombroso en su inmensa y aterradora extensión, en tanto que a sus riberas, majestuosos y serenos pasan los bardos, a cuyos la Caliopea musa del Pindo, como don sublime concedió el Laúd o la Lira de inmortales cantos, que con plectro de oro tañen! ¡Allá va! ¡la pléyade de las Camoens, Schiller, Hugo, Wagner, Verdi, Goya, Murillo, Lord Byron, Milton, Juvenal, Virgilio, Tasso, Leopardi! ¡Allá van, los de la inmortales creaciones! ¡Oh! y de allá del Oriente, los fantásticos recuerdos de los musulínicos palacios de sultanas garridas pulsando con níveas y róseas manos la Guzla de nácares incrustada y cuerdas de oro, entonando con voz sólo comparable a la de las Uries, que en el excelso trono a Alá están, mil garridas canciones de amor!; Y cuan hermosos, el blando y armónico ondular de la música que por célicas manos, arrancada de la cítara, en las mezquitas do recitando, dulces versículos del Alcorán, prosternados para mejor adorar a Alá, están los visires y valies! Puesto no me entiendes, tenme por sabio, asómbrate y adórame, ¡oh!; Pueblo! (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:1-2).

A Anarquia também está representada no texto de Pepita; pode ser vista na figura da mulher que revoluciona o mundo, que transforma todos os espaços por onde passa. A mulher é representada neste texto como uma figura forte e combativa que transmite a certeza da vitória ao povo. (MARTINS, 2009:126). Regra geral nos periódicos anarquistas,

[...] a mulher era representada como uma figura forte, combativa, verdadeira heroína, transmitindo a certeza da vitória após uma luta gloriosa contra o “mal” do presente, a sociedade capitalista em expansão, exemplo da exploração e da opressão, da desigualdade e da injustiça. [...] a mulher era a progenitora da Anarquia, que traria justiça, solidariedade, igualdade e liberdade, pondo fim ao sofrimento imputado pela ordem capitalista que se imiscuía no país juntamente com o processo de industrialização e urbanização. [...] (MARTINS, 2009:126).

O texto *A ti* publicado no dia 20 fevereiro de 1896 (número três) de Túlio El Burgués é o único assinado por um homem; trata-se do pseudônimo de Henrique Hein ou Heinrich Heine. O autor parece fazer parte do universo feminino, se colocando no lugar das mulheres e entendendo o que elas passam no dia a dia. O artigo é direcionado às mulheres, descrevendo seus sofrimentos ao longo de suas vidas e em diferentes níveis sociais. Do pai ao filho, o autor discute as dificuldades de uma mulher ao ser vista como um sexo (gênero) inferior ao outro, explorada pelo Capital, pela sociedade e pela religião.

A mulher é representada com muita sensibilidade, sendo vista como o ser mais oprimido da sociedade, trabalhando muito e tendo apenas um papel secundário. O texto se dirige a mulher que está sendo oprimida desde a infância por seus pais, depois por seu marido e no fim por todos os homens da sociedade.

A ti ¡oh mujer querida, símbolo de ternura y de cariño! tú que en el mundo estás llamada desempeñar los más arduos problemas de la vida y no ejerces más que un papel secundario. A ti hablo; a ti que siendo el juguete de tus padres cuando niña, el capricho de tu marido cuando mujer y a veces, que es lo peor de todo, el escarnio de los hombres. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:3).

Segundo Túlio, a natureza oferece ao homem e a mulher as condições de igualdade, porém para o alcance da igualdade social entre os dois sexos/gêneros necessita-se de abolir os instrumentos opressores do capital. Destacam-se três instrumentos do sistema capitalista: o **Estado**, a **Burguesia** e a **Religião**. A mulher pode abolir o estado e suas leis impostas, levando à supressão do patrão explorador que rouba e oprime a trabalhadora durante toda sua vida, deixando-a na mais pura pobreza.

La naturaleza te brinda los mismos placeres y las mismas libertades y el alcanzarlas sólo de ti depende, despreciando como yo, leyes y capital, curas y religión, burguesas y burgueses, primero porque la ley sólo alcanza a los pobres y desgraciados; el capital para disfrutarlo el que lo roba y nosotros que todo lo producimos, estamos sumidos en la más espantosa miseria; los curas por ser falsarios y haraganes, que por medio de su refinada astucia contribuyen siempre a ser tu perdición por medio de la confesión; la religión porque embrutece a todo al que a ella cree, perdiendo un tiempo precioso que en cosas de más provecho podría usarse y quitándote dinero que tan necesario te sería para matarte el hambre y cubrir tus carnes; burguesas y burgueses por se ellos los que te explotan y te tienen humillada. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896:3).

As mulheres podem ser um elemento alegórico de devastação e revolução social, diante das piores condições a mulher toma força para se rebelar contra o homem, contra as privações, opressões e repressões. Segundo Michelle Perrot, as representações da mulher têm elementos da natureza misturado com imaginação.

[...] ora a mulher é fogo, devastadora das rotinas familiares e de ordem burguesa, devoradora, consumindo as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise, guardiã da paz das famílias, colocará na categoria das neuróticas; filha do diabo, mulher louca, histérica herdeira das feiticeiras de outrora. [...] (PERROT, 2017:199).

O texto *La Mujer Caída* publicado no dia 27 de março de 1896 (número quatro) narra de forma simples e direta a trajetória da mulher durante a vida, passando da fase de criança até a fase adulta, expondo suas dificuldades e desafios durante a vida. A/o autora/autor narra a sua admiração pelas mulheres, reconhecendo seu sofrimento com os males da sociedade.

As fases da vida da mulher começam na sua infância passando para a fase da jovem mulher, que já se libertou da mãe e agora segue o seu rumo. Na juventude a mulher se apaixona, seguindo as leis naturais da vida. Em sua vida adulta, a mulher que casou se transforma em mãe, porém, encontra a decepção, os desprezos na sociedade e no casamento.

Jamás ultrajéis a la mujer caída. Cuando pasa por mi lado no puedo menos que llevar la mano a mi pecho y, haciéndome a un lado, admirarla: ella es la mártir de la sociedad. ¡Pobre mujer! Yo me la imagino niña aún, allá en la modesta pero limpia cunita, asomar por entre los lienzos de la misma, su sonrosada y angelical carita. A su lado su joven y tierna madre, que cariñosa y complaciente, vela, lleno de amor, por aquel botón de rosa, por aquella primera manifestación de sus amores. ¡Cuán bellas ambas! Pasaron años. La veía de niña, contemplo ya una joven y esbelta mujer. La madre y no está a su lado. Está sola. No obstante a su lado, a su alrededor todo le sonrío, todo lo halaga y atrae, y allá en lontananza hay algo que la llama, con voz dulce y misteriosa. ¡Es el amor! Es la voz de la naturaleza que la llama, es la ley de afinidad, que la atrae y la incita a gustar de la copa del amor! Más tarde fue madre. ¡Cuán bello es serlo! ¡qué de inefales placeres! ¡qué de misteriosos encantos hay en ellos! Pero ¡ay! sólo encontró el desprecio y escarminio. ¡La sociedad lanzó contra ella un fulminante anatema y contra su hijo una feroz maledicencia! ¡Y ella fue la sin honor y él el bastardo. (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:3).

A imagem da mulher como mãe é representada como símbolo de liderança; os próprios anarquistas representaram a mulher como a “Mãe-Anarquia”. A mulher mãe é símbolo de fertilidade e libertação da opressão, e também, como mártir dessa sociedade estruturada pela burguesia. Ser mãe, para a/o autora/autor do texto, significa ser um símbolo da vitória e da esperança, alimentando o ideal da Revolução Social. (MARTINS, 2009:134).

A figura feminina é representada também como a mulher derrotada que viveu todas as decepções de uma vida e teve que encarar a dor de um filho que não a valoriza, ou seja, a maternidade do ponto de vista negativo, onde a mãe se esforça por um filho que a oprime pelo fato de ser mulher/mãe.

*A la mujer*, de María Muñoz, publicado no número oito (14 de novembro de 1896) do *La Voz de la Mujer*, tem uma ligação com o texto *A ti*; procura apresentar as situações vivenciadas no dia a dia, abordando os padrões que a sociedade impõe as mulheres.

Segundo María Muñoz as mulheres só são importantes para os homens porque podem satisfazer os apetites sexuais masculinos. Os homens querem mulheres donas de casa que trabalham exaustivamente, esquecendo que as mulheres têm sentimentos e inteligência. As proletárias, as mulheres em geral, são sempre obrigadas a seguir as vontades dos homens. A mulher tem sempre o papel de dama delicada e afetuosa.

A nosotras no se nos quiere más que por el provecho que podemos dar, ora satisfaciendo los apetitos de los hombres, ora para que trabajemos sin descanso, sin acordarse jamás de que nosotras también tenemos un corazón capaz de sentir generosos impulsos y una inteligencia que puede concebir y asimilar ideas científicas y nobles. A la delicada señorita que no tiene que ganarse el pan que lleva a la boca se la aprisiona dulcemente en una dorada jaula. A nosotras brutalmente se nos obliga a seguir la voluntad de otro... (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:3).

A mulher mãe e esposa é o ponto forte do texto de Muñoz que descreve primeiro as burguesas como sendo as mulheres que podem desfrutar livremente do amor. As esposas/proletárias/trabalhadoras, pelo contrário, são descritas como mulheres sem tempo de desfrutar de nenhuma carícia e só escutam insultos dos homens.

María Muñoz também descreve dois tipos de mães: a mãe burguesa que sabe o futuro de seu filho, ciente de que ele não irá para nenhum fronte de batalha; e a mãe proletária/trabalhadora que luta de todas as formas para criar seus filhos, sabendo que no futuro ele será o defensor da pátria nas guerras. O destino desse filho ou dessa filha será igualmente o dos pais, sem perspectivas concretas de melhoria na vida, podendo morrer em um hospital ou em uma cela da prisão mais próxima.

**La esposa del burgués puede gozar de las caricias del amor.** La del trabajador apenas si tiene tiempo de escuchar los soeces insultos que éste en su desesperación le dirige. **La madre burguesa vive tranquila** porque sabe que su hijo tiene un brillante porvenir y no lo matarán en la guerra. **La trabajadora, en cambio, puede estar satisfecha porque después de muchos trabajos y privaciones para criar a su hijo, éste será un defensor de la patria...**o vivirá como ha vivido ella: **en la miseria, en la ignorancia y con la alegre perspectiva de morir en un hospital o en una prisión.** Tendrá el inefable consuelo de que si su hijo es soldado y su esposo está en huelga, haga fuego sobre él; en cambio podrá para compensar estos beneficios morir de hambre sin maldecir a los causantes de su desgracia, porque entonces sería una mala patriota. (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:3, grifo nosso).

A mãe proletária sabe que o filho pode matar seu pai em greve, por ordens daqueles que não saem dos escritórios. Seu filho será um submisso da burguesia, sem coragem de enfrentá-los, mas com a certeza de que continuará sendo um patriota. As figuras familiares (mãe e filho) são as representações mais comuns do século XIX, segundo Perrot. A maternidade pode ser representada de uma maneira libertadora e esperançosa, mas, também, pode ser representada como opressora e deprimente. A mãe é ao mesmo tempo uma dona de casa responsável pelo lar e pela criação dos filhos:

[...] a dona de casa está investida de todos os tipos de função. Primeiramente, dar à luz e criar os filhos que leva consigo e, a partir do momento em que sabem andar, acompanha-a por toda parte. [...] segunda função: a manutenção da família, os “trabalhos domésticos”, expressão que tem um sentido muito amplo, incluindo a alimentação, o aquecimento, a conservação da casa e da roupa, o transporte de água etc. [...] (PERROT, 2017:229).

Para María Muñoz é necessário que as mulheres se revoltem contra todas as infâmias, se rebelando de forma dura e energética para que os homens não as considerem fracas e incapazes. Incentiva, ainda, que as mulheres sigam o exemplo positivo de homens anarquistas que lutam pela liberdade contra a opressão de todos. A mulher pode ser a encarnação da Revolução Social, transformando a figura feminina na representação da mulher-revolução.

Compañeras: puesto que todos van contra nosotras, puesto que sobre nosotras quieren desahogar todos sus iras y hacernos blanco de sus infamias, rebelémonos, pero rebelémonos de una manera enérgica, que no dé pábulo a que nos sigan considerando como seres débiles e incapaces. No besemos más la mano que nos abofetea; no seamos por más tiempo ruines y cobardes; sigamos el ejemplo de esos compañeros que supieron arrostrar la muerte para una causa justa. (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:3).

As representações da mulher no *La Voz de la Mujer* concentram-se em dois exemplos: a mulher como revolucionária e a mulher como mãe. Essas representações, muitas vezes escritas por mulheres, apresentam uma construção social de um ideal de liberdade e de realidade almejado pelas libertárias do periódico. Os textos são escritos de forma poética e ao mesmo tempo profética, vislumbrando na figura da mulher uma maneira para conquistar seus ideais.

Os artigos chamam atenção para a condição política e social da mulher explicitando as explorações, privações, opressões e repressões que elas vivem, essas condições refletem nas representações propostas pelas autoras/autor dos textos. As representações são maneiras de legitimar a luta das mulheres e de sensibilizar as leitoras e os leitores.

### 3.6 ¡EDUCACIÓN Y AMOR! INSTRUÇÃO E FORMAÇÃO PARA MULHERES.

A formação, a educação e a instrução das mulheres foi discutida no século XIX como um meio de emancipação da mulher. Os anarquistas (mulheres e homens) concordam que uma formação libertadora ajuda a formar uma consciência crítica e ajuda desmistificar sua condição social e os meios de libertação. (PRACCHIA, 1992:51). A formação racionalista e humanizada deve ser incentivada, quando levamos em consideração a condição social da mulher, a formação capitalista que recebem e os instrumentos de coerção social que aprendem a reproduzir. (BARRANCOS, 1990:63).

As articulistas do *La Voz de la Mujer* defendiam uma instrução e formação antiautoritária, longe dos modelos capitalistas/burgueses. Entendem que o princípio de autoridade ensinado pelos burgueses através da política, religião e família podem criar mulheres e homens que não desenvolvem pensamento crítico e conseqüentemente consciência de classe. (FERREIRA, 2012:78).

Instrução e formação libertadoras são importantes para o campo do anarquismo pois auxiliam na transformação da sociedade, e através delas buscam a transformação da sociedade opressora em uma nova sociedade inclusiva onde mulheres e homens são emancipados. Segundo Edgard Leuenroth (1963):

[...] os anarquistas são educacionistas, porque estão convencidos de que essa transformação irá tanto mais longe na vida das realizações anárquicas quanto mais elevada for a soma de evoluções individuais. [...] os anarquistas nunca se descuidaram da obra cultural do povo, procurando, pelo menos, neutralizar a ação obscurantista dos reacionários, por meio de escolas, ateneus, centros de cultura social, fundados em várias zonas do país, conferências e palestras comentadas, além da difusão e publicação de folhetos, livros, revistas e jornais. Volumosa é a bibliografia anarquista. [...] (LEUENROTH, 1963:126).

Para os anarquistas, durante a instrução precisa prevalecer a formação integral de cada mulher e homem, propondo que o aprendizado quebre com o monopólio do saber dos grupos dominantes e com as relações de poder existentes entre os grupos sociais. (PRACCHIA, 1992:55). Instruir e formar não significa estar dentro de escolas, mas focar na criação de indivíduos socialmente conscientes a partir dos seus ambientes familiares.

As articulistas do *La Voz de la Mujer* usavam a força de um veículo de comunicação para dialogar com as mulheres sobre a sua condição social, com o objetivo de orientar as leitoras (os leitores) a buscarem maior participação nos grupos anarquistas, na construção da emancipação e na revolução social. Textos como *Nosotras a Vosotras*, *A las jóvenes*

*proletarias, ¡Madres, educad bien a vuestros hijos!, A las madres, A las proletarias* são uma mensagem do jornal e das redatoras para todas as mulheres que desejam modificar sua formação e a formação de seus filhos.

No texto *Nosotras a Vosotras* publicado no dia 27 de março de 1896 (número quatro), Pepita Gherra (Guerra) faz uma longa argumentação sobre a situação social das mulheres, proclamando que as leitoras devem ter “ódio” de qualquer espécie de autoridade (Estado, burguesia, Igreja e família). A autora afirma que as mulheres são seres racionais e não precisam ser direcionadas por homens ou por qualquer outra pessoa que seja. Pepita separa o texto em partes: mulheres, mãe, crianças.

A libertária Pepita afirma que a solução para todas as questões femininas será através da igualdade social. O levante do proletariado é necessário para lutar contra os exploradores que são vistos como a maior causa dos problemas da sociedade. Gherra (Guerra) argumenta que a mulher precisa se emancipar e construir uma sociedade anárquica.

¡Falange de oprimidos! ¡preparáos! el porvenir no lejano nos ofrece un espléndido panorama y en él los mil y mil goces que la igualdad social nos proporcionará. ¡Alzáos proletarios! y estallen vuestras iras con pujante e indómita explosión. ¡Desdichados, perseguidos, esclavos, hambrientos, todos en fin cuantos sufrís el yugo con que la ruin actual sociedad nos esclaviza; venid a nosotros y juntos formemos el formidable ejército de los descontentos! ¡Venid todos! enarbolemos el rojo pendón Anarquista, y cual torrente asolador lancémonos al combate, al grito de: ¡Anarquía por doquier! (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:2).

O texto tem um título bem sugestivo “*Nosotras a Vosotras*”, o que significa que são ideias de mulheres libertárias a serem passadas para outras mulheres e para outras pessoas. O artigo fala especificamente com as mulheres, mesmo que possa ser lido por homens e que eles possam achar válidos os problemas e apoiar as reivindicações e soluções. O texto tem tom intimista e consegue facilmente se aproximar da leitora. *Nosotras a Vosotras* reflete a posição do jornal perante as questões discutidas.

Pepita Gherra introduz neste primeiro texto a situação social da mulher visando estabelecer um contato com as leitoras, procurando preparar o espaço para discutir como as mulheres devem criar seus filhos/filhas e formar mulheres e homens com pensamento crítico.

No mesmo exemplar (número quatro) as redatoras do *La Voz de la Mujer* publicam uma carta que dialoga com as mães que criam seus filhos com o suor de seu trabalho e depois eles acabam presos ou obrigados a lutar em campos de batalha, o exemplo dado na carta é das guerras ocorrem em Cuba e na Abissínia.

Hasta aquí la carta.

Ahora, madres de familia, decidnos; ¿de qué os vale haber trabajado tantísimos años para criar vuestros hijos, si esa miserable canalla os los encierra en viles prisiones, u os los envía a morir en los campos de Cuba la Abisinia? **Estudida, mujeres, y ayudadnos a nosotras en esta lucha emprendida contra la burguesía y las preocupaciones sociales.** Cuantas más seamos, más pronto venceremos. Luchemos, porque en la lucha está nuestra vida, con la inacción demostramos nuestra muerte. Luchemos, pues. (*La Voz de la Mujer*, 27 mar. 1896:4, grifo nosso).

As redatoras recomendam que as mulheres/leitoras estudem as questões relativas aos problemas do mundo; estudadas as mulheres podem auxiliar outras mulheres na luta contra os burgueses e as questões sociais. A intenção da carta seria agregar mais mulheres com o mesmo objetivo de lutar, a luta diária que movimentam a vida das revolucionárias. As mulheres são incentivadas ao combate das grandes questões que prejudicam sua vida e suas filhas/filhos.

Observa-se que a figura da mãe aparece como a guia das filhas e filhos, como as responsáveis pela formação e instrução dessas novas revolucionárias e novos revolucionários que estão surgindo. A mãe era considerada a figura principal na educação das filhas/filhos e na formação do caráter. (GUIMARÃES, 2016:127).

No exemplar do dia 15 de maio de 1896 (número cinco) Luisa Violeta escreve o artigo *¡Madres, educad bien a vuestros hijos!* que tem como objetivo instruir sobre o modo como as mães educam os filhos/filhas. A intenção é auxiliar as mães a entenderem um modo de educá-los para que não sejam dependentes nem da sociedade burguesa e nem de suas mães e seus pais.

Sí, educallos bien si queréis que sean hombres libres, de nobles sentimientos; para que luchen para obtener su completa libertad y no tengan que luchar por la existencia. Pero debéis **darle una educación sana y no la llamada educación o moral burguesa**, porque la moral burguesa es una moral corrompida y falsa, y además es la que contribuye a tener sujetos a vuestros hijos a la cadena de la esclavitud. No debéis **enseñarles nunca la desigualdad de clases; enseñadles que somos hijos de la naturaleza, que todos venimos al mundo con los mismos privilegios, es decir que todos tenemos derecho a gozar de lo que la Madre Naturaleza nos brinda.**(*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:1, grifo nosso).

Violeta defende uma educação libertadora, para que as mulheres e homens possam ser criados livres. A educação deve ser algo construtivo, sem se basear na educação ou moral burguesa, segundo a própria Luisa, justificando que a moral burguesa constrói sujeitos dependentes e corruptos, além de contribuir para que os seres sejam escravizados.

Segundo Violeta, as mães precisam ensinar os filhos a não venerarem o dinheiro, afirmando que o dinheiro é um dos culpados por todas as situações negativas que atingem a sociedade e principalmente os trabalhadores. O dinheiro é representando como um instrumento que corrompe as relações e transforma os trabalhadores em objetos de fazer mais dinheiro,



visando somente os ganhos do patrão. O dinheiro transforma a vida dos homens e mulheres em sofrimento, ocasionando fome, miséria e privações sociais.

No debéis enseñarles a conocer la ambición o la codicia, enseñadles a despreciar el dinero, hacedles comprender que el dinero es la causa principal de todos los males que afligen a la sociedad: enseñadles que el dinero es la corrupción del Universo; enseñadles que el dinero es el que apaga en el hombre y la mujer todo sentimiento humanitario hacia sus semejantes, enseñadles que por ese vil metal se cometen toda clase de infamias y bajezas, que por ese asqueroso dinero se vende al padre, a la madre, al amigo y al hermano; que por el dinero los trabajadores se ven convertidos en animales de carga y en máquinas automáticas que se mueven a impulso de los que las dirigen y, en fin, enseñadles que por el maldito dinero sufrimos hambre, miseria y toda clase de privaciones. (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:1).

Luisa Violeta ressalta que as mães precisam combater os perigos do patriotismo, enfatizando que não existem fronteiras entre as nações, tornando assim todos os homens do mundo irmãos. As mulheres e homens precisam entender que não existem justificativas para os ódios professados contra uma outra nação, as linhas que estabelecem limites entre uma nação ou outro foram criadas pelo Estado e seus membros que são os verdadeiros exploradores das classes proletárias.

Nos les inculquéis jamás los sentimientos de la patria; hacedles comprender que la naturaleza no hizo frontera y que por tanto todos somos hermanos; enseñadles que no tiene razón de ser el odio que profesan entre sí los seres racionales que habitan el planeta Tierra; no porque uno haya nacido en Oriente y otros en Occidente se van a odiar los unos a los otros, pues esas líneas que denotan la separación de un país del otro y a las que se dio en llamar fronteras, han sido trazadas por nuestros explotadores y verdugos para que confundiéramos a nuestros enemigos, tomando como tales a los que hubieran nacido al otro lado de nuestra frontera; enseñadles que para el hombre libre no debe existir frontera, en fin enseñadles que la patria es el símbolo de la explotación del hombre por el hombre (italico), o como decía el compañero Spies "**La patria es el último refugio de los malvados.**" (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:1, grifo nosso).

Segundo a autora, deve ser ensinado à mulher e ao homem que seres livres não precisam de fronteiras, o patriotismo é opressor com todos os seres. A pátria do anarquismo é o mundo inteiro. A autora usa uma frase emblemática no fim do texto, da qual diz que a pátria é o refugio dos maus: "La patria es el último refugio de los malvados." (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:1).

O resultado de todos os ensinamentos é a liberdade dos homens e mulheres. Com a sua liberdade podem escolher seus caminhos, buscando alternativas para suas vidas. A essência do anarquismo é a liberdade, não existe vida libertária sem a liberdade dos seres. Ser libertário

significa ter autonomia para decidir sobre a própria vida, sendo emancipada (o) político e socialmente. Segundo Violeta, a liberdade da mulher e do homem deve ser como a dos animais.

[...] Por último enseñadles que debemos ser libres, como libres son los animales que en el mundo habitan. Las aves revolotean incesantemente en el espacio infinito, los fieras establecen su residencia en los bosques y madre selvas, los peces recorren libremente su camino en las profundidades del mar. Ellos no tienen raciocinio, pero tienen instinto de conservación y libertad; no conocen las ciencias, pero tienen aptitudes para construir sus nidos y guaridas; no tienen moral, educación, en fin, carecen de esas cualidades que constituyen la superioridad de los animales racionales. Nosotros tenemos raciocinio, conocemos las ciencias (aunque no sea más que de nombre, porque en realidad...), hablamos de educación y de moral, pero en cambio no tenemos libertad, estamos divididos en dos clases completamente antagónicas y nos destruimos (cosa que no hacen entre sí los animales de una misma especie) peor que las fieras; nos martirizamos los unos a los otros, en fin, que a pesar de tener uso de razón nos colocamos nosotros mismos en una situación peor que la de los mismos animales a quienes damos el nombre de fieras. [...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:1-2).

Luisa Violeta compara os seres humanos com os animais, que embora não possuem a racionalidade são recompensados com instintos de liberdade. O ser humano conta com a razão, conhecedor das ciências, da educação, da moral, mas não comunga da liberdade.

A autora apresenta as consequências positivas dessa nova formação para mulheres e homens, argumentando que o intuito seria formar uma nova mulher e um novo homem. Na sociedade dessa nova geração as virtudes da verdade, da liberdade seriam incentivadas; mulheres não seriam mais escravizadas por nenhuma autoridade. Os anarquistas creem no poder da educação com formadora de indivíduos conscientes, solidários.

[...] ¡Madres! Enseñad todas estas verdades a vuestros hijos, porque tened entendido que los niños de hoy serán los hombres del mañana. Y esta juventud que se desarrolla bajo tan sublimes auspicios será lá que en día no lejano ejecutará todos los actos que escritos están en el libro del Porvenir. **Entonces, compañeras, entonces mujeres que jamás os habéis preocupado de vuestra libertad, entonces, repito, levantará el grito de protesta y acordándose de las ideas y de los sentimientos que le inculcaron en su niñez, le dirá a los tiranos del mundo entero: Ya ha llegado la hora de que acaben nuestras preocupaciones por lo tanto os decimos que ¡NUESTRO DIOS ES LA HUMANIDAD! ¡NUESTRA PATRIA EL UNIVERSO! ¡NUESTRO GOBIERNO ES NUESTRA PROPIA VOLUNTAD!** [...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:2, grifo nosso).

O texto de Luisa Violeta apresenta diversas temáticas relacionadas ao projeto político-social do anarco-comunismo, como por exemplo: amor livre, sexualidade livre, emancipação da mulher e do homem, fim do sistema capitalista, formação de uma nova moral social. De uma maneira geral, o texto apresenta as teorias para as mães, dialogando com as mulheres para que elas instruas suas filhas e seus filhos desde a infância. A instrução precoce estimula a formação

de uma nova moral totalmente pautada no anarquismo, formando assim a geração futura que possibilitará a aplicação dos ideais libertários.

A anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura escreveu no livro *Em torno da educação* (1918) sobre a criação e formação dos filhos como algo de grande importância e responsabilidade para as mulheres, considerando que a mãe é a figura principal nessa formação. (GUIMARÃES, 2016:127). Segundo Maria Lacerda, a mulher emancipada deveria começar a emancipar seu próprio lar, argumentando que na infância as crianças podem ser influenciadas pelos pais.

Pepita Gherra (Guerra) e Maria Lacerda de Moura concordam no que se refere ao papel da mãe. No exemplar de número oito publicado no dia 14 de novembro de 1896 a libertária argentina escreve uma carta para as mães, sobre como os filhos são criados e os sofrimentos dos filhos nas diversas fases da vida: da infância difícil até a fase adulta.

No texto *A las madres* Gherra (Guerra) apresenta as limitações das mães proletárias nos cuidados com seus filhos. Ao necessitar de ajuda médica, por exemplo, as mães não têm condições de procurar um médico e nem comprar remédios, pois os recursos da família são escassos. Os filhos não podem estudar já que desde criança precisam trabalhar para ajudar no sustento da casa.

[...] Si se enferma ¡ay! su pobre madre no podrá proporcionarles un buen médico; ¡cobran tan caro! ¡somos tan pobres los pobres! Cuando tenga la edad de comenzar a estudiar, ¿podrá hacerlo? quién sabe, ¡son tan escasos los salarios! tal vez tendrá que comenzar a trabajar para ayudar con sus pequeños bracitos a sostener las necesidades del hogar. [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:2, grifo do autor).

Pepita expõe no texto três preocupações: a primeira com o excesso de trabalho a que essa criança será submetida ao longo da vida, em oficinas e fábricas sem condições de higiene adequadas; a segunda com o serviço militar que os homens de maioridade são obrigados a cumprir; a terceira está ligada com questões de sobrevivência. O alimento que pode faltar para essa filha e esse filho, o desemprego que pode a qualquer momento abater-se sobre a mulher ou o homem.

[...] ¡Temo también que el exceso de trabajo, lo malsano de los talleres, lo poco nutritivo del alimento, hagan palidecer, primero las mejillas, hoy sonrosadas, de vuestros hijos y después languidecer, enflaquecer y tornar anémicos, enjutos y tal vez tísicos los cuerpecitos de esos lindos pequeñuelos! Después temo, si son todos varones, que la patria los mande a luchar, a exponer sus vidas, a morir quizá destrozados por un feroz balazo en su rubia cabellera, cuya frente tersa sombrea hoy los revueltos bucles de su cabello; o que con las carnes desgarradas, cubierto de lodo sangriento y pisoteado acaso por los herrados cascos de los corceles del enemigo,

exhale el postrer suspiro, solo y abandonado en un campo de batalla, lejos, muy lejos de vosotras, ¡oh, madres! También temo que un día carezca de pan, de hogar, de amor y de amigos; que en vano busque trabajo y no lo halle en parte alguna... ¡Qué será de él entonces! ¡Ah! ¡no me lo preguntéis, no quiero, no, no quiero pensarlo, tengo miedo de hacerlo!... Si es niños, ¡oh! entonces, mi temor se torna en angustia, mi triteza en horrible inquietud, la fábrica, el taller, el capataz, las insinuaciones arteras del dueño o amo, la amenaza de las despedidas si no se accede a ciertos vilezas, y allá en lontananza, donde el aire se hace más espeso, la atmósfera más insalubre, el pan más negro, la noche más oscura, la vida más pesada y las lágrimas más amargas, ¡la tétrica mansión de las caídas! Después la cárcel, el hospital, el asilo, el anfiteatro, la infamante autopsia, las carcajadas soeces, las risotadas impuras de los practicantes y luego la tumba, la nada y sobre ella, la eterna y estridente carcajada de los satisfechos, el lúgubre tañir de las campanas, el lúgubre redoble del tambor, el seco batir del paño de la pasiva bandera que el viento agita, el rodar presuroso de los lujoso carruajes del señor, y el eco impuro de la impura orgía de los impuros reyezuelos del trabajo... ¡Cuánto infamia! Por eso el mecer de la cuna de los niños, sus alegres sonrisas, sus infantiles palmoteos, sus tiernas e inocentes caricias, llenan mi pensamiento de amargura, embargan mi corazón de tristeza, inundan de lágrimas mis ojos. [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:2).

Gherra (Guerra) adota um tom mais intimista para se dirigir às mães, afirmando sentir que a fase da infância traz sentimentos de amargura, tristeza e lágrimas. Questiona as mães que amam seus filhos se elas não pensam no futuro incerto que os aguarda. Apela às mães que reflitam sobre a maneira de transformar o futuro de seus filhos, pensando em uma forma de aprimorar o futuro.

[...] Vosotras ¡oh, madres! que amáis a vuestros pequeñuelos, ¿no habéis jamás pensado en el incierto porvenir que les aguarda? Es muy triste creerlo, y, sin embargo, ese porvenir podría ser risueño y bello si vosotras los quisierais como los quiero yo. Meditad en el medio mejor de hacer más risueño el porvenir de nuestros niños. No penséis más como antes en "eso está muy lejos" "yo no lo he de ver". ¿Y vuestros hijos? ¡Oh madres!... ¿Y vuestros niñas?... ¡Amadlos! ¡no seáis egoístas! ¡tened corazón! [...] (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:2).

O texto de Pepita Gherra (Guerra) tenta tocar os sentimentos das leitoras, como uma maneira de se aproximar do problema. O objeto seria causar um impacto nas leitoras para que reflitam sobre a realidade e o futuro de suas filhas e filhos. A solução encontrada por Pepita seria a transformação do presente dessas mães para transformar o futuro dessas filhas (filhos). Para a anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura no livro *A mulher é uma degenerada* (2018), “a educação popular resvala dia a dia para as mãos da mulher: é urgente eleva-la à altura dos resultados a que é preciso atingir em vista do futuro sempre maior.” (MOURA, 2018:128).

Assim como Maria Lacerda de Moura, Gherra (Guerra) acredita que a ciência poderia auxiliar na formação da mulher, entretanto, “mais do que formar para a maternidade, a ciência

cumpriria um papel a mais, o de libertar a mulher de uma suposta condição de inferioridade diante do homem”. (GUIMARÃES, 2016:131).

E as jovens mulheres? As proletárias adolescentes? O que o *La Voz de la Mujer* tem para dizer a elas? O jornal procura dialogar com jovens proletárias que desde da infância trabalham para os grandes burgueses. Esses textos procuram esclarecer as mulheres e demonstrar sua inocência para aquelas que ainda não conseguiram perceber a realidade.

O texto *A las jóvenes proletarias* escrito por Andorinha procura auxiliar a mulher a fazer uma análise profunda e concreta sobre a sua situação social, esclarecendo que depois de tomar a consciência necessária elas poderiam procurar soluções para alcançar sua emancipação. O ensaio afirma que o sentimento será de revolta no início, porém, a solução está na busca do conhecimento e no pensamento crítico.

Andorinha argumenta que o conhecimento da literatura anarquista é essencial para se analisar esses problemas sociais e políticos, um recurso obrigatório para se adquirir conhecimento sobre sua própria vivência. Após conhecer o anarquismo, essas jovens sentiram forças para prosseguir na luta entendendo que a maior do que força de trabalho se encontra a razão. Conhecer a Anarquia despertará sentimentos que poderão na luta contra as opressões políticas e sociais, para que se possa chegar a felicidade almejada na juventude.

[...] Para esto saber, habréis de recurrir necesariamente a la literatura anarquista. Después sentiréis en vuestras venas hervir la sangre con ardor y os reconoceréis con fuerzas suficientes para la lucha, comprenderéis que no hay fuerza mayor que la razón, ni nada en esta sociedad que no irrite los ánimos. Sentiréis la necesidad de poner término a todas las crueldades y a todas las desigualdades de clase; sentiréis el deseo de romper lo que nos oprime y de efectuar aquella felicidad que habíais soñado. [...] (*La Voz de la Mujer*, 15 mai. 1896:1).

O texto de Andorinha destina-se a todas as mulheres, principalmente as jovens mulheres que se inseriram no mercado de trabalho, coisa comum à época, na qual criança e adolescentes das classes trabalhadoras se inseriam no mercado de trabalho para ajudar a família. Com tom intimista, o artigo consegue descrever os sentimentos juvenis que por muitas vezes acabam sendo ilusórios, levando a mulher a não conhecer a sua verdadeira condição na sociedade. O caráter pedagógico do texto fica por conta das soluções apresentadas, seguindo padrão de outros textos apresentados pelo *La Voz de la Mujer*.

No exemplar do dia 14 de novembro de 1896 (número oito) o texto *A las proletarias* procura esclarecer o porquê de as mulheres não conseguirem usufruir dos “prazeres da vida”, vivendo em condições degradantes e abusivas. O questionamento principal desse artigo é o acesso a cultura que essas mulheres não tiveram, o acesso a livros, teatro.

Segundo o artigo que não tem sua autoria revelada, as proletárias que sofrem com os desmandos dos patrões, por não terem uma formação racionalista e libertadora acabam praticando as mesmas atitudes dos burgueses. Essas mulheres cuidam das fábricas, oficinas e se ocupam de funções administrativas. O que produziram? Segundo o texto, nada. Apenas foi ensinada a seguir ordens.

Yo bien sé que vosotras diréis que los patrones trabajan, que sacan cuentas, que cuidan los talleres, que dan órdenes, que llevan los libros, que vigilan sus operarios, etcétera. Pero decidme, ¿si vosotras os ponéis por ejemplo a sacar muchas cuentas en vuestra casa, a dar muchas órdenes y a vigilar mucho a vuestros hermanos, al fin del día qué producto habréis presentado ante la vista de los demás, de vuestro trabajo? Ninguno, unos cuantos garabatos en un papel y esto es todo, las órdenes se habrán perdido en el aire, en cuanto a la vigilancia, ésa hay que tomarla de una pata para que no escape. Tal vez vuestros pequeños hermanos habrán trabajado más, pero lo que es vosotras¿qué habéis hecho? Nada, simplemente. (*La Voz de la Mujer*, 14 nov. 1896:4).

A solução para os problemas dessa mulher é a uma nova formação social e cultural, na qual não tenha privações no que diz respeito a uma educação racionalista e libertadora. O texto dialoga com a mulher de uma forma intimista e direta, tendo como objetivo levantar uma reflexão válida sobre a situação.

O *La Voz de la Mujer* com seus longos artigos, seus poemas, suas discussões aprofundadas, pode ser visto como um veículo que também pretende formar e instruir as mulheres, buscando informá-las sobre como deve se dar a sua emancipação e introduzindo uma nova moral social e sexual. Essa nova moral é baseada no respeito, na liberdade, na razão, na igualdade e em todo programa anarquista.

*¡ADELANTE con LA VOZ DE LA MUJER y con el AMOR LIBRE!*

#### 4. *¡HIJAS DEL PUEBLO! AS MULHERES ANARQUISTAS NA ARGENTINA.*

“Eu nunca espero que os homens nos dêem liberdade. Não, mulheres, nós não valemos a pena até que nós a tomemos.”

**Voltairine de Cleyre.**

Este capítulo dedica-se às mulheres em geral e especialmente às mulheres anarquistas. No que diz respeito a elas pretende-se traçar um panorama geral sobre a situação das mulheres na sociedade argentina no final do século XIX e início do século XX, dando destaque para as mulheres libertárias. De um modo geral, esses escritos pretendem responder à seguinte questão: *Que tipo de relação as mulheres libertárias estabeleceram com outras mulheres e com o movimento anarquista em si?*

No final do século XIX e início do século XX, com a chegada dos imigrantes europeus, as mulheres começaram a sair do âmbito familiar/doméstico e se inserir no mercado de trabalho. Alguns setores viam essa inserção de maneira negativa, uma vez que provocava a desarticulação da vida familiar e social. (LOBATO, 2000:245).

No censo realizado na década de 80 do século XIX, as mulheres estavam aglomeradas em atividades que começaram a ser definidas como tradicionais e que se encontravam registradas nos censos de 1869 e 1895. Há registro, também, do aumento no número de mulheres trabalhando como professoras, caso, inclusive, de algumas anarquistas. Da mesma forma, expandia o número de mulheres trabalhadoras nas indústrias argentinas:

[...] creció el número de mujeres que trabajan en el sector educativo y se hizo visible la concentración de mujeres en algunas actividades industriales, por ejemplo en las fábricas de fósforos, en las de cigarrillos y cigarrillos y en los frigoríficos. [...] la mano de obra femenina fue dominante en la industria textil (alrededor del 75% de la mano de obra ocupada). [...] (LOBATO, 2000:246).

O Estado argentino precisava implementar um novo sistema educacional com custo reduzido e procurava uma mão de obra que correspondesse à demanda e aceitasse os baixos salários. As mulheres se apresentavam como uma opção adequada pela possibilidade de dedicar-se ao magistério sem que essa atividade profissional fosse o principal sustento de um lar, atividade ainda reservada aos homens.

El estado necesitaba implementar el sistema educativo con el menor costo posible; la mujer se presentaba así como una alternativa de trabajadora barata. De esta manera, la mujer podía dedicarse al magisterio a pesar de los bajos sueldos de la profesión porque éste no era el recurso principal para mantener un hogar. Se consideraba que la participación de la mujer en el trabajo remunerado complementaba las entradas

familiares tanto si era soltera como si era casada. Además, ante el abandono de los hombres de la labor educativa, especialmente de las tareas menos jerarquizadas, el empleo femenino solucionó la necesidad de profesionales que requería el sistema educativo en expansión, sin aumentar las presiones económicas sobre el Estado, responsable de su puesta en marcha. (DI LISCIA, 2008:64).

Na década de 1880 as mulheres começaram a entrar em conflitos com seus patrões, o que podia indicar a transição das mulheres da esfera privada, que seria o ambiente familiar/doméstico, na qual a mulher ficava subjugada ao pai, ao marido e aos filhos, e passava a se destacar como agente social na esfera pública, espaço em que a mulher ganhava destaque com seu trabalho. Os conflitos que se sucederam não foram numerosos, entretanto, acabaram por chamar a atenção da imprensa como um todo, como afirma Lobato:

Los conflictos protagonizados por la mujeres aunque no fueron numerosos eran lo suficientemente llamativos para atraer la atención de la prensa, tanto de las empresas periodísticas como las de aquellas que contribuían a dibujar los contrapúblicos subalternos y en donde incluyo a los periódicos anarquistas y socialistas, las hojas feministas y a los inestables periódicos gremiales. (LOBATO, 2000: 247).

As páginas dos periódicos anarquistas, socialistas e burgueses passaram a ficar repletas de informações sobre as mulheres, dando um destaque a sua atuação no que diz respeito ao trabalho. Qualquer informação, por menor que ela fosse, ganhava destaque e informava o leitor sobre a situação de determinada manifestação e protesto protagonizada por mulheres. (LOBATO, 2000:247-248).

Ainda no que dizem respeito a essas manifestações, as trabalhadoras começaram a exigir melhores condições de trabalho e jornada diária de oito horas. Exigiam, também, de seus patrões, o respeito, pois era prática comum a mulher sofrer assédio sexual no local de trabalho.<sup>66</sup> O sexo, portanto, era um diferencial na esfera da produção, e as militantes clamavam pelo fim do aviltamento moral que patrões e encarregados impunham às trabalhadoras.

A presença de mulheres socialistas, anarquistas e de grêmios<sup>67</sup> passou a ser comum entre as manifestantes, dando mais visibilidade à situação da mulher trabalhadora. Os grêmios começaram a surgir exclusivamente para mulheres, se organizavam em sindicatos e começaram um movimento feminista impulsionado pelas socialistas.

No movimento socialista não havia distinção de gênero no que se refere a propostas específicas, já que pensavam que o movimento em si contemplava todos os trabalhadores (as). Com a crescente reivindicação por espaço das mulheres trabalhadoras e o incentivo do

---

<sup>66</sup> VER LOBATO, 1993.

<sup>67</sup> Associações, agremiações e sindicatos de trabalhadoras.



periódico socialista *La Vanguardia* (1894) publicando artigos sobre os problemas femininos, a relação do socialismo argentino com as mulheres trabalhadoras mudou. (LOBATO, 2000:251).

No fim do século XIX os socialistas começaram a enfatizar a necessidade de organização das mulheres. A mulher socialista buscava reformas, ou seja, eram reformistas, identificando-se com as instituições formais de política e governo; acreditavam na necessidade da criação de um partido que representasse os problemas femininos no parlamento. (LOBATO, 2000:252-253).

As socialistas buscavam apoio em leis que respaldassem de maneira concreta e precisa os direitos civis e trabalhistas das mulheres, como as oito horas de trabalho, a proibição da exploração da mão de obra de adolescentes e crianças no trabalho noturno, um descanso na semana, a proibição do trabalho a partir do quarto mês de gravidez. Essas mulheres militantes procuravam no próprio Estado uma forma de resistir em meio ao operariado; resistir no sentido de garantir seus direitos por meio da autoridade estatal. Além disso, as socialistas se diziam feministas, contrariando a tendência observada no movimento anarquista.

O anarquismo buscava ampliar o seu papel no meio feminino, moldando seus discursos para atender as demandas das trabalhadoras. Procurava-se demonstrar para as mulheres o papel transformador radical do anarquismo na sociedade, articulando esses discursos com a reivindicação do direito dos corpos e da construção da ideia de emancipação da mulher. (LOBATO, 2000:255; BARRANCOS, 1990:241-242).

[...] el anarquismo— como el socialismo— buscaba ampliar el protagonismo militante de las mujeres en los marcos más amplios de su condición social más que de género. [...] se produce un deslizamiento en el discurso inicial del anarquismo local en el que la mujer ocupa la escena como productora o lúcida acompañante, que se incorpora al combate por las conquistas sociales y la transformación radical de la sociedad, a un discurso articulado alrededor de los derechos del cuerpo y la construcción de una propuesta eugenésica limitacionista desde la conducta femenina. [...] (LOBATO, 2000:255).

As mulheres anarquistas não eram reformistas; pelo contrário, eram revolucionárias. Como reformistas precisariam participar do jogo político do Estado, por meio dos canais formais e institucionais de poder. O anarquismo deseja romper com qualquer forma de autoridade, principalmente a estatal, devolvendo a homens e mulheres o poder decisório sobre seu próprio destino.

As libertárias buscavam ampliar o papel da mulher nas lutas sociais, defendiam as conquistas sociais e a transformação completa da situação das trabalhadoras. Mesmo distante dos canais formais e institucionais, pretendiam destruir a sociedade vigente e construir uma

outra sociedade fundada num arranjo onde homens e mulheres teriam autonomia para intervir no seu cotidiano. Não queriam apenas melhorias das condições materiais de vida, buscavam emancipar-se daquela sociedade na qual se encontravam.

As militantes anarquistas acreditavam na força de uma educação capaz de despertar a consciência crítica da mulher para combater os valores que tradicionalmente a hostilizavam, limitando sua ação transformadora. A emancipação feminina haveria de ser uma obra da própria mulher, a partir da educação e do trabalho. Somente assim, a mulher seria capaz de assumir as rédeas do seu próprio destino, ser a protagonista da sua própria libertação.

Para uma ampla compreensão do movimento de mulheres anarquistas é necessário ter em mente que essas não se limitavam a querer direitos civis e a se emancipar somente, mas a serem respeitadas da forma que escolhessem viver. A necessidade de fazer primeiro a revolução na vida privada para depois fazê-la na sociedade impulsionava a mulher a criar um novo pensamento sobre questões que envolviam sua segurança e bem-estar social.

#### 4.1 ¡LUCHEMOS! A EXPERIÊNCIA DE CLASSE DAS REDATORAS DO LA VOZ DE LA MUJER.

Analisando o periódico *La Voz de la Mujer* podemos perceber que esse é o início da luta pelo espaço da mulher na sociedade e no interior do movimento anarquista. A confecção de um jornal de mulheres para mulheres no final da década de 90 do século XIX parece ser o primeiro passo de um grupo social de mulheres que unificaram suas experiências, mesmo que involuntariamente, e formaram através disso consciências de classe não determinadas.<sup>68</sup>

A experiência dessas mulheres anarquistas é algo pessoal e articulado, pois ao iniciar as lutas por seu espaço na sociedade e decidir expressar através de um jornal suas reivindicações, essas mulheres anarquistas unidas pela classe e por relações de trabalho similares acabaram por adquirir experiências, que na verdade são experiências de classe.

Para E. P. Thompson, a experiência de classe é “determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram— ou entraram involuntariamente”. (THOMPSON, 1987:10). O próprio jornal é considerado como uma materialidade dessa experiência de classe adquirida, no caso dessas mulheres libertárias essas experiências podem ser vividas e percebidas, segundo Thompson (1978).

---

<sup>68</sup> Sobre o *La Voz de la Mujer* como materialização de uma experiência ver capítulo 1-item 1.3 do presente trabalho.

No primeiro editorial do periódico *La Voz de la Mujer* vemos a formação de uma consciência de classe através das expressões utilizadas para demonstrar insatisfação com a condição social da mulher. Um trecho do editorial dizia:

Y bien; hastiadas ya de tanto y tanto llanto y miseria, hastiadas del eterno y desconsolador cuadro que nos ofrecen nuestros desgraciados hijos, lo tiernos pedazos de nuestro corazón, hastiadas de pedir y suplicar, de ser el juguete, el objeto de los placeres de nuestros infames explotadores o de viles esposos, hemos decidido levantar nuestra voz en el concierto social y exigir, exigir decimos, nuestra parte de placeres en el banquete de la vida. (*La Voz de la Mujer*, 08 jan. 1896:1).

Essa consciência de classe não é algo determinado, diferente da experiência que aparece como determinada. A consciência de classe, em sua essência, é a forma como essas experiências são tratadas culturalmente. As libertárias redatoras expressam a sua tomada de consciência através de seus artigos, sendo uma articulação entre a experiência e a cultura desse grupo social, no caso as mulheres anarquistas redatoras do periódico *La Voz de la Mujer*. (THOMPSON, 1987:10).

As mulheres na condição de agentes sociais experimentam situações do cotidiano que transformam suas formas de enxergar o papel que desempenham nas lutas sociais. As consciências dessas mulheres são vividas e ao mesmo tempo percebidas dentro dos ambientes em que estão inseridas. As estruturas dos valores e de suas ações são moldadas de acordo com o sujeito, ou seja, cada articulista que publicou seus textos no *La Voz de la Mujer* teve uma estrutura de valor diferenciada, assim como as experiências adquiridas.

[...] os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo— não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. [...] (THOMPSON, 1978:182).

A experiência percebida de determinado grupo aproxima-se com a uma consciência social sobre ações que podem refletir em mudanças futuras. O modo de organização dessas mulheres no jornal é útil para entendermos como essas experiências percebidas podem ser compartilhadas por determinados grupos de trabalhadores, neste caso as mulheres anarquistas.

Compartilhar experiências em um jornal era uma maneira de despertar novas consciências nas leitoras. A partir das experiências, o sujeito (no caso as mulheres) é reinserido na história, sua consciência como sujeito social encontra expressão e realização nos processos e nas ações que ainda não aconteceram. (THOMPSON, 1978:189).

As mulheres, enquanto sujeitos sociais, experimentam sua experiência como algo sentido e lidam com esses sentimentos dentro da sua cultura, neste caso a cultura operária, das suas obrigações familiares e dos valores adquiridos. Essa experiência refletida na cultura pode ser definida como consciência afetiva e moral, como denominou Thompson.

[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou [...] como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como **consciência afetiva e moral**. [...] (THOMPSON, 1978:189, grifo nosso).

Para Thompson, a consciência afetiva e moral de determinado grupo social deve ser construída por uma racionalidade deslocada, ou seja, pela ideologia do sujeito, e não como uma experiência vivida por esse agente social. (THOMPSON, 1978:193).

Os valores dos grupos sociais, neste caso as ideias e estruturas de sociedade transmitidas pelas redatoras do *La Voz de la Mujer*, são aprendidos na experiência vivida e podem sofrer as suas predeterminações, sem qualquer tipo de relativismo moral ou cultural. Para Thompson, mulheres e homens estão sujeitos a construção dos próprios valores por meios racionais. (THOMPSON, 1978:184). Quando as articulistas estabelecem novas maneiras de pensar a sociedade, estabelecem, também, um novo sistema de valores que são próprios do anarquismo.

[...] os valores são aprendidos na experiência vivida e estão sujeitos às suas determinações, não precisamos, por isso, render-nos a um relativismo moral ou cultural. Nem precisamos supor alguma barreira intransponível entre valor e razão. Homens e mulheres discutem sobre os valores, escolhem entre valores, e em sua escolha alegam evidências racionais e interrogam seus próprios valores por meios racionais. [...] pessoas são tão determinadas (e não mais) em seus valores quanto o são em suas ideias e ações, são tão “sujeitos” (e não mais) de sua própria consciência afetiva e moral quanto de sua história geral. [...] (THOMPSON, 1978:194).

As greves, a adoção do amor livre e da livre união, a emancipação feminina, a destruição do Capital e do Estado, a oposição à Igreja Católica são escolhas de valores que as redatoras do *La Voz de la Mujer* fizeram. Essas escolhas são social e culturalmente determinadas pela posição política adotada, neste caso, o anarquismo. (THOMPSON, 1978:194).

As experiências podem ser transmitidas coletivamente como no caso do *La Voz de la Mujer*; transmitir uma experiência coletiva requer indicar valores às leitoras do veículo, essas leitoras se interessariam pelo modo de vida, e acima disso, pelas relações que serão construídas a partir dessa experiência transmitida.

As militantes anarquistas que se inseriram no movimento de mulheres estavam, de alguma forma, ajudando a formar consciências afetivas e morais e reestruturando o sistema de valores em que as mulheres estavam inseridas. Esses novos valores não são os valores burgueses, mas sim valores pessoais, onde a racionalidade, a discussão racional e a crítica deve estar acima da formação dos valores tradicionais.

As experiências, para Thompson, “surgem espontaneamente no ser social, mas não surgem sem pensamento” (THOMPSON, 1985:16), para isso é necessário que essas mulheres já tenham alguma formação educacional prévia. Surge porque “mulheres e homens são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo”. (THOMPSON, 1985:16).

A questão da educação é fundamental para Thompson e para a construção da consciência afetiva e moral, o processo de formação está relacionado com a tentativa de compreensão e intervenção na cultura. (SCHUELER, 2014:107). O processo educacional das mulheres anarquistas se difere das outras mulheres porque consegue inserir no cotidiano uma nova estrutura de sociedade, na qual a igualdade e a justiça social prevalecem sobre os elementos burgueses.

Para Thompson, as experiências concretas da classe trabalhadora são entendidas como elementos importantes para a construção de uma consciência de classe, o que pode valer também para a consciência afetiva e moral. (SCHUELER, 2014:108). A classe, da perspectiva histórica, resulta na interação de mulheres em experiências coletivas e compartilhadas, fazendo com que os grupos interajam entre si.

Segundo Thompson, o sujeito histórico tem importância por ter sido determinado e formado por uma experiência, no caso das mulheres redatoras do *La Voz de la Mujer* as experiências vividas formaram as bases para construção e materialização dessa experiência. As mulheres do *La Voz de la Mujer* militavam em favor da emancipação feminina e da revolução social, suas intervenções humanas construíram de alguma forma os processos históricos dentro do anarquismo argentino.

Adquirir consciência, valorizar experiências, transmitir saberes, formar novas estruturas de valores são parte do processo de construção de um grupo que viria formar o *La Voz de la Mujer*. As experiências vividas dessas mulheres se deram por meio de situações sociais de opressão, exploração nas fábricas, greves, piquetes e até da relação de conflito com outras mulheres, como as socialistas.

Gerar novos vínculos e construir novas experiências de classe faz parte do processo de formação humana defendido pelo anarquismo e pelas mulheres articulistas. A importância do

processo humano na divulgação da situação social das mulheres e das ideias do anarquismo, faz parte da matriz do movimento. Entende-se que os conceitos de classe, consciência de classe e experiência de classe só são possíveis formar por conta da articulação e das interações sociais nos processos históricos que dividiram os agentes sociais.

As mulheres do *La Voz de la Mujer* são um exemplo de consciência e experiência de classe, refletindo toda essa experiência em seus escritos. Nestes textos, as experiências vividas ficam evidentes de modo a fazer entender que tanto redatoras como leitoras estão conectadas por vivências em comum.

#### 4.2 ¿COMPAÑEROS? FEMINISMO X CONTRA FEMINISMO X ANARCOFEMINISMO.

O advento do capitalismo trouxe graves consequências para o processo produtivo e para organização do trabalho como um todo, em especial, para a mão de obra feminina e infantil. (ALVES; PITANGUY, 1982:36). As transformações operadas no sistema de produção manufatureira e fabril e a introdução das máquinas, afetaram o trabalho feminino transferindo as tarefas privadas para o âmbito público e ampliando a mão de obra feminina. (ALVES; PITANGUY, 1982:38). As condições de trabalho incluíam jornadas de 12 a 16 horas, exploração e salários baixos.

Os burgueses alegavam que as mulheres casadas, maioria no século XIX, poderiam receber menos pelo fato de serem sustentadas por seus maridos. Em geral, as mulheres recebiam tarefas de baixa qualificação e passaram a figurar nos espaços mais submissos das fábricas.

[...] a deterioração da formação profissional feminina, que vinha se processando a partir do Renascimento, vem delegar-lhe, em geral, as tarefas menos qualificadas e mais subalternas da produção fabril. [...] a desvalorização da força de trabalho acarretava um rebaixamento do nível salarial geral. Desta forma, movimentos operários repudiaram o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, fechando-lhes as portas dos sindicatos recém-formados, vendo-as como “concorrentes desleais”. [...] (ALVES; PITANGUY, 1982:39).

Por feminismo entendemos como um conjunto de ideias e ideais políticos, sociais, filosóficos e ideológicos com objetivo de promover a igualdade entre os gêneros, a emancipação feminina e a promoção de direitos sociais das mulheres. Segundo Humm (1990) e Walker (1992), o feminismo pode ser dividido em ondas; a primeira ocorreu no final do século XIX e início do século XX, a segunda nas décadas de 60 e 70 do século XX e a terceira entre dos anos 90 até o tempo presente.

o feminismo como movimento coletivo de luta de mulheres só se manifesta como tal na segunda metade do século XX. Essas lutas partem do reconhecimento das mulheres como específica e sistematicamente oprimidas, na certeza de que as relações entre homens e mulheres não estão inscritas na natureza, e que existe a possibilidade política de sua transformação. A reivindicação de direitos nasce do descompasso entre a afirmação dos princípios universais de igualdade e as realidades da divisão desigual dos poderes entre homens e mulheres. Nesse sentido, a reivindicação política do feminismo só pode emergir em relação a uma conceituação de direitos humanos universais ele se baseia nas teorias dos direitos da pessoa, cujas primeiras formulações resultam das revoluções norte-americana e depois a francesa. [...] Os movimentos feministas devem ser distinguidos dos movimentos populares de mulheres, que não expõem frontalmente a exigência de direitos específicos para as mulheres (o serviço de Direitos das Mulheres na França propõe a noção de “direitos próprios” em contraponto à oposição “específica” que corresponde a “mulher”, versus “universal” que corresponde a “homem”). Todavia, alguns movimentos que lutam politicamente pela igualdade entre homens e mulheres, as mulheres socialistas da 2º e depois da 3º Internacionais, rejeitam a qualificação “feminista” porque a seus olhos está marcada pelos fundamentos burgueses das reivindicações de direitos. Assim, a associação entre “movimentos de mulheres” e “movimentos feministas” assume significações diferentes segundo as representações que se façam das feministas: muito burguesas no século XIX e no começo do século XX, muito radicais e inimigas dos homens depois dos anos 70. Durante os anos 70, a expressão “movimento das mulheres” é frequentemente utilizada como forma reduzida para “movimentação de liberação das mulheres”; por esse fato, ela pôde ser associada ao feminismo mais radical. Daí, às vezes, a diversidade e a confusão na oposição entre movimentos feministas e movimentos de mulheres. Falar de “movimentos feministas” permite designar sob uma mesma denominação as diversas formas de movimentos de mulheres, o feminismo liberal ou “burguês”, o feminismo radical, as mulheres marxistas ou socialistas, as mulheres lésbicas, as mulheres negras e todas as dimensões categoriais dos movimentos atuais. A expressão “movimentos de mulheres” representa então as mobilizações de mulheres com um objetivo único, como os movimentos populares de mulheres na América Latina ou os movimentos pela paz na Irlanda ou no Oriente Médio. [...] (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009:144).<sup>69</sup>

Em meados do século XIX impulsionado pelos movimentos revolucionários, as bases da teoria socialista começam a ser formadas. Dentro dessa nova ideologia entende-se que a condição social da mulher é parte das relações de exploração oriundas da sociedade classista. A partir dessas lutas femininas a mulher começa a se projetar nos espaços públicos como “dona de seu próprio destino”.

[...] através de uma luta constante por seus direitos, as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública. O avanço das lutas operárias congrega homens e mulheres nas organizações sindicais. Com eles as mulheres participaram das greves e, como eles, foram vítimas da repressão. [...] (ALVES; PITANGUY, 1982:41).

---

<sup>69</sup> Diferente do apontado pela autora, as socialistas da Argentina se diziam feministas. Ressaltamos que a autora entende a articulação do feminismo como movimento coletivo só acontece na segunda metade do século XX.

Embora tenham entendido que a condição social das mulheres é parte das relações de exploração, o movimento socialista não se ocupou de discutir as necessidades das mulheres na sociedade. Ao se expandir pela América Latina, a ideologia socialista reconhecia a importância da igualdade dos sexos (gênero) como parte de seu programa. (LAVRIN, 2005:35).

O feminismo socialista possui três ideias que formaram o feminismo contemporâneo; reconheciam a capacidade intelectual da mulher, o direito de exercer toda atividade para a qual fosse qualificada e o direito de participar da vida cívica e política. Os primórdios do feminismo socialista compartilham das mesmas ideias que as feministas liberais. (LAVRIN, 2005:37).

A igualdade entre os gêneros (sexos) nas relações de produção foi o elo que uniu o feminismo socialista e liberal. Essa argumentação se fortaleceu por algum tempo, quando feministas liberais e socialistas acreditavam que a igualdade entre os gêneros (sexos) no trabalho poderia ser a maneira de igualar as classes sociais. As feministas socialistas reafirmam seu papel de combatentes do capitalismo. O socialismo defendia as mulheres porque “procuraba la reglamentacion de sus salarios, horarios y condiciones de trabajo.” (LAVRIN, 2005:37).

O feminismo socialista foi moldado ao longo dos anos, seguindo aberto a novas modificações ideológicas. As mulheres socialistas aproximaram as ideias do feminismo socialista às das feministas liberais, indicando a possibilidade de modificar suas concepções para uma possível união de forças. Enquanto defensoras das mulheres trabalhadoras, aproximar-se do feminismo liberal parecia uma medida desesperada por maior apoio à causa. (LAVRIN, 2005:37-38).

As socialistas desejam passar a mensagem de uma organização maior das mulheres enquanto agentes da sociedade, proclamando sua emancipação intelectual através da adoção do socialismo e reivindicando medidas institucionais para garantir às mulheres trabalhadoras os direitos que os homens possuíam. Os planos das feministas socialistas incluíam a independência econômica das mulheres e leis de proteção, além, de uma reforma social e legislativa que incluía a igualdade entre os gêneros (sexos). (LAVRIN, 2005:42).

[...] con palabras elevadas se animaba a la mujer a perseguir sus derechos, pero con frecuencia se la pintaba como compañera dispuesta a seguir al hombre, apoyarlo y consolarlo en sus horas de amargura. En cambio, algunos socialistas criticaron abiertamente a los hombres que predicaban la igualdad en las calles y ejercían la opresión en casa. [...] (LAVRIN, 2005:42).

As socialistas tiveram dificuldades em modificar as ideias sobre o padrão de igualdade entre as relações em um discurso que atingisse todas as mulheres. Assim como as feministas



liberais, as socialistas esperavam que no futuro a mulher e o homem alcançariam políticas igualitárias através de reformas nas leis.

O feminismo liberal despontou nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. As feministas liberais pertenciam às elites locais que buscavam ressignificar o feminismo, tentando distanciar-se das feministas socialistas e das mulheres anarquistas. Essas feministas eram as universitárias que conheciam os prejuízos de uma educação limitada para as mulheres, defendiam uma vida independente para as mulheres. (LAVRIN, 2005:43).

A Argentina era, no fim do XIX e início do XX, o único país latino-americano que contava com uma classe profissional (universitárias, professoras) capaz de sustentar as ideias do feminismo liberal. As feministas liberais defendiam políticas de educação para mulheres, entretanto, rejeitava qualquer compromisso ideológico ou político, dedicando-se a tornar independente cada mulher. Não buscavam a emancipação feminina, essa questão não era importante para o movimento feminista liberal, e com o tempo se afastou completamente das propostas libertárias. (LAVRIN, 2005:43-44).

[...] la amplia definición de sus metas fue emblemática de la visión del feminismo que imperaba en un cuadro de mujeres educadas: 1) eliminación de todas las leyes del Código Civil que privaban a la mujer de su personalidad jurídica y la obligaban a depender del hombre; 2) participación en los nombramientos en el ámbito educacional con poder para tomar decisiones, no como excepción sino de regla, porque la mujer era un factor clave de la educación; 3) presencia de la mujer en el Poder Judicial (en calidad de jueza, dentro del sistema latino-americano), en particular en los juzgados que resolvían juicios que interesaban a mujeres y niños; 4) leyes de protección a la maternidad y determinación de la paternidad; 5) abolición de las casas de prostitución regulamentadas (a la sazón controladas por las municipalidades); 6) el mismo pago por el mismo trabajo y 7) derechos políticos plenos (tanto a voto como a ser elegida). [...] (LAVRIN, 2005:44).

As necessidades da mulher trabalhadora não ficam muito explícitas nas propostas iniciais das feministas liberais, entretanto, em outros panfletos divulgados as liberais apontam algumas soluções para o problema da mulher trabalhadora. As questões das trabalhadoras ficam mais explícitas nas propostas das esquerdas. (LAVRIN, 2005:45).

As feministas liberais contemplavam propostas opostas ao feminismo socialista, embora acreditassem nas reformas institucionais como modo de solucionar algumas questões femininas, as liberais não pretendiam alcançar mulheres, que segundo as mesmas, não possíssem vinculações de trabalho intelectual. O feminismo liberal surgiu dentro das universidades, ficando conhecido como feminismo igualitário ou universalista.

Essas feministas pretendiam que as mulheres alcançassem sua igualdade através de suas próprias ações, propondo além das mudanças legislativas, mudanças nos sistemas jurídicos. No

final do século XIX e início do século XX, essas mulheres ficaram marcadas por uma radicalidade nas ações. Para as liberais, a desigualdade de gênero (sexos) tem base em ideias errôneas sobre mulheres e homens e culturas que limitam a liberdade dos indivíduos.

As anarquistas não se reconheciam como feministas e não se identificavam com as ideias de institucionalizar a luta que defendiam as socialistas e liberais ou burguesas. Criticavam qualquer intervenção estatal e só confiavam na revolução como meio de libertar e emancipar a mulher.

[...] las anarquistas, por ejemplo, no se reconocían como feministas (aún cuando sostuvieron con vehemencia la necesidad de transformar la injusta subordinación de las mujeres) porque identificaban el término con la política gradualista y reformista predominante entre las socialistas. Las anarquistas, en cambio, rechazaron cualquier intervención estatal y sólo confiaban en la revolución social. Como vemos, en su mayoría, las feministas participaban en partidos y movimientos políticos-ideológicos. Algunas también se abrieron paso dentro del librepensamiento. Estas inclusiones siempre fueron conflictivas. [...] (NARI, 2000:279).

[...] aunque el anarquismo se impusiera entre el proletariado. Resultan igualmente conocidas las ideaciones de aquel a favor de la liberación de las mujeres, pero desde una óptica adversa a la reforma jurídica de acuerdo con la iconoclasia que predicaba. Los hombres y mujeres anarquistas no podían pedir ni igualdad civil, ni divorcio, ni derecho al sufragio, aun cuando fueran más drásticos en materia de revolución social, doméstica y personal. [...] (BARRANCOS, 2005:160).

No trabalho *Ni Dios, Ni Patrón, Ni Marido. Feminismo anarquista en la Argentina del siglo XIX* (1986), Maxine Molyneux investiga o periódico *La Voz de la Mujer* e busca fazer uma vasta exposição sobre o momento histórico no qual se inseria este jornal, além de traçar um panorama das principais ideias expressas em alguns dos artigos do periódico. Da mesma forma, levanta questões sobre a identidade das redatoras e suas relações com as anarquistas exploradas. Uma questão importante chama atenção nesse artigo de Molyneux: trata-se da afirmativa da autora de que as libertárias redatoras do periódico *La Voz de la Mujer* são feministas- anarquistas.

Nos artigos do *La Voz de la Mujer* a palavra feminismo não aparece, pelo contrário, as mulheres articulistas se intitulam apenas mulheres. A ideia de feminismo é contestada pelas anarquistas, que renunciaram ao termo, e, sobretudo, ao que o movimento representava na época: um movimento que inclui mulheres liberais (burguesas) e mulheres socialistas que lutavam pelo voto feminino e direitos civis e políticos.

Dora Barrancos (1990) analisa a questão do feminino, apoiando-se em análises de periódicos anarquistas, incluindo o *La Voz de la Mujer*. Ao contrário de Molyneux, Barrancos

analisou as libertárias redatoras do periódico como contrafeministas, considerando as críticas que as articulistas anarquistas faziam ao movimento feminista liderado pelas socialistas.

Segundo Barrancos, o contrafeminismo só pode ser interpretado através da perspectiva do conjunto das ideias libertárias femininas. O contrafeminismo se opunha ao propósito da regulamentação da emancipação e independência feminina.

[...] la ofensiva contrafeminista libertaria trataba de no rebajar, en ningún campo, la oposición al orden público; lo instituido y lo legal, no cran sino la cristalización de la opresión autoritaria, opresión que sería siempre cruel, indigna de la naturaleza del hombre, aunque se vistiera de formas crecientemente democráticas. Los otros feminismos, desde su óptica, se asociaban al propósito de regimentación: pedir leyes protectoras, sancionar el divorcio y petitionar el derecho de ciudadanía, consistían, para los libertários, pruebas de la subalternancia al Estado y a su juridicidad. [...] (BARRANCOS, 1990:277).

O contrafeminismo do feminismo anarquista refere-se à crítica libertária aos feminismos socialistas e burguês ou liberal. Enfatizava que as libertárias não acreditavam que a solução da subordinação feminina estaria na conquista de direitos civis e políticos. (BARRANCOS, 1990:284; FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:70).

[...] si avanzamos hacia el siglo XX y observamos el desarrollo del feminismo en sí, notamos que el consenso en el mundo anarquista tendió a ser crítica y descarte de esa etiqueta: consideraba al feminismo un movimiento burguês, con fines tan inaceptables como los de solucionar la subordinación de las mujeres con la conquista de derechos políticos (entre ellos, el sufragio). [...] (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:70).

O anarquismo e feminismo institucionalizado se distanciaram criando uma nova vertente no anarquismo: o anarco-feminismo. O anarco-feminismo surgiu com o propósito de explicitar a indissociabilidade entre a crítica ao capitalismo e a sociedade, ideias que sempre estiveram presentes no ideário anarquista, mas cuja conexão careceu de elucidação pela historiografia durante bom tempo.

O conceito emerge na década de 1980 sendo usado por historiadoras para designar as relações políticas de emancipação da mulher a partir da criação da revista *Mujeres Libres*. Segundo Margareth Rago (2005), a cultura do anarco-feminismo procurava estabelecer novas relações entre as mulheres e a militância do anarquismo.

[...] essa “cultura de si” do anarco-feminismo, se assim podemos chamar, passava pelo estabelecimento de novas relações consigo, mas também com o outro, relações solidárias, de amizade, de companheirismo político, anti-hierárquico, num meio bastante sofrido como o operário. Visava, portanto, fortalecer as redes da militância política tanto entre elas mesmas, como com os companheiros ligados a outras

entidades, sobretudo nesse momento de intensa movimentação revolucionária em que um novo mundo parecia totalmente possível. [...] (RAGO, 2005:139).

O termo anarco-feminismo foi cunhado por historiadoras e historiadores na intenção de demonstrar um modo específico de militância, na qual as mulheres adaptariam as ideias anarquistas para suas vivências femininas. A principal bandeira de luta do anarco-feminismo é a construção de uma sociedade baseada na cooperação, no cuidado, no amor livre e, principalmente, na igualdade de gêneros.

O anarco-feminismo foi difundido entre as pesquisadoras com a intenção de explicar os movimentos de mulheres anarquistas dos anos 20 e 30 do século XX. Essas pesquisas incidem em analisar livros escritos por mulheres e seus reflexos sociais, analisar periódicos e movimentos revolucionários que tiveram mulheres como presenças fortes. O feminismo à moda libertária contempla as mesmas ideias do anarco-feminismo, entretanto, o termo foi cunhado no fim do século XIX, quando mulheres anarquistas como Emma Goldman começaram a difundir as ideias do anarquismo.

#### 4.3 ¡ADELANTE, COMPAÑERAS! O LEGADO DAS MULHERES E DO LA VOZ DE LA MUJER.

O *La Voz de la Mujer* deixou de circular no dia 01 de janeiro de 1897 um ano após o lançamento da folha feminina. No período de 1897 a 1899 apareceram em diversos periódicos outros escritos femininos das redatoras do *La Voz de la Mujer*. Jornais como *La Protesta Humana*, *El Perseguido*, *La Revolución Social*, *La Aurora* (Montevideú) publicaram textos de Pepita Gherra e María Muñoz.<sup>70</sup>

Esses escritos tratavam as temáticas do amor livre, da união livre, da maternidade consciente, entre outros temas. Alguns desses artigos eram continuações das ideias apresentadas no *La Voz de la Mujer* e faziam referências aos constantes problemas que as mulheres enfrentavam na sociedade.

No final do século XIX os escritos femininos na imprensa anarquistas diminuíram, aparecendo novamente a partir de 1905. O periódico *La Protesta Humana*, posteriormente

---

<sup>70</sup> Ver *No hagas a nadie lo que no quieras que te hogan a ti* (*La Protesta Humana*-27 de junho de 1897), *Autosiluetas* (*La Anarquía*-13 de fevereiro de 1897), *Melancolía* (*La Anarquía*- 14 de novembro de 1897), *Fragmento-Honor y miseria* (*La Aurora*- novembro de 1899) de Pepita Gherra. *A las Mujeres* (*La Aurora*-novembro de 1899) de María Muñoz.

intitulado apenas *La Protesta* (1903) (ROMANI, 2017:60), publicou alguns textos que tratavam de questões femininas, dando ênfase ao problema da exploração nos locais de trabalho. Publicava-se com constância textos sobre casos de violência contra as mulheres. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:195; MARTINS; SOUZA, 2018:224-225).

Na década de 20 do século XX, após a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, as questões sociais voltaram adquirir importância para o movimento anarquista na Argentina. Este período ficou marcado não só pelas crises econômicas e políticas, mas pelas fortes tensões sociais que se instalaram no seio do movimento operário em virtude das esperanças no futuro do socialismo. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:196; MARTINS; SOUZA, 2018:225).

Os escritos femininos da época encontravam-se, em sua maioria, no periódico *La Antorcha*. Mulheres anarquistas do cenário internacional como Angelina Arratia, Emma Goldman e Frederica Montseny publicaram seus textos direcionados às mulheres anarquistas e contemplando as mais variadas temáticas. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:196).

Separados por vinte e cinco anos, outro periódico feminino surgiria no cenário anarquista argentino, em outra conjuntura, na década de 1920: o *Nuestra Tribuna*. A nova folha não fazia nenhuma menção ao seu antecessor, mas conclamava as mulheres a lutarem pelos seus direitos aos “prazeres da vida”. (MARTINS; SOUZA, 2018:225). O grupo editor contava com Fidela Cuñado, Terencia Fernández e María Fernández e durante toda a sua existência esteve sob a administração e redatoria de Juana Rouco Buela, uma das militantes mais importantes do anarquismo internacional, propagandista da causa feminina e delegada da FORA. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:200).

Juana Rouco Buela já anunciava o projeto do *Nuestra Tribuna* nas páginas da *Ideas*. Em janeiro de 1922, a libertária espanhola escreveu um artigo intitulado *Mi concepto del amor*, contendo uma nota de nome *Artículo doble*, na qual falava sobre relações humanas, afetivas e o projeto do jornal. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:200-201).

[...] hace tiempo que acude con insistencia a mi cerebro una idea, y como buena comunista quiero participárselas a todas mis compañeras. Esta idea es la de constituir un centro o agrupación de compañeras de afinidad y editar un periódico. A mi parecer sería el de gran aceptación y de un beneficio moral espléndido. **Es verdad que las compañeras amantes de la lectura encuentran en nuestra prensa anarquista una buena fuente de enseñanza, pero un periódico para mujer y escrito para mujeres, daría por su influencia directa, según lo espero, resultados maravillosos.** Esta es la idea, compañeras, que hace algún tiempo germinó en mi cerebro. Bien, compañeras, si no os parece descabelada mi idea, manos a la obra. Cualquiera puede hacer suya la iniciativa. Hasta entonces espero que los compañeritos de la Argupación Ideas continuarán publicando nuestras colaboraciones. Y a los compañeros lectores de este periódico debo decirles que es muy triste leer en las notas administrativas, a veces,

que no quedan en cajá sino cuatro ceros. No empecemos aquí el sabotaje, camaradas. (*Ideas*, 1922: não p., grifo nosso).

Sua primeira edição apareceu em 15 de agosto de 1922 na província de Necochea, a folha encerrou-se por volta de 01 de julho de 1925, na cidade de Buenos Aires. O *Nuestra Tribuna* possuía publicação quinzenal e apresentou uma tiragem de 2.500 exemplares.

O primeiro editorial do *Nuestra Tribuna* as articulistas dissertam sobre o que é o jornal e porque as mulheres se uniram, deixando claro que a folha seria um propagador das vozes femininas e de seus anseios. Reafirmando a todo tempo o compromisso com o anarquismo e com a liberdade; o periódico demonstrou abertura para receber escritos femininos.

Así, como novia enamorada que lleva a feliz término sus ensueños e ilusiones, somos nosotras. Una vez encontrado el ser querido, cumplió la novia su primer deseo. Unida ya con su único ser querido por el indisoluble sello del amor, bebe en la fuente cristalina e inmaculada del primer deseo, la fecundante sabia de su tierno amado. Y surge, brota en ella un segundo deseo: el deseo de ser madre. Se cumple el designio de “natura” y nace el hijo de sus entrañas, fruto de su amor sentido, retoño de su huerto de primer año de novia y amada. Antes novia y amada: ahora es madre. Acaricia con ternura su retoño. ¿Qué nombre poner su primogénito de madre libre, tierna y amorosa? Y surge el nombre, espontáneo, como borbotones de agua cristalina: AMOR, ANARQUIA, ACRACIA. Así. Nosotras también, vinimos un día en la propaganda, llenas de ensueños e ilusiones, entusiastas y rebeldes. En nuestro traginar diario de mujeres revolucionarias, fuimos instruyéndonos. Y con el rodar del tiempo fuimos “algo”. Al creernos “algo”, tuvimos un deseo: el de empuñar la pluma para fustigar las lacras de este régimen de ignominias, Al empuñar la pluma nos vino otro deseo: sacar a rodar a luz del día una hojita femenina. Nos juntamos, aunque no muchas y cambiamos ideas: analizamos y estudiamos la situación de la mujer en la lucha social... y plasmamos nuestro segundo deseo. Y nuestro segundo deseo de novia y madre se cumplió: nuestra hojita fué un hecho. ¿Qué nombre ponerle, como llamarla? Y le pusimos así: NUESTRA TRIBUNA. Este es el nombre de un mancomunamiento de voluntades inquebrantables. NUESTRA TRIBUNA. Estamparemos en ella la luz de nuestro pensamiento. NUESTRA TRIBUNA. Volcaremos en ella el crisol de nuestras ideas. NUESTRA TRIBUNA. Es de todas aquellas que quieran volcar en sus columnas un álito de luz, de amor y de esperanza. NUESTRA TRIBUNA. Sus columnas será libres, como libre es el beso de la novia amada. NUESTRA TRIBUNA. Será un exponente de la anarquía amplia, sencilla, fácil de comprender, sin vueltas ni recodos. NUESTRA TRIBUNA. Piqueta demolidora del sistema económico burgués, causante de la prostitución y el crimen. NUESTRA TRIBUNA. Mancomunamiento de voluntades femininas que luchan por implantar sobre los escombros de esta sociedad imperfecta y carcomida, una sociedad de amor y de justicia en armonía con la naturaleza. NUESTRA TRIBUNA. Cátedra del libre pensamiento y de la filosofía anarquista. Exposición quincenal de la enseñanza racionalista y de cultura proletaria. Hermanitas y hermanos: oid a través de la distancia que nos separa y del dolor que nos une, nuestro grito, nuestra voz, nuestro toque de llamada de mujeres revolucionarias: ya hemos plasmado nuestra iniciativa. Nuestra hojita ya está en la calle como un rayito de sol. ¿Qué hacer ahora? Asegurar su vida con el mental y pecunario esfuerzo cotidiano. Que su aparición no se estanque: ese debe ser el grito y la afirmación de todos y todas: de un mancomunamiento de voluntades a toda prueba. Novias, hermanas, en fin, todos sin distinción de sexos: velemos por nuestro primer retoño de novias y madres revolucionarias e insurgentes. ¿Sabéis quién es nuestro primer retoño? Es NUESTRA TRIBUNA que es como decir ¡Anarquía! Desde nuestro mísero cuartucho de “redacción” saludamos a todos los desbanqueteados de la vida: a los que arrastran su mísera existencia de esclavos en las

negras catacumbas, en el abismo torturador e inconmensurable del fondo de las minas; a todos los proletarios y proletarias de las fábricas y de los talleres, de las campinas y de las grandes urbes. Un ¡Salud! a toda la prensa revolucionaria mundial que brega por nuestra mis ma causa: una humanidad de iguales. (*Nuestra Tribuna*, 15 ago. 1922:1).

O *Nuestra Tribuna* priorizava artigos escritos por mulheres, rechaçando qualquer possibilidade de publicar ensaios que tivessem pseudônimos como assinaturas. Soledad Gustavo, Teresa Claramunt e Federica Montseny foram algumas das anarquistas que tiveram parte de suas obras publicadas no jornal, entretanto, as redatoras do *Nuestra Tribuna* preferiam escritos de militantes, mulheres anônimas eram valorizadas e estimuladas a se expressar. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017:205).

A folha feminina ficou marcada como uma oportunidade de as mulheres articulistas incentivarem novas mulheres a discutir questões femininas e os temas anarquistas que estavam em evidência no século XX. Se posicionavam contra qualquer prática e costumes burgueses, enfrentando críticas das feministas socialistas e liberais e das elites argentinas.

El periódico brindaba una nueva oportunidad a las mujeres para practicar la recitación de la doctrina e instalar en el campo los tópicos que consideraban prioritarios, o - como ellas mismas decían - convertir en “temas anárquicos” las cuestiones que les preocupaban. Así, dedican catorce editoriales a la emancipación de la mujer y a las relaciones sexuales y afectivas, con especial énfasis en la maternidad y la educación de los niños. El resto se ocupa de cuestiones presentes en cualquier periódico libertario, como el antimilitarismo, la religión, la guerra, la celebración de algún mártir del movimiento, la conmemoración de una fecha, etc.; sin embargo, tras la repetición de los argumentos convencionales casi siempre hacen alguna acotación “desde las mujeres”. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 205-206).

A abordagem de temáticas anárquicas, assim como no seu predecessor *La Voz de la Mujer*, se dirigiam para as mulheres. Durante os anos de sua existência o tema do antimilitarismo foi uma marca forte do jornal, os artigos eram em sua grande maioria escritos por Juana Rouco Buela. A libertária espanhola era uma conhecedora do tema, realizando em sua passagem pelo Brasil diversas conferências sobre o assunto.

O *Nuestra Tribuna* enfrentou grande resistência por parte dos homens anarquistas, chegando a romper relações com diversos periódicos, como *La Protesta. Ideas* e *La Antorcha* foram os únicos periódicos que mantiveram laços com o jornal de Juana Rouco Buela. Os periódicos recolhiam contribuições financeiras para manutenção do “quincenario femenino de ideas, arte, crítica y literatura”. (MARTINS; SOUZA, 2018:226).

[...] de todos modos, por cercanía ideológica y por las notas acusatorias e injuriosas que publicó La Protesta contra el grupo de Necochea, Rouco y sus compañeras tenían

mayor afinidade con Ideas de La Plata y con La Antorcha de Buenos Aires. De hecho, rompieron con La Protesta (“esa gentuza indecente”) y decidieron dejar de recibir dinero de suscripciones por su intermedio (nº 36, 1924). En medio de esta batalla, las redactoras tomaron una posición propia y se negaron a publicar réplicas porque lo consideraban fatal para la prensa libertaria. Por ende cabe arriesgar que este periódico era resistido, al igual que otras publicaciones en diversas oportunidades, no sólo por su condición femenina, sino también por sus opiniones críticas con respecto al medio en el que catuaba. Aquí es necesario tomar cierta distancia de la evaluación que las propias redactoras hacen de esas críticas porque, si no se reconoce la disputa encarnizada que mantenían los grupos desde sus periódicos o se leen las resistencias a Nuestra Tribuna sólo como un problema de “mujeres en la prensa”, se corre el riesgo de invisibilizar sus acciones políticas en sentido amplio. Debemos verlas como las mujeres que son, aunque procurando que esa identidad no monopolice la interpretación de su papel como militantes de un anarquismo que se contruye en esa diálogo, por momentos, muy belicoso. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 214).

O jornal de Juana se posicionou contra o movimento feminista, se autodeclarando apenas anarquista e feminino (de mulheres para mulheres), fundamentando sua posição com artigos contrários ao movimento feminista crescente na Argentina no século XX. Com relação ao movimento feminista e ao anarquismo, Fernández Cordero (2017) argumenta que:

[...] para comprender esa paradoja es necesario saber que los primeros usos de la palabra “feminismo” en nuestro medio se dan durante los últimos años del siglo XX en notas periodísticas de los principales diarios, en autores ligados a la academia y en la prensa libertaria. Algunos grupos libertarios de mujeres se presentaban como “feministas”, “femininos” o “femeniles”. [...] Sin embargo, ese rechazo se dio con algunos matices: para seguir con el juego de palabras, hubo momentos en que puede apreciarse un feminismo del contrafeminismo anarquista; es decir, una oportunidad de no desechar todas las promesas que abría esta nueva expresión política impulsada por las mujeres primero en Europa y, desde los primeros años del siglo XX, en la Argentina. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 70).

No texto *Mujeres de Nuestra Tribuna: el difícil oficio de la diferencia* (1996) Dora Barrancos faz uma análise das textualidades do jornal. Essa análise da folha destaca o feminismo contrafeminista ou contrafeminismo do feminismo anarquista, conceito que foi desenvolvido pela autora em trabalho posterior. As mulheres do *Nuestra Tribuna* romperam com o feminismo institucional e com as políticas de reforma legislativa a favor das mulheres. Na edição do dia 01 de junho de 1923 as articulistas escreveram um artigo destinado as femininas intitulado *Protestamos, señoras feministas*. O artigo dizia:

Las feministas internacionales que esgrimen la política perniciosa y castradora de los hombres, se entiende, realizaron en Roma un congreso, para analizar la política de los hombres y tratar a su vez de imponer la política feminista. [...] Y protestamos nosotras, por que una de las delegadas declaró frente al gobierno del dictador italiano, que hablaba en nombre de todas las mujeres del mundo, y que nada había más grande que el patriotismo. Como nosotras no somos patriotas ni feministas, menos fascistas y nos conceptuamos mujeres libres, por añadidura, estamos con derecho de decir que la delegada en cuestión habló mal, muy mal. Por eso protestamos: porque se nos mezcló



con la patria, con el feminismo, con el fascismo, y nosotras somos anarquistas. ¿Entendieron señoras feministas?. (*Nuestra Tribuna*, 01 jun. 1923:1).

Os escritos desse jornal estavam recheados de denúncia e protesto; essas mulheres revelaram, por meio de seus escritos, intelectualidade e interesse pela política. O anarquismo era a base sólida que sustentava suas ideias. Assim como o *La Voz de la Mujer*, o *Nuestra Tribuna* pretendia representar a voz da mulher no século XX, vinte e cinco anos depois levantaram-se com a mesma intenção, enfrentando problemas semelhantes e conjunturas históricas diferentes.

Os escritos posteriores das redatoras, o *Nuestra Tribuna* e a luta pela emancipação feminina são os maiores legados do *La Voz de la Mujer*. Ainda que o jornal de 1896 não tenha sido mencionado pelo jornal de Juana Buena, percebemos as semelhanças nos escritos e nas temáticas.

O que é um legado? É algo transmitido ou adquirido, algo que pode ecoar durante muito anos. Um legado pode ser uma ideia; o que permaneceu do *La Voz de la Mujer* foram suas ideias revolucionárias, suas denúncias, suas críticas. As mulheres anarquistas do século XX levaram para suas lutas os ensinamentos desse jornal feminino, entendendo que a conquista da emancipação era um dos princípios fundamentais da Revolução social.

A edição do *La Voz de la Mujer* de Rosário, a edição do *La Nueva Senda* por Virginia Bolten e Juana Rouco em Montevideo (1909) e edição do *Nuestra Tribuna* são legados físicos do primeiro jornal anarquista de mulheres para mulheres. As apropriações intelectuais ficam por conta da evolução das mulheres que ao longo dos anos lutaram por seu espaço na sociedade, por seus direitos e pelos “prazeres da vida”.

As ideias de amor livre/união livre, maternidade voluntária, emancipação estiveram presentes novamente dentro das chamadas ondas do feminismo, principalmente, na segunda onda que ocorreu nos anos 60/70 do século XX. Até os dias atuais o periódico *La Voz de la Mujer* é lembrado como um veículo pioneiro e revolucionário, inspirando novas publicações anarquistas.



## **A LOS LECTORES- CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Na análise do periódico *La Voz de la Mujer* podemos notar a sua importância para construção de bases mais sólidas no que diz respeito ao papel da mulher no movimento anarquista e na difusão das ideias para as mulheres. Partindo da ideia de que o movimento anarquista argentino, se comparado ao brasileiro, foi mais intenso e consolidado, é possível afirmar que a propagação de ideias foi mais extensa e viável e, com isso, as possíveis soluções de problemas sociais se faziam mais presentes.

O impulso maior do papel das anarquistas na sociedade argentina se deu pelo surgimento do periódico, que se revestiu de um caráter inovador e revolucionário. O projeto libertário defendido pelas redatoras e articulistas buscava delimitar um caminho para que as mulheres pudessem buscar sua emancipação. As crônicas morais, poemas, artigos enfatizavam a necessidade de a mulher emancipar-se para construção da sociedade anárquica.

Entender o processo de emancipação e conscientização da mulher abre um leque de possibilidades quando se decide investigar os escritos de mulheres na imprensa anarquista na América Latina. Compreender esses dois processos pode servir de auxílio para construção de uma metodologia própria para análise das ideias anarquistas e femininas presentes nos jornais e perceber os processos de luta feminino.

Para consolidar sua emancipação, o jornal propõe, que a mulher teria que conquistar plena liberdade; teria que se conscientizar das condições históricas de sua dominação, ter força e determinação para romper com as amarras sociais que a subjugavam como um ser inferior e sem vontade própria.

Em seu conjunto, o periódico defendeu e propagou os postulados básicos do projeto anarquista, mas acredita-se que as mensagens, ao serem recepcionadas, tenham sido adaptadas às condições sócio-históricas da mulher na sociedade argentina em fins do século XIX. Nas páginas do *La Voz de la Mujer* identifica-se a oposição e as críticas que as redatoras e articulistas faziam a diversas instituições da sociedade estabelecida, com destaque para o casamento contratual indissolúvel, considerado um meio de opressão da mulher, por limitar sua condição aos papéis de esposa e mãe, por circunscrever o espaço da sexualidade. Da mesma forma, não pouparam esforços na censura ao Estado, ao Capital e à Igreja, por seu papel exercido na sustentação da sociedade exploradora. Maridos, patrões e religiosos, todos os homens, em geral, eram os alvos preferidos dos escritos.

Nesse sentido, o periódico se caracteriza como anticlerical, antipatriarcal, antipatrimonial, antiestatal, anticapitalista, sempre defendendo os interesses das mulheres de todas as classes, mas sobretudo, das trabalhadoras, vistas como as mais desamparadas. Até mesmo aquelas que ainda não eram anarquistas deveriam ter seus interesses respeitados e defendidos.

Para as redatoras e colaboradoras do *La Voz de la Mujer*, a necessidade da propaganda era fundamental para fortalecer suas ideias. A articulação e construção de novas redes com outros grupos anarquistas, possibilitou o apoio de periódicos diversos, incluindo alguns militantes masculinos, como Juan Arroyo, que aprovavam a causa da mulher. Nesse sentido, a pesquisa nos aponta na direção da História Global (Global History) e do transnacionalismo; através desses novos caminhos historiográficos, aventa-se a possibilidade de estudos que visam identificar as redes femininas construídas através da imprensa anarquista.

O papel da imprensa no movimento anarquista argentino foi fundamental. Os periódicos que circulavam no eixo Buenos Aires-Rosário eram diversos e com características muito peculiares. O anarquismo no eixo Buenos Aires- Rosário pode ser caracterizado como intenso, além do lançamento de periódicos, foram fundados grêmios e centro de estudos que serviam como meios de articulação, veiculação de ideias e aperfeiçoamento intelectual. Além de propagar ideias, os anarquistas instituíram práticas e organizavam greves em torno da cidade de Buenos Aires visando à transformação social com máxima intensidade.

O *La Voz de la Mujer* não possui características feministas, contrafeministas ou anarcofeministas; nota-se que divergiam das mulheres liberais e das mulheres socialistas, mais tarde ambos os grupos foram chamadas de feministas, por acharem-nas parte da burguesia e da pequena-burguesia.

Na época, também, estava em jogo a luta pelo voto feminino. Ativistas liberais e socialistas entendiam o sufrágio feminino como um caminho para a conquista de direitos civis e legais. As anarquistas, ao contrário, não acreditavam em reforma legislativa e negavam a representação no corpo político. Para elas, o direito ao voto não mudaria a estrutura da sociedade e não alteraria o princípio da dominação masculina.

A questão do feminismo/contrafeminismo/anarcofeminismo nos remete a uma nova inquietação: O que transformou as anarquistas em inimigas declaradas das feministas (liberais e socialistas)? A resposta pode parecer óbvia; entretanto, após o desaparecimento do *La Voz de la Mujer* outros veículos de comunicação anarquista de mulheres para mulheres surgiram e foram muito mais “agrevissos” com as chamadas feministas. Os escritos femininos nos jornais anarquistas não levantavam mais essa “polêmica” e apenas debatiam temas do anarquismo em

geral, contudo, o surgimento do *Nuestra Tribuna* deu um novo fôlego ao debate nos levando a questionar a trajetória desses escritos e dessa porfia.

Com essa pesquisa, consideramos possível afirmar que houve uma ampliação de horizontes no que diz respeito à historiografia do movimento anarquista argentino, já que pouco se estuda sobre a relação das mulheres anarquistas com os homens anarquistas e com as próprias mulheres, sejam elas socialistas/liberais ou apenas mulheres que não se engajavam em nenhum movimento social, mas que, segundo as próprias anarquistas, estariam dispostas a conquistar sua emancipação.

Avaliando o papel da mulher anarquista na tomada de consciência de classe podemos afirmar que a reestruturação de uma nova mulher estava em curso. O despertar da consciência destina-se a fomentar uma nova formação político-moral, que levaria não só a emancipação feminina, mas a emancipação da própria humanidade, promovendo, assim a Revolução Social que daria origem a uma nova organização social.

Destacamos que o projeto de transformação social, moral e sexual defendido pelos libertários produziu uma série de novas subjetividades que refletiram na construção de novas mentalidades com relação à sexualidade. O *La Voz de la Mujer* e suas colaboradoras defenderam com veemência a iniciativa feminina no que diz respeito ao sexo e ao amor, com isso mostrou-se revolucionário e ao mesmo tempo provedor de novas relações de gênero.

No tocante às ideias sobre amor livre e sexualidade salientamos que existem diversas ambiguidades e diferentes sensibilidades nas questões tratadas. Embora as redatoras e articulistas do periódico *La Voz de la Mujer* fossem a favor do amor livre e da livre união, as libertárias instruíam as leitoras e seguidoras para que ficassem atentas e não confundissem liberdade com libertinagem.

Mesmo criticando o prazer pelo prazer, as mulheres anarquistas não podem ser caracterizadas como radicais, pois ao instruírem suas leitoras para que tomassem esse cuidado estavam de certa forma, seguindo as convenções da época. É importante ressaltar que essas mulheres, ainda que na vanguarda, parecem ter sido limitadas pelas estruturas sociais e afetivas da época e, embora lutassem para fugir desses paradigmas, alguns discursos acabavam pautados nessa relação com o tempo.

A pesquisa nos levou a questionar quem eram essas mulheres que compunham esse quadro revolucionário em prol do anarquismo, em defesa da emancipação feminina. Podemos afirmar que a maioria delas eram trabalhadoras de fábricas e que já estavam, parcialmente, familiarizadas com as ideias anarquistas.

Ainda que não tenhamos dados biográficos concretos, analisamos seus escritos com profundidade e rigor metodológico, o que nos permitiu perceber o vocabulário político próprio do anarquismo. Ao começarem a escrever no periódico *La Voz de la Mujer* acabaram por interagir mais com o ambiente revolucionário e adotar para si uma nova responsabilidade não só com a causa emancipacionista, mas também com a transformação social.

A pesquisa nos revelou, ainda, novos desafios. Ao percebermos a importância do periódico para a sociedade argentina, questionamo-nos acerca de sua influência na América Latina, o que certamente contempla outros campos de investigação. Isso tudo nos instiga e incentiva na busca por novas fontes e pela edição perdida do periódico, mais especificamente o exemplar de número seis, que não se encontra em nenhum dos arquivos consultados.

As mulheres anarquistas, portanto, tiveram uma participação crucial nas lutas travadas na época, seja em suas casas, seja nas fábricas onde trabalhavam, ou em qualquer outro ambiente em que se inseriam. Reconhecer sua importância e seu valor na resistência a uma sociedade exploradora se faz importante para percebermos que a mulher pode ser protagonista, tanto quanto o homem, na luta por uma sociedade mais justa, igualitária e solidária. O periódico *La voz de la mujer* instituiu e foi instituído por essa luta contra a opressão desmedida, popularizando as ideias libertárias e as concepções que as redatoras tinham sobre elas mesmas e sobre o movimento anarquista em si, ajudando a conscientizar mentes e corpos do seu real dever com a humanidade.

Qual o legado do *La Voz de la Mujer* nos dias de hoje? Talvez esse legado não esteja materializado em nenhum jornal, mas certamente está enraizado no nosso dia a dia, nas lutas do feminismo contemporâneo, no anarquismo contemporâneo. As preocupações dessas mulheres ainda nos são caras. Na Argentina contemporânea, o legado dessas mulheres está por toda parte, inclusive em uma gráfica autogestionária que produz calendários e agendas femininas; a gráfica chama-se *La Voz de la Mujer*. As lutas recentes pela legalização do aborto, contra a dominação masculina, pela sexualidade livre e contra a dominação dos corpos também fazem parte do legado das mulheres anarquistas do século XIX.

## **Referências.**

### **Fontes.**

### **Instituições pesquisadas.**

Arquivo Edgard Leuenroth, AEL/IFCH/UNICAMP. Acervo digital (hemeroteca).

Biblioteca Fábio Luz.

Biblioteca Nacional Argentina- Coleção digital Trapalanda. Acervo digital (hemeroteca).

Bibliothèque Numérique de Lyon/Bibliothèque Municipale

Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas, UNSAM.

International Institute of Social History (IISH)- Amsterdam.

UCLA Digital Library. Acervo digital.

### **Periódicos utilizados.**

*A Lanterna*, São Paulo.

*El Oprimido*, Luján.

*El Perseguido*, Buenos Aires.

*El Rebelde*, Buenos Aires.

*Giordano Bruno*, Buenos Aires.

*Ideas*, La Plata.

*La Anarquía*, La Plata.

*La Fuerza de la Razón*, Chivilcoy.

*La Protesta Humana (La Protesta)*, Buenos Aires.

*La Questione Sociale*, Buenos Aires.

*La Revolución Social*, Buenos Aires.

*La Unión Católica*, Barcelona.

*La Voz de la Mujer*, Buenos Aires.

*La Voz de Ravachol*, Buenos Aires.

*Le Progrés Illustré*- Lyon.

*Nuestra Tribuna*, Necochea-Tandil-Buenos Aires.

*O Protesto*, Rio de Janeiro.

*Panfletos La Questione Sociale*, Buenos Aires.

## Bibliografia.

- ALBERT, Charles. *O Casamento burguês e o Amor livre*. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1980.
- ALBORNOZ, Martín. *Uma aproximação ao problema do anarquismo e a prática do atentado na Argentina (1890-1930)*. Revista *Verve*, São Paulo, n. 24, 2013.
- ALEMANY, Carme. *Assédio Sexual*. HIRATA; Helena, LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Héléne; SENOTIER, Danièle (orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- ALMEIDA, Ligia Cristina Sanchez. *Armênios e Gregos otomanos: A polêmica de um genocídio*. Dissertação (Mestrado), São Paulo: USP, 2013.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- ANDRADE, Jaqueline. *As mulheres na Comuna de Paris: de coadjuvantes a protagonistas*. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina. Londrina: UEL, 2013.
- ANSOLABEHERE, Pablo. *La voz de la mujer anarquista*. Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género. Buenos Aires, n. 6, jul., 2000.
- APFELBAUM, Erika. *Dominação*. HIRATA; Helena, LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Héléne; SENOTIER, Danièle (orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BAHIA, Benedito Juarez. *As técnicas do jornalismo*. Rio de Janeiro: Maud X, 2009.
- BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, socialismo, antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988.
- BANTMAN, Constance; BERRY, David (org). *New Perspectives on Anarchism, Labour and Syndicalism: The Individual, the National and the Transnational*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2010.
- BAROJA, Caro. *Introducción a una Historia Contemporánea del Anticlericalismo Español*. Madrid: Istmo, 1980.
- BARRANCOS, Dora. *Mujeres en la Sociedad argentina: una historia de cinco siglos*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2010.
- BARRANCOS, Dora. *Socialismo y sufragio femenino. Notas para su historia. (1890-1947)*.
- CAMARERO, Hernán; HERRERA, Carlos Miguel (orgs). *El Partido Socialista en Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.
- BARRANCOS, Dora. *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.
- BELLUCI, Mabel. *Anarquismo, sexualidad y emancipación femenina. Argentina alrededor del 900*. Revista *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, Set/out., 1990.
- BENEVIDES, Bruno. “*Anarquista, um profissional do crime*”: *Uma aproximação entre as concepções lombrosianas sobre o anarquismo e os discursos do deputado Adolpho Gorde sobre as leis de expulsão de estrangeiros (1907-1913)*. Revista *História e Cultura*, Franca, v.5, n.3, dez., 2016.
- BUELA, Juana Rouco. *Historia de un ideal vivido por una mujer*. Madrid: La Malatesta Editorial, 2012.
- CAMARGO, Daisy de. *Bestiário da Autoridade: Representação Iconográfica do Periódico Anarquista A Plebe*. Revista *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 7, n. 12, jan/jun. 2013.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica*. Revista *História*, São Paulo: v.2, n.22, 2003.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. *História e Análise de textos*. CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2010.



- CARONE, Edgard. *Propaganda pelo Fato*. Revista *Novos Rumos*, Marília, SP, v.9, n.23, 1994.
- CARPEUX, Otto Maria (org.). *Heinrich Heine. História da Literatura Ocidental*, v.1. Ed. Cruzeiro, 1960.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do movimento operário*. São Paulo: A Regra do Jogo Edições, 1985.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CUBERO, Jaime. *Antimilitarismo e Anarquismo*. Revista *Verve*, São Paulo, n. 1, 2002.
- CUNHA, Eduardo Augusto Souza. *Para além das fronteiras: a história do anarquismo através da ótica transnacional*. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História- contra os preconceitos: história e democracia, Brasília, DF, 2017.
- D'ATRI, Andrea. *Comuna de Paris: mulheres parindo um mundo novo*. Revista *Lutas Sociais*, São Paulo, n.25/26, jul/2010-jan.2011.
- DARNTON, Robert. *O Beijos de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DEVOTO, Fernando. *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2003.
- DI LISCIA, María Silvia. *Mujeres Argentinas en el siglo XIX*. BARRANCOS, Dora (org). *Las Mujeres y sus luchas en la Historia Argentina*. Buenos Aires: Ministeria de Defensa, 2008.
- Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FEIJOÓ, María del Carmen; NARI, Marcela M. *Imaginando el lectora/la lectora de La Voz de la Mujer*. FLETCHER, Lea (org). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Ed. Feminaria, 1992.
- FELICI, Isabelle. *A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi*. Cadernos AEL, n.8/9,1998.
- FELICI, Isabelle. *Les Italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil: 1890-1920*. Tese (Doutorado), Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III, 1994.
- FERNÁNDEZ CORDERO, Laura. *Historiografía del anarquismo en Argentina. Notas para debatir una nueva lectura*. Revista *A Contra Corriente*, v.11, n.3, Spring, 2014.
- FERNÁNDEZ CORDERO, Laura. *Amor y Anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.
- FERNÁNDEZ CORDERO, Laura. *Queremos emanciparos: anarquismo y mujer en Buenos Aires de fines del XIX*. Revista *Izquierdas*, v. 3, nº6, 2010.
- FERREIRA, Denise Cristina. *Educação e sociedade: lições pedagógicas de Maria Lacerda de Moura (1887-1945)*. Dissertação (Mestrado), Campina Grande: UFCG, 2012.
- FERREIRA, Maria N. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- FERRER, Christian. *Folletos anarquistas en papel veneciano*. Revista *Ecopolítica*, São Paulo, n. 18, mai-ago 2017.
- FERRER, Christian. *Gastronomia e Anarquismo - Vestígios de viagens à patagônia trapeiro*. Revista *Verve*, São Paulo, n. 3, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *O combate da castidade*. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (orgs). *Sexualidade ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1897.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. *Movimentos feministas*. HIRATA; Helena, LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Héléne; SENOTIER, Danièle (orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FRAGINALS, Manoel Moreno. *Cuba- Espanha-Cuba: uma história comum*. Bauru: EDUSC, 2005.

- GALEANO, Diego A. *Criminosos viajantes, vigilantes modernos. Circulações policiais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1890-1930*. Tese (Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2012.
- GAWRYSZEWSKI, Alberto. (org). *Imagens Anarquistas: análises e debates*. Londrina: UEL, 2009.
- GODOY, Clayton Peron Franco de. *Ação direita: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado), São Paulo: USP, 2013.
- GOLDMAN, Emma. *Anarchism and Other Essays*. Nova York- Londres: Second Revised Edition, 1910.
- GROSSMAN, Hadassa. *A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária*. Cadernos AEL, São Paulo, n 8/9, 1998.
- GUIMARÃES, Paula Cristina David. *Maria Lacerda de Mora e o “estudo científico da criança patrícia” em Minas Gerais (1908-1925)*. Tese (Doutorado), Belo Horizonte/MG: UFMG, 2016.
- HUMM, Maggie. *The dictionary of feminist theory*. Columbus: Ohio State University Press, 1990.
- JARDIM, Jorge L. *Imprensa operária: Comunicação e organização*. Revista *Ibero-Americanos*, Rio Grande do Sul, n.2, Dez, 1996.
- KROPOTKIN, Piotr. *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Achimé, 2011.
- KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005.
- LAVRIN, Asunción. *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940*. Santiago: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2005.
- LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo- Roteiro da Libertação Social*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, 1963.
- LITVAK, Lily. *La Mirada Roja. Estética y arte del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1988.
- LITVAK, Lily. *Musa libertaria. Arte, literatura y vida cultural del anarquismo español. (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosh Editora, 1981.
- LOBATO, Mirta Zaida. *Entre la protección y la exclusion: Discurso maternal y proteccion de la mujer obrera argentina, 1890-1934*. In: SURIANO, Juan. *La cuestion social en Argentina: 1870-1943*. Buenos Aires: Editorial La Colmena, 2000.
- LOBATO, Mirta Zaida. *Mujeres obreras, protesta y acción gremial en la Argentina: los casos de la indústria frigorífica y têxtil de Berisso*. In: BARRANCOS, Dora. *Historia y género*. Buenos Aires: CEAL, 1993.
- LÓPEZ, Elvira. *El movimiento feminista: primeros trazos del feminismo en Argentina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2009.
- MAITRON, Jean. *Ravachol e os anarquistas*. Lisboa: Antígona, 1981.
- MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários*. São Paulo: HEDRA, 2008.
- MARTINS, Angela Maria Roberti. *A rebeldia e a arte dos “malditos” anarquistas*. Revista *Concinnitas*, Rio de Janeiro, v. 01, nº24, set., 2014.
- MARTINS, Angela Maria Roberti. *“Mulher liberta-te!”: o anarquismo e as mulheres*. In: LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro; MARTINS, Angela Maria Roberti; SANTOS, E. M. (Org.). *Pensando a História: reflexões sobre as possibilidades de se escrever a História através de perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.
- MARTINS, Angela Maria Roberti. *Cancioneiro Libertário”: das ideias às representações. Uma análise do anarquismo na perspectiva do gênero*. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro: UERJ, 2000.
- MARTINS, Angela Maria Roberti. *O segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias*. ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael (orgs). *História do Anarquismo no Brasil- volume 2*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

- MARTINS, Angela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias. Anarquismo, imagens e representações*. Tese (Doutorado), São Paulo: PUC, 2006.
- MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid S. Ladeira. *A experiência histórica do anarquismo perante a questão das relações de gênero: dimensões da luta na Argentina e no Brasil*. Revista *Semioses*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, abr./jun. 2018.
- MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid S. Ladeira. *Anarquismo e Guerra: aspectos das concepções anarquistas sobre o Primeira Guerra Mundial*. Anais/ X Semana de História Política: Minorias étnicas, de gênero e religiosas/ VII Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade; Organização: Eduardo Nunes Alvares Pavão, João Paulo Lopes, Layli Oliveira Rosado e Rafael Cupello Peixoto- Rio de Janeiro: UERJ, PPGH, 2015.
- MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid S. Ladeira. *Representações da guerra nas páginas libertárias: Breve reflexão sobre sete gravuras*. Revista *Concinnitas*, Rio de Janeiro, v. 2, n.29, jun., 2017.
- MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid S. Ladeira. *Vozes Femininas do Anarquismo na Argentina dos séculos XIX e XX*. *LexCult*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, maio/ago. 2018.
- MAXINE, Molyneux. *Ni Dios, Ni Patrón, Ni Marido. Feminismo anarquista en la Argentina del siglo XIX*. FEIJOÓ, María Carmen (org.). *La Voz de la Mujer*. Periódico comunista-anárquico. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.
- MENEZES, Lená Medeiros. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MEREDITH, Martin. *O destino da África: cinco mil anos de riquezas, ganância e desafios*. São Paulo: Zahar, 2017.
- MICHEL, Louise. *A Comuna II*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- MORAES, Wallace dos Santos de. *Teses da Teoria Política Anarco-Comunista. Reflexões a partir do pensamento de Kropotkin*. Disponível em: <http://www.otal.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/05/TEORIA-POL%C3%8DTICA-DE-KROPOTKIN-texto-p%C3%B3s-alacip-2013-v.pdf> Acesso em: 29 set. 2018.
- MOURA, Maria Lacerda de. *A mulher é uma degenerada*. São Paulo:Tenda de Livros, 2018.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Em torno da educação*. Minas Gerais: Livraria Teixeira, 1918.
- MOURA, Maria Lacerda. *Han Ryner e o Amor plural*. São Paulo: Editora Unitas, 1928.
- MUÑOZ, Julián Vadillo. *Abriendo Brecha: Los incios de la lucha de las mujeres por su emancipación. El ejemplo de Soledad Gustavo*. Guadalajara: Volapuk Ediciones, 2013.
- NARI, Marcela María Alejandra. *El feminismo frente a la cuestión de la mujer en las primeras décadas del siglo XX*. In: SURIANO, Juan. *La cuestión social en Argentina, 1870-1943*. Buenos Aires: Editorial La Colmena, 2000.
- OVED, Isaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. México: Siglo XXI, 1978.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- PHETERSON, Gail. *Prostituição II*. HIRATA; Helena, LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Héléne; SENOTIER, Danièle (orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- PRACCHIA, Ligia. *Os libertários e os caminhos da emancipação feminina. São Paulo/Rio de Janeiro-1900-1930*. Dissertação (Mestrado), São Paulo: PUC, 1992.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. (1890-1930)*. Tese (Doutorado). Campinas, SP: UNICAMP, 1990.
- RAGO, Margareth. *Prefácio à Emma Goldman*. Tráfico de Mulheres. Cadernos Pagu, São Paulo, nº37, julh/dez., 2011.
- RAGO, Margareth. *Anarquismo e feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1998.

- RAGO, Margareth. *Mujeres libres: anarco-feminismo e subjetividade na Revolução Espanhola*. Revista *Verve*, São Paulo, n. 7, 2005.
- RIBAS, Ana Claudia. *Entre bandeiras negras e as asas de eros: os discursos sobre amor livre nas páginas do jornal anarquista A Plebe (1917-1951)*. Anai Coninter-Aninter-SH, Niterói-RJ, 2012.
- RIBAS, Ana Claudia. *Sexualidades d'A Plebe: Sexualidade, amor e moral nos discursos anarquistas do jornal A Plebe (1917-1951)*. Tese (Doutorado) Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- RICHARDS, Vernon. *Malatesta, vida e ideas*. Tusquets Editor: Barcelona, 1977.
- ROMANI, Carlo. *Experiências Compartilhadas e autonomia popular na História social: Aproximações entre E. P. Thompson e Castoriadis*. Revista *Projeto História*, São Paulo, n.48, dez., 2013.
- ROMANI, Carlo. *La emigración europea y las escuelas libertarias en Argentina y Brasil en los albores del siglo XX*. Revista *Navegar*, vol. 3, n. 4, jan-jun. 2017.
- ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. Dissertação (Mestrado) Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- SAIANI, Renato Cesar. *A guerra no papel: o processo de independência cubana nas páginas de O Estado de S. Paulo (1895-1898)*. Revista *Angelus Novus*, São Paulo, n.3, mai., 2012.
- SAMIS, Alexandre. *A Comuna de Paris. Uma aventura Socialista*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.
- SANTOS, Cristian. *Devotos e devassos: representações do padres e beatas na literatura anticlerical brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2014.
- SCHETTINI, Cristiana. *Que tenhas teu corpo. Uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
- SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- SCOTT, Joan. *Prefácio a Gender and Politics of History*. Cadernos Pagu, São Paulo, n. 3, 1994.
- SHUELER, Alessandra Frota Martinez. *Educação, Experiência e Emancipação: Contribuições de E. P. Thompson para a história da educação*. Revista *Trabalho Necessário*, Niterói- RJ, n.18, 2014.
- SUMMA, Renata de Figueiredo. *Vozes armênias: Memórias de um genocídio*. Revista *Ética e Filosofia Política*, Juíz de Fora, MG, v. 10, n.1, jun., 2007.
- SURIANO, Juan. *Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Buenos Aires: Manatíal, 2001.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- UFRJ/IFCS, 2012.
- VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e Anticlericalismo*. São Paulo: Ed. Imaginário, 2000.
- VALLIAS, André. *Nota Biográfica sobre Heinrich Heine*. In: *Heine, hein? - Poeta dos contrários*. [introdução e tradução André Vallias]. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.
- HISTÓRIA DO ANARQUISMO. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Faísca: Imaginário, 2008.
- VASSALLO, Alejandra. *“Sin Dios y sin Jefe”. Políticas de género en la revolución social a fines del siglo XIX*. BRAVO, María C.; PITA, Valeria. (orgs). *Historias de luchas, resistências y representaciones. Mujeres en la Argentina, siglos XIX y XX*. Tucumán: Ed. de la Universidad Nacional de Tucumán, 2008.
- WALKER, Rebecca. *Becoming the Third Wave*. Disponível em: <<http://www.msmagazine.com/spring2002/BecomingThirdWaveRebeccaWalker.pdf>> Acessado em 28 dez. 2018.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*- volume 1: a ideia. Porto Alegre: L&PM, 2014.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*- volume 2: o movimento. Porto Alegre: L&PM, 2014.

WOODCOCK, George. *Os grandes Escritos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

ZARAGOZA, Gonçalo. *Anarquismo argentino (1876-1902)*. Madrid: Ed. de la Torre, 1996.